

ANTONIO SOARES

DICIONÁRIO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO
RIO GRANDE DO NORTE

VOLUME I

A—E

COLEÇÃO MOSSOROENSE

VOLUME CDXVII

1988

ANTONIO SOARES

DICIONÁRIO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO
RIO GRANDE DO NORTE

VOLUME I

A—E

COLEÇÃO MOSSOROENSE

VOLUME CDXVII

1988

1988

Ano do Centenário de Nascimento de Joaquim Inácio de Carvalho Filho

Ano LXXX do Médico, Escritor e Professor Raul Fernandes

Ano XL da Batalha da Cultura

Ano XII do trabalho do gráfico "CHAGAS", na RICOH (off-set) da ESAM, que já imprimiu 387 títulos da Coleção Mossoroense, até 20-3-88.

Ano XII do trabalho do gráfico "DEDEINHA", responsável pelo acabamento de 387 títulos da Coleção Mossoroense.

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE MOSSORÓ FUNDAÇÃO GUIMARÃES DUQUE (Iniciada em 1948, na gestão do Prefeito Municipal Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia, liderada pela Escola Superior de Agricultura de Mossoró, a partir de 1974, sob a Direção da Fundação Guimarães Duque, a começar de 1978. A BATALHA DA CULTURA estabeleceu as seguintes METAS PARA O ANO DE 1997:

ANOS	NOITE DA CULTURA	TÍTULOS	LIVROS(C)	FOLHETOS (B)
1948-1987	-o-	1.014(*)	367	647(**)
1988	XIV	86	43	43
1989	XV	100	60	40
1990	XVI	100	60	40
1991	XVII	100	60	40
1992	XVIII	100	60	40
1993	XIX	100	60	40
1994	XX	100	60	40
1995	XXI	100	60	30
1996	XXII	90		-o-
1997	XXIII	110	110	
TOTAL	-	2.000	1.000	1.000

Mossoró,Rn.

(*) - 1.014 = 27 (A) + 467 (B) + 367 (C) + 153 (BB)

(**) - 647 = 27 (A) + 467 (B) + 153 (BB)

ANTONIO SOARES

Do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

DICCIONARIO HISTORICO E GEOGRAPHICO

DO

RIO GRANDE DO NORTE

VOLUME I

A—E

(Apresentado ao Congresso Economico do Rio Grande do Norte, reunido na capital do Estado, em Janeiro de 1930, para commemorar o segundo anniversario de governo do presidente Juvenal Lamartine.)



IMPrensa OFFICIAL
NATAL

O autor solicita com empenho, e receberá com justo prazer, notas ampliativas ou elucidativas, bem como corrigendas, sobre os pontos da geographia ou da historia tratados n'este despretencioso trabalho.

Correspondencia para a rua 13 de Maio, 627--Natal.

Ao eminente patricio
DR. JUVENAL LAMARTINE DE FARIA.
D.D. Presidente do Estado,
HOMENAGEM DE MUITA ESTIMA

Homenagem de apreço ao
DR. A. TAVARES DE LYRA,
o maior dos nossos historiadores

À saudosa memoria do
DR. MANOEL DANTAS,
o maior dos nossos geographos

Aos carissimos confrades do Instituto His-
torico e Geographico do Rio G. do Norte,
PREITO DE RECONHECIMENTO

À sagrada memoria de
meu querido pae,

CORONEL PEDRO SOARES,

e de meu presado sogro,

DES. VICENTE DE LEMOS,

amigos dilectissimos, protectores e conselheiros dedicados,
dos quaes recebi, ainda, os maiores estímulos e os me-
lhores auxilios para a feitura d'este trabalho.

PREITO DE GRATIDÃO E SAUDADE

À minha esposa e aos meus filhos,
á minha mãe e aos meus irmãos,

COM PARTICULAR AFFECTO

Ao municipio de Assú,

terra em que nasci e á qual devia um testemunho publico
do meu filial amor.

PRELIMINAR

A chamada "Questão de Grossos", nascida de antiga divergência sobre limites entre o Rio Grande do Norte e o Ceará, abandonada durante muitos annos, reavivára-se em 1901:—a Assembléa cearense, por lei de 19 de Julho d'esse anno, erigira em villa e termo a florescente povoação de Grossos, situada á margem esquerda do rio Mosoró e ao sul do morro do Tibáu, em pleno territorio rio-grandense. Resolução imponderada e violenta, creava, assim, sério perigo para a tradicional amizade dos dois Estados irmãos e vizinhos, os quaes, mesmo no discutir da velha pendencia, jamais se afastaram do campo do direito, mantendo imperturbaveis á paz e a estima em que sempre viveram.

Em 1903 a situação tornára-se ainda mais grave. Por mercê de Deus não houve uma lucta a mão armada. Aos reclamos da opinião popular repellindo, de parte a parte, a sombria hypothese, entenderam-se os chefes do executivo nos dois Estados, e deliberaram, de boa intelligencia, annular ordens já expedidas e reencaminhar a questão para o julgamento dos tribunaes. Collaborou n'esse accordo o emlinente sr. dr. Rodrigues Alves, então presidente da Republica.

De um e de outro lado continuou tão calma a conducta dos litigantes, que a sentença definitiva, proferida dezenove annos depois pelo Supremo Tribunal Federal (1920) e reconhecendo os direitos do Rio Grande do Norte, respeitavel decreto do judiciário, que era, a toda gente se

afigurou criteriosa decisão paterna dirimindo um simples desacôrdo entre irmãos. Nenhuma gloria para o vencedor; nenhum resentimento para o vencido. E nem outra poderia ser, depois de esclarecidos os pontos de duvida, a attitude de filhos da mesma Patria, irmãos da mesma terra nordestina, solidarios, desde os primeiros tempos, nas mesmas aspirações de liberdade e de fraternidade, como solidarios e unidos na resistencia e no martyrio, quando assolados pelas terriveis calamidades climatericas.

Chegados ao termo do litigio, findo um longo labor na pesquisa de provas para os allegados direitos, cada um dos dois Estados havia adquirido um vasto cabedal de documentos, antigos e preciosos, muitos d'elles salvos milagrosamente de proxima destruição, tal o abandono em que jaziam. Alguns outros estavam irremediavelmente perdidos, devorados pelas traças e pelos cupins.

Por parte do Rio Grande do Norte, foram obreiros dedicados na fatigante pesquisa o desembargador Vicente de Lemos, os drs. A. Tavares de Lyra, Meira e Sá e Antonio de Souza, coronel Astério Pinto, José Leão, coronel Pedro Soares, dr. Luiz de Oliveira, coronel Joaquim Correia e outros.

A esse tempo, simples estudante do direito, sem poder de outro modo collaborar na defesa da nossa causa, accedí a fácil e modesta incumbencia de copiar documentos e requerer certidões. E d'aquí me veio, ao que penso, um grande interesse pelos assumptos de historia e de geographia.

No decurso da incruenta batalha, e por iniciativa do desembargador Vicente de Lemos, hoje de saudosa memoria, foi fundado, a 29 de Março de 1902, o Instituto Histo-

rico e Geographico do Rio Grande do Norte, em cujo seio tive a honra de ingressar dois annos mais tarde,

Benevolamente acolbido na illustre companhia e reconhecendo-me sem capacidade para construir obra de merecimento, nem por isso desanimei. Annos seguidos, reuni, pacientemente, o material indispensavel para tentar um trabalho á altura do meu maior estorço, desejoso de corresponder á deferenciados bondosos confrades e contribuir com pequeno e util contingente—o maior e o melhor que posso offerecer—para o patrimonio litterario de nossa terra, allás já muito enriquecido pelos legados intellectuaes de filhos benemeritos e de hospedes generosos.

O resultado da minha tentativa, ahi está—o *Diccionario Historico e Geographico do Rio Grande do Norte*.

Não é trabalho de folego, nem obra completa. Deficiencias e omissões serão apontadas, certamente. Ninguem, entretanto, as attribua a proposito ou incuria do autor; antes, á sua confessada inhabilidade ou á carencia de mais abundantes e seguras informações.

De alguns municípios, que tambem não pude visitar, faltaram-me noticias directas, apezar de insistentemente solicitadas. Tive de recorrer a outras fontes de instrucção. Compulsei as melhores obras de autores patricios, e mesmo de extranhos, muitas, sem duvida, de grande valor e renome, mas, em geral, escassas ou omissas nas particularidades e detalhes exigidos no plano de um *diccionario*. Folheei antigos manuscriptos dos archivos e diversas collecções de revistas e jornaes riograndenses. Recorri, emfim, á retentiva de pessoas criteriosas e sensatas, aproveitando-me, com resalva, das proprias tradições mais em voga.

Prestaram-me precioso auxillo, fornecendo-me dire-

ctamente informas sobre os municípios, os distintos amigos ara.: Coronel Astério de Souza Finto, jornalista Ulysses Telemaco de Araújo Galvão, coronel Clementino Monteiro de Faria, professor Antonio Rosendo Gurgel de Amaral, major Alfredo Guilherme de Souza Caidas, coronel Laurindo Augusto de Paiva, major João Sizenando Pinheiro, coronel João Toscano de Medeiros, Manoel Antonio de Oliveira Coriolano, coronel Joaquim José Correia, major Justino Leite da Costa, professor Pedro Gurgel do Amaral e Oliveira, desembargador Heimerio Fernandes Raposo de Mello, desembargador Celso Dantas Sallas, coronel Francisco Fausto de Souza, desembargador João Dionysio Filgueira, dr. Pedro Soares de Araújo Amorim, advogado Emygdio Bezerra da Costa Avelino, capitão Francisco Theophilo Bezerra da Trindade, coronel José Joaquim de Carvalho e Araújo, professor Manoel Fernandes de Araújo Nobrega, coronel Marcellino Vieira da Costa, major Lutz Antonio Pimenta, desembargador Manoel Xavier da Cunha Montenegro, coronel Ezequiel Mergelino de Souza, coronel Miguel Ferreira da Rocha, major João Carlos da Silva, coronel Joél Christino de Medeiros, professor Alexandre Celso Garcia, coronel Rodolpho Fernandes de Azevedo, major Bernardo Coutinho, coronel João Fellamino de Mello e major João Ferreira de Miranda Camara, os doze primeiros, hoje, de saudosa memoria.

Tenho em grande conta a colaboração d'esses preciosos amigos. Aos vivos, o meu preito de sincera gratidão; aos mortos, minha homenagem de muita saudade.

Natal, 30 de Janeiro de 1930.

Antonio Soares de Araújo

Diccionario Historico e Geographico do Rio Grande do Norte

A

Aba da Serra—Boquicirão, na serra das Umburanas, municipio de Curraes Novos, aberto junto á confluencia dos rios Acaud e Mungú. "E' um curioso accidente geographico—disse o dr. Manoel Dantas (*Ensaio Chorographico do Rio Grande do Norte*)—mostrando a accão das agnas sobre a montanha, que aqui agiram, não por meio de erosão, porém por arrombamento. O boqueirão Aba da Serra é vertical, e a montanha não apresenta nenhum ponto baixo, de modo que a certa distancia não se percebe a existencia d'essa passagem através de uma abertura de uns quatro kilometros de extensão". Os terrenos adjacentes, vastos e fertéis, são muito apropriados para a agricultura e para a criação.

Abdenago Alves—Alto funcionario da Fazenda Nacional. Nasceu em Goyaninha, a 14 de Maio de 1869, sendo filho legitimo do professor Francisco Gregorio Alves e d. Leocadia Agrippina Alves, ambos fallecidos. Iniciou a sua vida publica como praticante na Thesouraria de Fazenda de S. Paulo, cargo para que fôra nomeado por portaria de 21 de Outubro de 1891. Promovido, successivamente, a 3º escripturário d'essa repartição (1892), a 2º da Delegacia Fiscal no mesmo Estado (1895), a 2º (1898) e, depois, (1903) a 1º do Thesouro Nacional, foi, em 1906, nomeado sub-director da Receptoraria do Districto Federal e, a 3 de Junho de 1909, director do Thesouro Nacional. Em S. Paulo, exerceu, em commissão, os cargos de escrivão da Collectoria Federal e fiscal do imposto do fumo (1892 e 1893). Em 1893, foi nomeado delegado fiscal no Estado do Rio Grande do Norte, commissão em que se conservou até Outubro de 1900. Aqui, ensoi-se com d. Brazília de Barros Alves, de familia natalense. Voltando ao Rio, serviu como auxiliar de gabinete do ministro da Fa-

zenda, dr. Leopoldo de Bulhões (1902 a 1906) e do seu successor, dr. David Campista (1906 a 1909). De ordem do governo, inspecionou a Casa da Moeda e, por duas vezes, a Imprensa Nacional. Ultimamente, na direcção do Thesouro, Abdenago Alves superintendia o importante departamento da Receita Publica, tendo, por vezes, presidido commissões organizadoras dos regulamentos de impostos e rendas internas. Dos ministros com os quaes serviu na qualidade de auxiliar de gabinete, e de outros, pela sua acção na Directoria da Receita, recebeu honrosos e merecidos elogios. A 16 de Fevereiro de 1928 foi agraciado por S. M., o rei Victor Emmanuel III com o título de "Commendador da Ordem da Coroa de Italia", recebendo a insigúia a 29 de Agosto, na Embaixada do Rio de Janeiro. Abdenago Alves falleceu, no Rio, a 19 de Setembro de 1929.

Abdias—V. *Laranjeiras do Abdias*, povoado.

Abdon de Macêdo—Poeta contemporaneo. Os seus versos têm sido publicados em jornaes, revistas e almanaks, de dentro e fóra do Estado. Nasceu no sitio "Poassá", municipio de Assú, a 16 de Julho de 1874, sendo seus paes o coronel Antonio Soares de Macêdo e d. Francisca Francisca de Macêdo e Araújo, ambos fallecidos. Em 1895, contrahiu casamento com d. Claudina Ernestina Soares de Macêdo, sua prima, tambem assuense. Depois de haver occupado, em Assú, os cargos de secretario da Intendencia do Municipio e promotor interino da comarca, transferiu residencia para Natal, em 1903, então nomeado amanuense da Secretaria do Governo. Foi official de gabinete do governador Alberto Maranhão, passando, mais tarde, a exercer o lugar de 1º escripturário do Thesouro Estadual.

ACA

em que ainda se conserva. Tem, inédito, um livro de versos, ao qual deu o título de *Nitens Negras*.

Abílio de Almeida—Poeta. Natural do município de Macahyba. Publicou em Recife (1929) o seu livro de estrêa, intitulado *Pseudopodas*, de 95 paginas, contendo, entre outras, algumas produções sobre assumptos regionaes—Natal e o Potengy.

Abner de Britto—Poeta e chronista. Filho de Pedro Paulo Pereira de Britto (fallecido) e d. Maria Leopolda Pereira de Britto, nasceu na cidade do Caicó, a 29 de Novembro de 1890. Em 1908, concluiu o curso preparatorio, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, obtendo ali, em 1912, o gráu de bacharel em sciencias jurídicas e sociaes. Casou-se, em Natal, com d. Eúsa Dantas de Britto, de familia parahybana. Exerceu os cargos de secretario da Escola Normal de Natal e procurador fiscal do Thesouro do Estado; juiz districtal em Augusto Sevéro; e promotor publico nas comarcas de Caicó, Curraes Novos e Macaú. Abandonando a vida publica, dedicou-se ao ensino de humanidades, em curso particular, na capital do Estado. Publicou um volume de poesias, intitulado *Ossario*, bem recebido pela critica. Collabora na *A Republica*, escrevendo chronicas.

Abreu—V. *Olho d'Água do Abreu*.

Acary—Município do Estado, a SO da capital e situado na zona do Seridó. Foi creado por deliberação do Conselho da Provincia, de 11 de Abril de 1833, approvada pela lei Provincial n.º 16, de 18 de Março de 1835. Limita-se, ao N, com os municípios de Flóres e Curraes Novos; ao S, com os de Jarulm do Seridó e Parelhas; a E, com o de Piculm (Parahyba); e, a O, com o de Caicó. Em 1920 a sua população era de 12.248 habitantes, numero que hoje deve estar elevado a cerca de 15.000. Eleitores alistados (em Agosto de 1929), 420. O aspecto physico do município é, em geral, o mesmo da zona sertaneja em que está situado: sólo desigual, mais ou menos pedregoso, com varzeas e tableiros, atravessado, aqui e alli, por serras, serrotes, rios, riachos e correços. O território de Acary é banhado, na estação invernosá, pelo rio Acauá (em parte) e por diversos riachos e correços, siccando, aquelle como estes, durante a estação do estio. As serras e serrotes são, na maior parte, prolongamentos ou ramificações da cordilheira Borberema. O clima é temperado e saúdo, tornando-se calido durante o verão. No sólo e sub-sólo do município encontram-se vários minérios: enxofre, giz, pedra oxydo de ferro, amiantho, nickel, ferro, etc. Essas minas jamais foram exploradas.

ACA

pelo receio de que a capacidade productiva de cada uma d'ellas não compense as despezas necessarias á exploração. Ainda hoje, a agricultura e a pecuaria consistem em riqueza principal do município, destacando-se de entre os productos agricolas o famoso algodão do Seridó, de fibra longa, sedosa e resistente, considerado o melhor do mundo, e que é ahí cultivado em larga escala, por grandes e pequenos lavradores. Em 1920 foram recenseados em Acary 251 estabelecimentos ruraes, esparsos pelo município. O commercio local é de relativa importancia, avultando, entre pequenos estabelecimentos de siccos e molhados, na cidade e povoações, algumas casas de maior capital, que reúnem ao seu rumo de negocio a compra do algodão, pelles e borracha de maniçoba, havendo, ainda, um banco de credito agricola (na cidade) e agencias para a compra exclusiva d'aquelles productos, destinando-os á exportação. Não existem estabelecimentos fabris providos de machinismos, consistindo a industria do município no fabrico, em domicilio, de queijos, artefactos de couro e rédis. Ha diversas machinas para o beneficiamento do algodão. Em 1890, anno segundo da Republica, a receita do município de Acary era orçada em 568\$700, para uma despeza fixada em 555\$700; no anno de 1910, a receita era de 3.800\$000; e em 1927 já o orçamento municipal subia a 20.000\$000, receita, e 17.000\$000, despeza. Para 1930, a receita foi orçada em 44.500\$000. Todo o município constitue um só districto judiciario, séde da comarca do mesmo nome, creada por lei Provincial n.º 844, de 26 de Junho de 1882 e só installada a 17 de Fevereiro de 1890. Constitue, igualmente, uma unica freguezia eclesiastica, creada por lei Provincial n.º 15, de 13 de Março de 1835, tendo por padroeira Nossa Senhora da Guia. O registro parochial (F. Severiano, *A Diocese da Parahyba*) inscreveu, em 1894, 569 baptizados, 32 casamentos e 39 obitos; e, em 1910, 294 baptizados, 71 casamentos e 91 obitos. A fundação do Acary, consoante a tradição, deve-se ao sargento-mór Manoel Esteves de Andrade, natural de Pernambuco (segundo outros, bahiano), que ahí construiu uma capella, em 1737, a qual foi reparada e melhorada, em 1792, pelo capitão Thomaz de Araújo Pereira. Entre os filhos mais illustres do município de Acary figuram o referido capitão Thomaz de Araújo, primeiro presidente que teve a antiga Provincia; o dr. João Valentino Dantas Pinagé, vice-presidente da Provincia, deputado e magistrado; o padre Thomaz Pereira de Araújo, commendador da Ordem de Christo, deputado Provincial em várias legislaturas e vigario da parochia por espaço de 60 annos; o coronel Silvino Bezerra de Araújo Galvão,

ACA

político de influencia, deputado Provincial, vice-presidente da Provincia e vice-governador do Estado; o coronel José Bezerra de Araújo Galvão, chefe politico de largo prestigio na zona do Seridó; o poeta e romancista Manoel Theotonio Freire, fundador da Academia Pernambucana de Letras, todos já fallecidos. *Acary* é vocabulo indigena, nome de um peixe d'agua doce, tambem chamado *cari* (*Loricaria plecostomus*, segundo Theodoro Sampaio). Outros opinam que *Acary* é uma corruptella de *acañy*, cabeça de rio (de *aca*, cabeça, e *ty* agua do rio).

ACARY—Cidade, séde do município do mesmo nome, 214 kilometros a SO da capital do Estado. Povoação desde 1737 até 1833, adquiriu n'esse ultimo anno os fôros de villa, passando á categoria de cidade por disposição da lei Estadual n. 119, de 15 de Agosto de 1898. A cidade, localizada á margem direita do rio Acauã, é illuminada a luz electrica e tem regular edificação, na sua maior parte em estylo antigo, havendo, porém, alguns predios de construção mais recente e em que foram observadas certas regras da moderna architectura. Casas em numero consideravel conservam-se fechadas durante os dias uteis da semana, isto porque os respectivos donos, mais ou menos abastados, ile preferencia morando, com as suas famílias, nas fazendas e sitios onde trabalham, só aos domingos e dias de festa retornam á cidade, para se desobrigarem dos deveres religiosos e visitarem as pessoas amigas. Dos edificios mais importantes destacam-se o do Grupo Escolar Thomaz de Araújo, o da Intendencia Municipal e o da igreja matriz, que em tamanho é o segundo templo da Diocese de Natal, tendo subido a mais de 100.000\$000 as despesas com a sua construção, dirigida pelo padre Thomaz Pereira de Araújo e custeada pelos fiéis. A antiga igreja, edificada em 1737, passou para a invocação de Nossa Senhora do Rosário. Funcionam na séde municipal o Grupo Escolar Thomaz de Araújo, creado por decreto Estadual, n. 193, de 10 de Março de 1909, uma escola rudimentar e escolas outras de direcção particular. A agencia do Correio foi creada a 15 de Março de 1838 e rendeu em 1928 a quantia de 1:437\$000. O telegrapho (estação do Nacional) foi alli inaugurado em 1915. A cidade do Acary é ligada á de Jardim do Seridó por uma excellente estrada de rodagem, com o metros de largura, havendo, ainda, caminhos carroçaveis ligando-a com as povoações de Cruzeta e S. José do Seridó. Em 1928, por iniciativa do dr. Juvenal Lamartine, presidente do Estado, foi construído, a 1,600 metros da cidade, um campo de aviação, inaugurado a 15 de Agosto do mesmo

ACA

anno por uma viagem directa de Natal a Acary, em avião da "Compagnie Générale Aéropostale"—o Breguet n. 306—pilotado pelo aviador Depecker e conduzindo a seu bordo o presidente Lamartine e o chefe da aeroplance de Natal, George Firon. No anno seguinte (1929), Acary recebeu mais um importante melhoramento, mandado executar pela Inspectoria de Obras Contra as Sêccas, com a collaboração do governo do Estado: a construção de uma elegante e sólida ponte sobre o rio Acauã, á entrada da cidade. A ponte, que recebeu a denominação de "Presidente Lamartine", é a maior obra d'arte de concreto armado até hoje construída no Rio Grande do Norte. Tem 96,m40 de extensão sobre 5,m de largura e compõe-se de 9 vãos de 10 metros, com 3 pilares intermediários de 0m,80 de espessura. É provida de dois passeios lateraes de 1,m cada um, sendo a secção transversal abahulada, com uma flecha de 0m,10. Os encontros são de alvenaria cycloptica, havendo balaustrada corrida, com postes para illuminação electrica. A ponte, inaugurada a 14 de Agosto, foi projectada e construída pelo engenheiro Julio de Mello Rezende, chefe de secção do 2.º districto da Inspectoria. Custou 246:537\$882, cabendo á União a quota de 105:997\$382 e ao Estado a de 140:540\$000.

ACANÃ—Rio. Nasce, com a denominação de *Curraes Novas*, em um trecho do planalto da Borborema, na chamada serra do Doutor, e, após um curso de 43 kilometros, atravessando o município de Curraes Novas, entra no de Acary, onde recebe o nome de Acauã. O dr. Manoel Dantas, no seu *Essaio Chorographico do Rio Grande do Norte* diz que o curso superior do Acauã é formado pelo rio Picuhy, com cabeceiras no territorio parahybano; outros opinam, segundo a informação local, que o Picuhy é um simples affluente do Acauã. Ao partir da serra das Umburanas (V. *Aba da Serra*) o rio penetra no chamado valle da Acauã, de que tomou o nome, recebendo, em sua margem direita, as aguas do Totoró. "Depois da confluencia com o Totoró, o Acauã atravessa o valle circular do mesmo nome, de umas trez leguas de largura, e transpõe o boqueirão das Cargalheiras, trez kilometros acima da cidade do Acary, onde rompeu a montanha de modo differente do da serra das Umburanas. Abaixo da cidade do Acary, recebe, pela margem esquerda, os rios Ingá e Carnaluba, que, descendendo da Borborema na direcção de O, romperam, igualmente, a montanha em boqueirões profundos". O Acauã vai, afinal, desaguar no rio Seridó, no lugar denominado "Barra do Moraes".—*Acauã*, vocabulo indigena que deu nome ao valle e, simultaneamente, ao rio, é, segundo Theodoro

ADA

Sampaio, corrupção de *acá-na*, por sua vez contração de *acá-uara*, e significa comedor de cabeças (de cobras). É o nome de uma ave protectora dos indios, por ser inimiga das cobras, a que ataca e devora (*falco cachinans*). Entre os guarany's é chamada *macaguá*. Os bons genios ou os antepassados—consoante a crença dos indios—mandavam avisos ou se faziam ouvir por meio do cantar melancólico da Acauá. Por onde se vê—commenta o mesmo escriptor—que o genio admitia uma outra vida, a qual se passava n'um paiz distante, para além das montanhas visíveis. (Theodoro Sampaio, *O tity na geographia nacional*, 2ª edição, 1914, pag. 158 e 198).

Acauá—Riacho, no município de Sant' Anna do Mattos.

Acauá—Serrote, no município de Caicó.

Acauá—Valle, no meio do qual desliza o rio do mesmo nome, no município de Acary. Foi celebre, no ultimo quartel do seculo XVII, pelos renhidos combates que ali offerceram os indios sublevados.

Acenosa—Riacho, tributario do rio Patachó, no município de Angicos.

Açu—V. *Assu*.

Açu de novo—Serrote, situado nos limites do município de Caratubas com os de Patú. Tem a direcção N-S e uma extensão de cerca de 2 kilometros.

Adalberto Amorim—(*Adalberto Soares de Araújo Amorim*)—Magistrado, jornalista e poeta. Filho do dr. Pedro Soares de Amorim e d. Maria Francisca de Araújo Amorim (fallecidos), nasceu na cidade do Assu, a 21 de Abril de 1883. Fez os cursos primario e secundario na capital do Estado, onde passaram a residir seus paes, matriculando-se, em 1903, na Faculdade Livre de Direito do Ceará, que lhe conferiu, a 24 de Novembro de 1907, o gráu de bacharel em sciencias jurídicas e sociaes. Quando estudante, em Natal, fundou, com outros collegas, *O Albino*, periodico litterario, e collaborou em jornaes e revistas de maior circulação, escrevendo, em prosa e em verso, ora com o proprio nome, ora sob pseudonymo. Nomeado, após a formatura, para o cargo de promotor publico da comarca de Maciú,ahi fundou e dirigiu o *Almanak de Maciú*, propriedade de Francisco Araujo. Removido para a comarca de S. José de Mipibú e, depois, para a de Canquaretama, creou e dirigiu, na primeira d'estas, *O Município*, periodico dedicado aos interesses locais. Mais tarde, nomeado director da Escola de Aprendizices Artifices do Rio Grande do Norte, deixou esse cargo para acceptar o de juiz de di-

reito da comarca de Páu dos Ferros, de onde foi removido para a de Caicó, e, posteriormente, para a de Assu, sua terra natal. Ahi fundou, com o seu irmão dr. Pedro Amorim, o importante semanario *Jornal do Serrião*, consagrado á defesa dos interesses sertanejos e que ainda hoje batalha pejo seu elevado ideal.

Adalberto Peregrino—(*Adalberto Peregrino da Rocha Fagundes*)—Funcionario da Fazenda Nacional e poeta de mérito. Nasceu na capital do Estado, a 30 de Março de 1882, sendo seus paes o major Joaquim Peregrino da Rocha Fagundes, tambem funcionario da Fazenda e habil professor de mathematica (fallecido) e d. Joanna Evangelista Alves Fagundes, ora residente em S. Paulo. Em 1901, Adalberto Peregrino entrou para o quadro dos funcionarios da Fazenda Nacional, exercendo diversos cargos e commissões importantes, entre estas a de delegado fiscal em Goyaz. Em 1904 obteve o gráu de bacharel em sciencias jurídicas e sociaes, na Faculdade de Direito do Recife, onde concluiu o curso, iniciado em uma das escolas do Rio de Janeiro. Consorciou-se, em Recife, no anno de 1910, com d. Maria Lima Fagundes, de familia pernambucana. Membro effectivo e honorario de diversas associações de artes e letras, Adalberto Peregrino collaborou, tambem, em jornaes e revistas do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Publicou um livro de versos—"Setestrello"—e um poemeto—"Ode a Satan"—elogiados pela imprensa. Falleceu, no Rio de Janeiro, em consequencia de um accidente de bond, a 10 de julho de 1919.

Adalberto da Camara—(*Adalberto Miranda Raposo da Camara*)—Jornalista. Nasceu em Mossoró, a 14 de Março de 1898, e é filho legitimo do professor Theodulo Soares Raposo da Camara e d. Aurea de Miranda Raposo da Camara. Tenho feito o curso preliminar no Atheneu Norte-Riograndense, matriculou-se, em 1919, na Faculdade de Direito do Recife, que, a 17 de Março de 1924, lhe conferiu o gráu de bacharel em sciencias jurídicas e sociaes. Em 1912 fôra nomeado praticante de 2ª classe da Administração dos Correios do Rio Grande do Norte, cargo em que serviu até 1º de Fevereiro de 1918, quando se passou para o Telegrapho Nacional, nomeado telegraphista auxiliar. Em 1919, aprovado em concurso, foi nomeado, por acto de 23 de Dezembro, para o lugar de lente de Historia do Brazil no Atheneu Norte-Riograndense. De 1919 a 1921, trabalhou como redactor-secreitario da *A Imprensa*, de Natal, entrando, a 1º de Julho de 1921, para o corpo redaccional *A Republica*, onde continúa a exercer a sua actividade de jornalista, iniciada nos tempos

ADH

de estudante, quando religiu *A Ordem*, organo do Gremio Litterario Pedro Velho, *A Liberdade*, organo do Centro Civico-Litterario Frei Miguelinho, e *A Voz*, semanario publicado de Maio a Setembro de 1917. Faz parte, como membro effectivo e honorario, de diversas associações litterarias, maçonicas, recreativas e desportivas. E' socio effectivo do Instituto Historico e Geographico, da Associação dos Professores do Rio Grande do Norte e da Associação Brasileira de Imprensa. Deputado e 1.º secretario da Assembléa Estadual em mais de uma legislatura, occupa, actualmente, o cargo de Director do Departamento da Seguranca Publica. Em 1922, publicou *Ação da Monarquia na Independencia* (conferencia), opusculo, typ. da *A Noticia*; e no jornal *A Republica*, em junho de 1925, *Regulamentação do Trabalho*, conferencia realizada na Universidade Popular de Natal.

Adelle do Oliveira—(*Adelle Sobral de Oliveira*)—Poetisa. Nasceu no municipio de Ceará-Mirim, a 22 de Maio de 1884, sendo filha legitima de João Henrique de Oliveira (fallecido) e d. Anna Sobral de Oliveira. Tem publicado os seus versos em jornaes e revistas litterarias, possuindo, indelito, um livro de sonetos.

Adequê—Riacho, de pequeno curso, no municipio de Caicó. E' afluente do rio Piranhas.

Adequê—Serra, no municipio de Caicó.

Adherbal de França—Jornalista. Filho de Luiz Ferreira de França (fallecido) e d. Joaquina Cordeiro de França, nasceu, na capital do Estado, a 6 de Janeiro de 1895. Fez os exames preparatorios no Atheneu Norte Riograndense, destinou-se á carreira medica, tendo cursado até o 5.º anno da Universidade do Rio de Janeiro, alli empregando-se como interno no Hospital Central de Marinha e no serviço de clinica medica do Hospital S. Francisco de Assis, a cargo do prof. Garfield de Almeida. Nas horas disponiveis, Adherbal de França trabalhava na imprensa carioca, tendo sido redactor do *Diario da Manhã*, secretario da *Gazeta do Norte*, do *Diario de Medicina*, do *Mundo Medico* e do *Rio-Médico*, e collaborador do *O Priz*, da *Gazeta de Notícias*, do *O Norte*, do *O Imparcial* e das revistas *For Fun* e *Brazil-Svãil*, escrevendo, de preferencia, chronicas sobre assumptos sociais e de actualidade. Em 1926, publicou *Vida Profana*, volume em que enfeixou alguns dos escriptos da sua especialidade, conservando ainda muitos trabalhos, mesmo inéditos, destinados a futuros livros. Em Natal, collaborára na *A Imprensa*, diario matutino, de propriedade do coronel Francisco Cascardo. Ultimamente, in-

ADR

terrompimento o curso academico. Adherbal de França voltou a Natal, accedendo o lugar de redactor-secretario da *A Republica*, onde, esquecido da Cuiversidade, continúa a revelar a sua paixão pela vida da Imprensa. Em 1928, fundou *A Cyarra*, revista litteraria, illustrada.

Adolpho Gordo—(*Adolpho Afonso da Silva Gordo*)—Governador do Rio Grande do Norte, nomeado pelo Governo Provisorio da Republica. O dr. Adolpho Gordo, filho do coronel Antonio José da Silva Gordo e d. Anna Blandina de Barros S. Gordo, nasceu em Piracicaba, S. Paulo, a 12 de Agosto de 1858. Bacharel em direito, a 30 de Outubro de 1879, pela Faculdade de S. Paulo, foi abridor escriptorio de advocacia em Capivari, onde, ao lado de Cesario Motta Junior, dedicou-se á propaganda da Republica, organizando partido n'essa zona paulista. Proclamando o novo regimen politico, o dr. Adolpho Gordo foi nomeado, por decreto do Governo Provisorio, de 20 de Novembro de 1889, para o cargo de governador do Estado do Rio Grande do Norte, de que se empossou a 6 de Dezembro seguinte, governando por espaço de pouco mais de dois mezes. A 8 de Fevereiro de 1890, deixou o exercicio do cargo, de que pediu demissão allegando grave incanmodado de saúde. Assignára, n'esse mesmo dia, um decreto, com o n.º 13, creando uma Escola Normal na capital do Estado, a qual não chegou a ser installada. Os outros actos mais importantes do seu curto periodo administrativo consistiram em medidas e providencias tendentes a attenuar os effectos da secca que em 1889 assolara o interior do Estado. Por esses serviços, o seu governo foi elogiado pelo marechal Deodoro e pelo ministro Aristides Lobo. O dr. Adolpho Gordo foi, depois, eleito deputado ao Congresso Constituinte da Republica, representando o seu Estado natal, tendo sido o seu mandato renovado para as legislaturas ordinarias, que se seguiram (meios a de 1903-1905), até 1913, quando, por fallecimento de Campos Salles, passou a substituí-lo no Senado Federal. Foi reeleito em 1921. Falleceu, no Rio de Janeiro, a 29 de Junho de 1929, em consequencia de atropelamento por um auto-transporte da Companhia Hanséatica. De accôrpo com disposição de ultima vontade, o corpo do senador Adolpho Gordo foi sepultado em S. Paulo, no cemiterio da Ordem da Penitencia, da qual era irmão.

Adolphon—Rio, tributario do Upanema, no municipio de Augusto Severo.

Adriel Lopes—(*Adriel Lopes Cardoso*)—Poeta. Nasceu na cidade de Natal, a 24 de Junho de 1900, filho do casal Pedro Lopes

AFF

Cardoso—d. Francisca Lopes Cardoso. Falleceu, na mesma cidade, a 20 de Janeiro de 1930. Empregado publico Estadual, Adriel Lopes fazia, nas horas vagas, inspirados versos, como tambem trabalhos de desenho e caricatura. Em 1924, casára-se com U. Jacy Lopes Cardoso, de familia maranhense, aqui domiciliada. *Penultima da Vida* é o titulo do seu livro, que ficou inédito.

Affonso Barata—(Affonso Moreira de Loyolla Barata)—Medico. Nasceu em Natal, a 20 de Setembro de 1862, sendo seu pai o capitão Urbano Joaquim de Loyolla Barata, já fallecido. Estudou preparatorios no Atheneu Norte-Riograndense e no Gymnasio Pernambucano, matriculando-se, em 1883, na Faculdade de Medicina da Bahia, que lhe conferiu, em 1888, o gráu de doutor. Em Natal, exerceu a clinica, servindo, tambem, na guarnição federal, como medico adjunto do Exército. Em 1891, foi eleito deputado ao Congresso Constituinte do Estado. Anos depois, seguiu para o Estado do Pará, onde dedicou-se á clinica civil e occupou o lugar de medico regional da Directoria de Hygiene. Regressando á sua terra natal, foi nomeado inspector da Saúde do Porto e medico do Hospicio de Alienados. Em 1915, foi eleito representante do Estado á Camara dos Deputados Federaes (9ª legislatura), sendo o seu mandato renovado para a legislatura seguinte, ao fim da qual, por motivos politicos, não foi reeleito. Reside em Natal e é socio effectivo do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Affonso de Albuquerque Maranhão—Fidalgo cavalleiro, era filho de Mathias de Albuquerque, fundador da cidade do Natal. Em 1687, veio para o Rio Grande do Norte, afin de collaborar na pacificação dos indios sublevados. Por patente de 30 de Dezembro de 1695, o capitão-mór Bernardo Vieira, governador da Capitania do Rio Grande do Norte, nomeou-o para o posto de sargento-mór das entradas do sertão. A patente de nomeação refere, entre outros serviços prestados por Affonso de Albuquerque, o facto de "ter elle prendido ao rei Canindé, chefe de indios, e nove dos seus companheiros, entregando-os ao capitão-mór Paschoal Gonçalves", então governador da Capitania. Sabe-se que Affonso de Albuquerque era natural da Parahyba, mas ignora-se a data e lugar do seu fallecimento.

Affonso de Albuquerque Maranhão—Senador do Imperio, escolhido a 22 de Janeiro de 1826 e empossado a 22 de Agosto do mesmo anno. Foi o primeiro representante

AGN

que teve o Rio Grande do Norte na Camara Vitalicia do Imperio. Suppõe-se, pela razão de ter o mesmo nome, que era da genealogia do precedente. Falleceu a 10 de julho de 1836.

Affonso de Macêdo—(Affonso Soares de Macêdo)—Poeta. Nasceu a 11 de Outubro de 1875, no municipio de Assú, sendo seus paes o coronel Antonio Soares de Macêdo e d. Francisca Franceлина de Macêdo e Araujo, ambos fallecidos. Em Assú, redigiu, com seu irmão Americo de Macêdo, o periodico *A Crença*, collaborando tambem na *A Semana* e na *A Cidade*. No Atheneu Norte-Riograndense fez o curso preparatorio, obtendo, na Faculdade de Direito do Recife, em 1910, o gráu de bacharel em sciencias jurídicas e sciencias. Já a esse tempo, era escriptuario da Fazenda Nacional, nomeado mediante concurso. Serviu em Pelotas, Recife e S. Salvador, collaborando nos principaes diarios e revistas d'essas cidades. Em 1915, publicou *Amor de um cavario*, poemeto, editado em S. Salvador. Affonso de Macêdo, além de poeta, era conhecido como eloquente orador. Falleceu, na capital bahiana, onde exercia o cargo de 3º escriptuario da Delegacia Fiscal, a 22 de Novembro de 1923.

Affonso Henrique de Souza Gomes—Engenheiro civil, natural do Rio Grande do Sul. Nomeado, a 1º de Janeiro de 1895, engenheiro-chefe da Commissão de Melhoramentos do Porto de Natal, o dr. Souza Gomes deu a essa empreza o melhor do seu esforço, realizando importantes obras e traçando um plano de trabalhos que tem sido acompanhada, com pequenas modificações, pelos seus diversos successores. Serviu como engenheiro-ajudante, nas obras do porto de Recife. O dr. Souza Gomes falleceu, em Natal, a 6 de Abril de 1896.

Agnello Marinho de Souza—Poeta. Filho de José Martins de Souza e d. Francisca Maria de Souza, nasceu na povoação de Véra Cruz, municipio de S. José de Mipibá, a 18 de Julho de 1891. Após haver prestado alguns exames de preparatorios no Atheneu Norte-Riograndense, verificou praça, em 1906, no antigo 2º batalhão de infantaria do Exército, onde alcançou o posto de 2º sargento. Em 1921 foi promovido a 1º sargento e em 1924 commissariado no posto de 2º tenente combatente. Approvado em concurso, passou para o quadro dos contadores, sendo promovido a 1º tenente. Serve, actualmente, no 2º regimento de infantaria. III batalhão, aquartellado na Villa Militar Deodoro, Rio de Janeiro. Marinho de Souza, que usa, por vezes, o pseudonymo de *Ollenga*, collabora no *O Malho*, na *Revista da Semana* e no periodico

AGO

militar *O Florile*. Tem prompto o seu primeiro livro de versos, a que intitulou *Folhas de Outono*.

Agostinho César de Andrade—Capitão-mór governador, por duas vezes, da Capitania do Rio Grande do Norte. Natural da ilha da Madeira, em Portugal, era fidalgo da casa real e cavalleiro professo da Ordem de Christo. Commandava a fortaleza de S. Thilago de Cinco Pontas, em Recife, quando foi nomeado capitão-mór governador do Rio Grande do Norte, a 7 de Maio de 1688 (primeira vez). No governo, o seu maior empenho foi combater os indios rebellados, auxiliado n'essa campanha por Affonso de Albuquerque, Pedro da Costa Falleiro, João de Barros Coutinho e outros officiaes de milicias. "Agostinho César melhorou consideravelmente o estado em que havia encontrado a Capitania, e, si totalmente não terminou a lucta, foi porque não podia extinguir de vez os gentios". A 22 de Agosto de 1692, passou o governo ao seu successor, Sebastião Pimentel. Por fallecimento de Pimentel, Agostinho César voltou, em 1694, a administrar a Capitania do Rio Grande do Norte, proseguindo na luta para a dominação das tribus selvagens que guerrecavam os colonos do sertão. Foram innumerous os combates travados, conseguindo as forças legaes importantes victórias, como a do valle da Acauá, em que o gentio foi dominado, vindo para a séde da Capitania mil e tantos prisioneiros. Respondendo, certa vez, a ponderações do Senado da Camara de Natal, Agostinho César disse não duvidar fossem ellas feitas com muito zelo, mas—acrescentava—"é necessario que considerem que me é muito necessario mandar esta tropa realuzir á paz o gentio do Assú, e conservar a que com os mais tenho feito; porque esse gentio não se sujeita pelo amor que nos tenha, simão pelo temor do que pôde succeder-lhe. E, para que haja n'elles este, é necessario que nos vejam com as armas na mão; e dos que estão reduzidos tenho dito que hão de dar quarenta homens para irem na tropa com os brancos, para que lá os do Assú, vendo que são nossos amigos, o queiram ser tambem". Agostinho César deixou, pela segunda vez, o governo do Rio Grande do Norte em Julho de 1695, (Vicente de Lemos, *Capitães-mores e governadores do Rio Grande do Norte*, vol. I, caps. XXII e XXIV).

Agostinho de Queiróz—(Agostinho Fernandes de Queiróz)—Capitão de milicias, agricultor e criador. Residia na serra do Martins, de onde era natural, quando rebentou o movimento republicano de 1817, por ter adherido ao governo revolucionario installado na

AGU

villa de Portalegre, foi preso pelas forças legaes do Ceará, remetuido para Natal e d'aquí para a Bahia, onde esteve encarcerado até 1821, anno em que foi decretada a amnistia geral. O capitão Agostinho voltou, então, a Martins, entregando-se aos seus labores da agricultura e criação. Introduziu e propagou ahí a cultura da jaqueira, tendo trazido da Bahia as primeiras sementes. Chamou-se, a principio, Agostinho Pinto de Queiróz. Em 1831, por ser adversario do celebre caudilho Pinto Madeira, fez declaração de mudança do nome para Agostinho Fernandes de Queiróz. Foi presidente, em 1842, da Camara Municipal de Martins.

Agostinho Leitão de Almeida—Politico, dos tempos da Independencia. Nasceu em Natal, no ultimo quartel do século XVIII, segundo informações prestadas ao dr. Tavares de Lyra. (*Historia do Rio Grande do Norte*, pag. 709). Eleitor de parochia, com influencia na vida politica da antiga Capitania, Agostinho Leitão fez parte da segunda junta, eleita a 18 de Março de 1822, para substituir o governador José Ignacio Borges, que se retirára do Rio Grande do Norte. "A principio, a sua vontade predominava no seio do novo governo; mas, enfraquecido aos poucos, foi d'elle expulso em Novembro, juntamente com João Marques de Carvalho, em companhia de quem embarcou para o Rio de Janeiro". Em Fevereiro de 1824 voltou a Natal, despachado secretario do Governo, para servir como o primeiro presidente da Provincia, Thomaz de Araújo, nomeado a 25 de Novembro do anno anterior. "Quer como secretario do governo quer como simples particular depois que deixou esse cargo, foi, de facto, quem dirigiu a politica da Provincia. A elle se deve ter esta accção sem protesto a constituição decretada por Pedro I e não ter adherido á *Confederação do Equador*". Foi deputado geral pelo Rio Grande do Norte, na primeira legislatura (1826-1829), não sendo, porém, escolhido senador, a despeito de ser o cidadão mais votado da lista triplex. "Ao terminar o seu mandato, estava mudada a orientação da politica local e não quiz disputar a sua reeleição, apesar de dispôr de grande prestigio e ser muitissimo relacionado na Córte. Falleceu, em avanzada idade, no actual Estado do Paraná, para onde transferira definitivamente, havia muitos annos, a sua residencia". (A. Tavares de Lyra, obra citada, pag. 712).

Agua Azul—Rio, tributario do Ceará-mirim.

Agua Branca—Riacho, no municipio de Canguaretma. É affluente do rio Curimatá.

ALA

Agua Branca—Serra, no municipio de Martins.

Agua Dóco—Riacho, ao S do rio Pirangy.

Agua Fria—Lagôa, no municipio de Apody.

Aguamaré—Povoação e districto policial do municipio de Macáu, distante 40 kilms. da séde municipal. Floresceu em tempos idos, chegando a ser districto de paz (1873), ter escolas publicas e agencia postal (creada em 1832), que foram depois supprimidas. Ha ali uma capella, dedicada a N. S. da Conceição. Aguamaré está hoje em lamentavel decadencia, invadida em parte pelas aguas do mar. Funciona, na povoação, uma escola rudimentar, mantida pelo Estado.

Agua Nova—Serrote, no municipio de Páu dos Ferros.

Aguas Novas—Povoado, no municipio de Macáu. Tem escola, subvencionada pela Municipalidade.

Aguda—Serra, no municipio de Agucos, situada 40 kilms. a NE da séde municipal.

Agudo—Serrote, no municipio de Apody.

Agudo—Serrote, 2 kilms. a L da povoação de S. João do Sabugy, no municipio de Serra Negra.

Agular—V. *João José Ferreira de Aguiar*.

Agulhadas—Sítio, ao S da povoação de S. Sebastião do Mossoró, por onde se limita o municipio de Mossoró com o de Apody.

Alagamar—Povoação, á beira-mar, no municipio de Macáu, 1 kilms. ao N da séde municipal. E' excellente praia de banhos e ahi está collocado o pharol da barra de Macáu, inaugurado a 15 de Março de 1898.

Alangamar—Pequeno povoado, no municipio de Areia Branca.

Alagamar—Riacho, no municipio de Serra Negra. Nasce no logar "Malhada Grande", passa 9 kilms. a L da povoação de S. João do Sabugy e vai desaguar no riacho Cipó.

Alagôa—Pequena serra, de onde nascem os riachos Mineiro e Pintada, no municipio de Martins. V. *Lagôa*.

Alagôa das Pedras—Serrote, no municipio de Portalegre. Não se presta a cultura. V. *Lagôa da Pedra*.

Alagôa Nova—Sítio, no municipio de Currais Novos, onde se encontram minas de giz, de diversas cores. V. *Lagôa Nova*.

ALA

Alagôa Nêca—Serra, no municipio de Acary. V. *Lagôa Nêca*.

Alngolnha—Lagôa, no municipio de Portalegre, 25 kilms. ao N da villa, E' piscosa nos annos de inverno. V. *Lagoinha*.

Alurico José Furtado—Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, nomeado por Carta Imperial de 13 de Abril de 1890. Filho do conselheiro Francisco José Furtado, nasceu em 1846, na antiga Provincia, hoje Estado, do Maranhão. Em 1868, recebeu, na Faculdade de Direito do Recife, o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, sendo, no anno seguinte, nomeado secretario da legação brasileira na Russia, de onde foi, pouco depois, transferido para a de Berlim. Deixando a carreira diplomatica, o dr. Alurico regressou ao Brazil, no anno de 1873. Casou-se, em Caxias, Maranhão (1875), com sua prima-irmã d. Philomena Vieira. Nomeado Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, empossou-se a 10 de Maio de 1890, governando até 20 de Abril de 1891, quando foi transferido para a Provincia do Amazonas. Na administração do Rio Grande do Norte, o presidente Alurico revelou-se um grande interessado pelo progresso da Provincia. O precario estado das nossas finanças e as luctas existentes na politica local não foram motivo de desanimo para a sua acção no governo, exercida, aliás, sem a collaboração do poder legislativo, que não se reuniu na epocha legal. Por duas vezes o presidente appellou para o adiamento: nem da primeira, nem da segunda, conseguiu o numero legal de deputados para a installação da Assembléa Legislativa. A variola grassava em Canguaretama e Cearámirim, tendo tambem apparecido alguns casos na capital. O presidente tomou as providencias ao seu alcance, e dentro em pouco a epidemia estava quasi extincta. As 13 comarcas em que se dividia a Provincia achavam-se providas de juizes de direito. Estas se subdividiam em 23 termos, sendo 14 providos de juizes municipaes formados. Das promotorias publicas, apenas continuou vaga a da comarca de Macáu. A instrução publica mereceu do presidente Alurico especial cuidado. Expediu para ella um novo Regulamento e nomeou para director o bacharel Manoel Hemeterio Raposo de Mello. Falando d'essa nomeação, no *Relatorio* com que passou o governo, o dr. Alurico disse que a tinha por "um dos melhores serviços que lhe foi possível prestar á instrução publica". Declarou vitalicios os professores padre Bartholomeu Fagundes de Vasconcellos e Manoel Onofre Pinheiro e removeu, por accesso, diversos outros; restabeleceu cadeiras extinctas, dando-lhes serventurarios; nomeou delegados

ALA

escolares e preenchem cadeiras vagas no corpo docente do Atheneu Norte Riograndense. No documento referido disse o dr. Alarico, dirigindo-se ao 1º vice-presidente, dr. Mathias Antonio da Fonseca Morato, a quem passava a administração: "Fallece-me tempo para occupar-me neste Relatório com a causa da instrução publica com a largueza exigida por um assumpto a que se pretem os mais caros e mais vastos interesses da humanidade, e cuja meditação ha occupado as mais altas intelligencias do nosso paiz. Seja-me, porém, licito ponderar que relevantissimo serviço prestará V. Exa. conseguindo anniquillar o espirito partidario que vicia esta causa sagrada". O presidente Alarico interessou-se, ainda, para que o Rio G. do Norte se fizesse representar na Exposição de Historia e Geographia Patrias, a realizarse na Bibliotheca Nacional, e na Exposição Brazileira-Allema, a instalar-se na capital do Rio Grande do Sul. No tocante a obras materiaes, ordenou melhoramentos em alguns dos nossos edificios publicos, contando com a collaboração technica do engenheiro José de Cupertino Coelho Cintra, fiscal da E. F. Natal a Nova Cruz. Na cadeia publica, além de calção e pintura geras do edificio, foi cimentado todo o pavimento terreo, construindo-se ali um compartimento independente, destinado ás mulheres; no andar superior fez construir um grande salão, para trabalho dos detentos, podendo funcionar n'elle uma escola para os presos, que tencionava estabelecer; mandou pôr no edificio cinco appparelhos sanitarios (trez no andar superior e dois no andar terreo), munidos de sólidos canos de esgôto; fez reparos na cozinha e no corpo da guarda, tornando melhores as condições hygienicas do prédio. No Hospital de Caridade, além de calção e pintura internas e externas, ordenou a construcção de dois compartimentos, separados do corpo do estabelecimento, um destinado a necrotério e outro á arrecadação. E, si mais importantes não foram esses melhoramentos—disse o presidente—é que "entendi não dever ultrapassar as raizas traçulas pela lei do orçamento". Tratando das finanças da Provincia, o presidente Alarico começou o seu Relatório exaltando a collaboração do inspector do Thesouro, capitão Enéas Leocracio de Moura Soares, «funcionario que muito se recomenda á estima e consideração publicas, pela intelligencia, probidade e dedicacão, a par de uma longa pratica dos negocios da fazenda. De mais d'isso, é funcionario leal, e cujas informações têm sempre por fim esclarecer a autoridade superior, e nunca induzi-la em erro». De Julho de 1880 a Marco de 1881, a renda da Provincia importou uma quantia 191:109\$937, á qual se addicionou o saldo do exercicio anterior, o

ALB

auxilio do governo Imperial (este na importancia de 17:066\$664), operações de credito e depositos, sommando a receita total..... 320:493\$101. A despeza ordinaria no mesmo periodo importou em 164:490\$757, a qual, addicionada ás parcelas de despeza extraordinaria, depositos e operações de credito, ficou elevada a 175:139\$470. A divida activa subia a 103:268\$951, sujeita a abatimento legal; e a divida passiva, incluido o debito para com o Banco do Brazil, attingia a 223:387\$501. O presidente salientou que, conquanto não fosse ainda lisonjeiro o estado das finanças, não era, todavia, desanimador. Os vencimentos dos empregados estavam sendo pagos em dia, as despezas ordinarias estavam sendo satisfeitas pontualmente, existindo no cofre, em moeda, 47:253\$982. Depois de haver exercido o governo do Amazonas, o dr. Alarico foi nomeado juiz de direito de S. Luiz do Maranhão. No Rio de Janeiro, dedicara-se por algum tempo ao ensino de historia e geographia, materias em que era bastante versado. O deputado Aarão Reis, seu cunhado, a quem devemos os informes referentes á naturalidade, casamento, commissões e empregos exercidos pelo dr. Alarico, diz que o mesmo publicara, em 1880, um opusculo sobre a politica internacional do Brazil na America do Sul. O dr. Alarico Furtado falleceu em Agosto de 1884, a bordo de um dos paquetes da Lloyd, em viagem para o Rio de Janeiro.

Alberca—V. *Alberca*.

Alberto Maranhão—Jornalista, politico e parlamentar. Nasceu em Macahyba, a 2 de Outubro de 1872. Foram seus paes o industrial Amaro Barretto de Albuquerque Maranhão e d. Felicianna Maria da Silva e Albuquerque, ambos já fallecidos. Formado em direito, na Faculdade do Recife (turma de 1892), voltou ao Rio Grande do Norte, iniciando a sua vida publica como promotor na comarca de Macahyba, sendo, mais tarde, nomeado secretario do Governo. A 14 de Junho de 1899, foi eleito governador do Estado, para o periodo de 1900-1901 distinguindo-se o seu governo pelo desenvolvimento que deu ás lettras e ás artes, estimulando as associações existentes e promovendo a fundação de outras. Merecem destaque o "Gremio Polymathico" e o "Congresso Literario", nucleos de que o proprio governador era membro effectivo, collaborando na *Revista* e na *A Tribuna*. E' de sua iniciativa a lei 145, de 6 de Agosto de 1900, com o favor da qual têm sido editados innumerables livros de sciencia e litteratura, produzidos por illustres domiciliarios do Rio Grande do Norte, ou naturaes de outros Estados e aqui residentes. Concluido esse periodo administrativo, o dr. Alberto Maranhão foi eleito

ALB

deputado federal, voltando a governar o Estado, no período de 1908 a 1913. D'esta vez, o operoso patricio, mantendo a mesma orientação, emprehendeu e conseguiu a completa reforma do ensino publico no Estado, começada no curto periodo administrativo do seu antecessor, dr. Antonio de Souza; e, lançando as suas vistas para os melhoramentos materiaes que iniciára na capital o dr. Tavares de Lyra, seu successor em 1904 (afastado do governo por ter sido escolhido ministro do Interior), o dr. Alberto Maranhão, com os recursos de um empréstimo que contrahira na França, realizou grandes e uteis melhoramentos na capital, reformando os prédios publicos existentes, construindo novos para attender ao desenvolvimento dos serviços; elevou o capital do Banco do Natal; e encampou as empresas d'agua, de luz a acetyleno e de bondes por tracção animal, serviços que passaram a ser feitos por energia electrica. Deixando, pela segunda vez, a administração do Estado, o dr. Alberto Maranhão foi novamente eleito representante do Rio Grande do Norte na Camara dos Deputados Federaes, mandato que lhe foi renovado, sem interrupção, até a legislatura de 1927-1929. Em Janeiro de 1930 accitou uma commissão, de propaganda economica, que lhe confiou o governo do Estado. Journalista, o dr. Alberto Maranhão redigiu, por muito tempo, *A Republica* (já fundada, ainda no regimen monarchico, por seu irmão Pedro Velho; governante e parlamentar, a sua acção no governo e no Congresso foi sempre orientada para o bem colectivo e de harmonia com o seu temperamento moderado, prudente, tolerante. Em 1918, publicou *Na Camara e na Imprensa* (artigos e discursos). E' socio fundador do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Alberto Roselli—Advogado e jornalista. Nascou na cidade do Natal, a 17 de Março de 1886, sendo seus paes o coronel Angelo Roselli (fallecido) e d. Sophia Pipolo Roselli. Feitos os primeiros estudos em sua terra natal, Alberto Roselli seguiu para a Suissa, onde, a 28 de Julho de 1903, após um curso completo, foi diplomado pela Academia Internacional de Commercio de Zurich. Tornando ao Brazil fez, no Athenueo Norte Riograndense, os exames preparatorios e matriculou-se, em 1907, na Faculdade de Direito do Recife, ahi recebendo, em 11 de Dezembro de 1911, o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. No anno seguinte, foi nomeado secretario da Intendencia de Natal, cargo que renunciou em 1914, accedendo os de lente do Athenueo e da Escola Normal. Eleito intendente do municipio da capital, foi escolhido pelos seus paes para o logar de vice-presi-

ALC

dente, que occupou até o termino do mandato, Fundada, em 1919, a Escola de Commercio de Natal, o dr. Alberto Roselli foi nomeado seu vice-director, passando, por fallecimento do dr. Moyses Soares, em 1922, a exercer o cargo de director, em que foi tornado effectivo. Advogado dos mais notaveis do fôro de Natal, gozando de real prestigio na sua classe e no meio social em que vive, o dr. Alberto Roselli é o presidente do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Norte e do Conselho Regional de Contabilistas, membro do Conselho Penitenciario, do Centro da Imprensa Catholica e de outras associações civicas e religiosas. Publicou, em opusculos, os seguintes trabalhos: "Questão da Estrella", "Contracto por correspondencia", "Direito Emphyteutico", "Honorarios Medicos", "Responsabilidade de Estrada de Ferro", "Demissão de Funcionarios Publicos", "Terrenos das Roccas" e "Commissão Mercantil". Journalista, o dr. Alberto Roselli trabalhou durante sete annos como redactor-secretario da *A Republica* (1912-1919), redactor-chefe do *Diario de Natal*, desde a sua fundação, em 1924, sendo, depois, (de 1925 a 1929), director d'esse organ da imprensa natalense. E' socio da "National Geographic", de Washington, representante da "Compagnie Générale Aéropostale" e agente consular da França no Rio Grande do Norte.

Albertos—Serra, ligada á de Portalegre, no municipio d'este nome. E' agricola, prestando-se ao cultivo de cereaes, fumo e algodão.

Alcaçuz—Povoação, no municipio de Papary, Demora 15 kilometros ao N da villa, séde municipal; tem uma escola rudimentar, do Estado, e uma capella, dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

Alcebiades Dracon de Albuquerque Lima—Magistrado, Natural de Pernambuco, formou-se em direito no anno de 1861. Ingressando na magistratura, occupou, entre outros, o cargo de juiz direito da comarca de Mossoró. Por decreto do governo provisorio da Republica, de 4 de Abril de 1891, o dr. Alcebiades Dracon foi nomeado 2.º vice-governador do Rio Grande do Norte. Não teve oportunidade de exercer o governo do Estado.

Alcides Codeceira (Alcides de Avila Codeceira)—Medico. Nascou na cidade do Natal, a 5 de Maio de 1881. Foram seus paes o dr. Luiz Frederico Codeceira e d. Anna de Avila Codeceira, ambos fallecidos. Criança ainda, deixou o Rio Grande do Norte, em companhia de seus paes, pernambucanos, que voltavam a residir em Recife, por ter o dr. Luiz Codeceira obtido dispensa do cargo de in-

ALD

pector da Thesouraria de Fazenda do Rio Grande do Norte, que exercia em comissão. Feito o curso preparatório, no Gymnasio Pernambucano, Alcides Codeceira seguiu para a Bahia, em cuja Faculdade de Medicina conquistou, em 1903, o gráu de doutor. Regressando a Recife, abriu consultorio de clinica especial das molestias nervosas, tornando-se, dentro de pouco tempo, uma das mais respeitadas autoridades n'essa materia. E' professor na Faculdade de Medicina de Pernambuco e director de clinica no hospital de alienados de Tamarineira.

Alcoforado Junior—V. *José Bernardo Galvão Alcoforado Junior*.

Aldeia de Gramacó—Aldeia de indios da lingua geral, sob a invocação de N. S. do Carmo e missionada, no periodo colonial, por um religioso da Ordem do Carmo. Era situada em territorio do actual municipio de Canguaretama. «Com a criação das novas vil-las—diz A. Tavares de Lyra (*Historia do Rio Grande do Norte*, pag. 342)—desappareceram todas as missões, e os indigenas passaram a ser governados pelos *directores*, que succedera-m aos padres. A mudança foi para peior: estes, embora não conservassem a mesma abnegação e o mesmo desprezimento de que tinham dado tão notaveis exemplos nas primitivas *reduções*, pelo menos ainda liberali-zavam o consolo da fé, propagavam o ensino e prégravam a moralidade dos costumes; aque-lles exploravam, escravizavam, martyrizavam. E a consequencia foi que, em grande parte, os indios aldeados voltaram á vida errante dos primeiros tempos, sendo perseguidos e esmagados.» V. *Canguaretama*.

Aldeia de Guajirú—Primitiva denomina-ção de Estremoz, quanto aldeia de indios, sob a invocação de São Miguel e missionada por um padre da Companhia de Jesus.

Aldeia de Guarahyras—Antiga aldeia de cabocos da lingua geral, sob a invocação de São João Baptista, localizada nas immediações da lagoa Guarahyras, em territorio do actual municipio de Aréz. V. *Aréz*, municipio.

Aldeia do Apody—Nome da grande aldeia de indios outr'ora situada na ribeira do Apody. Tenho por padroeiro São João Baptista, a aldeia era de tapuyos, de nação payacús, missionados por um religioso da Or-dem de Santa Theresa.

Aldeia do Mopebú—Denominação da antiga aldeia de indios da lingua geral, sob a invocação de Sant'Anna, missionada por um religioso capuchinho e localizada em territo-rio do actual municipio de São José de Mi-pibú.

ALE

Aldela Velha—V. *Igapó*.

Aldo Fernandes Raposo de Mello—Funcionario, de alta gradação, da Fazenda Estadual. Nasceu na cidade do Martins, a 6 de Março de 1898, sendo seus paes o desem-bargador Hemetério Fernandes Raposo de Mello e d. Joanna Villar Raposo de Mello. Muito moço, entrou para o quadro da Fa-zenda, no posto de 4º escripturario do The-souro, exercendo comissões de confiança, inclusive a de administrador da Mesa de Ren-das Estadunes do municipio de Martins. E' academico de direito, cursando o 5º anno da Faculdade de Recife, onde se ha distinguido pela sua lucida intelligencia e dedicacão ao estudo. Em 1923, o bacharelado Aldo Fer-nandes foi eleito deputado á Assembléa Le-gislativa do Estado, para a legislatura de 1927 a 1929. A 10 de Janeiro de 1923, o governo do Estado confiou-lhe o alto cargo de admi-nistrador da Recebeloria de Rentas da capi-tal. Quando escripturario do Thesouro, publi-cou um opusculo sobre *Fianças na Fazenda Estadual*, editado nas officinas graphicas da *A Republica*.

Alecrim—Bairro da capital, o maior dos quatro em que se divide a cidade. Fica a SO da Cidade Alta e a O da Cidade Nova, com os quaes se limita pelo Baldo (antigo logradouro publico) e rua Cearamirim. A par-tir do cixo d'essa rua, o Alecrim compre-hende tambem toda a zona denominada Barro Vermelho e a parte, maior da denomina-da Tyrol. O trecho mais antigo do bairro—excluidos Barro Vermelho, Refoles e Oity-zeiro, onde, aliás, existiam poucas habitações—foi iniciado no ultimo decennio do século passado, começando da actual praça Pedro Americo, a principio chamada *rua do Alecrim* (de onde veio o nome do bairro), até a aven-ida Alexandrino de Alencar. Na edificacão d'esse trecho parece não ter havido interven-ção da Municipalidade, porque é má a dis-posição das ruas e pessimo o seu alinhamen-to. D'ahi por deante, porém, o arruamento obedeceu a um melhor traçado, sendo as ruas espaçosas e bem alinhadas. Alecrim é sede da parochia de S. Pedro e da 3ª delegacia de Policia. Tem feira livre, aos domingos, e, no principal trecho urbano, serviço d'agua, luz, telephone, auto-omnibus e bondes electricos. De entre os prédios mais importantes do bai-ro salientam-se o da igreja matriz, de cons-trucção recente (inaugurada em 1919), o do Grupo Escolar Frei Miguelinho, o do Hos-picio de Alienados (outr'ora Lazareto da Piedade) e o da Associação de Escoteiros do Alecrim, moderno e elegante. Funcionam no Alecrim a Escola de Aprendizes Marinheiros (Refoles), a Escola Profissional da Associação

ALE

de Escoteiros, o Grupo Escolar Frei Miguelinho, a Escola Gonçalves Lello (Baixa da Belleza), a Escola Mascarenhas Homem (Lagôa Secca), as escolas da Sociedade Santo Emiliano (Barro Vermelho) e outras. A' rua General Fonseca e Silva, esquinas das ruas America e Boa Vista, está situado o Cemitério Publico do Alecrim, necropole unica de toda a cidade do Natal; Estão installados no mesmo bairro o Hospício de Alienados, as Estações Radiotelegraphicas (uma do Ministerio da Viação, outra do Ministerio da Marinha) e, já na área suburbana, o Isolamento S. João de Deus (para tuberculosos), o Isolamento S. Roque (para variolosos) e o Hospital S. Francisco de Assis (leprosarío), este ultimo com optimas installações. O Alecrim é atravessado pela estrada de automoveis de Natal ao Seridó, melhoramento que trouxe maior impulso ao seu progresso, estimulando a edificação e desenvolvendo o commercio local. Tem agencia do Correio (renda em 1923, 1:470\$000) e, a installar, uma succursal da repartição dos Telegraphos. Na parte denominada Tyrol está localizado o Aéro-Club do Rio Grande do Norte, fundado por iniciativa do dr. Juvenal Lamartine de Faria, presidente do Estado, e funcionando em proprio Estadual, com excellente campo de aviação, provido da necessaria apparellagem, inclusive dois aeroplanos de typo moderno. V. *Natal*, cidade.

Alecrim—Açude publico, proximo á cidade de Sant'Anna do Mattos.

Alecrim—Riacho, no municipio de Serra Negra. Nasce no serrote Jatobá e, após um curso de 12 kilometros, faz barra no riacho Cachoeira, 25 kilometros a N da villa.

Alecrim—Sitio, no municipio de Papary, onde existe uma excellente fonte de agua potavel.

Alegre—Riacho, no municipio de Caicó,

Alegria—Sitio onde tem sua nascença o rio Giquy, no municipio de Touros.

Aleixo Tinóco—*Lalleixo Barbosa da Fonseca Tinóco*—Professor de humanidades e politico de influencia na antiga Provincia. Inteligente, opéroso e probo. Nasceu na cidade do Natal, a 17 de Julho de 1827. Aos 9 annos de idade começou a leccionar portuguez e aos 19 latim. Em Maio de 1850 entrou para a Fazenda Nacional, servindo nas Thezourarias de Rio Grande do Norte e Pernambuco. Já com a graduação de 1° escripturário da de Natal (promoção de 23 de Abril de 1855), abandonou a carreira, voltando ao magisterio, com a nomeação de lente de francez do Atheneu Norte Rio-grandense, transferido, mais tarde, para a cadei-

ALE

ra de portuguez, em que foi aposentado. Por vezes, exerceu o cargo de secretario da Presidencia da Provincia e, em 1860, o de director geral da Instrucção Publica, batendo-se pela fundação, na capital, de um collegio para o sexo feminino, «attenta a necessidade de melhorar a educação da mulher». Foi deputado Provincial no biennio de 1850--1851 e tinha o posto de capitão da antiga Guarda Nacional. Casouse em trez nupcias: a 1ª, em 19 de Julho de 1854, com d. Joanna Carolina Tinóco; a 2ª, em 22 de Junho de 1867, com d. Beinvinda Carolina Tinóco; e a 3ª, em 8 de Abril de 1886, com d. Antonia Garcia Tinóco. Aleixo Tinóco falleceu, em Macahyba, a 28 de Abril de 1900.

Alexandre Baraúna Mossoró—Soldado da 5ª companhia, do 3º batalhão de infantaria do exercito brasileiro, na guerra contra o Paraguay. Nasceu em Mossoró, então da freguezia de Apody, allí pelo anno de 1830. «Foi deante dos muros de Paysandú—escreve illustre historiador—... Duas companhias do 3º batalhão atacavam a *Ancla Dorada*, onde alguns centos de inimigos defendiam com furor o velho casarão crivado de obuzes. O capitão Francisco Frederico Figueira de Mello, como mais antigo, dirigia o ataque: uma verdadeira escalada. Um soldado, ajoelhado junto á carabina, fazia atadura do lenço; um golpe de lança lhe atravessara a face direita; a esclerótica saltára e pelo *alveo da corneta* um jorro de sangue sahia!—Que fazes ahí, Alexandre? Estás ferido, vai para a ambulancia! gritou-lhe Figueira de Mello.—Para a ambulancia! Eu para a ambulancia, meu capitão! respondeu-lhe o velho soldado de Mossoró—Vai te curar antes que fiques ahí desmaiado. Estás da vista perdida, desgraçado! E' verdade, meu capitão, mas o *ambato* ainda encheriga... E o soldado, prompta a atadura, endireitou-se, tomou da espingarda com gesto enérgico e correu para a frente antes que Figueira de Mello pudesse detel-o. Um quarto de hora depois a *Ancla Dorada* era tomada; mas a lucta continuava nos muros dos quintaes, transformados pelos *blancos* em outras tantas trincheiras! Uma bala inimiga veio ferir o braço de um soldado que se esforçava por trepar um muro... O soldado soltou um grito e rolou por terra, já do lado opposto, onde brigava-se á baioneta com os *blancos* entrincheirados atraz de uma pilha de tijollos. Figueira de Mello corre a levantar-o...—Ah! *vami* é meu capitão? Os gringos *impulicaram* commigo, mas eu me vingou...—E ainda não estás satisfeito, Alexandre? Vai pra ambulancia, si ainda podes andar! O soldado não respondeu, mas agarrando a carabina pela bocca e, manobrando-a como clava, atirou-se no

meio da lucta, gritando: — Agora, *gringos*, é com o cahoto!... O capitão Figueira de Mello, maravilhado ante tamanha bravura, seguiu o valente caboclo, que fazia com a sua clava horrivel destroço no grupo de *blancos* que luctavam como leões. Sua primeira victima foi um official: formidavel pancada com a face da coronha esmigalhara o craneo do infeliz... De repente, ferido em pleno peito, cahiu o caboclo! O official aproximou-se: horrivel expressão naquelle rosto mutilado. Olhou para o chefe, quiz falar, e uma golpiada de sangue sahio-lhe pela bocca... Suas ultimas palavras resumiram um mundo de felicidade e amor: *Minha mãe... Viva o Mossoró!*... Finilo o combate, o general Antonio de Sampaio, sabendo da tragica morte de Alexandre, foi em pessoa procurar o seu cadaver e, acompanhado por muitos officiaes, assistiu á inhumação, mandando collocar sobre a sepultura tosa cruz de madeira, com esta inscripção: "*Respeitai o juizo de um bravo*". J. Arthur Montenegro, historiographo notavel, fallecido em 1901, e autor da brillante chronica de onde extrahimos estes topicos (in *Almanak Popular Brasileiro*, para 1899) accrescentou (pag. 222) que Alexandre Barnuna Mossoró, caboclo, baixo de estatura, physionomia sympathica, excessivamente reconcentrado, obediente, servical e muito estimado no corpo, onde servia desde 1851 sem commetter uma só transgressão disciplinar... «era natural da villa de Mossoró, no Ceará» (!). Explicavel enganar do illustre e saudoso escriptor, que, sendo cearense pelo nascimento (de Uruburetama) e escrevendo do Rio Grande do Sul, estava, certamente e de boa-fé, convencido dos direitos de sua terra na questão de limites que, aquelle tempo, mantinha com o Rio Grande do Norte. A villa de Mossoró (cidade desde 1870) sempre pertenceu á jurisdicção riograndense e não consta que exista ou tivesse existido no Ceará outra villa, cidade ou povoado com essa denominação, de onde tenha tirado seu appellido e a que porventura se referisse no seu ultimo adeus o obscuro heróe de *Aneta Dorada*.

Alexandria — Villa, do municipio de Martins. Situada em ponto elevado (275 m. de altitude, R. Crandall), proxima ao serrote Barriguda e na distancia de 45 kilometros ao S da cidade do Martins, Alexandria, que, com o nome de *Barriguda*, fôra outrora povoação florescente, soffreu um periodo de decaencia, entrando novamente em franca prosperidade no primeiro decennio d'este século. Tem animado commercio, boa casa de mercado e uma feiza semanal, bastante concorrida. É séde de um districto policial, tem agência telephonica, agência postal, um cartorio de tabellião, uma escola rudimentar, do Estado, e duas outras

subvencionadas pelo governo municipal de Martins. Em 1866 (Rel. do presidente Luiz Barbosa) o districto de Alexandria (aquelle tempo *Barriguda*) tinha uma população de 1702 habitantes. A capella local, consagrada a Nossa Senhora da Conceição, foi construida no anno de 1863, pelo padre Isidro Alvares da Silva. O patrimonio respectivo, constituido na data *Barriguda*, foi doado pelo tenente Domingos Velloso Barreto (valor de 400\$000) e André Ferreira da Silva (400\$000). Em tempos remotos, existiu no local hoje occupado pela capella uma casa de orações, servindo tambem de cemiterio. A denominação de *Alexandria*, substituindo a de *Barriguda*, foi dada pela Intendencia Municipal de Martins, em 1913, homenageando d. Alexandrina Barreto Ferreira Chaves, virtuosa senhora, natural do districto e esposa do senador Ferreira Chaves, fallecida annos depois (1921). Por lei Estadual n. 572, de 3 de Dezembro de 1923, Alexandria obteve o titulo de *villa*, continuando dependente da jurisdicção de Martins. Pleiteia a elevação a Municipio.

Alfrêdo Lyra — Medico, hygienista. De familia riograndense, nasceu no municipio de Manganguape, Estado de Parahyba, a 5 de Junho de 1891, sendo seus paes Philadelpho Eloy de Lyra (fallecido) e d. Francisca Barbosa de Lyra. Estudou humanidades nos collegios «Santa Luzia», de Mossoró, «Santo Antonio», de Natal, e «Alfredo Gomes», do Rio de Janeiro, tendo feito os exames de preparatorios no Athenaeo Norte Riograndense e no Lyceu Parahybano. Em 1908 matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde, em 1913, recebeu o grau de doutor. A sua these de doutoramento, approvada com distincção, versou sobre o «Soro diagnostico da tuberculose — Reacção de Bordet e Gengou». Foi interno da Maternidade da Santa Casa de Misericordia do Rio de Janeiro (1913) e da Maternidade do Hospital Lariboisière, de Paris (1914). Diplomou-se em Trabalhos Praticos de Bacteriologia da Universidade de Paris, sob a direcção dos professores Pierre Marie, Gougerot e Abram. Em 1915 publicou uma excellente monographia «Da reacção de fixação e seu valor no diagnostico da tuberculose — registro das pesquisas a que assistira no Instituto Pasteur, de Paris, pelo dr. A. Besredka. Especializado nos estudos de hygiene, o dr. Alfredo Lyra foi nomeado, em 1920, professor interino de hygiene da Escola Normal de Natal. Em 1922 accceitou o logar de medico legista da Policia. Nesse anno, publicou *Inspecção Medico-sanitar*, livro que mereceu elogios de entendidos no assumpto, quer do Brazil, quer do estrangeiro. O governo do Estado commissionou-o, em

ALI

1923, para iniciar a inspecção medica nas escolas do Rio Grande do Norte. Em fins d'esse anno, o Congresso Legislativo dispensou-o de concurso para cathedrativo de hygiene da Escola Normal, attendendo a «publicações de trabalhos reconhecidos de valor». Em 1924, por solicitação do dr. Carlos Chagas, presidente da commissão organizadora do II Congresso de Hygiene, o dr. Alfredo Lyra escreveu sobre o thema «A Hygiene Escolar na Saúde Publica». Publicou ainda em 1925 *Doenças escolares—escoliose e myopia*, conferencia realizada no Curso de Férias, sob o patrocínio do director do Departamento de Educação; e, em 1929, *Hygiene* (falando e escrevendo), collectanea de artigos e conferencias sobre o assumpto da sua especialidade. O dr. Alfredo Lyra, além de professor cathedrativo de hygiene da Escola Normal de Natal, é membro do Conselho de Educação, intendente do municipio da capital e presidente da Associação Commercial. Desde 1924, dedica-se, tambem, á vida commercial e industrial.

Alfrêdo Pegado de Castro Cortez—Monsenhor. Filho de João Pegado Cortez e d. Maria Paulina de Castro Barroca, nasceu no municipio de Arêz, a 25 de Agosto de 1876. Sentindo, desde muito joven, decidida vocação para o ministerio ecclesiastico, foi cursar o Seminario Diocesano, em Parahyba, onde recebeu as ordens de presbytero no dia 5 de Novembro de 1899. Quando d. Joaquim de Almeida, nomeado bispo de Piauhý, foi empossar-se na sua Diocese, o padre Alfredo Pegado acompanhou-o na qualidade de seu secretario, alli permanecendo até 1911, quando, dada a transferencia de d. Joaquim para a Diocese de Natal, voltou tambem á sua terra. Em 1909 (8 de Novembro), recebeu o padre Pegado o titulo de monsenhor, camarêiro de honra de S. S. o Papa. Na Diocese de Natal, monsenhor Alfredo Pegado passou a exercer o alto cargo de vigario geral, governador do Bispado, tendo, por mais de uma vez, assumido a administração da Diocese, governando-a com applausos das autoridades superiores da Igreja e respeitosa estima dos jurisdicionados. Monsenhor Pegado desempenhou, de 1918 a 1923, o mandato de deputado ao Congresso Legislativo do Rio Grande do Norte e, durante um triennio, o de intendente do municipio de Natal. A 1.º de Dezembro de 1922, a Santa Sé, tendo em attenção os relevantes serviços prestados por monsenhor Alfredo Pegado, conferiu-lhe o titulo de protonotario apostolico *ad instar participationis*. Continua no exercicio de vigario geral da Diocese.

Allice Wanderley—V. *Maria Alice Wanderley*.

ALM

Allyto Bandeira—Militar e homem de letras. Filho legitimo de Odilon Obdolino Pinto Bandeira (fallecido) e d. Vicencia Amelia Pinto Bandeira, nasceu, na cidade de Mossoró, a 15 de Agosto de 1875. Alistando-se no Exercito a 18 de Abril de 1890, matriculou-se, em seguida, na Escola Militar do Ceará, alcançando em 1894 a promoção de 2.º tenente. Fez o Curso Geral Regular, em 1898. Promovido, successivamente, a 1.º tenente (1908), a capitão (1913), a major (1919) e, ultimamente, a tenente-coronel, serve na guarnição do Rio de Janeiro, figurando na sua fé de officio relevantes serviços prestados na protecção aos indios, como auxiliar da Commissão Rondon. Allyto Bandeira tem o diploma de agrimensor. E' casado com d. Rosalia Nancy Bagueira Bandeira, filha do fallecido dr. Bagueira Leal. Poeta de merecimento, além de uma poesia em homenagem á bandeira nacional, premiada em concurso, e de uma outra—*Almas que seja larde*—(tradução do inglez de Ida Goldsmith Moor), publicou um volume de versos, intitulado *Sertanejas*, São, ainda, de sua autoria *A Cruz Indigena*, publicação feita em beneficio dos indios amazonenses do rio Jauapey, (Porto Alegre, 1926), e *O Brasil heróico de 1817*, opusculo.

Alsu-cabello—Monte, de grande elevação, ao S da cidade do Natal.

Allemão—Lagôa, no municipio de Assú,

Allyho—Riacho, affluente, pela margem direita, do rio Totoró, no municipio de Curraes Novos.

Almeida Castro—V. *Francisco Pinheiro de Almeida Castro*.

Almeida Freitas—V. *Joaquim Ayres de Almeida Freitas*.

Almino Affonso—(*Almino Alvares Affonso*)—Orador, jornalista e parlamentar. Nasceu no logar «Coroaá», do municipio de Martins e, hoje, do de Patú, a 17 de Abril de 1840, sendo seus paes Francisco Manoel Alvares Affonso e Luiza Candida Telles de Menezes. Orphão de pae aos oito annos de idade, e sendo sua mãe muito pobre, Almino aprendeu a lêr, segundo a tradição, á luz das fogueiras e em livros que lhe emprestavam pessoas amigas. Mais tarde, tendo adquirido conhecimentos de portuguez, francez, e latim, dedicou-se ao ensino d'essas linguas na cidade de Martins, em Patú de Fóra, Carabubas e Catolé do Rocha, especializando-se no latim, em que se tornou profundamente versado. Nos annos de 1862 e 1863, sob os auspícios de seu tio José Torquato, começou Almino Affonso a trabalhar no foro, indo posteriormente, e a convite do mesmo seu tio,

ALM

para a cidade do Recife, a fim de cursar a Faculdade de Direito, onde se diplomou bacharel, em Dezembro de 1871. Nomeado promotor publico da comarca de Guarabira, em Paralyba, effectuou, a 13 de Fevereiro de 1872, o seu casamento, ajustado, havia tres annos, com sua prima Abigail de Souza Martins. Em Guarabira esteve até Agosto de 1874. Em Setembro desse anno, tendo ido a Catolê do Rocha em visita ao seu irmão Diocleciano, resolveu seguir com este para o Ceará, juntando-se mais tarde a elles o irmão Minervino. Chegando a Fortaleza, Almino Affonso foi nomeado secretario da Presidencia da Provincia e, depois, juiz municipal de Cascavel e Aquiraz, onde fez quadriennio. Reconduzido n'esse lugar, permittiu-o, em 1880, com o dr. Pacó, passando a exercer, na capital, o cargo de procurador fiscal da Thesouraria de Fazenda, de que foi demittido, em 1883, por motivo de um discurso proferido nas festas de embarque do 1.º batalhão. Por esse tempo fazia-se no Ceará intensa e animada propaganda pela libertação dos escravos. O verbo ardente de Almino Affonso, que constituia, segundo um seu biographo, grande elemento para as novas idéas triumphantes, irritava os adversarios da Abolição. De muitas Provincias surgiram protestos pela imprensa contra a demissão de Almino, fazendo José do Patrocínio, no Rio, uma conferencia, perante cerca de duas mil pessoas, em que atacou fortemente o Marquês de Paranáquá, então presidente do Conselho de Ministros. Em 1884, partiu o dr. Almino para o Amazonas a fim de concluir trabalhos de advocacia alli iniciados por seu irmão Diocleciano, fallecido em Baturité. Em Manaus, exerceu por muito tempo a profissão de advogado, redigindo, na mesma epocha, o *Rio Branco*, jornal conservador. Em 1887, foi eleito presidente da Camara Municipal de Mandus. D'ahi, em Julho de 1889, dirigiu no electorado do Rio Grande do Norte uma circular apresentando-se candidato a uma cadeira na Camara dos Deputados. Ao dar-se a proclamação da Republica, de que fôra tambem ardoroso propagandista, conseguiu ser eleito representante de sua terra natal ao Congresso Constituinte, escrevendo, após o seu nome, ao assignar a Constituição de 24 de Fevereiro, a phrase seguinte: *Pro vita civium prope universa republica*. Em 1894, por indicação do partido chefado por Pedro Velho, foi eleito senador, na renovação do terço do Senado. «Na Constituinte, como, depois no Senado, Almino soube impôr-se á estima, á consideração e ao respeito de seus pares pela gentileza de seu trato, firmeza de suas convicções e vigor de seu talento. Um dos traços característicos de sua personalidade politica—diz o dr. Tavares de Lyra (*Historia do Rio G.*

ALT

do Norte, pag. 713)—era o seu buirismo, ás vezes exaggerado. Não perdoava a quem o contrariasse na obtenção de qualquer melhora-mento para sua terra. E, a este proposito, a sua vida parlamentar está cheia de interessantes episodios. De uma feita apresentou, ainda deputado, uma emenda mandando consignar um auxilio de duzentos contos no orçamento da Viação para as obras do abastecimento d'agua á cidade de Macaú. A commissão de finanças deu parecer contrario. Ao ser votada a emenda, peñu a palavra para encaminhar a votação. Procurava justificá-la, falando com o costumeado calor e eloquencia, quando um deputado disse, em aparte, que o auxilio era contrario á Constituição por se tratar de um melhoramento de caracter municipal. Virou-se rapidamente para o apartista e respondeu de prompto: *si a constituição prohibe que se dê agua a quem tem sede é uma constituição irracional*. E tal foi o ardor com que se bateu pela approvação da emenda, que a Camara a votou por quasi unanimidade. Almino Affonso falleceu a 13 de Fevereiro de 1899 (data anniversaria do seu casamento), rodeado da familia, em a casa de sua residencia, á rua Tristão Gonçalves, na capital do Ceará, depois de receber os sacramentos da Igreja e recitar bellissimas orações em latin. A 15 de Novembro de 1929, foi inaugurado na cidade de Martins, a praça da Conceição, um busto em bronze do senador Almino Affonso, offerta do coronel Demetrio Lemos, martinense, official reformado do Exército, residente no Rio de Janeiro. O busto é trabalho do escultor Eduardo Sá.

Almino Affonso—Povoação, situada 20 kilometros a SO da villa de Patú, de cujo municipio faz parte. Almino Affonso tem regular commercio e boa feira semanal. Possui duas escolas rudimentares, e uma capella, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, padroeiro da povoação. E' sede de uma subdelegacia de Policia e tem agencia postal. A povoação foi conhecida pelo nome de *Caciera* até 1914, quando a Municipalidade de Patú lhe deu a denominação de *Almino Affonso*, em homenagem á memoria do notavel riograndense senador Almino Alvares Affonso, natural do municipio.

Alonso de Almeida—V. *Joaquim Alonso Moreira de Almeida*.

Alto do Araújo—V. *Francisco Allino Correia de Araújo*

Alto da Balança—Nome de uma pequena lombada na serra do Livramento, no ponto de ligação d'esta com a serra do Patú. O Alto da Balança é o divisor das aguas dos rios Apody e Upanema.

AMA

AMA

Alto da Bandeira—Denominação pela qual era conhecido até bem pouco o planalto que ainda hoje se vê no bairro do Alecrim, em Natal, começando no cruzamento das avenidas Coronel Estevam e Alexandrino de Alencar e estendendo-se para o lado de SO. Ali construiu uma casa, em 1900, mais ou menos, o subdito inglês Alfredo de tal, pintor, conhecido por 'Marinheiro Alfredo', que, aos domingos, levava na fachada de sua habitação uma grande bandeira vermelha, recordando, talvez, a de sua nacionalidade. Veio d'esse facto o nome de *Alto da Bandeira*, ainda hoje na lembrança de muitas pessoas.

Alto da Conceição—Bairro, na parte suburbana de Mossoró e outr'ora conhecido pela denominação de *Alto dos Macacos*. Fica no lado S da cidade e tem tido, n'estes últimos annos, consideravel desenvolvimento. Funcionam ali duas escolas rudimentares, uma para cada sexo, creadas e mantidas pelo governo do Estado.

Alto da Lanchinha—Nome do trecho terminal da cordilheira Boreborema, no seu percurso em direcção ao mar. O Alto da Lanchinha serve de *divortium aquarum* entre os rios Assú, Cearamirim e Salgado.

Alto do Chapéu—Denominação de um dos esporões da cordilheira Boreborema, na zona do Seridó.

Alto dos Macacos—V. *Alto da Conceição*.

Alvares Bezerra—V. *Antonio Alvares Bezerra*.

Alvaro Antoulo da Costa—Magistrado. Vice-presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, nomeado por Carta Imperial de 1.^o de Setembro de 1885. O dr. Alvaro Costa, natural de Pernambuco, bacharel em direito (turma de 1864), exerceu, entre outros, o cargo de juiz de direito da comarca de Itapecurámirim, Provincia, hoje Estado, do Maranhão, de onde foi remoyido, por decreto de 7 de Dezembro de 1880, para a comarca de S. José de Mipibá, no Rio Grande do Norte. Distinguido com a nomeação de *vice-presidente*, esteve na administração da Provincia por espaço de um mez, apenas—de 22 de Setembro a 22 de Outubro de 1885.

Alverca—Sítio, no município de Taipú, onde se dá a confluencia dos riachos Sêcco e Campestre. Em portuguez menos correcto, chamam-n'o tambem *Alberca*.

Amarella—Lagôa, no município de Paryp, situada 7 kilometros a NE da villa. Não é piscosa, mas conserva-se com agua durante o verão.

Amarella—Serra, no município de Caicó.

Amaroso—Povoado, no município de Macáu. Tem escola primaria, subvencionada pela Municipalidade.

Amaroso—Rio, no município de Macáu e a cuja margem direita está situada a cidade d'este nome. O Amaroso é, antes, um dos trez braços formados pelo rio Assú, nas proximidades de sua embocadura em Macáu. Navegavel, annos atraz, por navios e vapores de médio calado, o Amaroso está hoje muito obstruido pelas arcias trazidas na correnteza, dando accesso sómente a pequenas embarcações. O rio Salgado, quando sahe do município de Angicos e entra no de Macáu, é tambem conhecido pela denominação de *Amaroso*.

Amaro Barreto—(*Ámaro Barreto de Albuquerque Maranhão*)—Industrial. Nasceu em Peruiambuco e, muito moço, veio para o Rio Grande do Norte, estabelecendo-se no commercio e aqui fixando definitiva residencia, a principio em Guarapes e, posteriormente, em Canguaretama, Natal e Macalyba. Foi commerciante em Guarapes, senhor do engenho «Ilha», em Canguaretama, e o contractante da primeira e unica fabrica de tecidos que até hoje se installou no Rio Grande do Norte. Antes, assignara contracto para a construcção de um engenho central no valle de Capió, viajando á Inglaterra e aos Estados Unidos da America com o intuito de levantar o capital necessario, que não foi conseguido, por motivo do pequeno prazo da concessão (15 annos). Quando residente em Macalyba, esforçou-se pelo progresso local, tendo sido da sua iniciativa e direcção a construcção de uma estrada de rodagem ligando aquella localidade á capital. Amaro Barreto, casado com d. Felliciana Maria da Silva e Albuquerque, deu, ainda, á terra riograndense uma descendencia illustre, pois era o pae do senador Pedro Velho, do aeronauta Augusto Severo, do maestro Amaro Barreto, do ex-governador Alberto Maranhão e do industrial Fabricio Maranhão. Sogro do industrial Juvino Barreto. Em 1898, sentindo-se doente, seguiu, a conselho medico, para a cidade do Recife, alli fallecendo no dia 25 de Agosto do mesmo anno. A Intendencia de Natal, prestando merecida homenagem á sua memoria, deu a denominação de *Amaro Barreto* a uma das principaes ruas do bairro do Alecrim, construida n'um trecho da estrada de Natal a Macalyba.

Amaro Barreto—Mestre. Nasceu na cidade do Natal, a 1.^o de Setembro de 1855, sendo seus paes o industrial Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão e d. Felliciana Maria da Silva e Albuquerque. cursou, em Recife, o primeiro anno da Faculdade de Direi-

AMA

to, curso que abandonou para dedicar-se ao estudo da musica, que, sobretudo, o seduzia. Esteve na Europa, onde aperfeiçoou esses estudos, tornando-se um pianista notavel e um proecto mestre de canto. Fixando residencia no Rio de Janeiro, visitava de quando em vez a terra natal, tendo dado aqui duas ou tres audições de piano. Character affectivo e bondoso, Amaro Barreto gosava de larga estíma em Natal e no Rio de Janeiro. Era professor da cadeira de canto no Instituto Nacional de Musica. Falleceu na Capital Federal, em junho de 1922.

Amaro Barreto Sobrinho--Poeta contemporaneo. Nascido na cidade do Natal, em 30 de Julho de 1891, é filho de Joaquim Sci-pião de Albuquerque Maranhão e d. Deborah de Albuquerque Maranhão. Em 1913 deu a publicidade o seu primeiro livro de versos--*Marmores*. Seguiram-se a este *Sombras e Telas*, Natal, 1922; *Natura*, Curraes Novos, 1923; *Os meus angelus*, Minas Geraes, 1928; *Orchestra Selvagem*, Natal, 1929. Barreto Sobrinho reside, actualmente, na capital do Estado do Amazonas.

Amaro Bezerra—(*Amaro Carneiro Bezerra Cavalcanti*)--Politico, chefe do partido liberal na antiga Província. Nascou em Pernambuco, a 15 de Janeiro de 1825. Formado em direito pela Academia de Olinda, em 1847, veio no anno seguinte para o Rio Grande do Norte, onde a principio exerceu a magistratura, abandonando, depois, essa carreira para dedicar-se á advocacia e á politica. Chefiou, em começo, o partido conservador; mas, após a queda do gabinete Zacharias, passou a chefiar a corrente liberal, gosando de real prestigio em toda a Província e de grande influencia na politica nacional. Em Natal fundou o *Diário de Dezembro*, o *Correio Natalense*, o *Liberal do Norte*, o *Liberal e A Liberdade*, jornaes que obedeciam á sua orientação. Sylvio Romero, no seu livro *Historia da Litteratura Brasileira*, fez honrosa referencia a Amaro Bezerra, incluindo-o entre os obreiros de mais merecimento na campanha pela Abolição. Em muitas legislaturas, o dr. Amaro desempenhou o mandato de deputado Provincial, tendo tido tambem assento na Camara dos Deputados do Imperio, eleito pelo Rio Grande do Norte. Proclamada a Republica, o dr. Amaro Bezerra afastou-se do scenario politico, fallecendo, no Rio de Janeiro, a 23 de Novembro de 1890.

Amaro Cavalcanti--Jurisconsulto e financista brasileiro. Nascou na cidade do Ceará, a 15 de Agosto de 1849, sendo seus paes o professor Amaro Soares Cavalcanti de Brito e d. Anna de Barros Cavalcanti. Irão germano do saudoso padre João Maria. Iniciou

AMA

suã vida publica na então Província do Ceará, onde foi professor de latim e inspector de instrucção. Commissionado pelo governo cearense para estudar o systema de instrucção elemental nos E. U. da America do Norte, matriculou-se na escola de direito da *Union University*, de New York, onde fez o curso regular de 12 cadeiras, apresentou these e, passado o exame final (*of graduation*), recebeu, em 1881, o grãtu academico. Nessa escola, onde foram graduados homens como Mac Kinley, Irving, Parker e outros, alcançou o illustre riograndense o logar mais distincto, cabendo-lhe o honroso qualificativo de *Prophet*, dado ao mais instruido da classe. Regressando á patria, submetteu-se ao exame de suficiencia, sendo declarado habilitado para o exercicio da advocacia, a que então se dedicou. Socio effectivo ou honorario de muitas associações nacionais e estrangeiras, inclusive do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, (socio honorario), o dr. Amaro Cavalcanti teve importantes cargos e commissões do governo, taes como: ministro plenipotenciario do Brazil junto ao governo do Paraguay, em 1894; ministro da Justiça e Negocios Interiores, em 1897 a 1898; consultor juridico do Ministerio do Exterior, 1905 a 1906; membro da commissão parlamentar do projecto do Codigo Civil; delegado do governo na 3ª Conferencia Pan-Americana, reunida na Capital Federal em 1906; ministro do Supremo Tribunal Federal, cargo em que se aposentou a 30 de Dezembro de 1914. Homem de rara illustração e de grande amor ao trabalho, o dr. Amaro Cavalcanti enriqueceu a litteratura do paiz com a publicação de valiosas obras de direito, finanças, religião, politica, etc., entre as quaes mencionaremos as seguintes: *A Religião*, Ceará, 1874; *Educção Elemental nos Estados Unidos*, Ceará, 1881; *Enstina moral e religiosa nas escolas publicas*, Rio, 1883; *Finances (do Brazil)*, Paris, 1889; *Resenha financeira do ex-Imperio*, Rio, 1890; *Reforma monetaria*, Rio, 1891; *Politica e Finanças*, Rio, 1893; *O meio circulante nacional*, Rio, 1893; *A situação politica em a interferença do Governo Federal nos Estados da União*, Rio, 1893; *Elementos de Finanças*, Rio, 1896; *Tribunção constitucional*, Rio, 1896; *Regimen federativo*, Rio, 1900; *Sobre a unidade do direito processual*, Rio, 1901; *Direito das obrigações*, Rio, 1901; *O arbitramento (no direito internacional)*, Rio, 1902; *A Justiça Internacional*, Rio, 1902; *Taxas protectoras nas tarifas aduaneiras*, Rio, 1903; *Responsabilidade civil do Estado*, Rio, 1905; *Trabalhos*, (na 3ª Conferencia Internacional Americana), Rio, 1906. O dr. Amaro Cavalcanti representou o seu Estado natal, como senador, no Congresso Constituinte da Republica e na primeira legislatura (1891--1893), representando-o, ainda, com

AMB

o mandato de deputado, na 3.^a legislatura (1897—1899). Foi prefeito do Distrito Federal. A Prefeitura deu, mais tarde, o seu nome a uma das avenidas do Meyer. O dr. Amaro Cavalcanti falleceu no Rio de Janeiro, á rua Rio Grande do Norte, no dia 28 de Janeiro de 1922. Tem a denominação de *Amaro Cavalcanti* o grupo escolar de S. Thomé.

Amaro Theot Castor Brazil—Padre. Natural do Rio Grande do Norte, foi vigário em diversas paróchias, inclusive a de Campo Grande, do actual município de Augusto Severo, terra do seu nascimento. Declarada a guerra do Paraguay, em 1865, seguiu, em companhia de trez irmãos, todos como voluntários, para o campo das operações. Tendo feito toda a campanha, o padre Amaro voltou á sua terra com as honras de official, continuando no seu ministerio, cercado de geral estima e respeito. Falleceu, em avançada idade, no anno de 1901.

Ambrosio Ferro—(*Ambrosio Francisco Ferro*)—Padre. Vigário da paróchia de Natal, ao tempo da dominação hollandeza. Aachando-se recolhido á fortaleza, em vista da ferocidade dos indios, no dia 3 de Outubro de 1645, foi o padre Ambrosio mandado com outros companheiros, de ordem de João Bullestrate, membro do Supremo Conselho do Brazil Hollandez, para o logar Horuassá! (*Urussai*, povoação do município de Macaéhyba), e ahi, entregues aos indios, foram immediatamente sacrificados». (Nestor Lima, *A matriz de Natal*, citando *Dominio hollandez no Brazil*, do dr. A. Tavares de Lyra). Rocha Pombo, na sua *História do Estado do Rio Grande do Norte*, descrevendo a maneira por que foram executadas as ordens de Bullestrate, disse o seguinte: «Ao padre Ambrosio Francisco Ferro, vigário de Natal (e que era um dos que se haviam refugiado na fortaleza, e nada tinha com a guerra que se desencadeava) fizeram barbaridades tão infames e taes requintes de cruza, estando ainda vivo, que—diz Southey—tenho vergonha de escrevel-as... Bem se pôde imaginar o que fariam herejes a um sacerdote tão honrado e virtuoso, só pela ufania de mostrar odio e infligir ultraje á religião catholica...» Tem o nome de *Ambrosio Ferro* a escola rudimentar de Urussá.

Ambrosio Machado—Capitão-mór governador da Capitania do Rio Grande do Norte, ao tempo do Brazil colonia. No seu governo—diz o desembargador Vicente de Lemos (*Capitães-móres e governadores do Rio Grande do Norte*, vol. I cap. VII, pag. 12)—«os colonos viviam da industria pastoril e da pesca, e além do fabrico de assucar no engenho Cumhahú, extrahiam sal das salinas de Aguar-mart». Em 1619, quando ainda governava Am-

AME

brosio Machado, «terminaram as obras da igreja matriz, começada desde os tempos da conquista. Isto consta da data gravada na pedra fundamental, que foi encontrada por occasião de ser augmentada no anno de 1786, depois de ser reedificada em 1694, pois os hollandezes, no período da sua conquista, arrazaram a primitiva igreja». O desembargador Lemos informa, ainda, que a nomeação de Ambrosio Machado é de 20 de Agosto de 1616, ignorando a data da posse e presumindo que o seu governo não terá ido além do anno de 1621. De documento fornecido ao Barão de Studart por Capistrano de Abreu e transcripto pelo dr. A. Tavares de Lyra, em sua *História do Rio Grande do Norte*, consta que o capitão-mór chamava-se *Ambrosio Machado de Carvalho*. O documento referido—«Descrição do Rio Grande»—assignado por *Domingo da Beiga*, contém uma relação nominal de 8 capitães-móres que o signatario diz ter alcançado na Capitania, incluindo *Ambrosio Machado de Carvalho*. Nessa relação nota-se, porém, evidente descaço pela ordem chronologica e, pior ainda, a omissão dos nomes de dois governantes intermediarios—João Rodrigues Collaço e Francisco Caldeira Castello Branco—ambos mencionados pelo desembargador Vicente de Lemos, que indicou actos por elles praticados no governo (concessão de datas de terra). O auto da repartição das terras da Capitania, publicado no volume VII, n. I, da «Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte», relaciona nada menos de 53 datas concedidas por João Rodrigues Collaço e 12 concedidas por Francisco Caldeira Castello Branco. É certo que nos archivos do Rio Grande do Norte não existem documentos originães anteriores á conquista hollandeza—todos destruidos pelos batavos invasores—razão pela qual o autor dos *Capitães-móres*, privado d'esse precioso auxilio, guiou-se até 1654, pela opinião e pelo testemunho dos escriptores e chronistas de maior nomeada; só a partir dessa epocha lhe foi possível um estudo comparativo de documentos, muitos d'elles recolhidos aos archivos do nosso Instituto Historico. Ainda assim, a nosso ver, e levando em consideração os defeitos apontados na «Descrição» de Beiga, não podemos tê-la, por si só, na conta de documento decisivo, nem mesmo para admitir como certo que Ambrosio Machado tivesse, a mais, o sobrenome de *Carvalho*.

Amelixa—Serrote, no município de Augusto Severo.

Americo de Macêdo—Poeta, nascido na cidade do Assú, a 29 de Dezembro de 1877. Foram seus paes o coronel Antonio Soares de Macêdo e a d. Francisca Francelina de Macêdo

AMP

e Araújo. É irmão germano, como se vê, de Abdou e Afonso de Macêdo, mencionados anteriormente. Aferrico de Macêdo é funcionário municipal em Assu, onde reside. O seu livro—*Sombras*—há tempos preparado, continúa inédito, embora muitas das suas produções tenham apparecido em jornaes e revistas. (V. Ezequiel Vanderley, *Avulsos do Rio Grande do Norte*, pag. 137).

Amparo—Riachão, no município de Caicó.

Amphiloquio Camara—(*Amphiloquio Carlos Soares da Camara*)—Bacharel em sciencias e letras, professor normalista e bacharel em direito. Nasceu a 25 de Outubro de 1839, na cidade do Natal, e é filho legitimo do major João Carlos Soares da Camara e d. Geracina Leonilla Soares da Camara, descendendo, pela linhagem paterna, dos Morgallos de Portugal, expatriados para o Brazil. Bacharel em sciencias e letras, pelo Atheneu Norte Rio-grandense, e professor diplomado pela Escola Normal de Natal, foi nomeado inspector de Ensino, tendo, n'esse caracter, percorrido varias vezes todo o interior do Estado. Em 1921, após um curso em que obteve grande maioria de approvações distinctas, recebeu, na Faculdade de Direito do Recife, o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. De 1922 a fins de 1923, desempenhou no Rio de Janeiro a commissão de delegado geral do Rio Grande do Norte junto á Exposição Internacional do Centenario, passando, em 1924, a representar o Estado no Museu Commercial e Agrícola do Ministerio da Agricultura. Nomeado secretario geral do Estado, regressou a Natal, assumindo as funcções do seu novo cargo a 15 de Junho de 1925, iniciando desde logo uma completa reforma na Secretaria, que recebeu nova organização e novo regulamento. Desde os tempos de estudante Amphiloquio Camara tem pronunciadas sympathias pela vida da imprensa, fundador, director e collaborador, que foi, de diversos jornaes e revistas litterarias, ao mesmo tempo que organizava e orientava associações de letras e artes. Fundou e dirigiu, igualmente, *A Semana*, (1915) e *A Noticia*, jornal de combats, publicado de 1921 a 1925. Collaborou no *O Dia*, no *O Tempo*, no *Jornal da Manhã*, na *Imprensa* e é, ainda, collaborador da *A Republica*. Em 1914, consorciou-se, em primeiras nupcias, com a professora Aurea Fernandes Barros, sua condiscipula do curso normal, de familia natalense e fallecida em 1916; e a 2 de Abril de 1924, em segundas nupcias, na cidade de Bello Horizonte, com d. Jandyrá de Paula Camara, de familia mineira. O dr. Amphiloquio Camara exerce, actualmente, os cargos de director geral da Estatística do Rio Grande do Norte, nomeado por acto de 31 de

AND

Dezembro de 1927, e inspector feital do Ensino, nomeado por portaria do ministro do Interior, de 31 de Julho de 1928. Publicou, em 1923, *Scenários Norte-Rio-grandenses*.

Amyntas Barras—V. *Francisco Amyntas da Costa Barros*.

Anchleta—V. *Bacava*.

Ancorêta—Gruta, de grande profundidade, na serra do Apody, na parte em que esta atravessa o município de Mossoró.

Andrades—Lagôa, no município de Mossoró.

André Correia—Lagôa, no município de Areia Branca. Ha duas com este nome—*a de dentro e a de fora*.

André da Rocha—V. *Manuel André da Rocha*.

André de Albuquerque Maranhão—Coronel de milicias e chefe do movimento republicano de 1817 na Capitania do Rio Grande do Norte. Nasceu, no actual município de Canguaretama, entre os annos de 1775 a 1780. Era filho de André de Albuquerque Maranhão e d. Antonia Joaquina do Espírito Santo Ribeiro. Estudou humanidades, em Natal, com o dr. Antonio Carneiro de Albuquerque Gondim e, segundo informe tradicional, viajou pelo Rio de Janeiro e Lisboa, fidalgo cavalheiro de solar e linhagem, rico proprietario no Cunhaú, André de Albuquerque occupava, em 1817, com o posto de coronel, o lugar de commandante do regimento de cavallaria miliciaria, na repartição do sul, d'esta então Capitania. Chegadas de Recife as noticias do preparo e explosão do movimento republicano, André de Albuquerque, que a elle adherira, concertou com amigos possuidos das mesmas idéas, entre os quaes se salientavam os padres João Damasceno Xavier Carneiro e Antonio de A. Montenegro, o plano de estabelecer no Rio Grande do Norte um governo solitário com o que se installara em Pernambuco. Aproveitando-se da circumstancia de ter o governador José Ignacio Borges se ausentado da sede da Capitania para ir conferenciar, em Coayaninha, com as auctoridades que guardavam a fronteira do sul, e vigorar com a sua presenca os animos tibios e enfraquecidos dos povos, André de Albuquerque prendeu-o, no engenho «Belém», de S. José de Mipibú, onde permitira de regresso a Natal. Deixando o governador sob vigilancia no alludido engenho, André de Albuquerque dirigiu-se com as suas tropas para a cidade do Natal, onde installou, a 29 de Marco, um Governo Provisorio, sob a sua presidencia, do qual fizeram parte, como membros, Antonio Germano Cavalcanti de Albuquerque, commandante da companhia de linha, o coronel de milicias Joaquim José do Rego Barros, o capitão de milicias Antonio da Rocha Bezerra

AND

e o padre Feliciano José Dornellas, vigário de Natal. A 25 de Abril seguinte, com a retirada de tropas auxiliares que tinham vindo de Parahyba, rebentou uma contra-revolução, promovida por moradores da cidade, já então apoiados pela força de linha. Os realistas invadiram n'esse dia a casa onde André de Albuquerque estabelecera a sua residência, e o grande chefe, que conseguira fazer a sua revolução sem o derramamento de uma só gota de sangue, recebeu uma estocada mortal, sendo, em seguida, conduzido preso para o *quarto escuro* da fortaleza dos Santos Reis Magos, onde expirou no dia seguinte. Foi, então, seu corpo conduzido pelas ruas, sem um simples ataúde, recebendo por mortalha uma esteira, que a caridade de uma senhora conseguiu impôr aos condutores, e só enterrado em logar sagrado (interior da igreja matriz) a instancias do vigário da parochia.

André de Albuquerque Maranhão Junior—Vice-presidente da Província do Rio Grande do Norte, nomeado por Carta Imperial de 29 de Maio de 1843. Parente de André de Albuquerque, não era, entretanto, seu descendente, como pelo nome poderia parecer. Esteve na administração da Província, de 7 de Junho de 1843 a 8 de Janeiro de 1844 e representou-a, com o mandato de deputado geral, no anno seguinte. Governou tambem, e por mais de uma vez, a Província da Parahyba. Diz-se que era natural do municipio de Aréz.

André Nogueira da Costa—Capitão-mór governador do Rio Grande do Norte, no Brazil colonia. Nomeado por Patente Real de 31 de Março de 1708, governou de 30 de Novembro d'esse anno a igual data de 1711. A sua patente de nomeação está registrada ás fls. 8 v. a 11 v. do *Registro de Cartas e Provisões do Senado da Camara de Natal, de 1708—1711*, archivado no Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte. Esse titulo menciona serviços prestados por André Nogueira na Capitania de Pernambuco, no Rio São Francisco, na Côte de Lishôa e no Reino de Angola, por espaço de 17 annos; diz que elle servira como soldado na Côte de Lishôa, alferes da ordenança de Recife e capitão do Rio S. Francisco; que, com o posto de capitão de infantaria de uma léva de soccôro enviada para o Reino de Angola, se embarcára com escala pela Bahia, onde recebeu a gente que se mandava para o dito Reino, havendo-se na viagem com muita satisfação e zelo; que, voltando a Pernambuco, tornou a achar praça em um dos terços d'essa Capitania e, sendo provido por Patente Real no referido posto de capitão do Rio S. Francisco, o exercitou com muita satisfação,

AND

dando execução ás ordens dos governadores, fazendo prender muitos criminosos, que remetteu para Pernambuco, entre os quaes os assassinos de um religioso da Ordem de S. Bento; que acompanhou quarenta leguas ao padre frei Antonio do Rosario, missionario nomeado pela Metropole para os sertões d'aquella Capitania; que guarneceu as praças da mesma com infantaria, por ter noticia de um navio de piratas que andava naquella costa e queria deitar gentes em terra, obrando em tudo com muito acerto; que se houve com muito cuidado e zelo no apresto que se fez para as minas de salitre e na abertura da estrada do rio dos Cabaços até os campos de Buíque, facilitando e persuadindo aos moradores a que concorressem para ella, sem os vexar, nem se fazer despeza alguma da Fazenda Real, não faltando ás mostras geraes, nem se indisciplinando os soldados, ensinando-lhes os exercicios militares para as occasiões que se offercessem, sendo muito recto na justiça, com os pobres caritativo, e muito amado de todos, por ser muito zeloso do serviço de Deus e do Rei. O capitão-mór André Nogueira chegou a Natal n'uma epocha em que a Capitania lutava ainda para dar solução ao problema dos selvícolas, considerado o maior embaraço ao desenvolvimento da colonização. As opiniões variavam, desde a catechese, autorizada e protegida pela Metropole, até a espoliação, o captivo, o massacre, prohibidos expressamente pelas leis e resoluções do Reino, como se vê da Carta de 17 de Janeiro de 1691, dirigida por El-Rei ao governador e capitão-general do Estado do Brazil, Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho. N'esse documento o Rei ordenava a libertação dos índios captivos, indemnizados pelo erario publico os compradores de hão-fé e entregando-se os libertados ao superior dos missionarios; e recommendou severa punição aos que tomassem aos pobres índios as terras que lhes pertenciam, por ser contra o serviço de Deus e do Rei que os índios não gozassem inteiramente de sua liberdade e fossem privados do uso das terras que habitavam. (*Registro de Cartas e Provisões do Senado da Camara de Natal*, n. 3, fls. 19 v. a 25, archivado no Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte). A despeito das determinações contidas na Carta e reiteradas em outras, apontadas pelo governador geral em alvará que enviou ás Capitancias, continuava a guerra contra os índios, accusados de *rebeldia* por se não deixarem espoliar e captivar. André Nogueira, portador, como vimos, de uma bonita folha de serviços e, em verdade, homem muito recto na justiça, com os pobres caritativo, e muito amado de todos, por ser muito zeloso do serviço de Deus e do

AND

ANG

Rei», sentiu-se, todavia, em sérias difficuldades para enfrentar a situação, e por isso procurou ouvir o Senado da Câmara de Natal. Confessando que «não tinha ordem de Sua Magestade, nem ainda do senhor governador de Pernambuco, para esta guerra», pedia ao Senado da Câmara que «lhe dissesse si era conveniente ao serviço Real e bem commum continuar-se com ella, não só castigando estes tapuias rebeldes, mas procurando extinguil-os e acabal-os de todo; porque então veriam os moradores em tranquilla paz e sosiego, e cresceriam os povoadores, e as rendas do dito Senhor se utilizariam, e os bens dos mesmos vassallos se augmentariam; e, assim—acrescentava o capitão-mór—da parte de Sua Magestade requieiro votem n'este particular o que aclarem ser mais conveniente ao bem commum de todos, sem attendereu a respeito particular ou alguma outra tenção que os commova a dizer o contrario do que sentem». O parecer, assignado sem voto divergente, foi no sentido de se continuar a lucta, pelas razões allegadas e «visto já estar o tapuia levantado e principiado a guerra, para que não fôsse a mais a sua ouzadia em crescimento». (*Regatas* citado, livro n. 5, fls. 11 v. a 13). Essa resolução, evidentemente contrária ao pensamento do governo de Lisboa, só pôde ser explicada como medida extrema de defeza, ante a deficiência do serviço de catechese, carecido de mais missionarios, e ante o pavor que a rebellião infundia nos colonos, em numero muitíssimo interior ao dos indios. Ainda assim, o capitão-mór André Nogueira conseguiu manter, sem o apparato de guerra, a defeza dos seus jurisdiccionales. Durante o governo, nomeou alguns cidadãos para postos militares, para escrivões e tabellães, e concedeu diversas datus de terra para edificação na cidade.

André Perolra Themudo—Capitão-mór governador da Capitania do Rio Grande do Norte, no periodo colonial. Divergem os historialores quanto á epocha precisa em que elle exerceu o governo. O desembargador Vicente de Lemos, segundo o Visconde de Porto Seguro, referiu que Themudo fôra nomeado por Patente Real de 1630, não sendo conhecida a data da posse, nem a do termino do seu governo, em vista de não existirem nos archivos do Rio Grande do Norte livros ou documentos de data anterior á conquista hollandesa, todos destruidos pelos conquistadores. O dr. A. Tavares de Lyra—*Historia do Rio Grande do Norte*, pag. 82—citando Manoel Barata (*A Jarrada de Francisco Caldeira Castello Branco e a Fundação da Cidade de Belem*, ed. de 1924), diz poder assegurar que André Pereira Themudo foi o successor de

Ambrosio Machado no governo da Capitania, firmado para isso na propria patente da nomeação, que é de 18 de Março de 1621 e foi publicada por Barata á pagina 50 de sua obra. Na patente está, aliás, declarado que Themudo devia substituir a Ambrosio Machado. E Barata acrescenta que em 1623 André Themudo occupava o posto de capitão-mór do Rio Grande do Norte. Parece-nos que, diante da carta patente, por certo desconhecida do Visconde de Porto Seguro, como o era do desembargador Vicente de Lemos, a asserção do dr. Tavares de Lyra não pôde deixar mais duvida. E diz, ainda, o autor da *Historia do Rio Grande do Norte*, commentando a indicação de Porto Seguro—de ter sido Themudo nomeado em 1630: «Não é possível que tenha governado então. Foi em Fevereiro d'aquelle anno que os hollandezes se assenhorearam de Pernambuco; e entre os que combateram com o maior denodo e audacia, n'essa occasião, figura o capitão André Pereira Themudo, que, na villa de Olinda, pagou com a vida a heroica resistencia que offerecera ao invasor». Entretanto, a divergencia ficou esclarecida só quanto á data da nomeação, permitindo uma corrigenda na ordem chronologica dos governadores da Capitania; as datus do inicio e termino do periodo administrativo continuam ignoradas. André Pereira Themudo, prestára serviços na conquista do Maranhão e do Pará, além de outros prestados em Portugal, valendo-lhe, aquelles e estes, a nomeação para governar a Capitania do Rio Grande do Norte. No Pará, escreveu elle á *Relação do que ha no Grande Rio das Amazonas novamente descoberto*, publicada por Jimenez de la Espaila, «Posto que em forma brevejada disse Manoel Barata, esta preciosa Relação é a primeira chronica escripta sobre o Pará—e André Pereira é o nosso primeiro chronista».

Ancuizra—Lagôa, no municipio de Goy-aninha.

Angela—Serrote, no municipio de Lages.

Angellum de Macêdo—V. *Anni Angellum de Amorim Machado*.

Angelo Conselheiro—(*Angelo Coelano de Souza Conselheiro*)—Magistrado. Nasceu na cidade do Recife, a 14 de Dezembro de 1835, e formou-se em sciencias juridicas e sociaes no anno de 1861. Exerceu, em Pernambuco, os cargos de promotor publico de Exil e Villa Bella, indo depois para Minas Geraes, nomeado juiz municipal do termo de Queluz. Por decreto de 23 de Março de 1878 foi nomeado juiz de direito da comarca de Congaratiama, no Rio Grande do Norte, cargo de que se empossou a 1.º de Julho do mesmo anno. Em 1885, obteve remoção para a comarca de Assu,

ANG

onde viveu alguns annos, gozando de larga estima, pela bondade de seu coração e pela inteireza de seu caracter. Na primeira organização republicana da magistratura do Estado (1891), annullada pelo presidente Miguel Castro, o dr. Cousseiro fôra nomeado desembargador membro do Superior Tribunal de Justiça e eleito presidente. Aposentou-se no seu cargo de juiz de direito. Ainda em Assú, consorciou-se, a 30 de Novembro de 1893, com d. Anna Chaves de Souza Cousseiro, de illustre familia assuense, transferindo mais tarde a sua residencia para a cidade de S. José de Mipibú, onde falleceu a 11 de Junho de 1908. Foi socio correspondente do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Angelo Roselli—Commerciante e proprietario. Nasceu em Ancona, na Italia, a 22 de Julho de 1855, vindo muito moço para Natal, dedicar-se á vida do commercio. Aqui contrahiu casamento com d. Sophiá Pipole, viuva, tambem de nacionalidade italiana. Inteligente e de uma grande capacidade de trabalho, Angelo Roselli tornou-se mais tarde elemento de prestigio no meio commercial, figurando por muitos annos como *leader* da classe. A sua iniciativa ou á sua efficiente collaboração deve Natal alguns dos melhoramentos que hoje possui, sobresahindo entre elles o da fundação da imprensa diaria, em 1893, com o apparecimento do primeiro *Diário do Natal*, propriedade da "Companhia Libro-Typographica Natalense", empreza fundada a 4 de Abril e installada a 6 de Maio de 1892, da qual foi elle a figura principal; o da criação da Associação Commercial (2 de Outubro de 1892), para defeza dos interesses do commercio; o do proseguimento das obras do porto de Natal e entrada dos navios da "Lloyd Brasileiro". Em 1890, obtivera privilegio de zona para o estabelecimento de um serviço de bondes na cidade, o qual não conseguiu installar por falta de capitacs. Cidadão brasileiro por naturalização, foi nomeado, em 1897, tenente-coronel da antiga Guarda Nacional. Exerceu por algum tempo o lugar de vice-consul da Republica Argentina no Rio Grande do Norte. Modesto, de trato affavel e maneiras distinctas, Angelo Roselli teve tambem larga actuação no meio social natalense. De uma interessante chronica de Luiz da Camara Casculdo, publicada na *A Republica*, de 12 de Abril de 1929, trasladamos para aqui os seguintes trechos: "Angelo Roselli, dos Roselli de Ancona, é uma figura viva que fingimos aceitar immobilizada na Morte. Tanta pegada elle deixou lembrando, a vida larga que viveu. Morrendo visinho aos setenta annos, pelo menos meio século esteve grudado a Natal, á Natal velha e deliciosa, dorminhenta á

ANG

beira rio, tão recatada e doce, como a agua móbil e verde. Angelo Roselli andou entre nós n'um exemplo de trabalho intenso, multiforme, vibrante e dispersivo. Assumia iniciativas que, importando responsabilidades, desnor-teiam hoje pelo imprevisto, pela audacia honesta de sua intelligencia. Roselli era um dos homens mais intelligentes que Natal conheceu. Tinha um esmalte litterario que o conhecimento do idioma e a facil eloquencia italiana tornavam brilhante e agil. Para falar, convencer, argumentar, Angelo Roselli era o primeiro. O primeiro em toda Natal commerciante, até bem pouco. Possuia uma palavra plastica, irrequieta, colleante, dumta vivacidade e belleza irresistiveis. Durante cincoenta annos foi a creatura que melhor soube cumprir em Natal. Inda hoje recorda-se a linha impecavel das suas curvaturas. De cacaca, com a faixa de vice-consul argentino, dava successo. Para aquellas épocas primitivas em materia de donear, elle era o *typo raro*, a figura singular e difficil do homem que *sabia entrar e sair n'um salão*. N'uma cidade de habitos folgadamente caseiros, de conversas na calçada e prosa na pharmacia, Angelo Roselli teimou em vestir bem. Já velho, continuava desempenado, duma elegancia natural e clara. As iniciativas de Angelo Roselli? Mil e uma. Aquelle italiano, cidadão brasileiro e oficialmente argentino, era um dynamo. Seu nome está em tudo ou quasi tudo. Commerciante, organizou, disciplinou o espirito da classe. Tenho até vontade de dizer, creou. A Associação Commercial surgiu, como força conciente, graças a elle. Em certas occasiões valia sósinho por muita gente. Na paralyação dos serviços das Obras do Porto, o material já a bordo, o pessoal embarcando, Angelo Roselli obistou que este crime se consummasse. E, depois, os navios do Lloyd foram sacudindo o bico da prôa no canal sinuoso, deante da Redinha. A cidade ainda lhe deve outra coisa. Sofrendo da mania de construir, Roselli semeou casas em Natal como grãos de milho. A Maçonaria reergueu-se, n'uma das suas cabidas, pelo pulso de Roselli. De seu desinteresse existe a prova no predio da *rua de Março*. Positivamente encantador no trato. Um encanto encon-tral-o e ouvil-o. Nas horas mais tragicas sorriu sempre. Tratou bem até sua sorte nos minutos adyersos. Espalhou terrentos e estomas. A sua Companhia Libro-Typographica Natalense explica a imprensa diaria em Natal". Angelo Roselli falleceu, n'esta capital, a 9 de Dezembro de 1924.

Angico—Riacho, no municipio de Assú.

Angicos—Municipio do Estado, a O da capital e comprehendido na região sertaneja.

ANG

Creado, em 1833, por deliberação do Conselho da Província, foi, em 1835, supprindido por disposição da lei n. 20, de 28 de Março desse anno, voltando o seu territorio no municipio de Assú, de onde havia sido desmembrado. Restaurado pela Resolução Provincial n. 9, de 13 de Outubro de 1836, que, igualmente, creou a parochia, manteve-se até 2 de Outubro de 1847, quando soffreu nova supressão, originada de caprichos e rivalidades, sendo annexado a Sant'Anna do Mattos e perdendo, no anno seguinte, até os fóros de districto de paz, mandado incorporar ao da freguezia de Macaú (Res. n. 186, de 25 de Outubro). Em 1850, a Resolução Provincial n. 219, de 27 de Junho, restaurou novamente o municipio de Angicos e respectiva parochia, desmembrados do municipio de Macaú. O municipio de Angicos limita-se: ao N, com o de Macaú; ao S, com os de Sant'Anna do Mattos e Curraes Novos; a L, com o de Lages; e, a O, com os de Sant'Anna do Mattos e Assú. População de 12.313 habitantes, segundo o recenseamento de 1920. Eleitores alistados (em Agosto de 1929), 837. O aspecto physico do municipio é, em geral, o mesmo que apresentam os demais municipios do sertão: terreno mais ou menos acidentado, arenoso e pedregoso, com taholeiros e pequenas varzeas, atravessado a espaços por serras, serrotes e cursos d'agua, de mais ou menos importancia, correndo os rios e riachos sómente na estação do inverno. O clima de Angicos é tido por um dos melhores do Estado, de longa data preferido pelos doentes de molestias pulmonares, que ahí encontram alívio e, em alguns casos, completa cura. O municipio é principalmente criular, possuindo um grande numero de fazendas de criação e só alguns terrenos apropriados á agricultura. Havia em 1920, distribuidos pelo municipio, 359 estabelecimentos rurais. Não ha indústrias fabricas propriamente ditas, porque o trabalho n'esse ramo de actividade é restricto, como em outros municipios. A factura de queijos de manteiga e de coalho e alguns objectos de couro e de palha de carnalhú. O commercio, além de pequenos estabelecimentos de secos e ualhados existentes na villa (sede municipal), povoações e povoados, conta apenas com algumas casas de maior movimento e agencias para compra de algodão, pelles e cêra de carnalhú, destinados á exportação. Em 1890, a renda municipal era, apenas, de 737\$000, tendo sido fixada a despesa d'esse anno em.... 740\$000; em 1910, esse orçamento subia a 2550\$000, receita e 1:786\$000, despesa; em 1927, já a receita attingia a 30:750\$000, para attender a despesa de igual monta. O orçamento para 1930 calculou a receita na quantia de 40:000\$000, fixando a despesa em igual

ANG

quantia. A Municipalidade subvenciona escolas primarias nas povoações de Canto Grande, Carapêbas, Epitacio Pessoa e S. Romão. O territorio do municipio de Angicos constitúe um só districto judiciario, da comarca de Lages, e uma só freguezia ecclesiastica, creada, como já vimos, em 1836 e tendo por padroeiro o patriarcha São José. Em 1894, o registro parochial de Angicos inscreveu, segundo Monsenhor F. Severiano (*Anuario Ecclesiastico da Parahyba do Norte*), 460 baptizados, 10 casamentos e 15 óbitos; em 1910, 498 baptizados, 99 casamentos e 145 óbitos. A escravidão foi extincta no municipio a 1.º de Abril de 1888. A fundação de Angicos começou de uma fazenda de criar gados, situada no logar da actual villa e de propriedade do tenente Antonio Lopes Viegas. Em 1813, um filho d'este proprietario, de igual nome, auxiliado pelos seus parentes, edificou uma pequena capella, sob a invocação de São José, a qual ficou sendo filial da igreja matriz de Sant'Anna do Mattos, até 1836, quando foi tambem elevada a matriz. A denominação de *Angicos*, segundo a tradição, veio de uma grande quantidade de arvores d'este nome, que existia nas adjacencias do riacho Olho d'Agua, alguns metros abaixo da villa. Entre os filhos mais illustres do municipio, figuram: o capitão José da Penha, militar e homem de letras; jornalista Pedro Avelino; cadete José Avelino Martins Bezerra, combatente na guerra do Paraguy; coronel José Rufino, chefe politico (estes fallecidos); jornalistas Georgino Avelino e José Felix; o coronel Luiz Pinheiro, chefe politico e deputado Estadual em mais de uma legislatura; Emygílio Avelino, advogado provisionado e tambem deputado em várias legislaturas; Luiz Xavier, poeta contemporaneo.

Angicos—Villa, sede do municipio do mesmo nome, 190 kilometros a O da capital do Estado. Até 1836 era simples povoação, porque não prevalecera o acto do Conselho da Província que, em 1833, a elevára de categoria. Só a 13 de Outubro de 1836, alcançou por força de lei (Resol. Prov. n.º 9) os fóros de villa, sede do novo municipio creado n'essa data. A villa de Angicos é situada á margem esquerda do rio Patachó, em terreno arenoso e plano. Compunha-se em 1892, consoante informe do então vigário, padre Felix Alves de Souza, de um total de 69 edificios, sendo 3 publicos e 66 particulares, todos de tijollo e telha, bem construidos, formando um quadro de bonita vista (ao centro do qual apparecia a igreja matriz) e mais tres pequenas ruas adjacentes. Hoje, contam-se seis ruas principais, com predios de regular construção, tendo muitos dos antigos recebido uteis modificações e reformas. Desta-

ANN

cam-se como edificios mais importantes o da igreja matriz, ha poucos annos remodelado, o do Grupo Escolar José Rufino, o da Intendencia Municipal, o do Mercado Publico e o da cadeia e quartel, com dous pavimentos. A villa de Angicos é servida por estação do Telegrapho Nacional (convergencia de 13 linhas telegraphicas) e agencia do Correio, de 4.ª classe, cujo rendimento em 1928 subiu a 1:130\$370; a sede de uma delegacia de Policia e de duas agencias de renhas, uma Federal, outra Estadual. Na villa, funcionam o Grupo Escolar José Rufino, inaugurado a 7 de Março de 1912 (hoje em outro prédio, concluido em 1927) e algumas escolas particulares. A villa está ligada á cidade do Assú, distante 40 kilometros a NO, por uma boa estrada de rodagem, communicando, ainda, por estradas carroçaveas, com as cidades de Sant'Anna do Mattos (30 kilometros ao S) e Lages (45 kilometros a L) e povoações de Carapêbas, Epitacio Pessoa, e S. Romão. A 4 kilometros da villa, na direcção NE, está o campo de Ararinha, cuja construcção foi iniciada a 15 de Outubro de 1928, para o serviço de aviação.

Angicos—Lagôa, no municipio de Portalegre.

Angicos—Lagôa, no municipio de Touros. Sécca nos rigorosos verões.

Angicos—Riacho, affluente do rio Cipó, no municipio de Curraes Novos.

Angicos—Serra, no municipio de Santa Cruz.

Angicos—V. *Aroeira*, riacho.

Angicos—V. *Itahil*, povoação.

Angyona Costa—V. *João Angyona Costa*.

Auanga—Povoação, no municipio de Cearámirim. Tem capella, dedicada a N. S. da Penha. *Auanga*, vocabulo indigena, é nome de uma planta paludicola.

Angos—Riacho, no municipio de Curraes Novos. É tributario, pela margem direita, do rio Arcaia.

Anna Angellina de Amorim Macêdo—Poetisa. Filha legitima do tenente-coronel Luiz Gomes de Amorim (fallecido) e d. Anna Maria Soares de Araújo Amorim, nasceu na cidade do Assú, a 22 de Janeiro de 1875. Em 21 de Julho de 1896 casou-se com o seu primo João de Macêdo. Angellina de Macêdo collaborou, com apreciações producções poeticas, em diversos periodicos e no *Almanak do Assú*. Falleceu, em Assú, aos 31 annos de idade, no dia 3 de Junho de 1906.

ANT

Anna Lima—(*Anna Lima Pinental*)—Poetisa. Nasceu na cidade do Assú, a 16 de Maio de 1887, sendo seus paes o coronel Galdino dos Santos Lima e d. Anna Souto dos Santos Lima. Em 1899 transferiu residencia, com a sua familia, para o capital do Estado, onde, a 22 de Dezembro de 1906, consorciou-se com o professor Celestino Pinental. Collaboradora das revistas e periodicos litterarios de Assú e Natal, Anna Lima publicou, em 1901, um volume de versos—*Verbenas*—prefaciado pelo jornalista Pedro Avelino, que na sua justa apreciação sobre o mérito do livro, assim se expressou: "Nos versos de Anna Lima duas notas ressaltam nitidas—a affectividade e a espontaneidade. A primeira é tipica da sua organização sentimental; a segunda define e accentua a natureza do seu talento". (Ezequiel Wanderley, *Poetas do Rio Grande do Norte*, pag. 162). A poetisa conterranea falleceu, em Natal, a 18 de Janeiro de 1918, deixando inéditas muitas das suas inspiradas producções poeticas.

Anta Esfolada—V. *Nora Cruz*.

Antas—Lagôa, no municipio de Luiz Gomes.

Antas—Serra, no municipio de Mossoró, 50 kilometros a NO da cidade. Faz parte da cordilheira central do Apody, tem vertentes d'agua pelas encostas e as suas terras prestam-se para criações diversas e para o cultivo de cereaes. Chamam'a tambem serra das Antas e serra Dantas.

Antonio Alvares Bezerra—Poeta. Nasceu na cidade do Natal, a 13 de Outubro de 1896, sendo filho legitimo de Joaquim Alves Bezerra e d. Angela Alves Bezerra. Aqui, publicou *Idolo Partido* (poema); em S. Paulo, onde residiu algum tempo, foi redactor do periodico *A Nota do Dia* e deu á publicidade *Almeceas*, livro de poesias, editado em 1928. Alvares Bezerra tem, em preparo, um outro livro, intitulado *Lyra do Pir do Sol*. Reside, actualmente, na cidade de Itaocitara. Estudo do Amazonas, exercendo alli o lugar de director das obras publicas municipais.

Antonio Antidio de Azevêdo—Poeta. Filho de Horacio de Azevêdo e d. Marcondilla C. de Azevêdo, nasceu, na cidade de Jardim do Seridó, a 13 de Junho de 1887. Os seus versos têm apparecido em jornaes e revistas, sabendo-se que está em preparo o seu livro, a que deu o titulo de *Gonçulos e Cantos*. Antidio de Azevêdo reside na cidade do seu nascimento, onde exerce as funcções de tabellião publico.

Antonio Arelas—(*Intenão Francisco Arelas Junior*)—Padre. Nasceu na cidade do Natal, em

ANT

o anno de 1835, sendo seus paes Antonio Francisco Areias e d. Genoveva Areias. Ordenou-se presbytero, tendo exercido o ministerio sagrado, na qualidade de vigário, em Escalá, (Pernambuco), e Bahia da Traição, (Parahyba do Norte). Foi tambem capellão da Armada, servindo na Companhia de Aprendizes Marinheiros do Rio Grande do Norte. Cultor do verso, foi um dos bons poetas do seu tempo, collaborando nos jornaes de Natal e no *Diario de Pernambuco*. Ao romper da questão religiosa, divorciou-se da fé catholica, publicando um pamphleto intitulado "O Evangelho de Christo perante a igreja dos papas", publicação que teve como consequencia a sua suspensão das ordens sagradas. O padre Areias falleceu, em Natal, a 14 de julho de 1859.

Antonio Augusto de Carvalho Chaves—Jornalista e politico. Nasceu em Macahyba, a 26 de Março de 1875, sendo seus paes o dr. Joaquim Gonçalves Chaves Filho e d. Francisca Teixeira de Carvalho Chaves. Em 1895, recebeu na Faculdade de Direito do Recife o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, seguindo logo para o Estado do Paraná, onde foi exercer o cargo de secretario de Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrução Publica. Foi depois secretario das Finanças (1900 a 1901) e deputado ao Congresso Legislativo (1900 a 1907). Em 1904, o Estado do Paraná elegeu-o seu representante á Camara dos deputados Federaes, renovando esse mandato até a legislatura de 1914. O dr. Carvalho Chaves, socio de diversas associações de sciencias e lettras, reside em Curitiba, dedicando-se, actualmente, á advocacia e ao jornalismo.

Antonio Basilio Ribello Dantas—Coronel de milicias, agricultor e politico no municipio de S. José de Mipibá, de onde era natural. Nomeado vice-presidente da Provincia por Carta Imperial de 6 de Setembro de 1860, exerceu o governo, de 15 de Abril a 13 de Maio de 1867.

Antonio Basilio Ribello Dantas (2o)—Tenente-coronel da antiga Guarda Nacional, agricultor e politico no municipio de S. José de Mipibá, onde nasceu a 13 de Junho de 1829. Filho do coronel Antonio Basilio, precelentemente referido, dedicou-se, como seu paé, á politica militante, sendo figura saliente do partido liberal, chefiado na Provincia pelo dr. Amaro Bezerra, de quem era amigo leal e correligionario decidido. O tenente-coronel Antonio Basilio exerceu diversos cargos de eleição popular, tendo desempenhado, em varias legislaturas, o mandato de deputado Provincial. Nomeado vice-presidente, assumiu, por cinco vezes, a administração da Provincia, e era

ANT

o detentor do governo do Rio Grande do Norte quando se deu a proclamação da Republica, em 1889. Possuiu regular fortuna, mas morreu pobre, legando á familia um nome illustre e honrado. Falleceu, em Natal, a 21 de Novembro de 1894.

Antonio Bento de Araújo Lima—Coronel da antiga Guarda Nacional, agricultor, criador e politico. Nasceu na povoação de S. Miguel de Taipá, do actual municipio de Sapé, Estado da Parahyba, a 14 de Fevereiro de 1829. Vindo, em 1859, para o Rio Grande do Norte, fixou residencia no municipio de Goyaninha, onde constituiu familia, tornando-se alli proprietario do engenho "Bom Jardim" e dedicando-se á agricultura e á criação. Militando nas fileiras do partido liberal da antiga Provincia, foi eleito deputado Provincial para o biennio de 1878-1879 e reeleito para os de 1880-81 e 1882-83. Por Carta Imperial de 14 de Maio de 1883, foi nomeado 5o vice-presidente da Provincia e, por patente de 16 de Fevereiro de 1884, coronel comandante superior da Guarda Nacional na comarca de Cangaruaranna. De 1881 a 1884, exerceu o lugar de presidente da Camara Municipal de Goyaninha, tendo tambem abito occupado, no periodo monarchico, os cargos de delegado de Policia e 1o supplente do juiz municipal. Durante dez annos (1879 a 1886) o coronel Antonio Bento chefiou o partido liberal no municipio de Goyaninha, agindo sempre com firmeza e probidade. Proclamada a Republica, foi ainda eleito deputado ao primeiro Congresso Constituinte do Estado e presidente da Intendencia Municipal de Goyaninha; mas, pouco depois, abandonou a politica, fatigado e desilludido. Falleceu, na sua propriedade "Bom Jardim", a 7 de Dezembro de 1911.

Antonio Bernardo de Passos—Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, nomeado por Carta Imperial de 1o de Outubro de 1853. Diz-se que era natural de Pernambuco e bacharel em direito. Não se formou, ao que parece, na Academia de Olianda ou Recife, porque o seu nome não figura na lista geral dos diplomados por essa Escola. Chegando a Natal, empousou-se no governo do Rio Grande do Norte a 24 do mesmo mez e anno, e n'elle se conservou até 1o de Abril de 1857. O presidente Passos prestou á terra riograndense valiosissimos serviços, interessando-se vivamente pelo seu progresso. Em lucta contra a epidemia do *chikangorria*, que pela primeira vez invadira a Provincia, dispondo de poucos recursos orçamentarios, o operoso administrador conseguiu, de logo, attenuar os effeitos da calamidade, por meio de promptas e efficazes providencias. Com-

ANT

struiu um hospital de caridade, prélio espaçoso e confortavel em relação á epocha e que, actualmente, beneficiado por uma grande reforma (1929), serve de quartel á Policia Militar, situado em uma das ruas da Cidade Alta, a que a Municipalidade, por merecida homenagem, deu a denominação de "Presidente Passos"; ordenou a construção de um cemiterio publico, que é hoje, ampliado e remodelado, o Cemiterio Publico de Alecrim; e tomou medidas outras tendentes a evitar a propagação da peste e proteger os doentes. O relógio publico, que ainda hoje se ostenta na torre da Sé, prestando uteis serviços á população de Natal, foi adquirido por iniciativa do presidente Passos, mediante subscrição popular, para a qual quiz elle proprio contribuir com o seu auxilio particular. Não teve, porém, o prazer de assistir á montagem do relógio, porque, antes, retirou-se da Provincia, cabendo a outrem a tarefa de construir a torre para o seu assentamento e para installação do telegrapho optico. O presidente Passos inaugurou, ainda, em Natal, uma feira publica. Ignora-se o logar e data do seu falecimento.

Antonio Bezerra de Menezes—Monsenhor, Riograndense do Norte, nascido no municipio de Canquaretama. Ordenou-se presbytero na Diocese de Piahy, exercendo alli vários cargos de nomeação da autoridade diocesana. Em 1925, foi eleito bispo da Barra, na Archidiocese da Bahia, renunciando ao episcopado antes mesmo de receber a sagração.

Antonio Carlos—(*Antonio Carlos Fernandes Pimenta*)—Chefe politico sertanço. Nasceu na cidade do Martins, a 3 de Janeiro de 1857, sendo filho legitimo do tenente Manoel Lucio Fernandes e d. Innocencia Gaudencia Fernandes. Passando a residir em Caralubas, ali estudou linguas e sciencias, dedicando-se á advocacia, profissão em que adquiriu grande nomeada. Como politico, era o chefe unico do eleitorado caralubense, contando-se a seu respeito o seguinte e curioso episodio; Compouso-se a força eleitoral do municipio de cerca de 500 votantes, e estando Antonio Carlos em opposição ao partido dominante no Estado, apenas um eleitor votava com o governo. E esta exquisita excepção—informa um seu biographo—"justificava o procedimento correcto do povo caralubense, que muito sentia em ver o supremo chefe Estadual *sem ter onde pôr o chapéo*, si acaso tocasse n'aquella villa" (hoje cidade). Antonio Carlos foi deputado Provincial (pele 2^a districto) nas legislaturas de 1882 a 1887. Escreveu uma interessante monographia sobre *O Olho d'Água do Milho*, conhecida fonte de aguas thermais existente no municipio de Caralubas, mono-

ANT

graphia que não foi publicada e que, no dizer do mesmo biographo, "constitue uma obra de incontestavel valor historico". Falleceu, em Caralubas, na manhã de 25 de Março de 1899. Em homenagem á sua memoria, foi dado o seu nome ao grupo escolar da cidade.

Antonio Carvalho de Almeida—V. *Antonio de Carvalho e Almeida*.

Antonio Damasceno Bezerra—Poeta contemporaneo. Nasceu, na capital do Estado, a 23 de Setembro de 1902 e é filho legitimo de João Damasceno Ribeiro e d. Josephia Isabel do Nascimento. Desde muito moço, Damasceno Bezerra começou a revelar o seu estro poetico, publicando deliciaes versos, de encantador lyrismo, nos jornaes e revistas da imprensa indigena. Em 1925, trabalhou nas officinas da Imprensa Diocesana, fornecendo, a esse tempo, apreciadas produções para o *Diario de Natal*. Foi funcionario da Inspectoria de Obras Contras as Secas e da Commissão de Prophylaxia Rural. Actualmente, Damasceno Bezerra é revisor na Imprensa Official do Estado e auxiliar de redacção da *1^a Republica*. Tem, inédito, um volume de poesias—*Terra Evangelizada*—dividido em duas partes, uma d'ellas sobre assumptos exclusivamente regionaes.

Antonio da Rocha Bezerra—Membro do Conselho da Provincia, em 1826. N'essa qualidade, teve de assumir o governo do Rio Grande do Norte, exercendo-o no periodo de 8 de Maio de 1826 a 21 de Fevereiro de 1827, data, esta ultima, em que se apresentou o novo presidente nomeado, José Paulino de Almeida e Albuquerque. Diz Rocha Pombo (*Historia do Estado do Rio Grande do Norte*, pags 323 e seguintes) que Rocha Bezerra governava novamente a Provincia, em fins de 1830, quando occorriam em diversos pontos do paiz os successos que precederam á abhicação de d. Pedro I, imperador do Brazil. Em Natal houve rebelliao no quartel, exigindo os rebellaos a demissão de diversas autoridades militares e do secretario do governo, impondo a mais que o coronel Costa Pacheco, commandante das armas, deixasse a Provincia dentro de tres dias, chamando-se para substitui-lo um official *brasileiro* nato. Deu-se tambem n'esse tempo a rebelliao do celebre caudilho Pinto Madeira, a qual, tendo sido no Crato (Cará), entendem-se a alguns municipios do Rio Grande do Norte. Rocha Bezerra, segundo o mesmo escriptor, teria entregue a administração ao presidente dr. Joaquim Vieira da Silva e Souza no dia 22 de Fevereiro de 1832. Da lista dos cidadãos que governaram a Provincia, publicada na *Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Gran-*

ANT

de do Norte (vol. XVIII-XIX, pag. 101) não consta, entretanto, que Rocha Bezerra fôsse o antecessor immediato do presidente Joaquim Vieira. Por ella se vê, e de conformidade com outra por nós consultada, que Joaquim Vieira recebeu o governo directamente, e na data referida, das mãos do presidente José Paulino de Almeida e Albuquerque. Rocha Bezerra fôra, sim, o antecessor d'este ultimo. Não encontramos documento esclarecedor da divergencia, existente, por certo, nos archivos do Rio de Janeiro.

Antonio da Rocha Bezerra Cavallantl—Militar, natural do Rio Grande do Norte, onde nasceu a 20 de Maio de 1837. Praça de 1855, foi promovido a 2.^a tenente em 1860; a 1.^a tenente em 1867; e a capitão, por actos de bravura, em 1868, na guerra contra o Paraguay. No serviço activo do Exército, Antonio Bezerra attingiu o posto de coronel, reformando-se com a graduação de general de brigada. Tinha o curso da arma de artilharia e era cavalleiro das Ordens de S. Bento de Aviz, do Cruzeiro, da Rosa e de Christo, e condecorado, ainda, com a medalha commemorativa da rendição de Uruguayana, feito a que assistiu, no dia 18 de Setembro de 1865. Em 1871, publicou *Estatutos sobre a lei de promoções dos officiaes do Exército e Recrutamento*. O general Antonio Bezerra falleceu, no Rio de Janeiro, a 13 de Novembro de 1898.

Antonio da Silva Barbosa—Capitão-mór governador interino da Capitania do Rio Grande do Norte, nomeado em 5 de Julho de 1681, pelo governador do Brazil, Roque da Costa Barreto. Tendo este concedido licença ao capitão-mór Gerardo de Suny "para se passar a Portugal", nomeou para substituí-lo, interinamente, no governo do Rio Grande do Norte, o capitão de infantaria Antonio da Silva Barbosa, "pessoa de valor, prática da disciplina militar e experiencia de guerra". Em verdade, a patente da nomeação enumera e especifica importantes feitos do capitão Antonio Barbosa, principalmente nas guerras de Pernambuco, Bahia e Parahyba, salientando a "satisfação com que tem elle servido a Sua Alteza Real 28 annos, 1 mez e 10 dias effectivos, em praça de soldado, alferes viro e reformado e capitão de infantaria do Terço do mestre de campo Pedro Gomes". O desembargador Vicente de Lemos (*Capitães-mores e governadores do Rio Grande do Norte*, vol. I, cap. XLX.) diz que Antonio Barbosa era pernambucano e governou o Rio Grande do Norte pouco mais de sete mezes. O primeiro acto do seu governo—provimento de um posto militar—tem a data de 3 de Novembro de 1681. Antonio Barbosa fez outras nomeações,

ANT

concedeu datas de sesmaria, e a 25 de Maio seguinte entregou a administração da Capitania ao novo capitão-mór effectivo, Manoel Muniz, nomeado pelo governo de Lisboa.

Antonio de Albuquerque Montenegro—Padre. Era vigario da parochia de Goyaninha, em 1817, quando rebentou a revolução republicana. Collocou-se ao lado de André de Albuquerque, prestando efficiente collaboração á causa da liberdade. Monsenhor Muniz Tavares, na sua *Historia da Revolução de Pernambuco em 1817*, falando de uma conferencia que se realizou em Goyaninha, entre o governador da Capitania e André de Albuquerque, diz o seguinte: "Era seu confidente (de André de Albuquerque), e gozava de illimitada ascendencia, o vigario d'aquella villa, Antonio de Albuquerque Montenegro, patriota exaltado". Dada a contra-revolução e preso André de Albuquerque, o venerando cura desapareceu de Goyaninha, fugindo á perseguição das forças legaes, não sendo por ellas alcançado. Em 1821, o padre Montenegro, ostentando a commenda de cavalleiro da Ordem de Christo, apparece eleito deputado ás Côrtes de Lisboa, como representante do Rio Grande do Norte. Não se coaece a data e lugar do seu fallecimento.

Antonio de Azerêdo—(*Antonio de Azerêdo Maia*)—Proprietario na zona do Seridó, onde residia com a sua familia, muito numerosa. Foi o doador do patrimonio canonico para a erecção de uma capella, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, no lugar que escolhera para residencia e que, por isso, ficou sendo conhecido pelo nome de *Conceição do Azerêdo*. O lugar floresceu, foi povoação, villa e, actualmente, é cidade, com a denominação de *Jardim do Seridó*, sede do municipio do mesmo nome. O grupo escolar da cidade é denominado *Antonio de Azerêdo*.

Antonio de Barros Rêgo—Capitão-mór governador da Capitania do Rio Grande do Norte, nomeado por Patente Real de 13 de Fevereiro de 1668. Assumiu o governo da Capitania a 21 de Janeiro de 1670, n'elle se conservando até 21 de Janeiro de 1673. N'esse periodo concedeu diversas datas de sesmaria, pois era principal preocupação dos primeiros governadores desenvolver e melhorar a colonização. Ao tempo da administração de Barros Rêgo, diz o desembargador Vicente de Lemos, "a Capitania incrementava-se pela agricultura e pesca que faziam os colonos, pela criação de gados e pela industria extractiva do sal, povoando-se de novos colonos, que procuravam beneficiar as sesmarias que lhes eram concedidas". A patente de nomeação menciona serviços de Barros Rêgo "feitos

ANT

á Corôa desde o anno de 1644 a 1664 em praça de soldado, alferes ajudante e capitão de infantaria, a principio nas guerras de Pernambuco, d'onde partira á Bahia, no anno de 1644, com um aviso de importância ao governador Antonio Telles da Silva, e por inimigo o vir a saber e lhe não ser achado o coseu no solado do sapato". Em 1645, passou a Portugal, indo servir no Alentejo, "onde se achou nas occasiões dos Olivares de Elvas, na defeza de Sezena, na avançada de Valença, de Alcantara, no mais que se offereceu até o anno de 1647 em que tornou para o Brazil em companhia do Conde de Villa Pouca, e ficando em Pernambuco se achou na maior parte das occasiões que houve n'aquella campanha e na recuperação das fortalezas que o inimigo occupava, na investida do Forte de Milheu (?), aonde lhe deram com uma bala de mosquete em um braço, afóra outras feridas mortaes". Barros Rêgo tinha a insignia de cavalleiro da Ordem de Christo.

Antonio de Carvalho e Almeida—Capitão-mór governador da Capitania do Rio Grande do Norte, no regimen colonial. O Visconde de Porto Seguro disse que a nomeação d'esse capitão-mór se dá em Agosto de 1701, enquanto Gonçalves Dias affirmou que ella datava de 1700. O dr. A. Tavares de Lyra, baseando-se em uma carta de 14 de Março de 1701, publicada no vol. XI da Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, opina que houve equivoço da parte de Porto Seguro e admittie como possível a affirmação de Gonçalves Dias. Entretanto, da parte d'este ultimo houve equivoço maior. A carta alludida—sobre a missão da ribeira do Assú—communicava que o Rei encarregára d'essa missão o padre Miguel de Carvalho e, para que este agisse "com mais autoridade", lhe fez mercê de nomear a seu irmão Antonio de Carvalho Almeida para capitão-mór do Rio Grande. O equivoço do Visconde de Porto Seguro consistiu em confundir a época da posse com a da nomeação, ao passo que Gonçalves Dias, talvez por errado deduzir, fez recuar para o anno anterior (1700) o acto da nomeação. Evidentemente, nenhum d'esses illustres historiadores conhecia, mesmo através de copia, a Patente Real que nomeou Antonio de Carvalho. Vimola, registrada as fls. 225 v. a 227 do *Registro de Cartas e Provisões do Senado da Câmara de Natal, de 1691 a 1702*, archivado em o nosso Instituto Historico. D'ella se verifica que *Antonio Carvalho de Almeida* foi nomeado capitão-mór do Rio Grande do Norte a 14 de Março de 1701, na mesma data, portanto, da carta sobre a missão do Assú. No registro da Patente se lê, repetidamente, *Antonio Carvalho de Al-*

ANT

meida, mas nos actos do seu governo, lançados no mesmo livro e no seguinte, se vê, copiada, a assignatura *Antonio de Carvalho e Almeida*. Além d'isso, os registros estão uniformemente encabeçados por este ultimo nome, seguido do titulo—"Moço da Camara da Casa de Sua Magestade, a quem Deus guarde, e capitão-mór governador da Capitania do Rio Grande," etc. A patente refere que elle servira como soldado no terço da guarnição da Côrte de Lisboa; que no anno anterior se embarcára na Armada, em a fragata "Nossa Senhora das Ondas", indo á Ilha Terceira, dos Açores, de onde voltou comboiando um navio do Brazil e outros de Cabo Verde; que a bôrdô obtivera o posto de cabo de artilheria; e, tambem, que era irmão do padre Miguel de Carvalho, missionario na ribeira do Assú. Em começo de 1701 (Carta Régia de 11 de Janeiro) a Capitania da Paraíba de ser subordinada ao governo da Bahia, para ficar sujeita ao de Pernambuco; e Antonio de Carvalho e Almeida foi o primeiro administrador para ella nomeado na vigencia da nova jurisdicção. Succedeu a Bernardo Vieira de Melo. A posse de Antonio de Carvalho teve lugar em Agosto do dito anno, provavelmente a 15, data do registro da Patente, porque este se fazia, ordinariamente, no mesmo dia da solemnidade, quando o titulo era exhibido perante o Senado da Camara. O seu governo excedeu dos tres annos fixados na Patente, prolongando-se até Dezembro de 1705. Dos actos conhecidos, avultam os provimentos de cargos militares, para as ordenanças de Natal, das ribeiras do Assú, Ceará-mirim, Mipibú, e districto de Goyanhua. Entre os nomeaços, figurou Bento Correia da Costa, a principio para capitão de infantaria do districto de Goyanhua e depois, successivamente, para coronel de infantaria e de cavallaria da ordenança do Assú. A patente d'esse official menciona o facto de ter elle, em 1700, accudido, acompanhado de seis homens, ao signal de rebate dado pelo governador da Capitania, para defeza de gentios jandahys que vieram do sertão valer-se de nossas armas, "perseguidos do mestre de campo Manoel Alvares de Moraes Navarro, que intentou captival-os". A ultima patente de Bento Correia foi assignada por Antonio de Carvalho a 5 de Novembro de 1705. A 20 d'esse mesmo mez e anno Antonio de Carvalho recebia uma carta do governador de Pernambuco communicando que a Metropole nomeára Sebastião Nunes Collares para seu successor no governo do Rio Grande do Norte. A historia do capitão-mór Antonio de Carvalho e Almeida, certamente mais desenvolvida e melhormente estudada, teria de abrir o volume II dos *Capitães-mores e governadores do Rio Grande do*

ANT

Norte, precioso trabalho, de que o saudoso desembargador Vicente de Lemos poude apenas escrever o volume I, publicado em 1912.

Antonio de Souza—(*Antonio José de Mello e Souza*)—Escriptor e jornalista. Nasceu no município de Papary, a 24 de Dezembro de 1867 e é filho legítimo do coronel Antonio José de Mello e Souza (fallecido) e d. Maria Emilia de Mello e Souza, Bacharel em sciencias jurídicas e sociaes pela Faculdade de Direito do Recife (turma de 1889), iniciou a sua vida publica como promotor de justiça na então comarca de Goyaninha, cargo que desempenhou de 1890 a 1892. De Junho de 1892 a 1º de Abril de 1895 occupou o lugar de director geral da Instrução Publica, exercendo tambem, na legislatura de 1892-1894, o mandato de deputado ao Congresso Legislativo do Estado. De 2 de Abril de 1895 a 2 de Abril de 1899, foi procurador da Republica na secção do Rio Grande do Norte. Em Maio d'esse ultimo anno foi nomeado secretario do governo do Estado, passando em 1900 para o cargo de procurador geral, com assento no Superior Tribunal de Justiça. Em 23 de Fevereiro de 1907, eleito governador, tomou posse da administração do Estado, governando até 23 de Março de 1908, fim do quadriennio iniciado pelo dr. Tavares de Lyra, que o interrompera accetando a nomeação de ministro da Justiça e Negocios Interiores. A 1º de Setembro d'esse anno, o dr. Antonio de Souza foi eleito senador federal, para occupar a cadeira vaga pelo fallecimento do senador Pedro Velho. Voltou a exercer a administração do Estado, eleito governador para o periodo de 1920 a 1924. No governo, como no exercicio dos outros cargos publicos que lhe têm sido confiados, o dr. Antonio de Souza manteve sempre uma invariavel linha de conducta moral e revelou aptidão, criterio e honestidade. Governador, deu maior desenvolvimento á instrução publica, creando novos institutos de ensino, melhorando os existentes, subvencionando outros e estabelecendo escolas rudimentares nos nucleos de população que não comportavam o regimen escolar das villas e cidades; cuidou das finanças do Estado, interessando-se pela boa arrecadação das rendas publicas e fiscalizando a sua applicação; adoptou medidas de defeza sanitaria e ensaiou algumas outras tendentes a minorar o effeito das secças, inclusive a instituição de premios aos agricultores e criadores que armazenassem forrações de um para outro anno; construiu efflicios e estradas, e enviou, para o mesmo fim, auxilio aos municipios. Deixando o governo, o dr. Antonio de Souza foi nomeado consultor juridico do Estado, cargo que actualmente occupa. Homem

ANT

de letras, dos mais illustres, jornalista e escriptor, sob este outro aspecto melhor se fixará, em juizo definitivo, a personalidade de Antonio de Souza, que é, principalmente, um intellectual de talento e cultura. Ainda academico, iniciou-se na vida da imprensa, trabalhando no lado de Pedro Vello, na propaganda republicana. Foi collaborador e, depois, redactor da *A Republica*; fundador do "Gremio Polymathico" (30 de Outubro de 1897), abrilhantou as paginas da *Revista do Rio Grande do Norte* com valiosos trabalhos litterarios, alguns sob o pseudonymo de *Polycarpo Feltosa*. Ultimamente, Antonio de Souza, conservando, por modestia, o pseudonymo, dedica-se á chronica e ao romance de costumes, preferindo os assumptos que dizem respeito á terra natal. *Fibr do Serião*, romance ha pouco editado, de sua autoria, é um livro que honra a litteratura riograndense, escripto em correcta linguagem e guardando, para a historia futura, interessante estudo psychologico de typos sertanejos e uma descripção fiel de costumes e usos do nosso sertão. Está no prelo *Gizinha*, um outro romance de costumes regionaes. Ao tempo da questão de limites com o Ceará, o dr. Antonio de Souza, então procurador geral do Estado do Rio Grande do Norte, colligiu e publicou *Apostamentos e documentos* (1ª serie), Empreza da "A Republica", 1902. Publicou, ainda, em 1909, *Explicações elementares sobre a constituição politica do Rio Grande do Norte, para uso nas escolas primarias*, Typ. da *A Republica*. É socio fundador do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Antonio de Souza Machado—Sargento-mór, Portuguez, natural de Braga. Principal fundador da cidade de Mossoró. Em fins do século XVIII, Souza Machado installára-se no lugar Barra de Mossoró (hoje povoação do municipio de Areia Branca), obtendo, em 1738, juntamente com seu filho Felix Antonio de Souza, uma data de sesmaria, concedida pelo governo da Capitania do Rio Grande do Norte. Diz a tradição que foi elle o constructor da primitiva capella de Santa Luzia de Mossoró, ahí pelo anno de 1792. Ha documentos referindo que uma parte do antigo patrimonio da capella constituiu-se por doações de sua viuva, d. Rosa Fernandes, de seu filho Domingos Fernandes e de sua nora, mulher d'este, d. Jeronyma da Silva.

Antonio dos Passos Miranda—Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, no regimen monarchico. Natural de Pernambuco e bacharel em sciencias jurídicas e sociaes pela Faculdade de Direito do Recife (turma de 1867), o dr. Passos Miranda governára as Provincias de Sergipe (posse a 15 de

ANT

Janciro de 1874) e Amazonas (posse a 7 de Agosto de 1873). Nomeado Presidente do Rio Grande do Norte, por Carta Imperial de 12 de Abril de 1876, tomou posse do governo a 20 de Junho do mesmo anno. A 12 de Setembro seguinte, o governo Imperial lhe concedeu licença para aceitar a nomeação de Commendador da Real Ordem Militar Portugueza de N. S. Jesus Christo. A despeito da sua manifesta boa-vontade, o dr. Passos Miranda pouco conseguiu fazer, em beneficio da Provincia, a esse tempo em lucta com uma terrivel crise financeira. Na *Palla* com que abriu a primeira sessão da 21.ª legislatura da Assembléa Provincial, lê-se o seguinte: "Logo que cheguei á Provincia, tratei de informar-me do estado de suas finanças, e as informações collhidas não podiam ser mais desanimadoras. Pelo officio que me dirigiu o inspector da Thesouraria Provincial, transmittindo o quadro da divida passiva, se vê que esta attingiu á quantia de 131b70\$000, abstracção feita do emprestimo contratado com o Banco do Brazil, o qual está a vencer juros de 8% ao anno. Segundo se verifica do referido quadro, aquella quantia é em quasi sua totalidade proveniente de vencimentos devidos a empregados publicos, muitos dos quaes ha mais de anno não recebem vencimentos". O dr. Passos Miranda, deplorando a situação e dizendo não confiar, no momento, em medidas já autorizadas, como a da emissão de apólices, que não encontrariam compradores, e nem sendo possível importante redução n'um orçamento já economico, opinava que o remedio era augmentar os impostos ou crear novos. E acrescentou: "Sei que a questão é melindrosa, que terá de despertar a opposição de muitos, porque a creação de impostos é sempre uma medida impopular, mas os males que affligem a Provincia são tão profundos que exigem um recurso extraordinario". Em Outubro de 1876 executava-se pela primeira vez, na Provincia, uma nova lei eleitoral que ia ser applicada na eleição de um representante da Provincia no Senado do Imperio, de vereadores municipaes e juizes de paz para o quadriennio seguinte. Apesar de ser sempre a quadra eleitoral uma quadra perigosa pelas luctas que as paixões politicas acartetam—falava o presidente—devo dizer-vos, em honra do brio do povo riograndense e em homenagem á nobreza de seus sentimentos, que a eleição correu em toda a Provincia de modo o mais suave e pacifico, sendo respeitadas os direitos de todos. Os partidos pleitearam com dignidade, firmeza e respeito mutuo, sem que intervissem de fórma alguma os agentes da autoridade, pois eu havia recommendado completa abstenção por parte d'elles. Devo dizer que o resultado já

ANT

concluido da eleição dá uma prova evidente de que ambos os partidos n'esta Provincia sabem respeitar as leis e as instituições do paiz, pugnando pelos seus direitos sómente no terreno legal, pacifico e conveniente, sem provocar essas scenas de desorlhem de que a historia eleitoral nos dá tantos exemplos". Falando da tranquillidade publica, o presidente Passos Miranda salientou como facto policial mais importante a entrada na cidade da Imperatriz (hoje Martins) do celebre bandoleiro Jesuino Brilhante, acompanhado de 10 ou 12 sequazes, com o fim de conduzir uma moça depositada e assassinar um preso que se havia apresentado para responder a jury. As autoridades e a força publica, auxiliadas por diversos cidadãos, conseguiram, após forte tiroteio, repellir os assaltantes, que se pizeram em fuga, protegidos pela escuridão da noite. Foram feridos na lucta o 1.º supplente do juiz municipal, Cosme de Lemos, o alferes commandante da força, João Ferreira de Oliveira, um soldado e o cidadão Joaquim Xavier de Queiróz. O presidente elogiou a conducta dos defensores da cidade, louvando, igualmente, a acção efficiente do dr. José Alexandre de Amorim Garcia, juiz de direito, do dr. Francisco Bezerra, juiz municipal, do delegado Antonio Francisco de Queiróz, do capitão João da Silva Lisboa, do professor Theophilo Orozimbo e mais outros cidadãos, que muito se esforçaram para que a ordem publica não soffresse séria alteração. Tratando da instrucção publica, o presidente disse que o Athenueo Norte Riograndense funcionava regularmente e que existiam na Provincia 97 calcinas de instrucção primaria, todas em actividade, sendo 65 do sexo masculino e 32 do feminino, além de 42 escolas particulares; e indicou medidas tendentes a melhorar a situação do ensino. Continuava a funcionar a Bibliotheca Provincial, em uma das salas do Athenueo, e existiam trez bibliothecas populares, nas cidades de Assú, Mossoró e S. José de Mipilú. A Administração dos Correios, no exercicio de 1875-1876, (até 31 de Agosto), tivera a receita de 1922\$720, sendo: 1:180\$400 arrecadados na Administração e 742\$320 arrecadados nas agencias. A despeza era de 13:537\$596. Entraram 30.838 unidades de correspondencia, sendo: 4.167 officios, 69 autos, 689 massos, 290 livros, 10,162 cartas ordinarias, 911 registradas, 12 encomendas, 14.338 jornaes; a sahida, no mesmo periodo, foi a seguinte: 4.563 officios, 69 autos, 420 massos, 11.149 cartas ordinarias, 1.071 registradas, 17 encomendas, 159 livros e 11.106 jornaes, n'um total de 23.914 unidades. A Provincia, no tempo em que a governava o presidente Passos Miranda, dividia-se em 11 comarcas e 20 termos judicarios, sendo 8 reunidos. Todas as co-

ANT

marcas achavam-se providas de juizes de direito, juizes municipaes e promotores publicos, excepto, quanto a promotor, o de Páu dos Ferros, cujo serventuario nomeado, bacharel Joaquim Francisco de Paula Esteves de Albuquerque, ainda não solicitara o titulo. *Este importantissimo ramo do serviço publico—informava o presidente—marcha regularmente, ao menos durante a minha administração. Primeira condição de uma sociedade bem organizada, a boa administração da justiça é uma necessidade imprescindível para a felicidade dos povos, e por isso é indispensavel que os encarregados de distribuir a o façam com toda a imparcialidade, de modo a convencerem aos seus jurisdicionados, por actos os mais significativos, que procuram desempenhar-se de tão augusto sacerdocio com aquelle interesse que symbolizava o verdadeiro magistrado. O presidente, empenhando-se pelo desenvolvimento economico da Provincia, propoz á Assembléa Legislativa diversos planos para o fomento da agricultura e da industria; e, a 7 de Setembro de 1876, inaugurou na capital a "Sociedade Protectora da Agricultura e Industria", que, infelizmente, teve ephemera vida. O dr. Passos Miranda deixou a administração do Rio Grande do Norte a 18 de Abril de 1877, para ir occupar a da Provincia de Alagôas, em que teve posse a 16 de Maio do mesmo anno. De 1881 a 1884 e de 1886 a 1889, foi deputado geral pela Provincia do Amazonas.

Antonio dos Santos Cabral—D. Antonio, 2º bispo de Natal. Nasceu no municipio de Propriá, do actual Estado de Sergipe, a 8 de Outubro de 1834. Fez os seus estudos no Seminario da Bahia, ahí recebendo as ordens sacras. Ordenado presbytero a 1 de Novembro de 1907, foi nomeado coadjutor da parochia de Propriá, passando em 1912 ás funções de vigário, por ter fallecido o antigo parochico. Em 1908, lhe foi conferido o titulo de conego, e em Janeiro de 1914 o de monsenhor. Eleito bispo de Natal em 1916, só a 14 de Abril de 1918 recebeu a sagração episcopal, empossando-se na sua Diocese a 30 de Maio seguinte. Empreendedor e operoso, de trato affavel e captivante, d. Antonio Cabral impoz-se logo á sympathia e estima dos seus diocesanos, esforçando-se pela realização de importantes melhoramentos de interesse do rebanho natalense. Percorreu, em visita pastoral, as diversas parochias da Diocese, incrementando obras sociaes e conseguindo abundantes fructos espirituaes. Em Natal, creou e installou a Congregação Mariana de Moços, a Escola de Commercio (masculina), a Escola Feminina de Commercio e o Circulo de Operarios Catholicos, instituições que, excepção

ANT

da ultima, floresceram e têm produzido optimos beneficios. Instaurou novas parochias, inclusive a de S. Pedro do Alecrim, cuja igreja matriz deve aos seus estimulos e aos esforços do padre Fernando Nolte, conego Estevam Dantas e dedicados féis a presteza com que foi construida. D. Antonio tentou a construção de nova cathedral para a Diocese, conseguindo reunir, com esse intuito, donativos que attingiram a dezenas de contos de réis, depositados no Banco do Natal. Em 1921, quando deviam ser iniciados os trabalhos, a Santa Sé, creala a nova Diocese de Bello Horizonte, para ella transferiu d. Antonio Cabral, que d'aquí partiu a 23 de Fevereiro do anno seguinte. Elevada aquella Diocese a Arcebispado, d. Antonio passou a ser arcebispo de Bello Horizonte.

Antonio Emerenciano—(*Antonio Augusto Emerenciano*)—Poéta. Filho legitimo do professor José Ildelfonso Emerenciano e d. Ignacia Florinda Emerenciano (ambos fallecidos), nasceu a 13 de Junho de 1836. Ao lado de Gothardo Neto, seu irmão, Ferreira Itajubá e Ponciano Barbosa, trabalhou na "Officina Literaria Lourival Azeuena", redigindo a revista *Atyguar*. Collaborou em outros periodicos indigenas, publicando produções em verso. Ha annos, abandonou as musas, empregando a sua actividade no desempenho das funções de secretario do Departamento da Saúde Publica. Em 1910, consorciou-se com d. Brázilia Cavalcanti Emerenciano. (V. Bezquiel Wanderley, *Poetas do Rio Grande do Norte*, pag. 200).

Antonio Fagundes—(*Antonio Gomes da Rocha Fagundes*)—Professor normalista. Nasceu em Canguaretama, a 9 de Dezembro do 1896, sendo filho legitimo de Pedro Regalado da Rocha Fagundes e d. Leonor Miquelina da Rocha Fagundes. Diplomado alumno-mestre pela Escola de Aprendizizes Artifices, conquistou, ainda, o titulo de professor, pela Escola Normal do Rio Grande do Norte (turma de 1915). Casou-se em 1918, no municipio de Goyaninha, com d. Maria Fagundes de Almeida, sua prima. O professor Antonio Fagundes serviu nos grupos escolares "Tenente-coronel José Correia", de Assú, "Frei Miguelinho", do bairro da Ribeira, em Natal. Actualmente, dirige a Escola Normal de Mossoró. Habil, estudioso e dedicado á sua profissão, compoz uma detallhada carta geographica do Rio Grande do Norte, conservada inédita, e publicou, em opusculo, *Notas sobre a historia e geographia do municipio do Assú*, editado na Typographia Jaguaribe, da cidade de Aracaty, Estado do Ceará.

ANT

Antonio Felipe Camarão—Foi este o nome que recebeu o índio Poty, chefe da tribo dos Potyguares, por ocasião de lhe ser administrado o baptismo, em 1612, na aldeia de Igapó, á margem esquerda do rio Potengy. Camarão, chefe n'essa aldeia, foi catechizado e convertido á fé catholica pelos padres da Companhia de Jesus, os quaes, no dia seguinte ao da administração, do baptismo, presidiram ao acto do seu casamento com uma das suas mulheres, por elle preferida para esposa. Esta, tambem baptizada na vespera, recebeu o nome de Clara Camarão. (V. *Clara Camarão*). Pondo, deste logo, ao serviço da Patria o seu braço de guerreiro valoroso e forte, Camarão tomou parte em um grande numero de combates, ao lado dos portuguezes e contra os hollandezes invasores. Distinguio-se, principalmente, nas luctas que tiveram por scenario a Capitania de Pernambuco, onde se tornou celebre pela sua inexecidível bravura. Dirigindo renhido combate contra forças do general Arczewski, obrigou este a uma completa retirada, "com grande perda e fremente de raiva por vêr-se humilhado por um índio, a quem pensava ir dar antes uma lição do que offerrecer uma batalha, na expressão de illustrado chronista". Foi após essa retirada que o valente general Arczewski pronunciou as celebres palavras que a historia guarda como padrão de gloria do invencível guerreiro potyguar: "Ha mais de quarenta annos—disse o general—que milito na Polonia, Alemanha e Flandres, occupando sem interrupção postos honrosos, mas só o índio brasileiro Camarão veio abater-me o orgulho". Por Carta Régia de 16 de Maio de 1633, o governo da Metropole conferiu-lhe um brazão de armas e nomeou-o "não só capitão-mór dos potyguares, de cuja nação era, como de todos os índios do Brazil". D'ahi por diante, o herde riograndense ficou sendo conhecido por *dom Antonio Felipe Camarão*, respectado e admirado pelos seus grandes feitos em prol do dominio portuguez no Brazil. Em 1641, Camarão foi novamente distinguido pelo governo de Lisboa, que lhe concedeu a comenda dos Molinos de Soure. Sobre a personalidade de d. Antonio Felipe Camarão escreveu o desembargador Luiz Fernandes erudito monographia, transcripta no vol. II, n.º 2, pags. 139 e seguintes, da «Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande Norte». O padre dr. Manoel Gonçalves Soares de Amorim, assuense illustre, ha annos residente em Pernambuco, publicou, por sua vez, em 1923, substancioso opusculo, além de criticos artigos de imprensa, todos defendendo a naturalidade riograndense—contestada pelo dr. Pereira da Costa—do famoso guerreiro, aliado de Portugal contra a invasão hollan-

ANT

deza. Segundo o dr. Maximiano Lopes Machado, Camarão falleceu em Pernambuco, de febre paludosa, em Agosto de 1648, tendo sepultura na Varzea, arrabalde de Recife.

Antonio Fernandes do Oliveira—Agricultor, erialor e chefe politico em Luiz Gomes. Filho de Antonio Fernandes de Oliveira e d. Thereza Fernandes, nasceu no sitio "Varzinha", districto de Victoria e municipio de Páu dos Ferros, a 25 de Novembro de 1841. Passando a residir no municipio de Luiz Gomes (1869), ali se entregou á agricultura e á criação, ingressando tambem na politica, alistado nas fileiras do partido liberal. Com o advento da Republica e posterior dissolução dos dois partidos monarchistas, o coronel Fernandes formou no lado dos republicanos, sendo escolhido, em 1893, chefe do partido situacionista do municipio, posto em que se manteve até 16 de Novembro de 1906, quando falleceu, no seu sitio "Bom Jardim". Official da antiga Guarda Nacional e tendo exercido, além da chefia politica, os cargos de juiz districtal e presidente da Intendencia do Municipio, o coronel Fernandes gozava de largo prestigio e de geral estima. Em homenagem á sua memoria e em reconhecimento aos serviços que prestou ao municipio, tem a denominação de *Coronel Fernandes* o grupo escolar de Luiz Gomes.

Antonio Ferreira Cavalcanti—Capitão-mór e commandante militar da Serra do Martins, em 1817. Tendo adherido ao movimento republicano que n'essa época rebentára, serviu como ajudante de ordens ao governo de André de Albuquerque, seguindo para o sertão na qualidade de inspector de milicia. Dada a contra-revolução, Ferreira Cavalcanti foi preso e reincluido para a Bahia, de onde regressou em 1821, quando a Metropole decretou a amnistia geral.

Antonio Ferreira Pinto—Coronel da antiga Guarda Nacional e chefe politico no municipio de Apody, sua terra natal. Ferreira Pinto nasceu a 25 de Maio de 1838, sendo seus paes o capitão Vicente Ferreira Pinto e d. Clara Bezerra Cavalcanti. Casou-se, em primeiras nupcias, a 5 de Abril de 1860, com sua parenta em grau remoto d. Maria Luiza de São Braz Cavalcanti, que falleceu a 8 de Dezembro de 1864; e em segundas nupcias, a 10 de Agosto de 1865, com sua prima d. Claudina Maria de Oliveira Neves, a qual falleceu a 31 de Agosto de 1902. Ferreira Pinto dedicou-se, desde moço, á vida commercial, em que conseguiu uma regular fortuna, exercendo tambem cargos de nomeação e eleição—delegado de Policia, presidente de comissões de socorros, deputado Estadual em

ANT

várias legislaturas. Espírito alegre e folgazão, inteligente e bondoso, Ferreira Pinto sabia grangear estima, contando com inúmeros amigos, não só em Apody, como na capital e em outros municípios do Estado. Falleceu a 4 de Agosto de 1909, na cidade do Apody, deixando uma descendência de 13 filhos e 51 netos, todos vivos, à data do seu fallecimento. Em homenagem á sua memoria, o governo deu a denominação de "Ferreira Pinto" ao grupo escolar installado n'aquella cidade sertaneja.

Antonio Francisco Pereira de Carvalho—Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, nomeado por Carta Imperial de 7 de Junho de 1852. Era natural de Pernambuco, em cuja Faculdade de Direito obteve, no anno de 1845, o diploma de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. Emposou-se no governo do Rio Grande do Norte a 10 de Julho de 1852, governando até 24 de Outubro do anno seguinte, quando recebeu transferencia para a Provincia do Piahy. Alli, assumindo a administração a 5 de Dezembro de 1853, veio a fallecer em Agosto de 1855.

Antonio Francisco Pereira de Carvalho (2º)—Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, por nomeação de 16 de Outubro de 1856. Era natural do Ceará, bacharel em direito (turna de 1845) e filho do outro de igual nome, á quem acima nos referimos. Administrou o Rio Grande do Norte no periodo de 11 de Novembro de 1856 a 10 de Agosto de 1858. Interessou-se principalmente pelo estado financeiro da Provincia, que era muito precario e melhorou consideravelmente durante a sua administração. Concluiu os trabalhos de remodelação do edificio do quartel de infantaria, iniciados no governo do dr. Moreira Alves e que custaram aos cofres da nação a importancia de 7,006,5384. O dr. Nestor Lima, em sua apreciaha conferencia sobre *O quartel militar em Natal*, publicada no vol. XIV da *Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte*, disse o seguinte: "Seria injustiça não mencionar n'esta chronica o desvello que esse illustre presidente (Pereira de Carvalho) demonstrou para com as obras do nosso edificio, visitando-as assiduamente e provendo ás necessidades occorrentes; e, todas as vezes que não n'as vinha inspecionar de perto, por meio do binoculo era certo fazel-o das janelas do Palacio velho da rua do Commercio, na Ribeira". O dr. Pereira de Carvalho estava no governo do Rio Grande do Norte quando foi promulgada a lei da abolição dos escravos, recolhida em toda a Provincia com ruidosas festas. Transferido, como o fora seu pae, para a Provincia do Piahy, mas com a extranha circumstancia

ANT

de só ter tido conhecimento do acto pela leitura do *Diário Official*, o dr. Pereira de Carvalho, allegando motivos de ordem privada, não acceptou o novo posto que lhe era indicado, preferindo regressar a Pernambuco, onde residia e onde o fomos encontrar, annos depois, dirigindo um dos bancos da praça de Recife. Falleceu na capital pernambucana, em 1915 e no estado de solteiro.

Antonio Galdino da Cunha—Coronel da antiga Guardia Nacional, natural do município de Papary e proprietario no município de Goyaninha, onde residia. Nomeado 3º vice-presidente da Provincia, por Carta Imperial de 4 de Fevereiro de 1852, teve occasião de assumir o governo do Rio Grande do Norte, por duas vezes: a primeira, durante 24 horas—16 a 17 de Maio de 1861—; a segunda, de 26 de Maio de 1863 a 27 de Julho do mesmo anno, quando entregou a administração ao presidente Olyntho Meira. Falleceu, em Goyaninha, a 6 de Agosto de 1883.

Antonio Garcia—(Antonio de Amorim Garcia)—Politico e jornalista. Nasceu em Fortaleza (Ceará), a 2 de Setembro de 1850, sendo seus paes José Gervasio de Amorim Garcia e d. Rita Antunes de Amorim Garcia. Formou-se em direito, pela Faculdade do Recife, no anno de 1873. Vinho residir no Rio Grande do Norte, onde se domiciliára parte de sua familia, foi eleito, em 1874, deputado Provincial. No anno seguinte, foi nomeado 2º delegado de Policia da Corte, voltando ao Rio Grande do Norte em 1879. Aqui exerceu a advocacia, o cargo de director geral da Instrução Publica e o de delegado fiscal dos exames geras de preparatorios. Proclamada a Republica, foi nomeado chefe de Policia do Estado e, depois, novamente director geral da Instrução Publica, cargo que exerceu até tomar posse de uma das cadeiras de deputado pelo Rio Grande do Norte ao Congresso Constituinte da Republica. Rompendo em opposição ao governo do marechal Floriano, não foi reeleito. Fundou e redigiu, com outros correligionarios, o *Rio Grande do Norte*, jornal politico que se publicou, em Natal, de 1890 a 1896. Annos depois, o dr. Antonio Garcia abandonando a politica, foi nomeado juiz substituto federal na secção do Ceará, fallecendo, em Fortaleza, a 27 de Maio de 1913.

Antonio Germano Cavalcanti de Albuquerque—Militar, tinha o posto de capitão e commandava a companhia de infantaria, aquartelada na capital do Rio Grande do Norte, quando rompeu a revolução republicana de 1817. Adherindo ao movimento revolucionario, tomou parte no governo installado por

ANT

André de Albuquerque. Trahindo a este chefe, de quem era parente e se mostrava amigo, fez a contra-revolução, o que não impediu que fosse preso e processado, sendo pronunciado a 13 de Setembro de 1818. Solto a 15 de Julho de 1820, em cumprimento de aviso régio de 12 de Junho do dito anno, que o declarou perdoado, foi reentregue no seu posto e depois agraciado com o habito de Christo. Promovido mais tarde, commandou o batalhão de 1.ª linha que estacionava em Natal, figurando em alguns acontecimentos políticos posteriores". (A. Tavares de Lyra, *História do Rio Grande do Norte*, pag. 438).

Antonio Glycerio—Poeta. Nasceu no município de Cearámirim, a 2 de Julho de 1881, sendo filho de Francisco das Chagas e d. Sancha da Conceição. Vindo residir em Natal, aprendeu a arte de typographo, empregando-se nas officinas da *A Republica*, onde trabalhou alguns annos. Ajudador do verso, apparecia, de quando em vez, nas paginas das revistas e jornadas da capital, dando á publicidade producções do seu estro, espontaneo e desprezencioso. Em 1911, casou-se com d. Leopoldina de Mattos. Deixando a arte typographica, passou a exercer modesto cargo publico junto á directoria do Grupo Escolar Frei Miguelinho, no bairro do Alecrim. Atacado de rebelde molesta, seguiu para a villa de S. Antonio, em busca de melhoras, vindo a fallecer, alli, no dia 5 de Junho de 1921. *Cantilenas*, o seu livro de versos, ficou inédito.

Antonio Joaquim de Siqueira—Desembargador. Nomeado Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, por Carta Imperial de 24 de Março de 1848, empossou-se a 29 de Abril do mesmo anno. Por motivo de incompatibilidades resultantes do seu proprio temperamento ou de desavenças politicas, o desembargador Siqueira teve um periodo de governo curto e agitado. A 3 de Julho, a Camara Municipal de S. José de Mipibú dirigia longa representação a S. M. Imperial, contra o presidente Siqueira "pelos abusos, perseguições e arbitrariedades que no exercicio do seu emprego tem posto em pratica". Em 1.º de Dezembro seguinte, a mesma Camara, em extenso officio, levou á presenca do Governo Imperial o testemunho do seu reconhecimento pelo acto da remoção do ex-presidente d'esta Provincia, o desembargador Antonio Joaquim de Siqueira, para a de Espirito Santo, o qual ia reluzindo-a a um estado excepcional e afflictivo". (Des. Celso Sales, in *Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte*, vol. 23, pag. 126). O desembargador Siqueira deixou o governo do Rio Grande do Norte a 25 de Novembro do dito anno (1848), tendo governa-

do, apenas, por espaço de sete mezas, incompletos.

Antonio Joaquim Rodrigues—Padre. Nasceu em Abril de 1820, na então villa do Aracaty (Ceará), sendo seus paes Antonio Joaquim Rodrigues, portuguez, e d. Vicencia Ferreira da Motta, riograndense. Tendo apenas a idade de quatro annos, veio com seus paes residir em Apody, onde aprendeu primeiras lettras, estudando, depois, latim e mais preparatorios, em Marins, com o professor Francisco Emiliano Pereira, portuguez. Em 1840 seguiu para o Seminario de Olinda, onde ordenou-se presbytero, no anno de 1843. Elevada a parochia, por lei de 1842, a capella de Santa Luzia de Mossoró, o clérigo Antonio Joaquim Rodrigues, a esse tempo diacono, submetteu-se ao concurso e foi nomeado vigário da nova freguezia, de que só tomou posse em 1844. Em Mossoró existia n'essa epocha um unico partido politico—o sulista—depois "liberal", cujos directores consentiam na pratica de abusos e crimes, provocando a revolta dos amigos da ordem e da lei. Em 1848, com a ascensão do gabinete presidido pelo Visconde de Macahé (conservador), o padre Antonio Joaquim, contando com o apoio de liberais bem intencionados, que reprovavam os desmandos permitidos pelos seus chefes, fundou na localidade o partido conservador, cuja chefia exerceu até 1878, quando, sentindo-se velho e doente, passou-a, com a aquiescencia dos amigos, ao seu correligionario coronel Francisco Gurgel de Oliveira. Durante a sua permanencia na direcção do partido, o padre Antonio Joaquim prestou a Mossoró relevantissimos servicos, fazendo politica de paz e tolerancia e promovendo o progresso do município. A seu convite, Mossoró teve as honrosas visitas dos presidentes da Provincia drs. José Bento da Cunha Figueiredo Junior, Pedro Leão Velloso, Pedro de Barros Cavalcanti de Albuquerque e Delfino Augusto C. de Albuquerque. Deputado Provincial em várias legislaturas e algumas vezes presidente da Assembléa Legislativa, o parcho e chefe mossoróense pleiteou e conseguiu innumerous melhoramentos para a freguezia e para o município, de entre as quaes —creação de escolas; de uma meza de rendas; elevação de Mossoró a município (1852), a comarca (1861), a cidade (1870); votação de verbas para a construcção de um armazem na "Jurema" e subvenção á Companhia Pernambucana, para entrada dos seus vapores no porto de Mossoró; isenção de impostos, por trez annos, para que alli se estabelecesse a firma J. U. Graf & Cia; que foi a maior impulsionalora do commercio local. Todos os actos politicos ou administrativos que se fize-

ANT

ANT

ram para Mossoró no período de 1850 a 1878 foram da iniciativa ou com aprovação do padre Antonio Joaquim. Já velho, applaudiu e apoiou o movimento abolicionista que, em 1833, extinguiu a escravidão no município de Mossoró. Como vigário, trabalhou devotadamente pela sua paróquia. Em 1853, demolindo, por arruinada e insuficiente, a antiga capella, iniciou, no mesmo local, a construção da nova igreja matriz, trabalho em que levou longos annos, pela exiguidade de meios pecuniarios. Creou a Irmandade de Santa Luzia, padroeira da paróchia, e obteve, em diversas epochas, visitas de missionarios, muito fructuosas para o seu rebanho. Cearense pelo nascimento, defendeu, todavia, por dever de seu ministerio, a integridade territorial da paróchia, ameaçada de invasão jurisdiccional de autoridades da paróchia vizinha, levadas por duvidas em relação aos limites do Ceará com o Rio Grande do Norte. O vigário Antonio Joaquim era caridoso e desprezado de bens materiais. "A herança de seus paes, que foram abastados, e tudo quanto ganhou com parócho da freguezia, despendeu não só com a sua subsistencia, como tambem em favor dos seus paróchianos; pois, na ausencia de facultativo na localidade, constituiu-se medico, receitando e dando remedio gratis a quantos o procuravam, revelando assim os seus sentimentos humanitarios". Vigário durante mais de meio século e chefe politico por mais de trinta annos, o padre Antonio Joaquim foi sempre "de uma probidade inatacavel, e muito desinteressado, pelo que nos ultimos annos de sua existencia viveu de uma pequena congrua a que tinha direito e a expensas de parentes e amigos que o não deixaram passar privações, fallecendo, no dia 9 de Setembro de 1894". O coronel Francisco Fausto de Souza escreveu uma "Breve noticia sobre a vida do padre Antonio Joaquim Rodrigues", editada em avulso pelo coronel Vicente Ferreira da Motta e da qual extralimos as notas mencionadas n'este resumo biographico.

Antonio Lago—(*Antonio Florencio Pereira do Lago*)—Engenheiro militar. Nasceu na povoação de S. José de Touros, a 10 de Maio de 1825, sendo seus paes Conçalo Garcia dos Reis e Anna Rita de Jesus. O sobrenome *Pereira do Lago* lhe foi dado por seu padrinho, Manoel Modesto Pereira do Lago, que se encarregara da sua educação. De familia humilde, Antonio Lago trabalhava, quando adolescente, no serviço de pescarias, como auxiliar de seu pae. Aos 18 annos, em 1843, assentou praça no Exército, sendo incluído no deposito de recrutas, onde logo alcançou as divisa de cabo. Transferido para o Rio de

ANT

Janeiro, foi classificado no 1.º batalhão de fuzileiros, galgando ali os postos de furriel e 2.º sargento, este ultimo pelo comportamento exemplar, pelos actos de cuidadosa disciplina e optimo desempenho de todas as suas obrigações. Conta-se—diz o visconde de Taunay, seu amigo e biographo—que n'esse tempo de penosa iniciação militar, consigo mesmo estudava rudimentos de francez e arithmetica, quando fazia o serviço de ordenança, levando constantemente na patrona um livro, em que concentrava todos os esforços em qualquer momento de lazer e folga. Em 1849 obteve licença para estudar na Escola Militar o curso da arma a que pertencia. Carecido de recursos pecuniarios e victima de desagradaveis attrictos decorrentes da sua qualidade de simples soldado no meio de cadetes munidos de privilegios e regalias, teve de voltar á vida dos quartéis, indo servir no Rio Grande do Sul, de onde seguiu para a campanha do Uruguay. Em 1853, tornou á Escola Militar e, approvado no 1.º e 2.º annos, foi promovido a alferes de infantaria, por decreto de 14 de Abril de 1855. No dia de sua apresentação ás autoridades superiores, disse-lhe o duque de Caxias: "Tenho toda a certeza de que essas suas divisa serão sempre honradas! O seu passado, de que me informei com o maior interesse e que conheço todo, por isto me responde". Tenente em 1858, continuava os seus estudos de engenharia, recebendo, afinal, a 10 de Dezembro de 1859, o grau de bacharel em sciencias physicas e mathematicas. A 12 de Maio de 1860, casou-se com d. Mathilde Medina Coelho de Almeida, aceitando n'esse mesmo anno a nomeação de engenheiro das obras publicas da Provincia do Rio de Janeiro. Ahí, durante quatro annos, prestou valiosos serviços, traçando e executando estradas, construindo edificios publicos e, sobretudo, trabalhando activamente na canalização das aguas do rio Vicencia para o abastecimento da cidade de Niteroy. Em 1865, já com o posto de capitão, declarada a guerra do Paraguay, o dr. Antonio Lago desligou-se da commissão civil e apresentou-se ao quartel general, recebendo ordem de seguir para Mato Grosso. Atravessando invios sertões, supportando dois annos de marchas fatigantes para chegar ao campo das operações, atacada a sua columna pelo *cholera morbus*, "viu todos os seus soffrimentos coroados pela terrivel *Retirada da Laguna*, hoje bem conhecida na Historia e citada com honra e como prova frisante do quanto podem, nas mais tremendas conjuncturas, a constancia, a coragem e o pundonor militar". Simples capitão—diz-nos ainda o visconde de Taunay—pateou, n'esses crudelissimos e insequievies dias, qualidades e temperamento de legitimo

ANT

e prestímo general, dependendo, em não poucas occasiões, a salvação geral da sua pertinacia e inquebrantavel calma". *Si é preciso morrer, costumava bradar aos tímidos e desconsolados, pois bem, morramos todos! N'este mundo ninguém fica para sempre; d'isto podem ler certeza*". Em Bella Vista, Nioac e Rio Apa, tomou parte em diversos combates e continuou tiroteios. Taunay, na sua obra *Retirada da Laguna*, faz honrosas referencias ao capitão Pereira do Lago, salientando a sua actividade, poderosa iniciativa, perspicacia no lance de vista, grandes dotes "ainda de mais a mais realçados pela sua llizeza, amenidade e simplicidade de caracter". Em 1868, o capitão dr. Antonio Lago apresentou-se ao seu corpo de Estador Maior, no Rio de Janeiro, por ter obtido dispensa das funcções de assistente do ajudante general, após assignalados serviços na guerra. Já então possuia o officialato da Ordem da Rosa, o habito de S. Bento de Aviz e a medallha da campanha do Uruguay, esta conquistada como simples praça de pret. Passou, por nomeação, a exercer as funcções de 2.º ajudante do Arsenal de Guerra, cujas officinas trabalhavam noite e dia para attender ás necessidades do Exercito em campanha. Por esses serviços foi condecorado com o habito de Christo. Em 1871, foi posto á disposição do Ministerio da Agricultura, convidado pelo respectivo ministro para encarregar-se de estudar a zona encachoeirada dos rios Araguaya e Tocantins, construindo ahí uma importante estrada de 391 kilometros, ligando as povoações de S. Vicente, no Araguaya, e Alcobaca, no Tocantins, além de outros melhoramentos. Antonio Lago fez o desenvolvimento e progresso d'esses dois bellos e ubertosos valles. "Não se olvide o futuro—acrescenta o visconde de Taunay—da divida de gratidão que está e, sem duvida, por muito tempo estará em aberto". Promovido a major, por antiguidade, em 1875, quando já completára os 50 annos, nem por isso se mostrava desanimado e, apesar da consciencia que tinha do seu valor e dos seus serviços, dizia sempre: *Nunca pensei chegar ao que sou*. Serviu, depois, no Archivo Militar, foi director de immigração e colonização em Santa Catharina, com creditos e ordens para agir livremente, fundador da colonia do Alto Uruguay nas Missões brasileiras, inspector da invernoada de Saycan e outras, no Rio Grande do Sul, commandante geral da Policia da Corte, em 1885, quando promovido a tenente-coronel. Contando no anno de idade, com o organismo combalido por graves doencas e reclamando repouso, Antonio Lago d'isso não cuidava, afirmando que "enquanto tivesse um bocallinho de forças declarat-se-ia prompto para todo o serviço". Assim, foi ainda no-

ANT

meado director do Arsenal de Guerra de Pernambuco, commandante das armas n'essa Provincia e na do Amazonas, encontrando-o n'esta ultima a proclamação da Republica. Foi logo eleito presidente da junta Governativa do novo Estado, demorando-se pouco tempo no governo, por ter sido chamado ao Rio de Janeiro e ahí compulsado, no posto de coronel, a 3 de Fevereiro de 1890. Continuando doente, beriberico, veio a fallecer na madrugada de 1 de Janeiro de 1892. No seu tumulo de bellissimo e impeterrito soldado, na sua lápide funeraria de intemerato e incansavel servidor do Brazil, bem condirão, como epitaphio—disse Taunay—estas singelas palavras, resumo de toda a sua agitada existencia: *Por si só, conseguiu o que foi, sem jamais se desviar da honra e do dever*.

Antonio Marcellino Nunes Gonçalves —Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, nomeado por Carta Imperial de 19 de Abril de 1858. Era natural do Maranhão, bacharel em direito e perencia á magistratura do paiz. Administrou a Provincia do Rio Grande do Norte no periodo de 18 de Junho de 1858 a 4 de Outubro de 1859, prestando serviços de relevancia. Augmentou o numero das escolas primarias; deu maior impulso ás obras do edificio do Atheneu, que, embora sem inteiro acabamento, foi inaugurado a 1.º de Março de 1859; e, ainda, tomou acertadas providencias para a limpeza sanitaria da Provincia e soccorro á população alarmada com a falta e carestia de generos alimenticios. Do *Relatorio* por elle apresentado á Assemblia Legislativa em 1.º de Julho de 1858 (decorridos apenas doze dias da posse), vê-se que a Provincia luctava, de facto, com uma grande escassez e carestia dos generos alimenticios, maxime da farinha de mandioca, obrigando o governo a alquirla em outros mercados, para fornecer a nos consumidores pelo preço do custo. Como já acontecera no Pará, Maranhão e Ceará, appareceu em Natal a epilemia da grippe, com caracter benigno. Na povoação de Utinga verificaram-se alguns casos de variola. Entre os melhoramentos de que carecia a Provincia, o presidente Nunes Gonçalves suggeriu á Assemblia a criação de um instituto de educandos artifices e de um outro estabelecimento para a educação de orphãos desvalidas, justificando as suas idéas com humanitarias e patrioticas considerações. N'outro capitolo, disse que não procuraria desfarrar a surpresa que experimentou com a falta de illuminação na capital, e addiziu: "Quando por toda parte se tem reconhecido que a illuminação publica é uma das primeiras condições para a policia dos povoados, e á qual se associam os commodos dos habitantes para

ANT

a facilidade do transitó, sobretudo durante a estação invernosá, é em verdade para lamentar-se que a cidade do Natal, capital de uma Província que marcha nas vias do progresso, esteja ainda totalmente privada d'aquelle beneficio! • Verificou-se que 30 lampêdes illuminariam sufficientemente a cidade, orçando as despezas de aquisição na quantia de.... 2.050\$000 e as de custeio annual em 1.960\$000. Cuidava-se, tambem, de montar, no alto da matriz, o relógio publico, adquirido na França com o producto de uma subscrição promovida pelo ex-presidente Passos; mas a montagem teve de ser adiada, pela necessidade de "construir-se um nova torre, com maiores proporções que as do campanario existente". Da subscrição ficára um saldo de 240\$000, e na matriz estavam depositados 100 alqueires de cal, grande quantidade de areia e pedra. A torre foi construída posteriormente, em 1862, no governo do presidente Leão Velloso, sendo n'ella assentado o relógio, que, reparado em epochas diversas e mantido a expensas do Estado, ainda hoje funciona com satisfactoria regularidade. O dr. Nunes Gonçalves d'aqui sahú para a Província do Ceará, tomando posse da respectiva administração a 7 de Outubro de 1859. Presidiu, depois, a Província de Pernambuco, de cujo governo foi empossado a 29 de Abril de 1861. Eeito deputado geral pela Província do Maranhão, teve assento na Camara até 1865, quando foi escolhido senador pela mesma Província, recebendo, então, o título de visconde de S. Luiz do Maranhão. Até 1889 exerceu o mandado de senador e n'esse mesmo anno foi nomeado membro ordinario do Conselho de Estado. Falleceu pouco tempo depois.

Antonio Maranhão — (*Antonio Maranhão Pessoa*) — Critico e polemista, prematuramente roubado ás letras rio-grandenses. Filho legitimo de Joaquim Rodrigues Pessoa (fallecido) e d. Josepha Maranhão Pessoa, nasceu em Natal, a 6 de Agosto de 1878. Estudou humanidades no Atheneu Norte Rio-grandense e collaborou na imprensa local, notadamente na *A Tribuna*, escrevendo contos, artigos de critica e de polemica, usandó, por vezes, do pseudonymo *Anthéro Maranhão*. Funcionario postal, serviu os logares de praticante e amanuense na Administração dos Correios do Amazonas e o de administrador dos Correios do Rio Grande do Norte (1901-1902). Occupára, em 1900, o cargo de official de gabinete do governador Alberto Maranhão. Em 1902, Antonio Maranhão, acconmettido de grave molestia, obteve licença e seguiu para a villa de Angicos, em procura de melhoaras, alli fallecendo no dia 4 de Maio d'esse mesmo anno.

ANT

Antonio Mariz — (*Antonio Alvares Mariz*) Coronel, commandante superior de milicias na zona sertaneja, onde tambem exercia grande influencia politica. Nasceu em 1796, no districto de Serra Negra, sendo seus paes o capitão-mór Joaquim Alvares de Faria e d. Maria Thereza de Jesus. O coronel Mariz, ahastado proprietario em Serra Negra, foi deputado á antiga Assembléa Legislativa Provincial, de 1835 a 1851. Nomeado 2º vice-presidente da Província, por Carta Imperial de 12 de Janeiro de 1842, não teve oportunidade de exercer o governo. Denomina-se *Coronel Mariz* o grupo escolar de Serra Negra.

Antonio Martins — (*Antonio Manoel de Oliveira Martins*) — Agricultor, erario e politico de largo prestigio nos municipios de Martins e Portalegre. Homem de raras virtudes e coração bonissimo, Antonio Martins prestou valiosos serviços aos dois municipios serranos, distinguindo-se, sobretudo, na campanha abolicionista, a que se dedicou ahnegadamente. Foi o principal factor da abolição no municipio de Portalegre, emancipado a 3 de Abril de 1888, antes da lei geral. O coronel Antonio Martins exerceu o mandato de deputado Provincial na ultima legislatura da Monarchia (1888-89) e o de deputado Estadual no começo da Republica. Falleceu, na cidade do Martins, aos 82 annos de idade, no dia 6 de Abril de 1908.

Antonio Parapupa — Chefe de indios. "Vivia na aldeia de Orange, situada a poucas leguas de Natal, provavelmente entre as ribeiras do Potengy e Jundiaby, conforme se infere de roteiros de viagens feitas em 1650 por exploradores que procuravam descolhir minas de ouro e prata". Muito embora parente proximo de Felipe Camarão, Parapupa collocou-se ao lado dos holandezes, que lhe deram o título de "regente dos indios do Rio Grande", o instruíram no credo protestante e d'elle receberam poderoso auxilio. Ainda depois da expulsão dos invasores, Parapupa, que se retirara para os sertões cearenses, continuou a servir á causa holandeza, perturbando, com investidas e ataques de sua gente (indios), o penoso trabalho dos portuguezes na reconstrução das arruinadas Capitánias do Rio Grande e Ceará. "Essas desordens se revestiam da maior crueldade, parecendo que a ellas não eram estranhos, pelo menos no começo, os conselhos dos aventureiros flamengos que continuavam a viver entre elles. E a *exposiçáo* que, em Agosto do anno em que se deu a expulsão dos intrusos, fez na Hollanda o mesmo Antonio Parapupa fornecer uma prova de que a semelhante supposiçáo não falta fundamento, pois não é crível que elle tenha empreendido a viagem apenas comissionado pelos de sua

ANT

raça". (A. Tavares de Lyra, *História do Rio Grande do Norte*, pags. 234 e 235). O dr. Tavares de Lyra publica na integra a *exposição* de Parauapaba, escripta em Haya e datada de 6 de Agosto de 1654. D'esse documento se vê que Parauapaba deixára no Brazil pae e mãe, filhos e parentes, levando apenas consigo, "para o consolarem na sua tristeza, dois filhos crianças" e fôra pedir aos "altos e nobres senhores do Estado hollandez soccôrro sufficiente para a subsistencia da infeliz nação de indios e para a conservação da Igreja Christã reformada, a unica verdadeira". A linguagem usada no correr da *exposição*, por elevada e correctea, faz augmentar a suspicita de que Parauapaba era movido e accessoriado pelos aventureiros flamengos, que tentavam incutir animo nos poderosos da Hollanda, para assim conseguirem auxilio a novas aventuras. Em 1656 Parauapaba fez segunda *exposição*; mas "os hollandezes, apezar do appello que lhes foi dirigido em nome de Deus, que é contra os que por usura enterram a sua libra com medo de a gastar, preferiram conserva-la, sem se lançarem em empresas inviáveis". Parauapaba é, certamente, uma alteração de *pari-n-paba*, que significa *rio de agua rasa* (repato).

Antonio Pereira Simões—Engenheiro civil. Nasceu na cidade do Recife (Pernambuco), a 14 de Junho de 1854, sendo filho legitimo de Paulo Pereira Simões, portuguez, e d. Joanna Maria da Exaltação Simões. Em 25 de Março de 1877, foi diplomado engenheiro civil, pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, casando-se a 22 de Dezembro d'esse mesmo anno, com d. Rosa Amelia dos Santos Coelho, que falleceu em 1900. Em 1894, o dr. Pereira Simões, já então profissional de nomeada, foi convidado pelo dr. Pedro Velho, governador do Rio Grande do Norte, para estudar o problema do abastecimento d'agua da cidade de Macaú, offerecendo um projecto, que não; poude ter execução por insufficiencia dos recursos financeiros do Estado. Trabalhou nas obras do porto de Recife, como contractante, e exerceu as funções de engenheiro da Municipalidade, de ajudante da Fiscalização da E. P. de Recife ao S. Francisco, de gerente da Companhia Trilhos Urbanos de Recife a Olinda e Beberibe e da Companhia Santa Theresia, conservando-se n'esses dois ultimos até 1902, quando foi nomeado engenheiro-chefe das obras do porto de Natal. No exercicio d'esse logar, durante mais de cinco annos, o dr. Pereira Simões "prestou assignalados e relevantes serviços no Rio Grande do Norte, dando grande impulso aos trabalhos a seu cargo e organizando um projecto complementar das obras, que está sendo executado com

ANT

real proveito para o melhoramento definitivo do primeiro porto do Estado". A sua capacidade profissional, o dr. Pereira Simões allia a qualidades de administrador zeloso e honesto, respeitado e querido pelos seus subalternos, além das de cavalheiro distincto, com influencia no meio social em que vivia. "A sua maior preocupação era vêr concluidos os serviços do porto de Natal, e n'esse nobre desideratum não trepidou sacrificar a propria saúde, vindo a morte surprehendel-o em viagem d'esta para a cidade do Recife, na manhã de 30 de Janeiro de 1908". O dr. Pereira Simões publicou algumas obras, entre as quaes *A projectada cidade de Paulo Affonso* (1885) e *A construção de nossas pontes economicas* (1879). Socio effectivo do Insituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, enriqueceu a bibliotheca d'essa associação com a offerta de preciosas obras, como a *Guerra Hollandesa*, de Barlaeus; *Castrito Lusitano*, de frei Raphael de Jesus; *História da America Portuguesa*, de Rocha Pitta; *Obras*, de João Francisco Lisboa; *História da Revolução Portuguesa de 1820*, de José de Arriaga; *Diccionario Historico e Geographico das campanhas do Uruguay; Memoria secreta dos padres da Companhia*, do padre Claudio Aquiviva; *Viagem ao Brazil*, de Koster; e outras. O dr. Pereira Simões falleceu no momento em que chegava á parala de S. José de Mipibú o trem que o conduzia a Recife. O seu corpo foi transportado para a capital pernambucana, terra de seu berço, e sepultado no cemiterio de Santo Amaro.

Antonio Soares do Araújo—Magistrado. Filho legitimo do coronel Pedro Soares de Araújo (fallecido) e d. Anna Senhorinha Soares de Araújo, nasceu na cidade do Assu, a 21 de Julho de 1879. Allí, fez uma parte do seu curso primario, completando-o em Natal, para onde, em 1886, os seus paes transferiram residencia. Empregado no commercio em 1893, logo deixou essa carreira, matriculando-se no Athenaeo Norte Riograndense e ali concluindo, em 1897, o curso de humanidades. De 22 de Outubro de 1896 a 23 de Fevereiro de 1898 exerceu o logar de guarda-fiscal do Thesouro do Estado, por nomeação do inspector Joaquim Guilherme. Por decreto do governo da União, de 23 de Dezembro de 1897, foi nomeado 1º tenente de estado-maior da Guarda Nacional (ajudante de ordens da 1ª brigada de infantaria da comarca de Natal), prestando compromisso a 29 de Agosto do anno seguinte. Em Março de 1898, tendo solicitado e obtido demissão do cargo, que exercia no Thesouro, seguiu para a cidade do Recife, e, matriculando-se na Faculdade de Direito, fez o curso de sciencias jurídicas e sociais, sendo graduado ha

ANT

charel a 13 de Dezembro de 1902. Nomeado promotor publico da comarca de S. José de Mipibá, por titulo de 18 de Março de 1903, exerceu esse cargo até Outubro de 1906, quando foi nomeado juiz de direito da comarca de Apody. Servira, em 1904, o lugar de secretario da Commissão Central de Soccorros Publicos. A 30 de Janeiro de 1907 consorciou-se, em Natal, com d. Maria Amélia de Lemos Soares de Araújo, natural da cidade do Caicó e filha legitima do desembargador Vicente Simões Pereira de Lemos e d. Maria Olinidia Bulcão de Lemos, pernambucanos, ambos fallecidos. A 6 de Fevereiro, ainda em Natal, obteve remoção para a comarca de Martins. Em 1909, exercia, em commissão, o cargo de chefe de Policia do Estado, quando foi removido, a pedido, para a 2ª vara da capital, creada n'esse anno. Em 1912 requereu transferencia para a 1ª vara. A 2 de Setembro de 1926, foi nomeado desembargador membro do Superior Tribunal de Justiça (decreto nº 306), empossando-se a 4 do mesmo mez e anno. Quando estudante, pertenceu a diversas associações litterarias e foi redactor dos periodicos *O Guarany*, *O Iris* (organ do Gremio Litterario "Castro Alves"), *Oasis* (do Gremio Litterario "Le Monde Marche") e *A Tribuna* (do "Congresso Litterario"), de Natal. Em Recife, foi socio do Gremio Litterario "Victoriano Pallares" e da "Legião de Soccorros Mutuos dos Officiaes da Guarda Nacional", redigiu *O Tentamen* e *A Polygnarania* e trabalhou como auxiliar de redacção no *Diario de Pernambuco*. De Abril a Dezembro de 1909, dirigiu, interinamente, *A Republica*, organ official do Rio Grande do Norte. Foi o primeiro director do *Diario de Natal* (1924-1925). Presidente do Conselho Central de Natal, da Sociedade de São Vicente de Paulo, faz parte, tambem, do Centro da Imprensa Catholica, do Conselho Administrativo do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia, do Aero-Club do Rio Grande do Norte, da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos e do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, commissionado na redacção da *Revista*. É o autor d'este *Diccionario*.

Antonio Soares de Macêdo—Politico e jornalista. Nasceu na cidade do Assú, então Villa Nova da Princesa, a 27 de Fevereiro de 1831, sendo filho legitimo do capitão Pedro Soares de Macêdo e d. Anna Thezeza Soares de Macêdo. Recbida a instrucção primaria, dedicou-se ao estudo da lingua latina e conhecimento de outras materias do curso de humanidades, conseguindo um regular cabedal litterario. Indo residir na freguezia de Serra Negra, tornou-se criador e agricultor, alli consorciando-se, em 1853, com d. Anna

ANT

Senhorinha de Macêdo, filha legitima do capitão Manoel Pereira Monteiro e d. Maria de Jesus José da Rocha. Viuvando em 1862, Antonio Soares casou-se, em segundas nupcias, na cidade do Assú, a 7 de Julho de 1863, com d. Francisca Francelina de Macêdo e Araújo, filha legitima do seu tio João Luiz de Araújo Picado e d. Anna Jacyntha de Araújo Picado. Em 1870, voltou a residir no municipio de Assú, sua terra natal, continuando ahi a profissão de agricultor e criador. Ingressando na politica local, alistou-se, ao lado dos seus parentes, nas fileiras do partido conservador, em que, pela sua intelligencia, criterio e lealdade, foi galgando posições, até a chefia suprema no municipio, posto em que ainda o encontrou o regimen politico iniciado a 15 de Novembro de 1889. Na antiga Guarda Nacional, teve a patente de capitão, sendo mais tarde nomeado coronel. Além das funcções de cargos municipaes, o coronel Antonio Soares exerceu o mandato de deputado á Assembléa Legislativa da Provincia, estendendo-se a sua influencia politica a diversos municipios, onde a sua palavra era ouvida e acatada. Em 1876, fundou o *Brado Conservador*, jornal politico de combate, do qual era director e principal redactor, defendendo pelas suas columnas a bandeira do partido e pugnando pelos altos interesses da Provincia e, em particular, pelos da zona sertaneja. Viuvo, pela segunda vez, em 1878, contrahiu terceiras nupcias, no anno seguinte, com d. Cláudia Carolina de Macêdo e Araújo, tambem filha do mesmo seu tio João Luiz. Agitando-se a campanha abolicionista, o coronel Antonio Soares abraçou com entusiasmo a causa dos escravos, empenhando n'ella o seu jornal e a sua acção pessoal, como membro fundador da "Sociedade Libertadora Assuense", installada, por interessante coincidência, a 13 de Maio de 1885. No dia 24 de Junho seguinte, festa do padroeiro da parochia, a "Libertadora", em sessão solenne, declarava a cidade do Assú emancipada do elemento servil. O *Brado Conservador*, com typographia propria, manteve-se até 1890, quando, dissolvido o partido conservador, passou a denominar-se *Brado Federal* (2 de Abril), desaparecendo pouco tempo depois. Fundou-se n'essa epocha, no Rio Grande do Norte, um partido catholico, com organ na imprensa—*A Patria*—batendo-se contra o atheismo adoptado pelas novas instituções e em desacordo com o sentimento e tradições do povo brasileiro. Esse partido apresentou a candidatura do coronel Antonio Soares a deputado federal, não conseguindo, porém, a victoria da sua chapa. Desle então, o velho chefe sertanejo afastou-se da actividade politica, desatado dos haveres que adquirira em longos an-

ANT

nos de honesto trabalho. Em 1917, achando-se na capital do Estado, em visita a filhos e netos n'ella domiciliados, foi acommettido de grave molestia, da qual veio a fallecer, aos 86 annos de idade, no dia 11 de Maio, deixando, sobreviventes, a viúva, que falleceu em 1928, e 12 filhos, de um total de 23 nascidos das tres nupcias. Publicou *Arvore Genealogica da Familia Casa Grande*, opusculo, impresso na "Typ. da Companhia Libro-Typographica Natatense", 1893.

Antonio Vaz Gondim—Capitão-mór governador, por duas vezes, da Capitania do Rio Grande do Norte. Nomeado em Janeiro de 1656, foi o primeiro governador effectivo da Capitania após a restauração do dominio portuguez no Brazil. Ignora-se a data da posse, mas sabe-se que governou até 5 de Dezembro de 1663, cabendo-lhe a tarefa de iniciar a reorganização da aparelhagem administrativa, cuja continuidade fôra interrompida por mais de vinte annos, durante os quaes a Capitania esteve sob o dominio hollandez. Os actos mais importantes n'esse primeiro periodo administrativo consistiram no provimento de cargos militares, nomeação de escrivães e notarios e concessão de sesmarias. Antonio Vaz ordenou tambem obras necessarias á conservação da praça e da fortaleza dos Reis Magos, procedendo muito a contento dos moradores e livrando-os de temores dos tapuyos. Em 1673, voltou a governar o Rio Grande do Norte, nomeado por Patente Real de 5 de Outubro do anno anterior, empossando-se perante o Senado da Camara de Natal, a 21 de Junho d'aquelle anno. D'esta vez a sua Patente mencionava apenas o nome de *Antonio Vaz*, sabendo-se que era o mesmo *Antonio Vaz Gondim* porque ella fez referencia ao seu anterior governo na Capitania, "em que assistiu mais de seis annos". O titulo refere ainda, precedentemente, que Antonio Vaz contava mais de 28 annos de bons serviços na guerra do Brazil, em praça de soldado, alferes, capitão de infantaria, quartel-mestre general e capitão-mór, tenho tomado parte nas investidas que se fizeram das fortificações hollandezas de Itaparica; e, passando a Pernambuco em 1648, achou-se em muitos recontros e pejeas de maior importancia, distinguindo-se na segunda batalha de Guararapes "por cujo respeito se lhe deu um escudo de vantagem". Quando, recuperadas as praças de Pernambuco, o general Francisco Barreto precisou "deixar pessoa de valor na fortaleza do Pontal de Nazareth, por ser praça de armas, para d'ella soccorrer o exercito, assim por mar como por terra", foi Antonio Vaz o escolhido para commandal-a, sendo depois encarregado do apresto dos navios em que os hollandezes pas-

APE

saram á Hollanda. Attendendo a tão notaveis serviços, o governo da Metropole lhe fez mercê, primeira e segunda vez, do cargo de capitão-mór do Rio Grande do Norte. N'este segundo periodo administrativo Antonio Vaz "auxiliou, quanto lhe foi possível, a continuação das obras da igreja matriz. Representou sobre o assumpto á Metropole e desta conseguiu a vinda de um engenheiro para examinar a obra iniciada, orçar as despesas e indicar, tambem, os reparos de que carecia a fortaleza dos Santos Reis, isto de common accordo com o Senado da Camara, que, por sua vez, se havia dirigido tambem a El-Rei". Obteve, ainda, munição de guerra para a fortaleza e 25 praças de infantaria para reforço da praça, sob o commando de um alferes; nomeou Lazaro de Freitas Bulliões ouvidor da Capitania, e Francisco de Almeida Vena administrador das aldeias de indios, em substituição a d. Diogo Pinheiro Camarão. Antonio Vaz desenvolveu a edificação da cidade, marcando aos colonos ricos um prazo de seis mezes para iniciarem construcções, sob pena de prisão e multa, que seria applicada em beneficio das obras da matriz. Deixou o governo a 21 de Maio de 1677, (Vicente de Lemos, *Capitães-mores e governadores do Rio Grande do Norte*, vol. I, caps. XIII e XVI, e Annexos, pag. 96.

Antonio Xavier Garcia de Almeida—Padre. Tinha as honras de conego e as de pregador da Capella Imperial. Era filho do professor Francisco Xavier Garcia de Almeida, portuguez, e de d. Bonifacia Pinto Garcia de Almeida, irmã de Frei Miguelinho. O padre Antonio Xavier exerceu em Natal, terra de seu berço, o logar de lente de philosophia no Atheneu Norte Riograndense e o mandato de deputado Provincial, eleito para a legislatura de 1835-1837 e reeleito para as de 1838-39 e 1840-1841. Por Carta Imperial de 29 de Maio de 1843, foi nomeado 2º vice-presidente da Provincia. Não teve oportunidade de assumir o governo.

Antunes—V. *José Paulo Antunes*.

Apaçu-fogo—Serrote, situado 1 kilometro a L da villa de Serra Negra, no municipio do mesmo nome. E' de pequena extensão e não se presta a culturas.

Apanha-pelxo—Lagôa, a maior do municipio de Caralubas. Tem mais de uma légua de extensão e é situada 15 kilometros a NE da cidade. Recebe as aguas dos riachos Mulato, Conceição e Cumbe. E' piscosa, e os terrenos á sua margem são fertilissimos.

Apanha-pelxo—Serrote, na parte L do municipio de Apoly.

Apertuda-hora—Sítio, no municipio de

APO

S. Thomé, onde tem sua nascente o rio Potyngy.

Apipacos—Serrote, no município de Augusto Severo. *Apipacos* é uma corruptella do vocabulo indigena *a-pipuc*; o tropél de gente.

Apody—Município do Estado, na extrema O da região sertaneja. Creado por deliberação do antigo Conselho da Provincia, de 11 de Abril de 1833, teve a sua primeira Camara Municipal installada a 9 de Outubro do mesmo anno. A lei Provincial n.º 18, de 23 de Março de 1835, approvou o acto da criação. O município de Apody limita-se, ao N, com o de Mossoró; ao S, com os de Martins e Portalegre; a L, com os de Carahubas e Patú; e, a O, com o de Limoeiro, no Ceará. Em 1920 (data do ultimo recenseamento), a sua população era de 12.369 habitantes. Eleitores (em 1929), 1.100. O aspecto physico do município é, de conjuncto, semelhante ao de outros da região sertaneja, destacando-se ali, além de taboleiros arenosos e pedregosos, serras e serrotes, em diversas direcções, rios e riachos, correntes durante o inverno e que na estação do estio deixam os leitos inteiramente a descoberto. Passa a NO da séde municipal a extensa cordilheira do Apody e, cerca de um kilometro a L, corre o rio do mesmo nome, o qual recbe, ao penetrar no territorio mossoroense, o nome de *Mossoró*, que conserva até a sua embocadura no oceano. O clima do Apody é quente e sahio. As noites são agradaveis, refrescadas pelas brisas de nordeste que sopram ao cair da tarde. O sólo e sub-sólo do município são ricos em minérios, encontrando-se ali ferro, enxofre, pedra lume, salitre, gesso e crystal, não explorados. A actividade dos habitantes de Apody emprega-se, principalmente, na agricultura e na criação. Em 1920 havia no territorio do município 94 estabelecimentos rurais. O commercio e a industria da pesca (nas lagoas) occupam uma pequena parte da população. As transacções commerciaes mais avultadas se fazem sobre o negocio do algodão, cêra de carnahuba e peles. Em pequena escala, são exploradas as industrias do queijo, manufactura de esteiras e chapéus da palha de carnahuba e extracção de mel de abelhas. Dizem que ha no município a colônilha, insecto de que se extrahie o carmin. Nas vasantes da lagoa Apody cultivava-se o arroz, em quantidade que permite a exportação para os municípios vizinhos e para o Ceará. Em 1897, a Municipalidade unha uma receita de 4.340\$133, para cobrir uma despeza de 3.354\$000; no anno de 1910, a receita era de 3.888\$67 e a despeza de 3.800\$000; em 1927, a receita subia a..... 16.070\$000 para attender a despeza de igual

APO

quantia. O orçamento para 1930 tem a receita elevada para 40.000\$000. O Município subvenciona escolas de instrucção primaria nas povoações de Iripuá, Ponta, Bom Logar e Melancias. Apody é séde da comarca do mesmo nome, creada por lei Provincial n.º 765, de 15 de Setembro de 1875, e installada no anno seguinte, quando tomaram posse as primeiras autoridades judicarias nomeadas: dr. Lodolpho Herculano Marinho Falção, juiz de direito; dr. Adelino da Silva Pinto, juiz municipal e de orphãos; e dr. Francisco Octaviano da Nobrega, promotor publico. A comarca compunha-se, n'aquelle tempo, dos districtos judicarios de Apody e Carahubas; hoje, está acrescida do de Augusto Severo. Todo o territorio do município constitue uma só freguezia ecclesiastica, creada por alvará de 3 de Fevereiro de 1776 e tendo por padroeiro São João Baptista. Em 1894 (F. Severiano, *Anuario Ecclesiastico da Parahyba do Norte*), o registro parochial de Apody inscreveu 198 baptizados, 25 casamentos e 11 obitos; em 1910, inscreveu 165 baptizados, 55 casamentos e 60 obitos. A primeira exploração da ribeira do Apody, segundo una antiga tradição, teria sido feita, rio acima, no dia 24 de Junho de 1499 (data anterior á do descobrimento do Brazil), pelos navegadores Alonso de Hujeda, Americo Vesputio e João de la Coza. Nenhum testemunho convincente nos leva a aceitar essa affirmativa, cuja veracidade tem sido discutida e contestada por vários historiadores. Preferimos começar a noticia historica do município partindo da era de 1530, anterior á conquista e colonização do Rio Grande do Norte, seguindo informacões que nos foram prestadas pelo velho chronicista apodyense, de saudosa memoria, Manoel Antonio de Oliveira Coriolano. Em 1530—disse Coriolano, baseado na tradição—chegou á ribeira do Apody o religioso capuchinho frei Fidelis, operoso apostolo, o qual, conseguindo a conversão de muitos indios, situou-se com elles na vizinhança de um braço occidental da lagoa (logar que ainda hoje é conhecido pelo nome de *Corrego das Missões*) e construiu uma pequena ermida, de madeira e barro, dedicada a S. João Baptista, na margem norte da lagoa, ao pé da collina em que actualmente está assentada a cidade. Em 1620—proseguiu o velho chronicista—um outro capuchinho, frei Angelo, em serviço das Missões, edificou uma igreja no mesmo sitio da actual matriz de Apody, em forma de abobada, com carneiros e campas na parte interior. Essa igreja, feniida a abobada, a 2 de Fevereiro de 1776 deslanchou sobre os tumulos, produzindo um enorme estampido, ensurdecedor, e que foi ouvido até por moradores de Portalegre, na distancia de 9 leguas.

APO

É facto, e não se contesta, que, em tempos remotos, houve missões na ribeira do Apody, para catechese e alenteamento dos índios, prégadas e dirigidas por missionarios religiosos (V. *Aldeia do Apody*). Entretanto, uma outra noticia attribue a fundação do Apody, em fins do século XVII, ao sargento-mór Manoel Nogueira Ferreira, nascido na capital da Parahyba a 5 de Maio de 1655, casado com a pernambucana d. Antonia de Oliveira Correia e fallecido na sua fazenda "Outeiro do Apody" a 17 de Janeiro de 1715. Foi este, ao que parece, o constructor das primeiras casas, resultando d'ali—pensamos nós outro—que uma das tradições, mais acertadamente, assignala a fundação a partir do estabelecimento dos primeiros missionarios e edificação da capella, emquanto que a outra prefere considerar como tal as primeiras moradias, feitas por Manoel Nogueira. Entre os fillos mais illustres do municipio de Apody, contam-se o coronel Antonio Ferreira Pinto, politico de influencia; o padre José Ferreira da Motta; e dr. Francisco de Assis Gurgel do Amaral, fallecidos; o dr. Alfredo Celso de Oliveira Fernandes, magistrado; José Martins de Vasconcellos, poeta e jornalista; dr. Carlindo Gurgel de Oliveira, funcionario da Fazenda Nacional; e Raymundo Nonato Ferreira da Motta, cronista de assumptos locais. O elemento servil foi extinto no municipio a 5 de Fevereiro de 1838. Diz-se que *Apdy* era a denominação antiga (dada ao rio) e que a modificação para *Apody* fôra feita pelo ouvidor Soares Reynão, quando, em sentença de 1706, decidia um litigio entre moradores da ribeira. *Apody*, ou *Pody*, é, evidentemente, vocabulo indígena, alterado. Não o encontramos, de um ou de outro modo, no dicionario da lingua tupy, nem na obra de Theodoro Sanpaio—*O tupy na geographia nacional*.

Apody—Cidade, sede do municipio do mesmo nome, 390 kilms. a O da capital do Estado. Até 1833 era simples povoação, adquirindo n'esse anno os fôrps de villa, por deliberação do antigo Conselho da Provincia, approvada pela lei nº 18, de 23 de Março de 1835. (P. Soares, *Repertorio das Leis, in Revista do Instituto Historico*, vol IX). Em 1837 foi elevada á categoria de cidade, por disposição da lei Provincial nº 988, de 5 de Março d'esse anno. Está situada, sobre uma collina arenosa, á margem septentrional da lagôa Apody, offerecendo elegante aspecto, pela sua excellente situação e pela optima disposição das ruas, regularmente alinhadas. Em 1892, segundo informação do presidente da Intendencia—áquelle tempo o major Octaviano Gomes Pinto—tinha a cidade sete ruas, com 125 casas terreas e 3 sobrados, além dos edificios

APO

publicos; igreja matriz, palacete da Intendencia Municipal, construído em 1835 e cujo pavimento terreo servia de cadeia, cemiterio publico, provido de capella e construído em 1863. No anno de 1906, quando estivemos em Apody, não soffrera modificação notavel a cidade descripta pelo major Octaviano; apenas, fôra construído um Mercado Publico, e a igreja matriz passava n'esse anno por uma grande reforma, executada sob a direcção do vigario Lucio Gambarra e custeada pelos fiéis da parochia. A 10 de Janeiro de 1912 foi inaugurado, em edificio adaptado, o Grupo Escolar Ferreira Pinto. No anno de 1929 a Prefeitura fez demolir o antigo prédio da Intendencia, para no mesmo local construir um novo e mais espaçoso edificio. A cidade do Apody é servida por estação do Telegrapho Nacional e agencia do Correio, de 4ª classe, creada a 23 de Setembro de 1836. Communica-se por estradas e caminhos carroçaveis com os municipios de Mossoró, Carahubas, Martins e Páu dos Ferros, e com as povoações de Itahú e Brejo do Apody, pertencentes ao municipio.

Apody—Lagôa, uma das maiores do Estado, perto da margem esquerda do rio Apody e ao S da cidade do mesmo nome. Sobre ella diz o dr. Felipe Guerra, no seu livro *Sitios contra a Seca*: "A falta de dados positivos, podemos avaliar-a com 10 kilometros de extensão sobre 3 de maxima largura e com 1 a 5 metros de profundidade. É dividida em dois lagos, ligados entre si por estreito canal. Está situada ao pé da cidade, dando-lhe um bello panorama: fica entre o rio, que corre a dois ou trez kilometros afastado, e a cidade. Da extremidade nordeste da lagôa sahe um pequeno canal, corrente na mesma direcção do rio, confluinte ambos cerca de dois kilometros adiante da cidade, estabelecendo-se assim uma communicação entre o rio e a lagôa. Quando o rio corre com alguma agua, pouca mesmo, essa reflee pelo canal, despejando-se na lagôa; é assim que esta recebe suas aguas; e, logo que a lagôa enche, a agua pelo mesmo canal afflue para o rio, obedecendo ao nivel das aguas d'este rio até um certo limite, chegado ao qual cessa a corrente e a communicação pelo canal, o que se dá no fim dos invernos, ficando então a lagôa com a sua natural capacidade. A lagôa obedece, pois, ao rio. Isso indica que as vezes que ella tem secado completamente correspondem a periodos em que o rio tem deixado de trazer agua sufficiente. Sabemos no certo que a lagôa secou completamente em 1825. Enchendo em 1827, secou em Setembro de 1878, só enchendo a 15 de Março de 1880. Em 1885 esteve prestes a secar. Em

APO

1903 não recebeu agua do rio; e, quasi sêcca, recebeu em principios de 1904 pequena quantidade d'agua, vindo a secçar completamente em meado de 1904, enchendo em 1905. E' muito fértil e muito piscosa. Suas vasantes são regularmente aproveitadas. A principal produção agricola é o arroz: suas bds safas podem ser avaliadas em 320.000 litros. Nas sêccas, presta inestimaveis serviços aos habitantes do município, além do mais fornecendo recursos para salvar parte da sua riqueza pastoril. O commercio de peixe é relativamente activo, principalmente para Baturité, no Ceará. São empregadas na pesca diaria 15 a 20 pequenas canoas. A lagôa Apody teve, primitivamente, o nome de *Iuhú*.

Apody—Rio, tambem conhecido pelo nome de *Mossoró*. Nasce no logar "São Braz", nas abas da serra Luiz Gomes, e corre a léste da cordilheira do Apody, banhando parte dos municípios de Portalegre, Martins, Apody, Mossoró e Areia Branca. Em seu curso, de cerca de 300 kilometros, o Apody recebe diversos afluentes, entre os quaes o Umary, o Upanema e o riacho Gútrana. Ao penetrar em territorio do município de Mossoró, nas proximidades da povoação de S. Sebastião, o rio toma, na voz geral, o nome de *Mossoró*, indo banhar a cidade do mesmo nome e a de Areia Branca, desaguando, afinal, no oceano Atlantico, ao NO d'esta ultima cidade e ao SO do morro do Tibáu. E' navegavel n'uma extensão de 50 kilometros (desde a sua barra até a povoação Porto de Santo Antonio, no município de Mossoró), a principio por barcas e vapores de pequeno calado (até a salina "Jurema") e depois por pequenas embarcações (até Porto de Santo Antonio, 7 kilometros abaixo da cidade de Mossoró.) A navegação ali é diaria e ininterrupta, occupando-se as embarcações no transporte dos generos e mercadorias de importação e exportação, uão só da praça de Mossoró como de todos os municípios das zonas vizinhas. Nas margens d'este rio (direita e esquerda) estão situadas as antigas e ricas salinas de Mossoró, algumas das quaes pertencem hoje ao territorio do município de Areia Branca. E' elle o maior dos rios que nascem no territorio rio-grandense. No século XVIII faziam-se na sua barra, nos logares a esse tempo conhecidos por *Morro Branco*, *Porto de Mar* e *Officinas de Carnes*, grandes xarquearias, para exportação de carnes, depois prohibidas pelo capitão-general de Pernambuco, em officio de 1736, dirigido ao Senado Camara de Natal. Existiam, tambem, d'essas xarquearias nos portos carenises, e vem d'ahi a denominação de *carne do Ceará*, pela qual é ainda hoje conhecida a carne de xarque. Sobre a origem

ARA

do nome do rio, vê o que dissemos afinal no verbo *Apody*, quando tratámos do município d'este nome.

Apody—Serra. E', antes, uma cordilheira, como a classificou o barão Homem de Mello, no seu *Atlas do Brazil*. Tem, segundo esse notavel geographo, 198 kilometros de comprimento sobre uma largura de 65 a 80. Esta cordilheira e a da Borborema constituem o systema orographico do Rio Grande do Norte, por sua vez ligado ao grande massico central do Brazil. Na extensa ribeira do Apody, desde a serra de Luiz Gomes até o morro do Tibáu, limites com o Ceará, tem ella o nome de *serra* ou *chapada do Apody*. A sua altitude n'esse trecho é de 175 metros, segundo o calculo de Roderic Crandall. A chapada do Apody passa a NO da cidade do mesmo nome, na distancia de 6 kilometros. N'esse trecho, como em alguns outros, a serra tem optimos terrenos agricolas, aproveitados em diversas culturas. Ali nasce o famoso *Olho d'Agua da Soledade*, aberto no cimo da serra, rolando de pedras calcareas, sobrepostas umas ás outras, formando muralhas e tanques, que recebem as aguas pluvias, conservando-as por algum tempo. Na serra do Apody encontram-se os minérios de que fallamos na parte relativa ao município. V., tambem, *Soledade*.

Aprizio Chaves—(*Aprizio Augusto Ferreira Chaves*)—Magistrado. Nasceu na villa de Piancó (Parahyba), a 27 de Novembro de 1864, sendo seus paes o bacharel Joaquim Ferreira Chaves e d. Clara Maria Vieira Chaves. Formado em sciencias juridicas e sociaes, no anno de 1886, pela Faculdade de Direito do Recife, exerceu a advocacia e cargos de justiça, vindo mais tarde para o Rio Grande do Norte, ingressando na magistratura do Estado. Foi juiz municipal em Augusto Severo, juiz de direito nas comarcas de Assú e Canguaretama, chefe de Policia interino e deputado Estadual em uma legislatura. Em 1897, utingiu o mais alto posto da magistratura local, com a nomeação para desembargador membro do Superior Tribunal de Justiça. Acometido de molestia incuravel, que o martyrisou por alguns annos, falleceu, na villa de Taipú, a 19 de Julho de 1900.

Arapuá—Povoado, séde de um districto policial, no município de Serra Negra. *Arapuá* é vocabulo indigena, corruptella de *ira-poti*: mel relondo, ou ninho de abelhas relondo. (Theoloro Sampaio).

Arapuá—Acude publico, no município de Sant'Anna do Matos. E' um dos maiores do Estado, mas ficaram por terminar os trabalhos de sua construcção.

ARE

Arapuá—Riacho, no município de Luiz Gomes. Nasce nos limites do município com o território parahybano, passa 9 kilometros a L da villa de Luiz Gomes e vai desaguar no riacho Arocira.

Arapuá—Serra, de 3 kilometros de extensão e localizada 20 kilometros a L da villa de Serra Negra, no município d'este nome. Não é cultivavel.

Arara—Lagôa, a mais bella do município de Carahubas. Está situada n'uma planície arenosa, 16 kilometros ao S da cidade. Não recebe agua de riacho' ou correjo. Sabe-se que sangrou no anno de 1819.

Arara—Riacho, no município de Luiz Gomes.

Ararahú—Pequena ilha, no município de Cearámirim. O desembargador Luiz Fernandes opina que *Ararahú* (rio da arara), referido em documentos antigos, era o nome de uma das vertentes do Baixo Cearámirim, as quaes mudam constantemente de curso ou mesmo desaparecem com as alluções do rio.

Ararahy—Rio, de pequeno curso, no município de Papary. *Ararahy*, como *Araraha*, é vocabulo indigena e significa *rio da arara*.

Ararinha—Sítio, no município de Angicos, 4 kilometros a NE da sede municipal e onde se acha instalado um campo de aviação.

Ararão—Riacho, afluente do rio Canivete, no município de Angicos.

Araújo Filho—V. *Joaquim de Araújo Filho*.

Araújo Neres—V. *José Pereira de Araújo Neres*.

Aréas—Tribu de indios, das que habitaram os sertões e caatingas do Rio Grande do Norte. Os aréas, como os pégas, localizavam-se principalmente nas ribeiras do alto Seridó (Espinharas, Sahuçu, etc).

Aréla—Rio, no município de Curraes Novos. Nasce na serra Sant'Anna e, após um curso de 18 kilometros, desagua, pela margem direita, no rio Curraes Novos, 6 kilometros acima da cidade d'este nome.

Areia Branca—Município do Estado. E' marítimo e fica na extrema norte. Creado por decreto da Junta Governativa do Estado, no 10, de 16 de Fevereiro de 1892, foi instalado a 31 de Março do mesmo anno. Limita-se, ao N, com o oceano Atlantico e o município de Aracaty, no Ceará; ao S e a O, com o município de Mossoró; e, a L, com o de Assú. Pelo último recenseamento (anno de

ARE

1920), a população do município de Areia Branca era de 9.153 habitantes. Hoje, cerca de 11.000. Em Agosto de 1929, o corpo eleitoral do município era de 435 votantes. O aspecto physico do município é o de uma extensa planície, com pequenas elevações montanhosas nos lados de L e O, cobertas de bosques e mattas. Ha em todas as direcções campos para agricultura e criação; e, nas margens dos rios e cambôas que existem dentro do território do município, estendem-se mattas de mangue e magníficos terrenos de salinas, que vão até o littoral. O clima é temperado e salubre. Não ha endemias e raramente apparecem molestias epidemicas. Sem desprezo pela agricultura e pela industria pastoril, pois conta 67 estabelecimentos rurais, o município de Areia Branca tem como base principal de sua vida economica a industria do sal, explorada em grande escala, com resultados que seriam mais compensadores si houvesse mais facilidade de transporte, barateando os fretes. Areia Branca tem regular commercio, dando entrada e sahida pelo seu porto aos productos commerciaes da importante praça de Mossoró, á qual está ligada por uma estrada de ferro e por via fluvial, esta ultima utilizada sómente por pequenas embarcações. A renda municipal, a principio orçada em 6550\$000 (anno de 1894), elevou-se em 1910 a 11:500\$000 e passou a ser, em 1927, da quantia de 78:820\$000. A municipalidade subvenciona escolas primarias em Areias Alvas, Grossas, Redonda, Tibá e Upaneminha. Areia Branca é districto judiciario, creado por decreto de 17 de Agosto de 1893 e solememente instalado a 1 de Janeiro de 1894, sob a presidencia do dr. Joaquim Manoel Vieira de Mello, juiz de direito da comarca de Mossoró, a que ainda hoje pertence o districto. Todo o território do município constitúe uma só freguezia ecclesiastica, creada por d. Antonio Cabral a 5 de Novembro de 1918 e tendo por padroeira Nossa Senhora da Conceição. Primitivamente, Areia Branca teve a denominação de *Ilha de Arribanca*; e o local onde assenta a cidade é, de facto, uma verdadeira ilha, cercado pelas cambôas Tapêra e Salina Grande e pelos rios Mossoró e João da Rocha. Chamou-se tambem *Aréas Brancas*. Segundo informação fidedigna, as primeiras habitações foram construidas em Barra do Mossoró, ainda hoje simples povoação, parallela á cidade, mas situada na margem esquerda do rio, a talção áfirma que foi esse um dos primeiros logares habitados na ribeira do Mossoró. Areia Branca, situada á margem direita do rio, ainda em 1897 possuia apenas alguns ranchos de pescadores. Nesse anno, o presidente da Provincia, dr. Luiz Barbosa, mandou mudar um armazem que existia no

ARE

logar "Jurema", á margem esquerda do rio Mossoró, para a ilha de Areia Branca (a esse tempo *Areias Brancas*), situada, como já vimos, na margem direita. Proximamente ao novo armazem foram, depois, construídas 3 casas: a primeira, no mesmo anno de 1867, pelo cidadão Gorgonio Ferreira de Carvalho, primeiro encarregado do dito armazem, e as duas outras em 1869, uma por João Menino e outra por João Francisco de Borja, natural de Mossoró e que, em 1870, mudou-se para Areia Branca. Data d'aquí o começo da povoação. João de Borja—acrescentou o nosso informante—cidadão bondoso, excellente paiz de familia, de caracter e honestidade irreprehensíveis, estabeleceu em Areia Branca a primeira casa de negocio, e encarregava-se de receber as mercadorias importadas e exportadas pelo commercio de Mossoró. A sua casa tornou-se hospedaria de todas as pessoas que embarcavam ou desembarcavam no porto. Em 1872, creado um districto de paz em Areia Branca, foi João de Borja eleito primeiro juiz de paz do novo districto, occupando, mais tarde, outros logares de eleição e de nomeação. Foi, ainda, João Francisco de Borja quem primeiro, pelo actual systema, construiu uma salina no rio Mossoró, em 1875, no logar "Serra Vermelha", de sociedade com o seu cunhado Joaquim Nogueira da Costa, commerciante em Mossoró. João de Borja auxiliou, com valiosos donativos, a construção da capella de N. S. da Conceição. Uma primeira, edificada, em 1875, por iniciativa de frei Fidelis, missionario capelinho, de nacionalidade italiana, foi demolida em 1877, por deliberação dos catholicos, desgostosos com o facto de ter um individuo se utilizado d'ella para estribaria, segundo informações de antigos moradores. Nesse anno, affluiram para Areia Branca muitos dos retirantes acossados pela secca, os quaes destruíram a mata, abrindo espaço a novas edificações. Em 1885, um outro missionario, frei Venancio, tambem capelinho e italiano, confluindo pelos habitantes da localidade, deu começo á construção de uma nova capella, sob a mesma invocação e que é a actual igreja matriz da parochia, concluída mais tarde. A matriz, sólio edificio, de 43 palmos de frente sobre 72 de fundo, está provida do necessario ao serviço do culto. V. *Areia Branca*, cidade.

Areia Branca—Cidade, sede do municipio do mesmo nome, á margem direita do rio Mossoró e proxima á sua cabeceira no oceano. Povoação até 1892, foi n'esse anno elevada a villa, com a criação do municipio. Em 1927, por lei Estadual n.º 656, de 22 de Outubro, alcançou os titulos de cidade. O local em que está situada a cidade, muito despido

ARE

de vegetação, é terreno de areias movediças, as quaes acompanham a direcção dos ventos, formando dunas pelas ruas e, por vezes, investindo contra as proprias habitações. Por falta de um trabalho de fixação d'essas areias, tem sido tambem prejudicada a barra de Areia Branca, que, aos poucos, está sendo por ellas aterrada. Diminúe cada dia a profundidade dos canais de accesso, o que obriga os navios de maior calado fundearem a grande distancia (às vezes 10 e 12 milhas do pontal da barra), dificultando e encarecendo o transporte de cargas e passageiros. Já hoje, além da fixação das dunas, a barra reclama um grande serviço de dragagem. Ainda assim, por ser o entreposto commercial de uma grande zona, Areia Branca conserva um pouco de vida, alimentada tambem pelo trabalho de suas ricas salinas. A cidade é pequena e não tinha edificios notaveis quando a visitámos, em 1906 e 1907. Hoje, possue bons prédios, palacete da Intendencia Municipal, edificio do grupo escolar, mercado publico, casa da usina electrica, etc. É illuminada a luz electrica. Os melhoramentos publicos são devidos ás ultimas administrações municipaes, sob a orientação publica do coronel Francisco Fausto de Souza, um grande impulsor do progresso local. Areia Branca tem estação do Telegrapho Nacional, inaugurada em 28 de Setembro de 1895, e agencia do Correio, de 1.ª classe. Esta ultima rendeu em 1928 a quantia de 23387070. É sede de uma mesa de rendas alfandegaria, do governo da União, e de uma outra de rendas Estaduaes. O rendimento d'esta, em 1928, attingiu á importancia de 1.588.4895829. A instrucção publica primaria é ministrada no Grupo Escolar Conselheiro Brito Guerra, creado por decreto Estadual n.º 59, de 7 de Dezembro de 1916 e installado em prédio moderno, um dos melhores da cidade. V. *Areia Branca*, municipio.

Areal—Zona, no bairro da Ribeira, em Natal. É comprehendida no perimetro de Rocas, que dentro em breve constituirá um novo bairro da cidade. Areal tem escola rudimentar, creada e mantida pelo Estado.

Areia Preta—Praça de banhos, no municipio da capital e cerca de dois kilometros a E. do centro da cidade. Tem boas casas de verão, é illuminada a luz electrica e servida por bondes e omnibus, para o transporte de passageiros. O mar, aos poucos, tem arrastado areias da praia, ao mesmo tempo que um grande morro trazeiro avança vagrosamente sobre as casas. Supponho que, si não houver uma oportuna providencia, ao fim de alguns annos Areia Preta terá desaparecido completamente.

ARE

Arelas—Riacho. É afluente, pela margem esquerda, do rio Curraes Novos, no município d'este nome.

Arelas—Riacho, no município de Serra Negra. Nasce na serra Verde e, depois de um curso de 6 kilometros desagua no riacho Pitombas, 18 kilometros a O da villa de Serra Negra.

Arelas Alvas—Povoado, no município de Areia Branca. Ahí existem algumas fazendas de criação e um bonito coqueiral. Tem escola primaria.

Arerê—Riacho, afluente do rio Curimatahú, no município de Canguaretama.

Arerê—V. *Cabeço do Arerê*.

Arerê—Município de *Bahia Formosa*.

Arêz—Município do Estado, um dos menores em territorio e em população, situado na zona do agreste e ao S. da capital. Foi, primitivamente, uma aldeia de indios da lingua geral (V. *Aldeia de Guarahyras*). Depois, povoação de Arêz, foi erigida em parochia, por alvará de 13 de Abril de 1821. No anno de 1855, a Resolução Provincial no 318, de 17 de Agosto, elevou-a á categoria de município e villa, com a mesma denominação. Suprimido em 1862, conseguiu restauração a 11 de Dezembro de 1876 (Lei Provincial n.º 778). O município de Arêz limita-se, ao N, com o de Papary; ao S, com o de Goyaninha; a L, com o oceano Atlantico; e a O, com os municípios de Goyaninha e São José de Mipibú. Tivemos noticia de que o município de Arêz fôra creado por alvará de 3 de Maio de 1758 e installado em 1761; não encontramos, porém, copia ou registro do alvará e nem documento assegurando a installação n'essa epocha. Em as nossas *Ephemérides do Rio Grande do Norte* assignaldinos a data de 15 de Junho de 1760 como sendo a da erecção da Villa Nova de Arêz, com séde em antiga povoação de Guarahyras, presidido effecto pelo ouvidor geral Bernardo Coelho da Gama e Casco. Seguimos n'essa affirmativa o erudito historialor Barão de Studart, em suas *Notas para a historia do Ceará*, pag. 234. De 1864 a 1876 o territorio de Arêz, desmembrado do município de Goyaninha, esteve incorporado ao de Papary. (Lei Provincial n.º 559, de 16 de Dezembro de 1864). A sua população, em 1920, era de 4.821 habitantes. Em 1929, tinha, alistados, 153 eleitores. O clima é temperado e salido, exceptuando-se as proximidades do valle e da lagôa, onde, ao tempo das vasantes, apparecem casos de paludismo. A despeito de limitar-se com o oceano, Arêz não pôde ser considerado município marítimo, porque a sua costa, de mar bravo, não offerece um ponto

ARE

qualquer que se preste a ancoradouro. O seu pequeno commercio de importação e exportação se faz pela *Great Western*, que mantém paradas em Balldrum e Estivas. A agricultura do município consiste no plantio de cereaes, algodão e canna de assucar, principalmente nas varzeas do rio Jacú, da lagôa Guarahyras e no pequeno valle do Balldrum. Em 1920 foram recenseados no município 48 estabelecimentos ruraes. A industria limita-se á fabricação de assucar e aguardente, nos engenhos, e á pesca, na lagôa Guarahyras. N'esse lago, existe uma illota, conhecida pelo nome de *Ilha do Flamengo*, que foi occupada por holandezes (flamengos), na epocha da invasão, em 1633. (V. *Ilha do Flamengo*). A 22 de Janeiro de 1838 foi extincto o elemento servil no perimetro da villa. A renda municipal era, em 1897, de 2.350\$000 para attender a uma despeza de 2.300\$; em 1927, a receita subia a 7.000\$000, para cobrir despeza fixada em igual quantia. O orçamento para 1930 calculou a receita do município em 14:500\$000 e fixou a despeza na mesma importancia. O município de Arêz é districto judicial, creado em 1839, e faz parte da comarca de S. José de Mipibú. Comprehende uma só freguezia ecclesiastica, instituía em 1821, sob a invocação de São João Baptista, que já era o padroeiro desde os tempos da aldeia. O registro parochial (F. Severiano, *Anuario Ecclesiastico da Parahyba do Norte*) em 1894 inscreveu 154 baptizados, 15 casamentos e 32 obitos; em 1910 inscreveu 124 baptizados, 27 casamentos e 80 obitos. Entre os filhos do município que mais se distinguiram, mencionamos: Jacumaluma, capitão dos indios aldeados e combatente contra os holandezes invasores; capitão-mór André de Albuquerque Maranhão Junior, deputado Provincial, vice-presidente da Provincia e deputado geral na 6.ª legislatura (1845-1847); dr. André de Albuquerque Maranhão Cavalcanti, deputado Provincial no biennio de 1856 a 1857; capitão dr. João Euphrasio Guio de Souza, official do Exercito e bacteriel em direto (Faculdade de Recife—1912), todos fallecidos; monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortez, protonotario apostolico e vigário geral da Diocese, residente em Natal; professor José Rodrigues Filho, poeta e jornalista; dr. Ezechias Cortez Cortez, advogado; e coronel João Pegado Cortez Filho, proprietario, advogado licenciado, ex-chefe politico no município e deputado Estadual em várias legislaturas, fallecido em Natal a 27 de Outubro de 1927.

Arêz—Villa, séde do município do mesmo nome, 58 kilometros ao S da capital. Povoação até 1855, foi n'esse anno elevada á categoria de villa. Está situada a O da lagôa

ARR

Guarahyras e do canal do Tibú do Sul. A edificação é má, de systema antigo, destacando-se um ou outro prédio de melhor aspecto, entre estes o do Grupo Escolar Jacumahuma, inaugurado a 25 de Março de 1911, e o da sede da Intendencia Municipal. A igreja matriz é de antiga construção e, no começo da colonização, serviu de convento aos jesuitas encarregados da catechese dos índios. Arêz tem agencia do Correio, de 4.ª classe, creada a 4 de Maio de 1882, mas não possui estação telegraphica ou telephonica; serve-se da estação de Balduum (da *Great Western*). É sede de uma delegacia de Policia e de duas agencias de remissas, uma Federal, outra Estadual. A communicacão com a capital e outros municipios faz-se pela parada de Balduum, distante 5 kilometros a O da villa. Tem estradas para Estivas, povoação do municipio, e para S. José de Mipibú, passando por Sapé. Escala em Arêz a linha de automoveis de Natal a Pedro Velho.

Armando Seabra—(*Armando Augusto Seabra de Mello*)—Litterato riograndense, que se dedicou especialmente aos estudos de philologia e critica. Nasceu na capital do Estado, a 17 de Março de 1892, sendo seus paes o major Miguel Augusto Seabra de Mello e d. Anna Leonor Seabra de Mello (fallecidos). Estudou humanidades no Athenen Norte Riograndense e destinou-se ao curso de medicina, matriculando-se na Faculdade do Rio de Janeiro, onde estudou até o 3º anno, transferindo-se depois para a Faculdade da Bahia e fazendo ali os seus exames do 4º anno. Discutiu na imprensa assumptos philologicos, e publicou artigos de critica, nos quaes revelou lucida intelligencia e bastante cultura litteraria. Adoecendo, interrompeu os estudos, regressando a Natal, onde falleceu a 22 de Agosto de 1920. Deixou um livro inédito—*Ensaio de Critica e Litteratura*—que foi publicado depois de sua morte.

Arcoira—Riacho, no municipio de Luiz Gomes. Nasce na serra Verde, limites do Estado da Parahyba, passa 18 kilometros a L da villa de Luiz Gomes e entra no municipio de Pão dos Ferros, onde toma os nomes de *Arco* e *Arco Morta*. Quando em territorio de Luiz Gomes, é tambem conhecido pelo nome de *Angico*.

Arcoiras—Lagôa, 4 kilometros ao S da villa de Baixa Verde.

Arcoiras—Lagôa, no municipio de Portalegre, situada 24 kilometros ao S da villa.

Arcoiras—Serrrote, no municipio de Apody.

Arrajal da Barra—V. *Barra do Mossoró*.

ASS

Arrajal de Nossa Senhora dos Prazeres—V. *Arrajal do Assú*.

Arrajal do Assú—Presidio fundado na ribeira do Assú, em 1696, pelo capitão-mór do Rio Grande, Bernardo Vieira de Mello, para defeza dos colonos contra os ataques dos índios. Nos velhos documentos consultados não foi encontrada a data precisa da fundação do Arrajal do Assú. Confrontando-se, porém, a data do *Bando* lançado para tal fim—6 de Fevereiro de 1696—com as datas da nomeação e posse de Theodosio da Rocha, primeiro cabo do Presidio—13 e 15 de Junho—é perfeitamente aceitavel a opinião do desembargador Vicente de Lemos—de que sendo o dia 24 de Abril consagrado a Nossa Senhora dos Prazeres (nome que recebeu o Presidio) é natural que fosse o da fundação do Arrajal, porque costumavam os portuguezes assignalar os seus feitos com o nome do Santo do dia.

Arriba—Riacho, de cerca de 15 kilometros de curso, no municipio de Areia Branca.

Arroubado do Pontal—Canhôa, á margem direita do rio Mossoró, no municipio de Areia Branca. Fica a L da villa e é navegavel por pequenas embarcações.

Arroz—Lagôa, no municipio de Papary.

Arroz—Lagôa, no municipio de Touros.

Arroz—Riacho, no municipio de Serra Negra. Nasce no serrote Jatobá e, após um curso de 12 kilometros, faz barra no riacho Cachoeira, 26 kilometros ao N da villa de Serra Negra.

Assú—Municipio do Estado, na zona sertaneja e a NO da capital. Povoação de S. João Baptista da Ribeira do Assú, foi elevada a municipio em 11 de Agosto de 1783, com o nome de Villa Nova da Princeza, assignando-se para seu territorio, áquelle tempo, todos os logares sujeitos ao dízimo real da ribeira do Assú. Limita-se, ao N, com o oceano Atlantico e o municipio de Areia Branca; ao S, com o municipio de Caicó; a L, com os de Macaú, Angicos e Sant'Ana do Mattos; e, a O, com os de Augusto Severo e Mossoró. Pelo recenseamento de 1920 a sua população era de 24.779 habitantes, algarrismo que hoje deve estar elevado a cerca de 28.000. Em Agosto de 1929 o corpo eleitoral compunha-se de 827 votantes, numero que em Janeiro de 1930 subia a 998. O aspecto physico do municipio é, mais ou menos, este: ao N, nas varzeas do rio Assú, que o banha de sul a norte, verdejante carandubal e outras arvores frondosas, occupando leguas de terreno; a O, campos arenosos, com pequenas elevações, cobertas de arbustos e arvores rastei-

ASS

ras; ao S e SO, terrenos carrascosos, planícies e ondulações; e, ao N, um trecho de costa, mais ou menos abrigado, prestando-se á construção de um excellento porto marítimo (Canto do Mangue). O clima do Assú é temperado e saudável; cálido no verão, as tardes e noites são, todavia, muito agradáveis, refrescadas pelas brisas de nordeste. O município é um dos mais agrícolas do Estado, de terras fertilíssimas, principalmente as do valle denominado Baixo Assú. As vasantes da lagôa Piato, 8 kilometros a O da cidade, produzem com fartura diversos legumes e cereaes. O algodão é cultivado em quasi todo o município, dando, nos annos de bom inverno, vultuosa produção. A criação, em menor escala, é, mesmo assim, muito importante, contando-se grande numero de fazendas de gado e havendo, ainda, a criação de miunças, mantida por grandes e pequenos lavradores. Em 1920, segundo apurou a Directoria Geral de Estatica, existiam no município de Assú 412 estabelecimentos rurais. Não ha industrias fabricas, limitada a actividade, n'esse ramo, á produção de artefactos de couro, chapéus, esteiras e espanadores de palha; de carnaluba. A extracção da cera de carnaluba, occupa, duas vezes ao anno, grande numero de pessoas, e é o município de Assú o maior exportador d'esse producto, figurando com 160.000 kilogrammas n'uma exportação; total de 400.000, em annos de boa safra. A pesca na lagôa Piato é muito abundante, offerecendo recurso á população pobre nos annos de crise. O commercio local é bem desenvolvido, exportando as principaes intercalorias de produção do município—algodão, cera de carnaluba, pelles, borracha de maniçoba, etc., e importando, das praças de Pernambuco, Rio de Janeiro e outras, os tecidos, miudezas, ferragens e mais artigos necessarios ao consumo do município e das localidades vizinhas. O transporte, obtido a principio por intermedio do porto de Macaú, passou a ser feito pela E. F. Central do Rio Grande do Norte (estacção de Lages), em vista das pessimas condições em que ficou aquelle porto, aterrado pelas areias e sem serviço de dragagem e conservação. O município de Assú empenha-se pela construção de um porto em seu proprio territorio, no limite norte, onde, como dissemos acima, existe um trecho de costa com espaço apropriado a um excellento ancoradouro. Melhoramentos na estrada que vae da cidade a Logradouro e o seu prolongamento até Canto do Mangue completarão as obras do porto, tornando-se Assú município marítimo. A renda municipal em 1890 era de 958\$000; em 1910, subia, segundo a lei orçamentaria, a 10.600\$000; e, em 1928, elevava-se a 41.000\$000, sendo a despeza desse anno

ASS

fixada em 40.990\$000. Para o anno de 1930 a receita está orçada em 50.000\$000. A Municipalidade subvenciona e mantém escolas primarias nas principaes povoações do município. Toda a circumscripção municipal constitue uma só parochia, creada em 1726 e tendo por padroeiro São João Baptista. Assú é sede da comarca do mesmo nome, creada por deliberação do Conselho da Provincia, de 11 de Abril de 1833, approvada pela lei Provincial n. 13, de 11 de Março de 1835. Actualmente, constitue-se dos districtos judicarios de Assú (sede) e Sant'Anna do Mattos. Em 1754, a povoação de São João Baptista da Ribeira do Assú, composta de 405 fogos, pertencia á jurisdicção civil de Natal. O desembargador José Correia, em sua memoria historica—*A administração da justiça no Assú*—publicação posthuma (*Revista do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Norte*, vol. 23 e 24), disse que, n'aquelle tempo, tendo a povoação crescente desenvolvimento e tornando-se o centro mais importante da ribeira da Capitania, os seus habitnates representaram ao Ouvidor geral, José Ferreira Gil, sobre «a consternação em que viviam, na falta de quem lhes administrasse justiça, não só por lhes ser preciso para suas causas e contendas, mas para temor dos malfeteiros». Acrescentou o desembargador Correia que, apesar da informação contraia do Senado da Camara de Natal, o rei de Portugal despachou favoravelmente a petição, em 29 de Novembro do dito anno (1754), passando a povoação á categoria de *juizado* (sob a jurisdicção de um juiz ordinario) Só em 1833, como vimos, o Assú, já então Villa Nova da Princeza, passou á gradação de comarca. Entre os filhos do município que mais se elevaram na vida publica, nas letras ou na religião, figuram: na politica e na imprensa, João Carlos Wanderley; tenente-coronel José Correia, coronel Elias Souto, coronel Pedro Soares dr. Jeronymo Cabral, coronel Luiz Antonio Ferreira Souto, dr. Octaviano Cabral, coronel Antonio Soares, dr. Luiz Carlos, dr. Gabriel Cabral (fallecidos), dr. Pedro Soares de Araújo Amorim, Palmerio Filho e Sandoval Wanderley; na magistratura, desembargador José Correia, dr. Luiz Souto, dr. Galduino Lima, dr. Leocadio Cabral (fallecidos), desembargador Xavier Montenegro, desembargador Antonio Soares, dr. Adalberto Amorim e dr. João Soares; na advocacia, dr. Moyses Soares, dr. Candido Caldas (fallecidos), dr. Nestor Lima, dr. João Alfredo da Fonseca e dr. Bellarmino Lenos; no clero, conego Antonio Freire, conego Malhino Fernandes, padre Luiz da Fonseca e Silva, padre Manoel Jeronymo Cabral de Oliveira (fallecidos) e padre dr. Manoel Gonçalves Soares de Amorim; na medicina, dr. Francisco Xavier Soares Mon-

ASS

tenegro, dr. Pedro Soares de Amorim (fallecidos), dr. Luiz Antonio F. Souto dos Santos Lima, dr. Ernesto Fonséca, dr. Mariano Coelho, dr. Ezequiel Fonséca Filho e dr. Francisco Alberto Figueira; nas forças armadas, general José Correia Telles, capitão Ulysses Caldas, alferes João Perceval e coronel Mangel Lins Caldas Sobrinho (fallecidos); no magisterio, professor Luiz Soares e professoras Carolina Wanderley e Maria Carolina W. Caldas (tambem poetizas); nas bellas letras, Anna Lima, Angelina de Macêdo, dr. Erico Souto, Pedro José, dr. Affonso de Macêdo (fallecidos), Ezequiel Wanderley, João Celso Filho, Soares de Amorim, Alice Wanderley, Abdon de Macêdo, Deolindo Lima, Nathanael Macêdo, Olegario de Oliveira Junior, Francisco Amorim, Americo de Macêdo, e outros, mencionados ou referidos no correr do vocabulario. *Assú* é palavra indigena, traduzida por *grande, consideravel*. Alguns autores escreveram *Assi*—uma allegando differença percebida na pronuncia do vocabulo quando escripto dos dois modos; outros affirmando que na lingua indigena não existia o *s*, mas sómente o *c*, com cedilha. Não nos pareceram procedentes essas razões. Quanto á differença de pronuncia, impossível percebê-la, a menos que algum pronuncie *As-si*, transformando em *s* um *s* que nem sequer está entre vogaes; e, quanto á ausencia do *s* na lingua indigena, afigura-se-nos interessante *bleysf*, pois que, em verdade, essa lingua nunca possuiu *s*, mas tambem nunca possuiu *r*, nem outros caracteres graphicos; os indios não usavam graphia e nem conheciam o alphabeto. Os seus vocabulos, recolhidos pelos interpretes, eram por estes graphados da maneira que lhes parecia mais approxinada da pronuncia. Apenas notou-se que a lingua *typy* dispensava o emprego das letras *r, j, l, v* e *s*. Não existindo, de facto, uma etymologia indigena, mas simples convenções sem uniformidade, preferimos graphar *Assú*, formula tambem autorizada e, actualmente, a mais em voga.

Assú—Cidade, séde do municipio do mesmo nome e situada 240 kilometros a NO da capital do Estado. Povoação de S. João Baptista da Ribeira do Assú, pertencida, em 1724, á freguezia de Natal. A 11 de Agosto de 1788 foi elevada a villa, com a denominação de *Villa Nova da Princesa*. Por lei Provincial, no 124, de 16 de Outubro de 1845, passou á categoria de cidade, com o nome de Assú. Localizada á margem esquerda do rio do mesmo nome, é uma das mais bellas e importantes cidades do Estado. As ruas, espaciaes e de bom alinhamento, emplacadas, numeradas e com illuminação electrica (inaugurada a 13 de Dezembro de 1925), são privi-

ASS

das, em grande parte, de passios de pedra, com largura de mais de dois metros. Os predios são, em geral, de boa construção, havendo muitos de elegante architectura e estylo moderno. Em 1922, existiam na área urbana 663 casas. Entre os edificios publicos, destacam-se o do Grupo Escolar Tenente-coronel José Correia, o da Intendencia Municipal, o do Mercado publico, o do Quartel do Destacamento e o da Fonte Publica. O cemiterio, situado a O da cidade, foi construido em 1862 e remodelado em 1921; é bem conservado e tem illuminação electrica desde 31 de Dezembro de 1928. Entre os edificios particulares são dignos de nota o do Collegio de N. S. das Victorias, inaugurado a 9 de Março de 1927, e o da Casa de Caridade (*systema antigo*), construido em 1862 por iniciativa do missionario padre José Antonio de Maria Ibiapina e destinado a *asylar* menores orphãs ou abandonadas. A igreja matriz, de construção antiga, mas remodelada e melhorada, é um templo vasto e magestoso. Está sendo reconstruida uma outra igreja, da invocação de N. S. do Rosario. Na parochia funcionam algumas associações religiosas, um Conselho Particular e duas Conferencias da Sociedade de S. Vicente de Paulo. Na cidade, funcionam, como estabelecimentos de instrucção, o Grupo Escolar Tenente-coronel José Correia, inaugurado a 7 de Setembro de 1911 e mandado pelo Estado; o Collegio de N. S. das Victorias, sob a direcção de religiosas Filhas do Amor Divino; a Escola Santa Iguéz, subvencionada pelo Estado; e a Escola Santa Theresinha do Menino Jesus, subvencionada pelo Municipio. Publicam-se em Assú dois importantes semanarios—*A Cidade*, fundada a 8 de Dezembro de 1903, e o *Journal do Serião*, fundado a 15 de Janeiro de 1928. No centro da cidade funcionam, ainda, agencia do Correio (rendeu em 1928 a quantia de 3:503\$380), estação do Telegrapho Nacional, Posto Pluviométrico e Posto Anti-ophidico. É séde de uma Delegacia de Policia, de uma Mesa de Rendas Estaduaes, que em 1928 arrecadou 197:360\$820, e de uma Collectoria de Rendas Federaes. Aos sabbados, ha uma feira, frequentada tambem por mercadores dos municipios e povoados vizinhos. A cidade communica-se, por meio de estradas carroçaveas, com as sédes dos municipios de Angicos, Lagea, Mossoró, Sant'Anna do Mattos e Augusto Severo, e com as povoações de Nova Esperança, Santa Luzia, Logradouro (do municipio), Parahú (de Augusto Severo) e S. Raphael (de Sant'Anna do Mattos). De accordo com o programma do presidente Lamartine, projecta-se a construção de um campo para o serviço de aviação.

Assú—Rio, também chamado *Piranhas*. Nasce no município de Conceição do Piaçó, Estado da Parahyba, e corre na direcção de NE, com o nome de Piaçó, até abaixo da cidade de Pombal, onde, depois de receber, pela margem esquerda, o rio do Peixe, toma a denominação de Piranhas. D'allí por deante, o rio "corre em um valle estreito que marca o limite das bacias gemeas do seu curso superior, até se alargar novamente, para a direita, com as bacias da zona do Seridó, cujas aguas são drenadas pelo Espinharas e pelo Seridó". Depois da confluencia com o Seridó, o Piranhas estreita-se novamente e vai romper a serra Sant'Anna, no lugar "Estreito", do districto de S. Miguel do Jucurutú, onde toma o nome de Assú, "formando, até a embocadura, o grande e extraordinario valle de terras de alluviaõ cobertas de carnubaaes, de uma uberidade assombrosa". (Manoel Dantas, *Ensaio Chorographico*). D'ahi, o Assú, correndo em direcção ao oceano, vai desembocar no município de Maciú, afluindo-se em diversos braços, dos quaes tres de maior importancia. Vital de Oliveira, no seu *Roteiro da Costa do Brazil* (1864), confirma que o rio Assú ou Piranhas divide-se, na sua embocadura, em tres braços, chamados rios das Conchas, dos Cavallos (o do centro) e Amargoso. Acrescenta que o dos Cavallos, quando mais fundo, foi frequentado por lanclas e pequenos hiates, mas ha muito tempo está abandonado, sendo toda a navegação feita pelo Amargoso. (*Roteiro*, nota a pag. 9). Diz ainda (pag. 11) que, quando o mar começou a destruir, em 1818, (?) a ilha Manoel Gonçalves, os moradores foram se refugiando, pouco a pouco, no rio Amargoso e assentaram a villa de Maciú (hoje cidade). O rio Assú, que tem um curso de cerca de 600 kilometros, com uma largura média de 500 metros, corre sómente na estação invernosa e, por vezes, tem grandes transbordamentos (cheias), inundando as varzeas em largura de kilometros. Segundo o dr. Manoel Dantas (*Ensaio Chorographico*, nota a pag. 21), o rio Assú toma, no seu curso médio, a denominação de "Piranhas" devido ao peixe d'este nome, especie de "tubarão" d'agua doce, que abunda nos pozos do leito do mesmo rio. Coriolano de Medeiros (*Diã. Chorogr. do Estado da Parahyba*) diz que o vocabulo *piranha* é corrupto, do indigena *pirã*; o que cõrta a pelle. A piranha, peixe pequeno, muito conhecido, vive, em cardumes, nos pozos; e, ágil e voraz, ataca e dilacera a pelle de qualquer animal que penetre n'agua.

Assumpção—Povoação, do município de Baixa Verde. Chamou-se outr'ora *Baixa Verde* e pertencia ao município de Taipú, sendo, então, bastante florescente. Com a con-

strucção da E. F. Central e o assentamento dos trilhos a cerca de 4 kilometros para SO da povoação, muitos dos seus moradores resolveram construir casas á margem da linha ferrea, transferindo para ali as suas residencias e pequenos estabelecimentos commerciaes, constituindo um outro povoado, que recebeu o nome de *Baixa Verde* e que é hoje villa, séde do município do mesmo nome. Assumpção entrou em decadencia, tendo actualmente pequena população e reduzido commercio. Credo o município de Baixa Verde, para a formação do qual entrou uma parte do territorio de Taipú, Assumpção passou a pertencer á nova comuna, V. *Baixa Verde*.

Atoleiro—V. *Conceição*, riacho.

Touros.
Atoleiros—Lagõa, no município de Touros.

Augusto Franklin—(*Augusto Franklin Moreira da Silva*). Monsenhor, Pregador e jornalista catholico. Nasceu no município de Goyaninha, a 19 de Março de 1842, sendo filho legitimo do professor José Nicácio da Silva. Ordenado presbytero no Seminario de Olinda, exerceu o ministerio sacerdotal, entre outros postos, no de vigário da parochia de Gamelleira, por elle installada a 31 de Dezembro de 1868, e no de vigário da freguezia de Boa-Vista, na capital de Pernambuco, fundando ali *A Era Nova*, folha catholica, que teve grande circulação nos quatro Estados que então compunham a Diocese de Olinda. Pelos seus relevantes serviços á religião catholica, foi distinguido com o titulo de monsenhor, camareiro de S. S. o Papa. Monsenhor Augusto Franklin falleceu, na cidade do Recife, a 8 de Janeiro de 1906.

Augusto Leite—(*Augusto César Leite*)—Artista typographo. Nasceu na cidade do Natal, a 15 de Março de 1863, e falleceu na mesma cidade, a 20 de Fevereiro de 1921. Foram seus paes Antonio Maximiliano Medeiros e d. Anna Joaquina Pinheiro, ambos fallecidos. Joven ainda, Augusto Leite esteve por espaço de seis mezes no Rio de Janeiro, a convite do padre João Manoel, aflu de apherfeição-se nas artes graphicas, para que revelára decidida vocação. De volta á sua terra, trabalhou nas officinas da *Gazeta do Natal*, do *Correio do Natal*, do *Rio Grande do Norte* e da *A Republica*. A 22 de Junho de 1892 contrahiu casamento com d. Maria Amelia Leite, que lhe sobrevive. Em 1901, tendo deixado a gerencia da *A Republica* e adquirido uma officina propria, fundou, sob a direcção de Pedro Avellino, a *Gazeta do Commercio*, jornal de que foi tambem gerente e director tecnico. Vivendo exclusivamente da arte typographica, sem nunca haver plicitando ou exercido em-

AUG

prego publico, Augusto Leite era considerado genuino representante do operariado natalense, gosando de legitimo prestigio no seio da sua classe. Foi um dos principaes fundadores da «Liga Artistico-Operaria», associacão installada em Natal a 28 de Fevereiro de 1904 e que ainda hoje funciona com regularidade, em palacete proprio, á avenida Rio Branco. O «Centro Operario Natalense», fundado posteriormente e que lhe deve estímulos e protecção, creou, em sua seúle, uma aula gratuita para os filhos de operarios e deu a esta a denominação de *Escola Augusto Leite*.

Augusto Leopoldo—(*Augusto Leopoldo Raposo da Camara*)—Advogado, politico e jornalista. Nasceu no municipio de Cearámirim, a 22 de Agosto de 1856, sendo seus paes o coronel Manoel Leopoldo Raposo da Camara e d. Antonia Carrilho Raposo da Camara. Em 1880, conquistou, na Faculdade de Direito do Recife, o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. No biennio de 1882-1883 exerceu o mandato de deputado á Assembléa Legislativa da antiga Provincia, occupando mais tarde (1885) o cargo de chefe de Policia e (1886 a 1889) o de juiz municipal e de orphãos na comarca da capital. Cidadão honrado e de fino caracter. No regimen republicano, o dr. Augusto Leopoldo tem sido procurador fiscal do Thesouro do Estado, membro da Intendencia Municipal de Natal (1890), deputado do primeiro Congresso Constituinte do Estado (1891), procurador da Republica (1899-1901), deputado federal á sa legislatura (1912-1914), secretario geral do Estado (1920-1924) e vice-governador do Estado (1924-1928), postos que occupou com muito lustre e rectidão. Journalista, o dr. Augusto Leopoldo collaborou em diversos orgãos da imprensa local e dirigiu, por espaço de sete annos (1909-1913), o *Diario do Natal*, folha politica opposicionista á situação dominante no Estado. Actualmente, exerce o logar de consultor juridico do Banco do Rio Grande do Norte e tem assento, como deputado, na Assembléa Legislativa do Estado, onde figura nas unis importantes commissões.

Augusto L'Eralstre—(*Augusto Carlos de Mello L'Eralstre*)—Advogado e professor da lingua nacional. Natural do Pará, cursou a Faculdade de Direito do Recife, sendo diplomado bacharel em sciencias juridicas e sociaes no anno de 1870. Veio para o Rio Grande do Norte em 1880, nomeado juiz municipal no termo de Goyaninha (decreto de 13 de Maio), cargo de que se empossou a 10 de Junho do mesmo anno. Ahi contrahiu casamento (2.ª nupcias) com d. Francisca de Paula Vasconcellos Monteiro, de familia goyanhense. Exerceu na Provincia, com intelligencia e

AUG

honestidade, diversos cargos publicos e commissões. Approvado em concurso, foi nomeado para a cadeira de portuguez do Atheneu Norte Riograndense, leccionando essa materia durante muitos annos. Publicou uma *Grammatica Portuguesa*, editada na typographia do antigo *Correio do Natal*, a qual mereceu ser adoptada no ensino secundario do Rio Grande do Norte. O dr. L'Eralstre falleceu, em Natal, a 17 de Dezembro de 1900.

Augusto Melra—V. *José Augusto Meira Dantas*.

Augusto Monteiro—(*Augusto Carlos de Vasconcellos Monteiro*)—Bacharel em Direito. Filho legitimo de Mathias Carlos de Vasconcellos Monteiro e d. Genina Adelaide de Vasconcellos Monteiro (fallecidos), nasceu, em Goyaninha, a 12 de Outubro de 1881. Foi alumno da Escola Militar do Ceará, curso que logo abandonou, completando os preparatorios no Atheneu Norte Riograndense e matriculando-se, em 1898, na Faculdade de Direito do Recife, onde, a 13 de Dezembro de 1902, lhe foi conferido o grau de bacharel. Em Janeiro de 1903 foi nomeado promotor publico da comarca de Canguaretama e, em Outubro de 1906, juiz de direito da comarca de Acary, de onde obteve remoção, em 1907, para a de Caicó, exercendo ahi a judicatura por espaço de cinco annos incompletos. Dirigiu, por algum tempo, o partido situacionista do municipio. A 30 de Janeiro de 1912 foi eleito deputado Federal, para o triennio de 1912 a 1914. Terminado o mandato, foi nomeado prefeito do Territorio do Acre, cargo em que prestou importantes servicos, beneficiando a região e incentivando o seu progresso. Doente, viajou do Acre para Natal quando, ao chegar a Belém, os seus incommodos se aggravaram, fallecendo na capital parense, a 9 de Marco de 1919. Casara-se, em primeiras nupcias, com sua prima, em 4.º grau, d. Annalia Adelaide de Vasconcellos Monteiro; e, em segundas nupcias, na cidade de Caicó, com d. Maria Valle Monteiro, que lhe sobreviveu.

Augusto Severo—(*Augusto Severo de Albuquerque Maranhão*)—Aeronauta brasileiro. Nasceu, em Macayha, a 11 de Janeiro de 1864, sendo seus paes o industrial Amaro Barretto de Albuquerque Maranhão e d. Feliciano Maria da Silva e Albuquerque. «Depois de feitos os seus estudos de preparatorios, matriculou-se na Escola Polytechnica, não chegando a concluir o curso de engenharia, aliás iniciado com brilhantismo, como com brilhantismo o de humanidades, porque, gravemente doente, os medicos o aconselharam que o interrompesse, seguindo sem demora para o Rio Grande do Norte. Restabelecido após

AUG

longo tratamento, recciou voltar ao Rio de Janeiro, cujo clima lhe era hostil, e dedicou-se ao magisterio no collegio que, em 1882, Pedro Velho, seu irmão, fundára em Natal. Abi esteve até 1884, quando entrou para o commercio. Não o seduzia, porém, essa carreira e, em 1888, transferida para a capital a casa em que se havia empregado no porto de Guarapes, envolveu-se francamente nas agitações politicas da epocha, tomando parte na campanha abolicionista e na propaganda republicana, quando começou a revelar as suas aptidões de orador e jornalista. Proclamado o novo regimen, deixou de vez o commercio e conquistou, a golpes de talento, um dos primeiros logares no scenario politico do Estado. Foi deputado ao Congresso local em 1892 e no anno seguinte occupava uma cadeira na Camara dos Deputados, tendo sido successivamente reeleito até a sua morte. Foi parlamentar illustre, figurando entre os membros de maior destaque da commissão de orçamento, então, como ainda hoje, a mais importante dos dois ramos do poder Legislativo. Nunca abandonou, entretanto, por maiores e mais notaveis que fossem os seus triumphos na vida publica, os estudos que vinha fazendo desde o verdor dos annos no sentido de descolhrir a dirigibilidade dos balões. Em 1893, firmemente convencido de que havia encontrado a solução do problema, obteve do Governo Federal a indispensavel autorização e necessario auxilio para que fosse construido no Realengo um pequeno balão destinado a experiencias em que demonstraria o valor do seu invento; mas, n'essa occasião, inimigos invejosos e despeitados conseguiram que fosse revogada a ordem anteriormente dada, sem que fosse alcançado um resultado definitivo. Embora anarrugado com esse contratempo, não desanimou; e, em 1901, seguiu para Paris, onde com os poucos recursos de que dispunha e os generosos donativos de alguns amigos, fez construir o apparelho em que provaria a realidade de sua maravilhosa descoberta. A falta de meios impediu que desse a esse apparelho toda a segurança com que o projectára e obrigou-o ainda a antecipar a experiencia final, que se realizou a 12 de Maio de 1902. O balão subiu, obedecendo docilmente ao seu commando; mas, n'um momento dado, a explosão do motor produziu o incendio da aeronave e a sua conseqüente queda, sendo Augusto Severo precipitado, gloriosamente morto, sobre a *Cidade Luz*. Perdeu a vida justamente quando ia receber a consagração da victoria decisiva; mas a morte veio muito tarde para subtrahir-lhe a glorificação da historia e a justiça do futuro. Martyr da sciencia, o seu nome ultrapassou as fronteiras de sua terra, para incorporar-se ao patrimonio moral

AUG

da humanidade. (A. Tavares de Lyra, *Historia do Rio Grande do Norte*, pags. 723 a 726). O corpo de Augusto Severo, embalsamado, foi transportado, a bordo do vapor *Brésil*, para o Rio de Janeiro, onde chegou a 15 de Junho. Posteriormente, foi collocado em mausoleo proprio, inaugurado a 18 de Setembro de 1904, no cemiterio de São João Baptista.

Augusto Severo — Município do Estado, na zona sertaneja e a O da capital. Teve, outrora, as denominações de *Campo Grande* e *Triumpho*. Limita-se, ao N, com o município de Mossoró; ao S, com os de Brejo do Cruz (E. da Parahyba) e Patú; a L, com os de Assú e Caicó; e, a O, com o de Carahubas. População de 10.994 habitantes, no recenseamento de 1920. Em 1929 existiam, alistados, 749 eleitores. Parochia de Campo Grande por lei n. 17, de 31 de Outubro de 1837, foi povoação até 4 de Setembro de 1858 quando adquiriu os fôros de villa (município), com a mesma denominação. Em 1866, o districto contava, apenas, 3.553 habitantes. A lei n. 601 de 5 de Março de 1868, supprimiu a villa, que foi restaurada em 1870 (lei Provincial n. 603), com o nome de *Triumpho*, posteriormente mudado (em 1903) para *Augusto Severo*. O aspecto physico do Município é quasi o mesmo dos demais logares do sertão, com terrenos secos, elevações e depressões. São dignas de referencia, como curiosidades locais, a cachoeira José Gabriel, situada 5 kilometros a O da sede municipal e com uma elevação de cerca de 30 metros, durante a estação invernosa; e o Cabeço do Arerê, com cerca de 600 metros de altura e de cujo cimo se observa um lindo panorama. O clima de Augusto Severo é temperado e saão; não ha noticia de surtos epidemicos. A criação e a agricultura são as riquezas principaes da região. Em 1920, ali existiam 329 estabelecimentos rurais, todos funcionando. O commercio é pouco desenvolvido e a industria consiste no fabrico de queijos, manteiga, farinha de mandioca, cal, artefactos de couro e de palha, extração da cêra de carnahuba e de mel de abelhas. Em 1894, a receita do município era de..... 1.952\$000; em 1910, essa receita era de..... 2.105\$000; em 1927 já o orçamento elevava-se a 8.000\$000. A Municipalidade subvenciona a escola rudimentar de Parahú e mantém fiscalçoes em Parahú e Conceição do Upanema. Todo o territorio do Município constitue uma só freguezia ecclesiastica, tendo por parochia Sant'Anna. A lei n. 992, de 20 de Março de 1887, elevou Triumpho a comarca; mas, só em 1890 foi ella provida, sendo então nomeados: juiz de direito, o bacharel Manoel de Carvalho e Souza; juiz municipal, o bacharel Aprigio Augusto Ferreira Chaves; e, pro-

AUG

motor publico, o bacharel José Guilherme de Souza Caldas. Feita a organização judiciaria do Estado, a comarca não foi mantida, passando o municipio a districto judiciario da comarca de Apody. Transferido, successivamente, para as comarcas de Assú e Martins, voltou a pertencer á comarca de Apody. A escravidão foi extincta no Municipio a 25 de Abril de 1858. Em meados do seculo XVIII—segundo a tradição—o actual municipio de Augusto Seyéro era um vasto campo deshabitado, por isso mesmo chamado *Campo Grande*, e de propriedade do capitão João do Valle Bezerra, morador na serra João do Valle. Em 1756, esse proprietario e sua mulher, d. Theza de Jesus, doaram uma parte de terra (200 braças, por meia legua de fundo) na margem esquerda do rio Upanema, para constituir patrimonio de uma capella que pretendiam erigir em honra á gloriosa Sant'Anna. A capella, que ficou pertencendo á jurisdicção da parochia de Assú, foi ultimada em 1766, tendo logar a benção no dia 6 de Agosto d'esse anno. Em 1787, o padre José de Jesus, filho d'aquelles proprietarios, fez doação de outras terras para o patrimonio, tambem na margem esquerda do Upanema. Moralores da povoação compraram, em 1817, uma casa de telha e taipa, sita na antiga rua do Norte (hoje rua da Matriz) e doaram-na para o mesmo patrimonio, sendo esta vendida em 1891, a um particular, que a reedificou. Foi primeiro vigario da parochia (1837 a 1839) o padre Vito Antonio de Freitas, seguindo-se-lhe os padres Florencio Gomes de Oliveira, Manoel Bezerra Cavalcanti e outros. Ao tempo da suppressão da Villa, em 1808, os seus habitantes movimentaram-se trabalhando pela restauração, que, afinal, obtiveram, como vimos, no anno de 1870. Regosijados com a victoria, conseguiram, ainda mais, que a villa tivesse o nome de *Triumpho*, o qual conservou até 1903. N'esse anno, persistindo inconvenientes que a nova denominação trouxera, entre os quaes repetidos extravios da correspondencia postal, para Triumpho, em Pernambuco, e vice-versa, appareceu a idéa de substitui-la, sendo, por essa occasião, alitrado o nome de *Augusto Seyéro*, como homenagem á memoria do notavel co-estadano, morto gloriosamente no desastre do *Nav.*, a 12 de Maio do anno anterior; e a idéa logrou a approvação do Congresso Legislativo do Estado, expressa na lei n. 197, de 28 de Agosto de 1903. Filhos illustres do municipio, entre outros: Padre Francisco de Brito Guerra, senador do Imperio e fundador da imprensa no Rio Grande do Norte; conselheiro Luiz Gonzaga de Brito Guerra, ministro do Supremo Tribunal de Justiça; padre Amaro Theot Castor Brazil e seus netos Antonio Martins Correia, José Lucas Barboza e Manoel Mar-

AUG

tins Correia e Castro, major Manoel Cornelio Barbosa Cordeiro e alferes Joaquim Castriciano de Brito, todos officiaes de voluntarios da Patria, promovidos na guerra contra o ditador Lopez, do Paraguay; dr. Epaninondas Jacome, medico, governador do Territorio do Acre; coronel Luiz Pereira Tito Jacome e Luiz Florencio Jacome, chefes politicos (todos fallecidos); desembargador Felipe Nery de Brito Guerra, magistrado em disponibilidade e distincto historiographo; Manoel Basilio de Brito Guerra, ex-deputado Provincial e chronista de assumptos sertanejos; coronel Francisco Cascudo, do alto commercio de Natal e fundador do jornal *A Imprensa*; bacharelado Baronejo Guerra, chronista de assumptos regionaes.

Augusto Seyéro—Villa, séde do municipio do mesmo nome, 330 kilometros a O da capital. Povoação de Campo Grande até 4 de Setembro de 1858, foi n'essa data elevada a villa, com o mesmo nome. Supprimida em 1868, conseguiu restauração, com o nome de *Triumpho*, por lei Provincial, n. 603, de 30 de Março de 1870. Situada em ponto elevado, á margem esquerda do rio Upanema, tem agradável aspecto, muito embora as suas casas sejam, na grande maioria, de construcção e estylo antigos. Em 1892, a villa contava 115 casas particulares e dois edificios publicos—o mercado e a casa da Intendencia. Hoje, o numero de prelios é mais elevado, destacando-se de entre os mais importantes edificios o da igreja matriz, bello e espaçoso templo, e o do Grupo Escolar Tito Jacome. Na villa, funcionam agencias de rendas Federaes e Estadaes, Delegacia de Policia, agencia do Correio (creada a 23 de Setembro de 1836—reindimento em 1923: 580\$600—) e estação do Telegrapho Nacional. Na parochia funcionam diversas associações religiosas e a Conferencia de Sant'Anna, da Sociedade de São Vicente de Paulo. A villa communica-se, por meio de estradas carroçaveis e caminhos de facil transito, com a cidade de Caranhas e a villa de Patú, com as povoações de Conceição do Upanema, Parahú e outras.

Augusto Tavares de Lyra—Estadista, parlamentar e historiador. Nasceu, em Macahyba, a 25 de Dezembro de 1872, sendo seus paes o coronel Feliciano Pereira de Lyra Tavares e d. Maria Rosalina de Lyra Tavares, fallecidos. Fez em Recife o curso de humanidades, matriculando-se, em seguida, na Faculdade de Direito, que, em 1892, lhe conferiu o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. Regressando ao Rio Grande do Norte, dedicou-se á advocacia e ao magisterio, sendo nomeado, a 3 de Março de 1893, lente de historia do Atheneu Norte-Riogran-

AUG

AUR

dense. Nesse mesmo anno, o dr. Tavares de Lyra foi eleito deputado ao Congresso Legislativo do Estado e, pouco depois, deputado ao Congresso Nacional, fazendo parte da mesa da Camara, da commissão de Legislação e Justiça e, posteriormente, da de Petição e Poderes. Foi tambem membro da notavel commissão dos 21, encarregada de estudar e emitir parecer sobre o projecto do Codigo Civil, cabendo-lhe examinar a parte referente a constructos, sobre a qual offereceu um longo e luminoso parecer. Na Camara, o dr. Tavares de Lyra estudou e discutiu outros importantes assumptos de interesse geral e do Estado, defendendo victoriosamente os direitos do Rio Grande do Norte na questão de limites com o Ceará e publicando, a esse tempo, substancial monographia, intitulada *Exposição sobre a questão de limites do Ceará e do Rio Grande do Norte*. Com o titulo de *Apostamentos sobre a questão de limites entre os Estados do Ceará e do Rio Grande do Norte*, publicou, mais tarde, de collaboração com o desembargador Viçente de Lemos, uma importante obra, em dois volumes. Em 1903, a 14 de Julho, foi eleito governador do Estado, empossando-se no cargo a 25 de Março seguinte, quando se accentuava no Rio Grande do Norte uma das suas grandes crises climatericas. O dr. Tavares de Lyra revelou-se, de logo, um administrador de alta altura da situação, agindo com prudencia e criterio, tomando providencias destinadas a attenuar os effectos da calamidade e invocando, para o mesmo fim, o auxilio do governo da União. Com os poucos recursos conseguidos, dando occupação remunerada aos retirantes que, em lévas, affluíam para a capital, o dr. Tavares de Lyra iniciou uma serie de melhoramentos de que se resenta a cidade, ordenando o empedramento de ruas e avenidas (inclusive o da Rio Branco, de 1.008 metros, hoje em substituição, por parallelepipedos); o alvar e ajardimento da praça Augusto Severo, onde existia um grande e antigo charco; o saneamento do Baldo; e a construção de um palacete para o Congresso Legislativo, além de outras obras de menor vulto. Ia apenas em meio o periodo governativo, quando foi dr. Tavares de Lyra convidado pelo conselheiro Affonso Penna, então eleito presidente da Republica, para occupar a pasta de ministro da Justiça e Negocios Interiores. Accentando o convite, o dr. Tavares de Lyra renunciou, a 5 de Novembro de 1906, o cargo de governador do Estado, indo assumir o seu posto no Ministerio, onde se conservou até 19 de Julho de 1909, 5.º dia após o inesperado fallecimento do presidente Affonso Penna. Apesar de solicitado pelo dr. Nilo Peçanha, não aquiesceu em permanecer no governo. Em 1910, tendo o senhor Meira e Sá renunciado o seu mandato para aceitar

o cargo de juiz federal na secção do Rio Grande do Norte, o dr. Tavares de Lyra foi eleito para substituí-lo no Senado da Republica, d'alli sabindo, em 1914, para occupar a pasta de ministro da Viação e Obras Publicas, no governo do presidente Wencesláu Braz. Concluido o periodo presidencial, em 1918, o dr. Tavares de Lyra foi nomeado ministro do Tribunal de Contas, cargo de que ainda hoje se acha investido. Em 1923, desempenhou, no Rio Grande do Sul, importante commissão que lhe confiara o governo do presidente Arthur Bernardes. Em 1924, fez parte da commissão nomeada pelo governo "para revêr a proposta do orçamento, indicando os côrtes e reduções que achasse praticaveis nas rendas publicas, sem desorganização de serviços". Escollido relator da commissão, apresentou minucioso relatório, subscripto pelos demais membros, estudando o assumpto e indicando nas medidas a adoptar. Esse relatório, de 200 paginas, inclusive annexos, foi publicado no mesmo anno, em avulso, trabalhado na Imprensa Nacional. Historiador notavel, o dr. Tavares de Lyra tem dado á publicidade muitos e eruditos trabalhos sobre historia, sendo tambem de sua autoria a parte do *Dicionário do Instituto Histórico Brasileiro* referente a immigração e colonização, organização administrativa da Republica, regimen eleitoral, correios e telegraphos, geographia, ethnographia e historia do Rio Grande do Norte. Em volumes, publicou: *O Rio Grande do Norte em 1911* (1 vol. de 429 pags.); *Domínio hollandez no Brazil* (1 vol. de 111 pags.); *Notas historicas sobre o Rio Grande do Norte* (1500-1654: 1 vol. de 293 pags.); *Historia do Rio Grande do Norte* (1 vol. de 321 pags.). Em folhetos, as seguintes conferencias, realizadas no Instituto Histórico e Geographico Brasileiro: *A colonização do Rio Grande do Norte: as séccas do nordeste brasileiro*; *Reunión dos Procuradores Geraes das Províncias do Brazil*; *A Presidencia e os Presidentes do Conselho de Ministros: Centenario do Senado do Imperio*; *Doutora da Finança*; *Centenario do Supremo Tribunal de Justiça*. Ha outros trabalhos em avulso, entre elles, a *Contribuição para a biographia do Imperador* e um opusculo sobre processo eleitoral. O dr. Tavares de Lyra é professor na Universidade do Rio de Janeiro, socio effectivo do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro e benemerito do Instituto Histórico e Geographico do Rio Grande do Norte. É uma riograndense que honra á sua terra natal, a elle devedora de muitos e inestimaveis serviços, maxime na reconstituição e consolidação do seu patrimonio historico.

Anrellano Medeiros — (Aureliano Cernento de Medeiros) — Comerciante e proprietario. Nasceu na povoação de Calhoá, município

AUS

de Pilar, Estado da Parahyba, a 14 de Julho de 1853, sendo seus pais Manoel Clementino de Medeiros e d. Alexandrina de Hollanda Medeiros. Aos quinze annos de idade (1868) veio para o Rio Grande do Norte, fixando residência em Macahyba, onde abraçou a carreira commercial e, mais tarde, constituiu família. Em 1899, já então abastado commerciante e proprietário, o coronel Aureliano foi eleito presidente da Intendencia local, cargo que exerceu até 1907, prestando bons serviços ao Municipio e executando melhoramentos na cidade, entre os quaes a construção de uma ponte sobre o rio Jundaby, inaugurada a 8 de Abril de 1901. Em 1908 transferiu sua residência para Natal, estabelecendo-se com loja de fazendas e empregando os seus grandes capitães na compra e na construção de diversos predios, inclusive todos os da antiga travessa da Alfandega, cujo nome (rua Chile) a Intendencia mudou para "Rua Coronel Aureliano".

Aurelio Pinheiro—(*Aurelio Waldemiro Pinheiro*)—Poeta e romancista—Filho do major Manoel Onofre Pinheiro e d. Maria Barbosa Pinheiro (fallecida), nasceu na cidade de S. José de Mipibú, a 28 de Janeiro de 1882. No Atheneu Norte Riograndense estudou o curso de humanidades, fazendo parte de associações litterarias e collaborando nos jornaes e revistas indígenas, ora em prosa, ora em verso, com o proprio nome ou sob o pseudonymo de *Aureo Pinho*. Em 1907, foi funcionario da Fazenda Estadual. Concluidos os exames preparatorios, seguiu para a Bahia, onde cursou a Faculdade de Medicina, obtendo o grau de Doutor. Por algum tempo o dr. Aurelio Pinheiro clinicou em Macaú; e, nas horas vagas, escrevia chronicas e novellas, que eram muito apreciadas, destacando-se, de entre ellas, *Philosophia de um gato*, inserta no *O Nasoróense*, da cidade de Mossoró. Autor de bons versos, Aurelio Pinheiro está tambem contemplado na collectanea «Poetas do Rio Grande do Norte», de Ezequiel Wanderley. Transferindo residencia para o Amazonas, abriu consultorio medico em Parintins, ali consorciando-se, em 1911, com d. Isabel G. Menezes Pinheiro. Passando da chronica e da novella ao romance de costumes, o dr. Aurelio Pinheiro já produziu dois livros de valor, um dos quaes premiado pela Academia Brasileira de Lettras. O seu romance *O desterro de Humberto Saraiva* foi muito elogiado pela critica. O dr. Aurelio Pinheiro reside actualmente no Rio de Janeiro, onde exerce a clinica.

Ausentes—Sitio, á margem do rio Apody, 17 kilometros a montante da cidade de Mossoró. N'esse local foi construida, em 1912, pela

AUT

Inspectoria de Obras Contra as Séccas, uma barragem submersa, para abastecimento d'agua e para humedecimento dos terrenos circumjacentes. A obra foi orçada, pelo engenheiro José Ayres de Souza, na quantia de 25:622\$855.

Autá de Souza—Notavel poetisa norte-riograndense, fallecida aos 24 annos de idade. A sua biographia está, em resumo, nas seguintes e expressivas notas, publicadas por seu irmão dr. Henrique Castriciano e reproduzidas na *Historia do Estado do Rio Grande do Norte*, de Rocha Pombo, pag. 442: «Autá de Souza nasceu em Macahyba, pequena cidade do Rio Grande do Norte, aos 12 de Setembro de 1876; educou-se no collegio «S. Vicente de Paulo», em Pernambuco, sob a direcção de religiosos francezes; e falleceu em 7 de Fevereiro de 1901, na cidade do Natal. Uma biographia simples como os seus versos e o seu coração... Ella não conheceu os obstaculos que encheram de tormento a existencia de Marcelline Desbordes-Valmore. Desde muito cedo, porém, sentiu todo o horror da morte. Aos quatorze annos, quando lhe appareceram os primeiros symptomas do mal que a victimou, não havia senão sombras no seu espirito; era já orphã de pae e mãe, tendo assistido ao espectaculo inesquecivel do anniquillamento de um irmão devorado pelas chamas, n'uma noite de assombro. Assim, desde a infancia o destino lhe appareceu como um enigma sem a possibilidade de outra decifração que o luto. Salvaram-na do desespero a fé religiosa e o resignado exemplo da ignorada heroína para quem escreveu o soneto *A minha mãe*, publicado n'este volume. *Norte* é, pois, a historia de uma grande dôr. Formou-se a autora recordando, sentindo, pensando. Em casa, o luto successivo; no collegio, as litanias da Igreja; mais tarde, no campo, onde passou o melhor tempo da atormentada existencia, a paisagem triste do sertão nos longos mezes de sécca; a compaixão pelos humildes, cuja miséria tanto a commovia; a saudade dos diversos logares em que esteve, em busca de melhoras aos padecimentos physicos... Tudo isso concorreu muitissimo para agravar a maravilhosa sensibilidade de seu temperamento de mulher; e essa sensibilidade, á medida que a doença augmentava, se ia tornando mais profunda, fazendo de um ser frágilimo o interprete de innumerous corações desolados». E accrescenta depois: «Autá, sem pensar e sem querer, reproduzira a lapis, na *chaise-longue*, onde a prostrara a doença, as emoções mais intimas de nossa gente; encontrára no proprio soffrimento a expressão exacta do soffrimento alheio. E, antes de finar-se, ouviu da bocca de centenas de infelizes, muitos dos versos que traçara com os olhos la-

BAI

BAI

criminosos, não raro para esquecer o desgosto de se sentir vencida em plena mocidade. *Horta*, o livro de Auta de Souza, teve esgotada a segunda edição. Os poemas da poetisa patricia, grandemente concorridos, foram uma verdadeira apothieose ao seu talento e ás suas virtudes. Os restos mortaes sepultados em ca-tacumba no cemiterio do Alceim, foram tras-

ladados, annos depois, para o jazigo da familia, em Macalyba, onde repousam junto ás cinzas dos seus paes.

Azarfido -- Riacho, affluente do Gaspar Lopes, no municipio de Angicos.

Azul -- Lagoa, no municipio de S. Gonçalo.

B

Bacupary -- Cabo, na costa S do Estado. Lat. 6.º 23' 42" S e long. 80.º 16" E (segundo Vital de Oliveira). Nas proximidades do cabo existem pedras e baixios, tornando-se o mar, n'esse ponto, muito esparcelado. Para proteger a navegação n'esse trecho da costa, foi installado no cabo, em 1919, o pharol de Bacupary, de luz intermitente, com relampagos todos os quinze segundos e alcance de 15 millias. *Bacupary* é vocabulo indigena, alteração de *Phiscuri-piry*; o fructo revestido de pontas, ou cheio de asperzeas (*Platonia insignis*, segundo Theodoro Saupaio).

Bagaço -- V. *Monte Alegre*, povoação.

Bahia Formosa -- Povoação, á margem da enseada do mesmo nome, na costa S do Estado e pertencendo ao municipio de Cangaretama. Segundo Millet de Saint-Adolphe, chamavam-na tambem *Acatyba* e está situada a 6.º 23' e 12" de latitude e 37.º 20" e 27" de longitude O. Bahia Formosa tem porto de mar, frequentado por pequenas embarcações, industria da pesca e limitado commercio. Possue, tambem, agencia do Correio, escola rudimentar e uma capella, esta dedicada a Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira da povoação.

Baião -- Lagoa, no municipio de Touros. Não secca, mesmo no fim do verão.

Baixa -- Serra, no municipio de Santo Antonio, 20 kilometros a O da sede municipal.

Baixa da Belleza -- Zona O do bairro do Alceim, em Natal. É tambem conhecida pelo nome de *S. Sebastião*, havendo ali uma capella, dedicada a esse santo-martyr, e uma escola rudimentar, mantida pelo Estado.

Baixa do Fogo -- Riacho, no municipio de Luiz Gomes.

Baixa do Joazeiro -- Riacho, de pequeno curso, no municipio de Assú.

Baixa Grande -- Riacho, no municipio de Curraes Novos. É tributario, pela margem esquerda, do rio Arcaia.

Baixa Grande -- Riacho, no municipio do Assú. Desagua na lagoa Piaó.

Baixa Verde -- Municipio do Estado, na zona do agreste. Criado em 1928, por Lei Estadual no. 697, de 29 de Outubro, constituiu-se de territorio desmembrado dos municipios de Taipii, Touros e Lages. Os seus limites ficaram estabelecidos do seguinte modo: "A L, partirá uma linha recta do marco colonial existente na praia, a um ponto que fique a um kilometro do sul de Parázinho, e d'este ponto outra linha recta até encontrar o rio Ceará-mirim, no lugar conhecido por "Tronco", até a localidade Barra do Riacho da Milhã; a O, a linha divisoria partirá da cidade Barra do Riacho da Milhã n'uma recta em direcção ao "Buraco Secca", que pertencerá a Baixa Verde, e d'ahi seguirá pelos antigos limites de Touros com Lages, ficando a povoação de Cauassá para o municipio de Lages". O municipio de Baixa Verde foi installado a 1.º de Janeiro de 1929, com a posse solenne de sua primeira Intendencia, Tem, alistados, 200 electores. Compreendendo a região de Serra Verde, muito productora de algodão, o municipio é, sobretudo, agricola, tendo reduzida criação e pequeno commercio. O serviço de correio e telegrapho faz-se, desde 1910, por intermedio da R. F. Central do Rio Grande do Norte, que mantém, desde aquelle tempo, uma estação na povoação de Baixa Verde, hoje villa e sede do municipio. A 1.º de Novembro de 1928 foi ampliado o serviço de telegrapho, com a inauguração, n'esse dia, de uma estação do Nacional, entregue ao telegraphista Arthur Villar Raposo de Melo, seu primeiro encarregado. Foi aberta tambem n'esse anno a primeira phumaria, de propriedade e direcção do pratico Arcanuro de Almeida, licenciado pelo Departamento de

BAI

Saúde Pública. Creada, funcionará brevemente, na séde municipal, uma Caixa Rural e Operaria. Ainda em organização, o município de Baixa Verde carece de diversos outros melhoramentos, que irão sendo introduzidos, na medida do seu desenvolvimento e das suas possibilidades financeiras. Out'ora, chamou-se *Baixa Verde* uma pequena povoação, do município de Taipú, com categoria de distrito policial e situada 32 kilometros a O da séde municipal. Essa povoação passou, depois, a denominar-se *Assumpção*. Em 1904, tendo o governo da Republica ordenado a construcção da E. F. Central do Rio Grande do Norte, aconteceu que o traçado respectivo estabelecia um ponto de parada no distrito de Baixa Verde, mas no lugar chamado «Mattas», a 4 kilometros de Assumpção. Chegadas os serviços a esse ponto, para ali se foram mudando, pouco a pouco, diversos dos antigos moradores de Assumpção e de Taipú, formando um pequeno nucleo de população, que ficou sendo conhecido pelo antigo nome de *Baixa Verde*. Com o assentamento da linha ferrea e a inauguração, em 1910, da estação de Baixa Verde, a povoação foi conseguindo maior incremento. O dr. Proença, engenheiro paulista e um dos contractantes da construcção da E. F. Central, edificou ali uma capella, consagrada a Nossa Senhora Mãe dos Homens. Em 1928, surgiu a idéa de elevar Baixa Verde a Município, apoiada por cidadãos de destaque no commercio e na politica de Taipú, tendo á frente o coronel João Severiano da Camara. Levado o projecto á Assembléa Legislativa, obteve elle franca approvação, convertendo-se na lei n.º 697, com a saneção do dr. Juvenal Lamartine de Paria, presidente do Estado. Por decreto Diocesano, de 13 de Novembro de 1929, d. Marcelino, bispo de Natal, elevou Baixa Verde a parochia, mantida a invocação de Nossa Senhora Mãe dos Homens E', tambem, distrito judicial, da comarca de Ceará-Mirim.

Baixa Verde—Villa, séde do município do mesmo nome, 88 kilometros a NO da capital do Estado. Povoação até 1928, adquiriu n'esse anno os fóros de villa, por lei Estadual n.º 697, de 29 de Outubro. (V. parte histórica referente ao Município). Baixa Verde tem regular edificação, notando-se entre os edificios publicos o do Grupo Escolar José da Penha, o do Mercado publico e o da estação da E. F. Central. A capella, pouco espaçosa, não se presta a servir de matriz, e por isso os parochianos, dirigidos pelo conego Celso Ciccio, vigário nomeado, prepararam-se para construir a nova igreja matriz. A estação da E. F. Central foi inaugurada a 12 de Outubro de 1910. A agência postal teve em 1928 a renda de

BAN

1:035\$000. Além das communicações, de Natal até Epitacio Pessoa, por meio da estrada de ferro, Baixa Verde está ligada por outras vias de transito com as villas de Taipú e Jardim de Angicos e com as povoações de Parisinho, Queimadas e Gallinhos, estas ao N da séde municipal. V. *Baixa Verde*, município.

Baixa Verde—Sítio, no município de Luiz Gomes, onde existem dois açudes e onde tem sua nascente o riacho Tigre.

Baixinhim—Pedra, de grande volume, localizada junto ao cordão de recifes, á entrada da barra de Natal. Tem sido cortada, na sua extremidade sul, por ordem da commissão das obras do porto, com o fim de melhorar o accesso da barra. N'essa extremidade foi montado, em 1929, um pharoete, sobre torre de cimento armado, com base a dois metros abaixo do nivel d'agua, em baixa-mar. O pharoete da Baixinha começou a funcionar a 18 de Abril do dito anno. Dirigiu o serviço da construcção o engenheiro Décio FONSECA, chefe da Fiscalização das Obras do Porto.

Baixim—Riacho, ao N da cidade do Caicó.

Baixim—Riacho, no município de Luiz Gomes.

Baixa Assú—Valle, V. *Assú*, município.

Balaio—Lagôa, no município de Apody.

Baldhnuu—Povoação, á margem da *Great Western* (kilometro 52), no município de Arez, E' o entreposto commercial d'este município, cuja séde fica na distancia de 5 kilometros para L. Tem escolas primarias, do Município e do Estado, e estação telegraphica, da estrada de ferro.

Baldhnuu—Rio, de pequeno curso, na região SE do Estado. Corre ao sul do rio Traliry, indo, como este, desembocar na lagôa Papary, onde tem o nome de *Santo Alberto*. O rio Baldhnuu é formado pela junção de trez pequenos riberros chamados *Primeiro Rio*, *Rio do Meio* e *Umará*, razão por que é tambem conhecido por essas denominações.

Bamburral—Povoado, do município de Macaé e situado á margem do rio Assú. Ha, no povoado, uma escola primaria, subvencionada pela Intendencia, e uma outra (rudimentar), mantida pelo Estado.

Bamburral—Lagôa, no município de Apody.

Banana—Monte, de pequena elevação, á margem da lagôa Papary.

Banco da Ilupa—Banco de areia, pro-

BAR

ximo á praia da Limpa, na parte interna da barra de Natal. É um prolongamento do Banco das Velhas. Próximo aos bancos da Limpa e das Velhas, passa o *guia-corrente*, extenso dique de alvenaria destinado a proteger o canal contra as areias que descem das dunas, pela margem direita do rio. O *guia-corrente*, cuja construção foi iniciada em 1923 e concluída em 10 de Julho de 1929, tem ponto de partida na praia da Montagem e vai ligar-se ao cordão de arceites, junto á fortaleza dos Reis Magos, n'uma extensão de 1.312 metros e altura de 3m,20. A construção, projectada e dirigida pelo engenheiro Décio Fonsêca, chefe da Fiscalização das Obras do Porto, custou aos cofres da União 835:014\$323. V. *Banco da Redinha*.

Banco da Redinha—Banco de areia, á margem esquerda do rio Potengi e próximo á sua embocadura, na barra de Natal. Está sendo construído ahí, a partir da praia e em direcção á Baixinha, um segundo *guia-corrente*, em combinação com o da Limpa (V. *Banco da Limpa*) e destinado a proteger, pelo lado esquerdo, o canal que leva do ancoradouro á barra. Esse *guia-corrente*, de alvenaria, é em curva e de 225 metros de extensão. Os trabalhos foram iniciados em Novembro de 1929, sob a direcção do engenheiro Décio Fonsêca autor do projecto.

Banco das Velhas—Banco de areia, localizado na parte interna da barra de Natal. É ligado ao Banco da Limpa.

Bandeira—V. *Canal Bandeira*.

Banguê—Lagôa, no município de Assú. Está situada 12 kilometros a L da cidade.

Banguê—Riacho, no município de Assú. Faz barra na lagôa Piato.

Banguê—Serrrote, situado 24 kilometros a O da villa de Serra Negra.

Banha—Riacho. É tributario do rio Totoró, pela margem esquerda d'este, no município de Curraes Novos.

Baptista—Lagôa, 8 kilometros a O da villa de Serra Negra.

Baptista—Serrrote, situado 15 kilometros a O da villa de Serra Negra.

Baquipe—Nome dado pelos indios ao rio Cearámirim.

Barão de Ablahy—V. *Silvino Elvildo Carneiro da Cunha*.

Barão de Catuama—V. *João José Ferreira da Aguiar*.

Barão de Cearámirim—V. *Manoel Varella do Nascimento*.

BAR

Barão de Mipibá—V. *Miguel Ribeiro Dantas*.

Barão de Serra Branca—V. *Felippe Nery de Carvalho e Silva*.

Barão de Assú—V. *Luiz Gonzaga de Brito Guerra*.

Barata—V. *Cypriano Barata e Affonso Barata*.

Barbaço—Lagôa, no município de Can-guaretama.

Barbatão—Lagôa, no município de Can-guaretama.

Barbosa—Riacho, ao S da cidade do Caicó.

Barcelona—Povoado, no município de S. Thomé.

Barra—Povoação, no município de Cearámirim. É' tambem conhecida pelo nome de *Barra de Ignacio de Góes*.

Barra—Povoado, no município de Nova Cruz. Tem escola primaria, subvencionada pela Municipalidade.

Barra—Riacho, no município de Lagas. É' affluente do rio Cearámirim. V. *Barra do Riacho da Alibá*.

Barra—Serrrote, no município de S. Gonçalo.

Barra—V. *Barra de Estevam Ribeiro*.

Barra da Cypriana—Riacho. É' tributario, pela margem direita, do rio Cipó, no município de Curraes Novos.

Barra da Espingarda—Riacho, ao S da cidade de Caicó.

Barra da Ilha—Alagado, ou braço de mar, na costa do norte, município de Macáú. Entra pela costa cerca de 4 milhas—segundo Vital de Oliveira—communicando-se logo em principio com o rio Amargoso pelo estreito e extenso atalho conhecido por *Cambôa dos Barcos*. Antigamente—informa ainda o autor de *Roteiro da Costa Brasil* (pag. 11)—entravam tambem por esta barra os navios que iam para o Assú, atravessando pela *Cambôa dos Barcos*, até que foi explorada a fôz do Amargoso.

Barra de Estevam Ribeiro—Povoado, tambem conhecido pelo nome de *Barra*, no município de Papary. É' situado 20 kilometros, aproximadamente, para L da sede municipal e tem uma população de cerca de 150 habitantes.

Barra de Ignacio de Góes—V. *Barra*, povoação do município de Cearámirim.

BAR

Barra do Cunhahú—V *Barra do Cunhahú*.

Barra do Mossoró—V. *Barra do Mossoró*.

Barra do Arapná—Riacho. Desagua no rio Cipó, pela margem direita d'este, no município de Curraes Novos.

Barra do Bexerro—Riacho. É tributário, pela margem direita, do rio Cipó, no município de Curraes Novos.

Barra do Camurupim—V. *Camurupim*, povoação.

Barra do Cunhahú—Povoado, no município de Canguaretama. Tem porto de mar, acessível a pequenas embarcações, e ali funciona uma escola rudimentar, do Estado.

Barra do Fernandes—Nome dado a um estreito braço de mar, com cerca de 4 milhas de extensão, ficando 6,5 milhas distante da Ponta do Tubarão, o qual se comunica com um dos braços que entram na barra de Aguanaré, município de Macau. (Vital de Oliveira).

Barra do Matapasto—Riacho, no município de Curraes Novos. É tributário, pela margem direita, do rio Cipó.

Barra do Maxaranguape—Povoação, do município de Touros, na extrema d'este com o município de Cearámirim É situada á margem do ubertoso valle do Maxaranguape. Tem escola, subvencionada pela Municipalidade.

Barra do Mossoró—Povoação, no município de Arcaá Branca e conhecida outr'ora pelo nome de *Arruval da Barra*. Fica a NO da séde municipal, tem cerca de 30 casas e uma população de 150 habitantes, aproximadamente. Segundo a tradição, foi um dos primeiros logares habitados na ribeira do Mossoró.

Barra do Riacho da Milhã—Logarejo nos limites de Lages com Baixa Verde.

Barra do Upanema—Rio, no município de Arcaá Branca. É, antes, um braço de mar que avança entre a ilha Upaneminha, ao N, e os sítios «Entrada» e «Baixa Grande», ao S, indo terminar no logar «Porteiras», Passa a L da cidade de Arcaá Branca, na distancia de 5 kilometros.

Barra Nova—Rio, outr'ora conhecido pelo nome de *Quipandú*. Nasce na serra do Periquito, Estado da Parahyba, e após um curso de 150 kilometros, parte em território parahybano e parte em território riograndense, desemboca no rio Seridó, 1 kilometro a O da cidade do Caicó. O antigo nome *Quipandú*, (*Ci-*

BAR

paú ou *Cipandú*, segundo outros) é vocabulo indígena, talvez corruptella de *caá-paú*; entre neugas de matto.

Barra Velha—Logarejo, no litoral de Macáú, assignalado nos roteiros da costa. Fica ao N do morro Vermelho.

Barreira d'Água—Povoação, no município de Macáú, situada cerca de 15 kilometros para o N da séde municipal. Vem d'ahi a agua que abastece a cidade de Macáú, onde não ha fonte de agua potavel.

Barreiras—Povoação, no município de Macáú. Fica ao N da cidade, entre as povoações de Barreira d'Água e Diogo Lopes. Tem escola rudimentar, do Estado.

Barreiras do Inferno—Praia, ao S de Ponta Negra, município de Natal.

Barreiras Roxas—Sítio, excellent para uma praia de banhos. Fica ao S. de Arcaá Prêta, município de Natal.

Barreiro—Riacho, no município de Curraes Novos. É affluente, pela margem esquerda, do rio Arcaá.

Barreiros—Povoado, do município de S. Gonçalo. A sua população occupa-se, principalmente, no fabrico de tijollos, telhas e louças de barro, que são transportados em canoas para os mercados de Natal.

Barreiros—V. *S. Antonio dos Barreiros*.

Barrenta—Lagôa, no município de Touros. Só sécca nos verões prolongados.

Barreto—Povoado no município de Taipá, a O da séde. Tem escola, subvencionada pela Intendencia.

Barreto—Riacho. Nasce na serra Formiga, município de S. Thomé, e entra no município de Taipá.

Barreto Sobrinho—V. *Amaro Barreto Sobrinho*.

Barriguda—Serrote, perto do qual está edificada a povoação de Alexandria, no município de Martins.

Barriguda—V. *Alexandria*.

Barro—Lagôa, no município de Touros.

Barro—Riacho, no município de Curraes Novos. É affluente do rio Curraes Novos.

Barro Duro—Lagôa, no município de S. Gonçalo.

Barros Rêgo—V. *Antonio de Barros Rêgo*.

Barro Vermelho—Zona do bairro do Alecrim, em Natal. Foi, outr'ora, o mais pit-

BAS

toresco dos arrabaldes da capital, ponto preferido para as representações de theatro, pastorais e audições de musica e poesia. Funcionam ahí as escolas da Sociedade Santo Emiliano.

Barro Vermelho—Povoado, do município de Ceará-mirim, 20 kilometros a SE da séde municipal,

Bartholomeu da Rocha Fagundes—Sacerdote catholico e chefe politico no antigo regimén. Nasceu a 8 de Setembro de 1813, em Villa Flor, hoje decadente povoado do município de Canguaretama; Ordenado presbytero em 1840, no Seminario de Olinda, foi, pouco depois, nomeado vigário collado da parochia de Natal, missão que exerceu por mais de 30 annos, cercado sempre de muita estima e respeitosa consideração. Como politico, o vigário Bartholomeu foi um dos chefes do partido liberal na antiga Provincia, tendo presidido a Assembléa Legislativa e exercido, na qualidade de vice-presidente, a administração da Provincia. Ao tempo da chamada «questão religiosa», collocou-se ao lado da maçonaria, a que era filiado, sendo por isso demittido do parochiato e suspenso das ordens sacras. Doente, embarcou para a cidade do Recife, a 23 de Outubro de 1877, alli fallecendo no dia 2 de Novembro do mesmo anno.

Basilio Quaresma Torreão—Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, nomeado por Carta Imperial de 11 de Maio de 1833. Empossado a 31 de Julho d'esse anno, governou a Provincia até 1.º de Maio de 1836. Nasceu em Pernambuco, no ultimo quartel do século XVIII. Casou-se em Goyaninha (Rio Grande do Norte), com d. Anna Catharina, de importante familia local. De variada erudição, sobretudo da geographia e historia, de que fôra mestre, e apologista das idéas de liberdade desde seus mais verdes annos, declarou-se sectario da independencia da Provincia de Pernambuco, tomando parte na rebellião de 1817, pelo que, foi preso e passou muitos trabalhos, com o desembargador, então ouvidor, Antonio Carlos Ribeiro; de Andrada Machado, padre dr. Francisco Muniz Tavares, frei Joaquim do Amor Divino Canêca e muitos outros, por espaço de quatro annos, sendo um dos professores das aulas que, por lembrança do padre Muniz Tavares, se abriram na cadeia da Bahia, onde fez tres cursos de geographia e compoz um excellento compendio de geographia universal. Comprometendo-se depois d'isso na revolução de 1824, foi obrigado, para escapar á prisão e talvez á morte, a expatriar-se, sabindo occultamente do Brazil; foi, então, á Inglaterra, e d'ahí a outros paizes do velho continente; de volta á

BAS

patria, presidiu a Provincia do Rio Grande do Norte, de 1833 a 1836, e, d'essa data até 1838, a de Parahyba. (Sacramento Ilaké, *Diccion. Bibliogr. Braz.*, vol. 1.º, pags. 386 a 387). Perreira Nobre, no seu livro *Bozza Noticia sobre a Provincia do Rio Grande do Norte*, informa que Basilio Quaresma prestou grandes e importantes serviços ao ensino publico do Rio Grande do Norte, tendo sido fundado sob seu governo o Atheneu Norte-Riograndense, instalado, provisoriamente, em uma das dependencias do quartel de 1.ª linha. Foi o executor da reforma constitucional de 1834, indo em pessoa lêr a sua mensagem perante a Assembléa Legislativa, que se abriu a 2 de Fevereiro de 1835. A 5 de Janeiro organizára a Alhandega de Natal. Manteve a ordem publica, reftreando movimentos subversivos, e tomou efficientes providencias contra a peste da varíola, que grassou «com aspecto horrivel». Basilio Quaresma teve tambem papel saliente na fundação da imprensa no Rio Grande do Norte. O *Natalense*, primeiro jornal, fundado em 1832 pelo padre Francisco de Brito Guerra, «era impresso fóra da Provincia — ora no Maranhão, ora em Pernambuco e ora no Ceará. Mas, des'arte, era elle taritlamente distribuido na Provincia, de modo que os assumptos de que se occupava já não tinham o valor da opportunidade, quando lidos. Appareceu então um grupo de esforçados amigos da terra potyguar que, tendo á sua frente Basilio Quaresma Torreão, José Fernandes Carilho e Urbano Egide da Silva Costa, fundou uma sociedade anonyma — com o capital de 2:000\$000, dividido em 40 acções de 50\$ — a qual mandou vir um prelo, de Recife, e um compositor, do Rio de Janeiro, e a 2 de Setembro d'esse mesmo anno (1832) montou n'esta capital a *Typographia Natalense*, onde passou a ser impresso, com o mesmo nome, aquelle filho errante do jornalismo indigena». [Luiz Fernandes, *A Imprensa Periodica no Rio Grande do Norte*].

Basilio Quaresma Torreão Junior—Magistrado. Filho de Basilio Quaresma Torreão, acima mencionado, era natural do Rio Grande do Norte e formou-se em direito, pela Academia de Olinda, no anno de 1834. Serviu o logar de bibliothecario da Academia. Exerceu no Rio Grande do Norte, entre outros cargos, o de juiz de direito nas comarcas de Assu (posse a 10 de Julho de 1835) e Natal (nomeação de 9 de Agosto de 1841). Foi deputado Provincial, nas legislaturas de 1838 a 1845, e deputado geral, pelo Rio Grande do Norte, na 3.ª legislatura (1833-1841). Voltou á magistratura, exercendo, mais tarde, as funcções de desembargador, membro da Relação do Maranhão.

BEN

Bebado—Açude publico, no municipio de Macahyba. Tem a capacidade de 2.999.620 metros cubicos.

Beirada—V. *Surubojá*.

Bella Vista—Povoado, do municipio de S. Gonçalo. Funciona ahí uma escola rudimentar de instrucção publico, creada e mantida pelo governo do Estado.

Belmonte—Denominação que teve outrora o monte localizado na extrema NE da Cidade Nova, em Natal, e sobre o qual estão situados o Hospital Juvino Barreto, o Orphanato João Maria, o Laboratorio de Analyses e a Casa de Detenção. A Intendencia do Municipio, em resolução de 25 de Fevereiro de 1908, deu-lhe o nome de *Petropolis*.

Belmonte—Serrote, no municipio de Apody.

Benvenuto Taques—V. *Benvenuto Augusto de Magalhães Taques*.

Benicio Filho—V. *Manoel Benicio de Mello Filho*.

Bento da Rocha—Soldado, da expedição Mascarenhas Homem, na conquista do Rio Grande do Norte. Servia na companhia commandada pelo capitão Ruy de Aveiro e distinguiu-se pela sua extraordinaria bravura nas luctas travadas com os indios potyguares. Do heroismo e da abnegação de Bento da Rocha fala-nos, em sua *Historia do Brasil*, o erudito frei Vicente do Salvador. Certa vez, servindo de cabo, trabalhava com vinte homens n'um córte de mangueas, a pouca distancia da fortaleza dos Reis Magos, quando se viu cercado pelos indios, que estavam de emboscada. Bento da Rocha safou-se com todos os seus companheiros, mettidos por um canal que os levou aos batéis, com grande desapontamento dos selvagens. De outra feita, elle e o seu capitão Ruy de Aveiro prestaram valioso auxilio ao indio Tabyra, allindo dos portuguezes, o qual, com a espada quebrada, se encontrava em perigo, dentro de uma trincheira inimiga. Em outro recontro, Bento da Rocha, vendo cair morto, a seus pés, o alferes de sua companhia, Diogo de Sequeira, com a bandieira derribada, "a levantou, e se pôz a florear com ella, no campo, entre as frechadas e pelouros, pelo que o seu capitão-mór Manoel Mascarenhas lha deu e lhe passou depois uma certidão, com que pudéra requerer um habito de cavalleiro com grande tença, mas elle o quiz, antex, do nosso Seraphico Padre S. Francisco, com a tença da pobreza e humilhade, em que viveu e morreu n'esta Custodia, santamente".

Bentos—Serra, no municipio de Flóres,

BEN

da zona do Seridó. Tem 3 kilometros de extensão e cerca de 400 metros de altura, no seu ponto mais elevado.

Benvenuto Augusto de Magalhães Taques—Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, em 1849. Nomeado por Carta Imperial de 20 de Janeiro, assumiu a administração da Provincia a 24 de Fevereiro e governou até 2 de Dezembro do mesmo anno, dia em que deu posse ao seu successor, dr. José Pereira de Araújo Neves. Natural da Bahia e formado em direito pela Academia de Ollinda (1839), o dr. Magalhães Taques abraçou a principio a carreira da magistratura, ingressando, mais tarde, na politica. A sua conducta no governo do Rio Grande do Norte foi a de um administrador de larga visão, concededor das necessidades e das possibilidades do paiz e, em particular, as da Provincia que dirigia. Em poucos mezes o presidente Magalhães Taques, por metuciloso estudo, adquirira um perfeito conhecimento dos problemas que mais interessavam á economia e ao progresso do Rio Grande do Norte. A *Fula* com que abriu a Assembléa Legislativa, no dia 3 de Maio, é um documento revelador da sua clarividencia e do seu interesse pela causa publico, occupando-se detidamente dos assumptos mais importantes da administração. A Provincia soffria ainda as consequências da ultima secca, com os orçamentos em successivos *deficits*. O presidente suggeriu medidas capazes de melhorar a situação e attenuadoras de futuras crises; a açudagem nos sertões, a utilização das terras fertéis nos valles do agreste, a fundação de estabelecimentos agricolas mais solidos, a plantação do páu Brazil, de que possuíamos em abundancia o typo *Jaurado*, "o mais rico que se conhece". "Era já tempo—dizia o presidente—de formar bosques regulares e plantações d'esta arvore valiosissima, que deu nome ao Imperio, em que têm igual interesse o Estado e os particulares. Si continuá a devastação até as raizes, e não se poupam as hastes ainda térras, como no ultimo córte, é de crer que em breve tempo, apesar da sua grande reprodução, venha ella a escassear". (Hoje está quasi extincta). A *Fula* infornou que no periodo de 1845 a 1848 a Provincia exportou, dos seus principaes productos: Páu Brazil, 7.015 quintaes; assucar branco, 13.176 arrobas; dito somenos, 5,949; dito mascavo, 2,305; algodão em pluma, 6,930; couros salgados, 14,350 unidades; rapallaras; 155,609; meios de sóla, 4,113; tóros de mangue, 9,375; aguardente, 4,005 canadas; mel de tanque, 4,188; farinha de mandioca, 35,132 alqueires; milho, 1,119; sal, 800. As rendas Provinciales, nos trez annos, foram as seguintes: de 1845-1846, 41,275\$409; de

BEN

1846-47, 32:502\$113; e de 1847-48, 29:105\$820. O *deficit* d'esses tres annos, foi supprido com 20:000\$000 em cada um d'elles, em virtude da generosa Resolução da Assembléa Geral, sob n.º 393, de 1.º de Setembro de 1846". A diminuição successiva da receita teve por principal causa "o amortecimento do commercio e o entorpecimento da criação dos gados vacum e cavallar, a que ficou reduzida a Provincia depois dos calamitosos annos de 1845-1846". A despeza para o anno de 1850 foi orçada em 58:600\$436, assim distribuida: Com a Assembléa Provincial, inclusive expediente, ajuda de custo, luz, agua, assição, etc. 7:277\$200; com a Secretaria da Presidencia; 3:174\$000; com a Força Publica, 11:531\$000; com a Caridade Publica, 1:600\$000; com a Instrucção Publica, 13:256\$000; com o Culto Publico, 3:840\$000; com a administração e arrecadação das rendas, 9:224\$000; com empregados apontados, 2:104\$236; com a construcção de açudes, 2:000\$000; com a continuação das obras do Athenaeu, 2:000\$000; com o estabelecimento da Typographia Provincial, 1:200\$000; com a subvenção a um estudante e despesas eventuaes, 1:384\$000. Referindo-se á Typographia Provincial, disse o dr. Magalhães Taques: "E' tempo, Senhores, de ter a Provincia este grande meio de instrucção e derramamento de conhecimentos uteis, de prompta communicação das ordens do Governo, de publicidade de seus actos, do procedimento dos empregados publicos, de todos os factos que têm relação com a ordem social e com o bem geral, de habilitar e excitar a opinião publica para apreciar os e julgar-os, como se torna de necessidade sob o Governo Constitucional. Julgo, pois, conveniente que, fazendo cessar a disposição do art.º 12 da lei do orçamento vigente, habilito o governo com os meios indispensaveis para montar e entreter este estabelecimento, para o qual já se fez a despeza de typos". Sobre a instrucção publica, o presidente Taques estendeu-se em judiciosas considerações, criticando o systema em pratica e apontando as falhas a corrigir, tanto no ensino primario como no secundario. Concluiu pedindo a authorização á Assembléa para uma reforma, assegurando que "á frente de sua execução estava a Presidencia da Provincia". N'esse tempo, existiam no Rio Grande do Norte apenas 20 escolas, sendo 3 do sexo feminino. A divisão civil, judiciaria e ecclesiastica, em 1848, era a seguinte: 15 municipios (4 cidades e 11 villas), 3 comarcas e 21 parochias. O presidente falou tambem da industria, dos estabelecimentos agricolas (43 engenhos e 93 engenhocas), do algodão, do sal, da cêra de carnaluba, da pecuaria e da pesca. As obras publicas, por escassez de recursos, estavam reduzidas aos inutilaveis ser-

BER

viços de abertura de estradas e proseguimento da construcção do prédio do Athenaeu, cujas paredes estavam no respaldo, promptas a receber o madeiramento do tecto. O dr. Magalhães Taques governou, depois, em 1857, as Provincias de Maranhão e Pernambuco, e, em 1868, a do Rio de Janeiro. Em mais de uma legislatura, foi deputado geral pela Bahia. No gabinete de 2 de Março de 1861 occupou a pasta de ministro dos Estrangeiros; e em 1879 foi nomeado conselheiro de Estado. Falleceu em 1881.—Lemos em dois respeitaveis autores o nome de *Benvenuto* Augusto de Magalhães Taques; mas, na *Ata* que o presidente dirigiu á Assembléa Legislativa da Provincia, em 3 de Maio de 1849, vê-se, impressa, duas vezes, a sua assignatura—*Benvenuto Augusto de Magalhães Taques*. Na falta de documento que nos explicasse a divergencia, aceitámos o nome contido na *Ata*.

Benvenuto de Oliveira—Alto funcionario da Fazenda Nacional. Nasceu no municipio de Caralubas, a 6 de Julho de 1870, e falleceu, em Natal, a 22 de Novembro de 1909. Estudou preparatorios no Athenaeu Norte Riograndense, sendo a esse tempo (1894-1897) um dos maiores propulsores do movimento litterario em Natal. Foi o principal fundador do Gremio Litterario "Le Monde Marche" e do seu organ na imprensa, *Onix*, periodico que viveu de 1894 a 1904, contando nos tres primeiros annos com a assida collaboração de Benvenuto de Oliveira, da commissão relectora. Serviu em diversas repartições da Fazenda, tendo, quando falleceu, a categoria de 2.º escripturario da Caixa de Amortização. Voltara a Natal em gozo de licença, por grave molestia, de que succumbiu.

Bernardino das Neves—Religioso franciscano. Nasceu em Olinda (Pernambuco)—segundo o dr. Pereira da Costa—em meados do seculo XVI, e foram seus paes o capitão João Tavares, primeiro conquistador e povoador da Parahyba, e d. Constança Dias. Chamou-se no século Sebastião Tavares, nome que deixou ao fazer profissão de fé religiosa no convento dos franciscanos, em Olinda, a 28 de Janeiro de 1588. Tomou o nome de frei Bernardino de Nossa Senhora, cujo sobrenome substituiu, depois, pelo *das Neves*. "Pela sua familiaridade com os indios, pelo zelo e cuidado com que os tratava, tornou-se tão venerado e obedecido por elles, que nas empresas de maior difficuldade era sempre elle o escolhido por seus prelaos, cujo acerto correspondia ao pleno resultado que sempre obtve em suas missões. D'entre estas, nota-se a da Capitania do Rio Grande do Norte em 1599, cujo resultado foi a conquista d'aquelle territorio, e a fundação da cidade do Natal,

BER

sua capital. Versadíssimo na lingua dos índios, grande pregador, missionario zeloso e estimado, na phrase de um historador, frei Bernardino das Neves com a palavra, e Jeronymo de Albuquerque com o braço, foram os dois apostolos d'essa missão de paz e civilização, cujo resultado corou os trabalhos e fadigas d'esses dois heróes, após dois annos de vigílias e cuidados". De taba em taba, pregou e preparou a paz com os índios, ajustada com muita solemnidade, no meio de grande alegria, com a sua presença e a do ouvidor geral, dos cabos da fortaleza dos Reis Magos e dos maiores dos gentios. Frei Bernardino das Neves falleceu no seu convento de Olinda, em araaçala edade, nos primeiros annos do século XVII, "deixando bõa opinião e fama, adquirirlas nos annos em que viveu".

Bernardo—V. *Canto do Bernardo.*

Bernardo da Motta—Capitão-mór governador da Capitania do Rio Grande do Norte, nomeado por patente de 3 de Março de 1619. Não é conhecida—disse o desembargador Vicente de Lemos, *Capitães-móres*, vol. I, cap. VIII—a data em que Bernardo da Motta tomou posse do cargo, nem tambem aquella em que findou o seu governo, o qual não pôde ter ido além de 1625. São, igualmente, desconhecidos os actos que praticou no correr da administração. Não existem em nossos archivos documentos d'essa epocha.

Bernardo Machado da Costa Dória—Presidente da Província do Rio Grande do Norte, nomeado por Carta Imperial de 13 de Fevereiro de 1857. Natural de Sergipe, bacharelara-se em direito, pela Academia de Olinda, no anno de 1837, seguindo a carreira da magistratura. Administrou a Província do Rio Grande do Norte no periodo de 1.º de Abril de 1857 a 19 de Maio de 1858. No curto periodico de sua administração, o dr. Bernardo Dória mostrou-se um generico executor da lei, maximé no que dizia respeito á repressão dos crimes, jamais consentindo na impunidade de criminosos, por mais "graduados" que fossem. Magistrado cumpridor de seus deveres, não se apagou no governo a figura do juiz. Deu caça a criminosos julgados, ou pronunciados, e conseguiu arrastar ás prisões um grande numero d'elles, inclusive autoridades e ricos proprietarios. No *Relatorio* com que passou o governo ao vice-presidente dr. Octaviano Cabral, o dr. Dória deu conta das diligencias effectuadas, mencionando os nomes dos principaes presos e referindo que se frustrara uma d'ellas—a que visava prender André de Albuquerque Maranhão Arcoverde, "homem poderoso e membro de uma grande familia, que era pela voz publica accusado de

BER

haver assassinado, entre outros muitos infelizes, a um irmão e á sua propria mulher"—e isso porque, "no momento de cercar-se a casa do criminoso, estava elle nos paroxismos da vida, e foi mistér que o deixasse a justiça humana quando o chamava, e ia tomar-lhe contas, a justiça Divina". O dr. Bernardo Dória chegou, na magistratura, ao alto cargo de desembargador.

Bernardo Vieira de Mello—Capitão-mór governador da Capitania do Rio Grande do Norte, de 1695 a 1701. Nascceu na freguezia de Muribéca, Pernambuco, na segunda metade do século XVII, sendo seus paes o capitão de Ordenanças Bernardo Vieira de Mello e d. Maria Cauello de Mello, naturas da mesma freguezia. Dedicou-se á carreira militar, tendo prestado relevantes serviços na Capitania de Pernambuco, os quaes lhe valeram galardões e recompensas, inclusive o fóro de cavalleiro fidalgo da Casa Real e o posto de capitão-mór da villa de Iguarassú. Ainda por assignalados serviços, confiou-lhe o governo da Metropole a administração da Capitania do Rio Grande do Norte, em acto de 8 de Janeiro de 1695. Energico e justiciero, operoso e patriota, Bernardo Vieira houve-se com muita correcção no governo do Rio Grande do Norte, pacificando os índios sublevados e indo em pessoa funilar o arraval do Assú, onde permaneceu cerca de dois mezes, ordenando as providencias necessárias á manutenção do novo presidio. Em 1697, terminando o seu triennio de administração na Capitania, o governo da Metropole, attendendo a que Bernardo Vieira "se houve n'ella com muito zelo e bõa disposição, reduzindo todo o genio a uma universal paz, por cuja causa se achavam esses sertões com grande principio de povoação, a Capitania em socção, a justiça administrada com rectidão, e todos uniformemente desejosos de que elle continuasse no exercicio do dito posto", resolveu prorogar por outros trez annos as suas funcções no cargo de capitão-mór do Rio Grande do Norte. N'esse segundo periodo de governo, Bernardo Vieira continuou trabalhando pela manutenção da paz que conseguira e pelo maior desenvolvimento da Capitania, solicitando de Lisboa as medidas que lhe pareciam mais efficazes para a consecução dos fins almeçados. A 14 de Agosto de 1701 Bernardo Vieira deixou o governo da Capitania, regressando a Pernambuco. Anos depois, tornou-se propagandista do regimen republicano e, "no Senado da Camara de Olinda, a 10 de Novembro de 1710, levantou o primeiro, brado republicano na America, propondo a formação de um patrioato, ao qual ficassem entregues os destinos de Pernambuco, livre de qualquer

BOA

tutella, á semelhança da "república de Veneza". Esse gesto, revelador da cultura e elevação de idéas de Bernagão Vieira, teve como consequencia a sua prisão. Remetido para Lisboa, com seu filho André Vieira, foi recolhido aos carceres do Limoeiro e alli falleceu.

Bestas—Lagôa, no municipio de Assú.

Bezerra Junior—V. *Joaquim Bezerra Junior*.

Bico da Arara—Nome de um dos picos que la deixam o pico culminante do Calugy, no municipio de Angicos.

Bico da Arara—Serrote, no municipio de Acary. E' tambem conhecido por *Serra da Bico*.

Bico da Arara—Serrote situado na parte S do municipio de Martins.

Bico Dóce—Riacho. Nasce no sitio Tapuya, nos limites de Nova Cruz com o municipio parahybano de Araruna; passa 3 kilometros ao N da serra de S. Bento e desagua no rio Jacú, abaixo da povoação de Canipestre.

Bico Dóce—Serrote, no municipio de Nova Cruz.

Biendo—Serrote, situado 30 kilometros ao S da cidade de Caralúbas. Tem meio kilometro de extensão por cerca de 80 metros de altura. E' formado de pedra e argilla, prestando-se ao cultivo de cerejas.

Bóa Agua—Povoado, no municipio de Lages.

Bóa Agua—Lagôa, localizada no taboleiro do mesmo nome, 9 kilometros a NE da villa de Papary. Não é piscosa e conserva agua ainda mesmo no rigor do estio.

Boacica—Povoação, no municipio de Touros, situada á margem do rio Touros, cerca de 15 kilometros a SO da sede municipal. E' uma das povoações mais florescentes do municipio, com 798 habitantes (recenseamento de 1920) e animada feira semanal, a que concorrem mercadores de todos os lugares vizinhos. Tem escolas, do Estado e do Municipio. *Boacica* parece vocabulo indigena, talvez originado de *buracica*, corrupt. de *ybiracica*: resina de páu. Em alguns documentos encontra-se *Imboacica*, designação menos usada e com origem tirada, certamente, de *ambocica*: a chegada do arroio ou do regato.

Boacica—Estrada, perto da qual está o ponto de confluencia de dois pequenos riberros, no municipio de Papary. No logar da confluencia, observa-se um facto curioso: alli se distinguem perfeitamente as aguas de um

BOD

e outro dos riberros, porque, a qualquer hora, uma é tépida e a outra é fria.

Boacica—Lagôa, no municipio de Papary. Não secca, é piscosa e dista 10 kilometros para o S da villa.

Boacica—Rio, no municipio de Papary. Nasce da lagôa Escura, passa 10 kilometros ao N da sede municipal e vae desaguar na lagôa Bóacica. D'ahi saindo, vae desembocar no rio Cururú.

Bóa Esperança—Povoação, de cerca de 200 habitantes, 20 kilometros ao S da cidade do Martins, a cujo municipio pertence. fica no ponto de cruzamento de diversas estradas, tendo, por isso, regular movimento commercial. Capellania da parochia de Martins, tem escola rudimentar, do Estado, e um pequeno e aseado templo, inaugurado em 1902 (benção a 21 de Dezembro) e dedicado a Santo Antonio, padroeiro da povoação.

Bóagua—V. *Bóa Agua*.

Bóa Saúde—Povoação, no municipio de S. José de Mipibá, distante cerca de 25 kilometros, para SO, da sede municipal. Tem capella, sob a invocação de N. S. da Bóa Saúde, e uma escola primaria, subvencionada pela Municipalidade.

Bóa Vista—Povoado, no municipio de Macahyba.

Bóa Vista—Lagôa, de grande extensão, no municipio de Apody. Está á margem esquerda do rio e proxima á serra do Apody. E' piscosa e as suas margens são cultivadas em vazantes. Secca nos verões muito prolongados.

Bóa Vista—Riacho, na divisa entre os municipios de Curraes Novos e S. Thomé.

Bóa Vista—Riacho. Nasce no municipio de Brejo do Cruz, Estado da Parahyba, e desagua no rio Espinharas, 24 kilometros ao N da villa de Serra Negra.

Bóa Vista—Riacho, no municipio de Curraes Novos. E' affluente do rio Picuhy.

Bóa Vista do Sul—Povoado, no municipio de Canguaretama.

Bocca da Ilha—Povoado, no municipio de Cearadmirim, 25 kilometros a L, da sede municipal.

Bocca da Matta—V. *Caramirim*, cidade.

Bodú—Serra, no municipio de Sant' Anna do Mattos.

Bodú—V. *Os F. A. e do Bodú e S. Pedro da Boa*.

BOM

Bol — Lagôa, no município de Serra Negra.

Boladas — Lagôa, no município de Portalegre.

Bols — Riacho, no município de Curraes Novos. Desagua, pela margem esquerda, no rio Arcaia.

Bols — Riacho, no município de Serra Negra. Nasce no município de Patos, Estado da Parahyba, e faz barra no rio Espinha-raa, 3 kilometros ao S da villa de Serra Negra.

Bols — Riacho. Nasce no logar «Livramento», do município de Santa Luzia do Sabugy, Estado da Parahyba, passa 3 kilometros ao S da povoação de S. João do Sabugy, e vae desaguar no rio Sabugy.

Bolxuananguape — Nome com que, em alguns antigos documentos, está designado o rio Maxaranguape.

Bôla — Riacho, no município de Augusto Severo.

Bolões — Lagôa, no município de Mosoró.

Bom Descanço — Riacho. É tributário, pela margem direita, do rio Totoró, no município de Curraes Novos.

Bomflm — Lagôa, no município de Pa-pary. É um bello e pittoresco lago, de aguas crystallinas, visitado frequentemente pelos moradores dos logares vizinhos e até mesmo por excursionistas, que ali encontram excellente banho. Teve, outrora, a denominação de *Pochy*, vocabulo indigena, parece que alteração de *pochit*; feio, máu, ruim, sujo; ou, antes, de *ku-pochy* e *y-pochy*; a agua suja — qualificativos que, entretanto, não se ajustam ao claro e formoso lago.

Bomflm — Serra, no município de Angicos. É também conhecida pelo nome de *Fuis* e tem diversos olhos d'agua.

Bom Jardim — Riacho, no município de Goyaniúba.

Bom Jesus — Rio, affluente do Carahú.

Bom Jesus — Riacho. É tributário, pela margem direita, do rio Trahyry, no município de Santa Cruz.

Bom Jesus — Nome primitivo da serra Luiz Gomes, na extrema SO do Estado.

Bom Logar — Povoado, no município de Apody. Tem escola primaria, subvencionada pela Municipalidade.

Bom Principio — Povoado no municí-

BON

pio de Angicos. Tem escola primaria, com subvenção da Intendencia Municipal.

Bom Será — Serrote, no município de Páu dos Ferros. Distta 18 kilometros da sede municipal. Poderia chamar-se *Caturama*, correspondente, no indigena, a *bom será, bôa-ventura*.

Bom Successo — Povoado, no município de Apody. Tem capella, consagrada a S. Vicente Ferrer.

Bom Successo — Riacho, no município de Curraes Novos. É affluente do rio Curraes Novos.

Bom Successo — Serra, agricola, no município de Serra Negra, localizada 8 kilometros a SO da villa.

Bonifacio Camara — (*Bonifacio Francisco Pinheiro da Camara*) — Chefe politico, na antiga Provincia. Nasceu a 24 de Maio de 1813, na cidade do Natal, sendo filho legitimo do capitão Joaquim Torquato Soares da Camara. Exerceu no Rio Grande do Norte os cargos de contador e de inspector da Thesouraria de Fazenda e o de administrador da repartição dos Correios, tendo também servido em Pernambuco, no logar de 2.º escripturario da Thesouraria de Fazenda. Foi, por alguns annos, presidente da Camara Municipal de Natal; deputado Provincial, em mais de uma legislatura, occupando a presidencia da Assembléa Legislativa. Nomeado 2.º vice-presidente da Provincia, por Carta Imperial de 23 de Outubro de 1872, teve occasião de assumir o governo do Rio Grande do Norte, exercendo-o no periodo de 19 de Janeiro a 17 de Junho de 1873. O coronel Bonifacio foi, por mais de 30 annos, um dos chefes do partido conservador no Rio Grande do Norte, gozando de largo e real prestigio. Official da Guarda Nacional, tinha também o habito de cavalleiro da Ordem de Christo e o officilato da Ordem da Rosa. "Era homem de incontestavel valor e foi um dos mais benemeritos servidores do Rio Grande do Norte". Falleceu em Natal, 4 rua que hoje tem o seu nome, no dia 2 de Novembro de 1884.

Bonifacio da Rocha Vieira — Padre. Coadjutor da parochia de Natal em 1768, baptizou, a 3 de Dezembro d'esse anno, na igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação, a criança que recebeu o nome de Miguel e que foi, annos depois, o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, celebrado na Historia com o cognome de *Frei Miguelinho*. V. *Miguel Joaquim de Almeida Castro*, padre.

Bonito — Riacho, no município de Assú.

BRA

Bonito—Serra, no município de Assu.

Boqueirão—Lagôa, no município de Touros. É piscosa e conserva-se com agua ainda mesmo nos annos de rigorosa sêcca. Está localizada proxima a povoação de Bôacica, mas na margem esquerda do rio Touros.

Boqueirão—Lagôa, no município de Serra Negra. É situada a O da villa, na distancia de 5 kilometros.

Boqueirão—Riacho. Nasce no logar "Agua Branca", na serra João Dias, município de Martins, passa 18 kilometros a L da cidade e entra para os municípios de Patú, Carahubas e Apody, com o nome de *Umary*, rio.

Boqueirão—Serra, no município de S. Antonio, 30 kilometros a O da villa. Tem cerca de 200 metros de altura, no seu ponto mais elevado.

Boqueirão—Serrote, a O da villa de Serra Negra. Tem, approximadamente, 3 kilometros de extensão.

Borborema—Cordilheira, na parte oriental do systema orographico brasileiro. Começa da chapala do Araripe e "se estende de SO a NE, desde as dividas dos Estados da Parahyba e Pernambuco até o valle do rio Cearámirim, no Rio Grande do Norte, onde se acham os seus cabos terminaes (aos 6° de latitude S)". É sua extrema no nordeste o Alto da Lanclúnia. Das cordilheiras Borborema e Apody, braços do grande massiço central do Brazil, deriva todo o systema orographico do Rio Grande do Norte: as serras que, com denominações diversas, se estendem pelo interior até o litoral do Estado, são simples ramificações de uma ou de outra d'essas cordilheiras. *Borborema* é vocabulo indigena, corr. de *boru-boruma*, e significa: sem moradores, sem habitantes, o sertão. (Theodoro Sampaio, *O tupy na geographia nacional*).

Borges—Lagôa, no município de Augusto Sévero.

Botão—Lagôa, no município de Assu.

Branca—Serra, no município de Santa Cruz.

Branco—Serrote, no município de Taipú.

Brandão—Riacho, no município de Goyauinha.

Brandões—Serra, na zona do Seridó.

Braz—Riacho, no município de Caicó, na direcção O da cidade.

Braz de Mello—(Braz de Andrade Mel-

BUJ

lo)—Jornalista e orador. Filho de Braz de Andrade Mello e d. Anna de Andrade Mello, nasceu na cidade de S. José de Mipibá, a 17 de Abril de 1866. Fez seus estudos primarios no collegio do dr. Barbosa, em Recife, manifestando desde esse tempo as suas sympathias pelo regimen republicano. Em 1890 bacharelou-se em direito, na Faculdade d'aquella cidade, "deixando nos bancos academicos uma tradição inapagavel de sua bohemia e de seu fino espirito". Foi lente de philosophia e de francez no Athenaeo Norte Rio-grandense, e, em 1891, chefe de Policia na revolução que depoz o presidente Miguel Castro. Advogou no fóro da capital e exerceu o logar de juiz districtal. O lado mais notavel do seu caracter, disse um seu biographo, foi a sua acção e lealdade na campanha republicana: orador fluente, encantava com a sua palavra; jornalista de bem apparada penna, deixou traços indeleveis na imprensa indigena. "Morto antes de completar trinta annos, Braz de Mello, grande espirito e grande coração, não ponde attingir a todas as posições que de direito lhe teriam de caber dados o seu valor e alta intelligencia". (A. Tavares de Lyra, *Historia do Rio Grande do Norte*, pag. 739). Braz de Mello falleceu, em Natal, a 16 de Março de 1895.

Braz Felix—Serrote, no município de Caicó.

Brejinho—Povoação, 20 kilometros ao N da villa de S. Antonio, e cujo município pertence. Tem, approximadamente, 300 habitantes e uma capella, sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade. É districto policial, crendo a 1° de Outubro de 1890 e subordinado á Delegacia de S. Antonio.

Brejinho—Riacho, 2 kilometros a O da villa de Baixa Verde.

Brejinho—Serra, de pequena extensão, no município de Patú.

Brejo—V. *Olho d'Agua do Brejo*.

Brejó de Apody—Povoação, do município de Apody, um pouco abaixo da de nome Passagem Funda. Está situada 13 kilometros ao N da cidade do Apody: é muito agricola, tem agencia postal, escola rudimentar e uma capella, dedicada a N. S. do Perpetuo Socorro.

Brito Guerra—V. *Felippe Guerra, Francisco de Brito Guerra e Luiz Gonzaga de Brito Guerra*.

Bujary—Rio, na região SE do Estado. É o principal affluente do Curimatubá e tem no seu curso superior o nome de *Catibouyo*. *Bujary*, vocabulo tupy, significa, segundo o

CAB

padre Montoya, *logar de arvore de canôa, ou de arvore que bôia.*

Buraco—Serra, no município de Sant' Anna do Mattos.

Buracos—Povoado, no município de Touros.

Buraco Sêcco—Logarejo, na extrema O do município de Baixa Verde.

CAC

Baxios—Povoação, á margem da enseada do mesmo nome, na costa do município de Papary. Tem uma população de 200 habitantes, pequeno porto de mar, e está situada 20 kilometros ao N da séde municipal. Chamam-na também *Porto dos Baxios*. Antes da conquista, o porto era frequentado por náus francezas, que alli faziam carregamentos de páu brazil.

C

Cabaças—Riacho, no município de Portalegre. Passa a 20 kilometros da séde municipal e é affluente, pela margem direita, do rio Apody.

Cabeça Branca—Serra, no município de Santo Antonio, 35 kilometros a O da villa. Tem cerca de 300 metros de altura.

Cabeça do Boi—Serrote, no município de Apody.

Cabeça do Negro—Rochêdo, á entrada da barra de Natal. Aparece á fôr d'agua no nivel das marés minimas.

Cabeço da Barriguda—Serrote, no município de Baixa Verde, situado 20 kilometros a NO da villa.

Cabeço do Arerê—Serrote, de grande altura, no município de Augusto Severo. Do seu cimo descortina-se um bello panorama, avistando-se serras, lagoas, fazendas, etc., d'esse e de municípios vizinhos.

Cabeço Preto—Serrote, no município de Baixa Verde. Está localizado a NO da villa, na distancia de 22 kilometros.

Cabello—Riacho, de pequeno curso. Corre de S—N e desagua no oceano, entre as poroações de Agnamaré e Gallinhos.

Cabello-não-tem—Serrote, no município de Luiz Gomes. E' preso á serra de S. Miguel, também conhecida pelos nomes de *Vertentes e Cumari*. N'esse serrote existe grande quantidade de pedras de várias côres e diversas fórmãs, sabendo-se que têm sido retiradas d'ali pequenas porções de ouro. Ha também noticia de que, em differentes epochas, foram ouvidos fortes estrondos no serrote, abrindo sulcos na terra, de bastante profundidade.

Cabollado—Serrote, ao S da cidade de Apody.

Caborés—Tribu de índios, tapuyos. Os caborés habitavam na ribeira do Assú e em outras da região sertaneja.

Cabral—Pequeno serrote, 25 kilometros a SO da cidade de Carabubas.

Cabugy—Serra, no município de Angicos, ponto culminante no systema orographico do Rio Grande do Norte. E' de fórmã conica, com 500 metros de altura (R. Crandall) e ladeada, ao N e ao S, pelos picos do Caracará e Bico da Arara, também de fórmã conica. O pico do Cabugy, em tempo claro, é avistado de grandes distancias, até mesmo da costa do mar, de que está afastado mais de 100 kilometros.

Cachoeira—Riacho. Nasce das serras Verde e Arapuá, no município de Serra Negra. Após um curso de 18 kilometros, desagua no rio Espinharas, cerca de 30 kilometros ao N da villa de Serra Negra.

Cachoeira—Riacho. Nasce na fazenda «Sombros Grandes», 6 kilometros ao N da cidade de Carabubas. E' também conhecido pelo nome de *Carnachubinkoi*.

Cachoeira—Riacho, no município de Assú.

Cachoeira—Serra, no município de Caicó.

Cachoeira da Anta—Riacho, no município de Caicó, passa a O da cidade.

Cachoeira da Pendencia—Serrote, no município de Apody.

Cachoeira das Lazes—Riacho. Nasce no serrote Gado Bravo, município de Patos,

CAE

do Estado da Parahyba: passa 12 kilometros a O da povoação de S. João do Sabugy, no Rio Grande do Norte, e vae desaguar no rio Sabugy.

Cachoeira do Baixo—Serrote, no município de Lages.

Cachoeira de Cima—Serrote, situado no município de Lages.

Cachoeira do Sapo—Povoação, no município de S. Gonçalo. Está localizada na extrema com o município de S. Thomé e proxima á serra da Formiga. Tem capella.

Cachoeira dos Cavallos—Riacho, tributario do rio Cipó, no município de Curraes Novos.

Cachoeira Grande—Rincho, affluente do rio Parahú, no município de Assú.

Cachoeirinha—Pequeno serrote, 4 kilometros ao S da povoação de S. João do Sabugy, no município de Serra Negra.

Cachorro—Riacho. Nasce na serra Melancias, município de Serra Negra, e, depois de banhar a povoação de S. João do Sabugy, pelo lado do S, vae fazer barra no riacho Bois.

Cachorro—Serra, 1 kilometro a O da povoação de S. João do Sabugy, no município de Serra Negra. Tem, approximadamente, 3 kilometros de extensão e não é cultivavel.

Caclamba das Moças—Riacho, no município de Curraes Novos. É affluente, pela margem direita, do rio Totoró.

Caclamba das Orelhas—Riacho. É tributario, pela margem esquerda, do rio Totoró, no município de Curraes Novos.

Caclamba de Pedra—Riacho. Desagua, pela margem direita, no rio Curraes Novos.

Caclamba do Melo—Povoado, no município de Acary.

Caclambas—Riacho, no município de Serra Negra. Tem sua nasçega na serra Bom Successo e, depois de um curso de cerca de 12 kilometros, faz barra no rio Espinhaens, passando ao N da villa de Serra Negra.

Caclambas de Vinna—Povoado, na parte N do município de Assú.

Caclambinhas—Riacho, affluente do rio Cipó, pela margem direita d'este, no município de Curraes Novos.

Caenga—V. *Alenga*.

Caes—Povoado, a O do rio Pranhias,

CAI

no município de Caicó. Tem uma capella, sob a invocação de S. José.

Caetano da Silva Sanches—Capitão-mór governador da Capitania do Rio Grande do Norte, no período colonial. Nomeado governador interino, empossou-se no governo a 19 de Fevereiro de 1791. Obtendo nomeação effectiva por Patente Real de 27 de Março de 1797, ratificou a sua posse a 3 de Fevereiro seguinte, perante o Senado da Câmara de Natal, reunido na igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação. Apesar de ter governado a Capitania por espaço de mais de nove annos, não conhecemos actos de maior importancia praticados por Caetano Sanches, além do provimento de cargos publicos. A sua administração decorreu, todavia, em relativa paz. Caetano Sanches falleceu, no exercicio do cargo, a 15 de Março de 1800, assumindo o governo a antiga Junta, composta, no momento, do commandante Antonio de Barros Passos e do vereador Luiz Antonio Ferreira.

Caçuca—Riacho, no município de Sant'Anna do Mattos. Corre ao N da cidade, na distancia de 8 kilometros.

Caçuaga—Serrote, no município de Martins.

Caçada—Povoação, á margem direita do rio Jundiaby, no município de Macalyba. Passa ao seu lado a estrada de automoveis de Natal ao Seridó. Capella de N. S. da Conceição. Tem agencia postal, creada em 1929.

Caçada—Serra, situada entre as povoações de Caçada e Serra Caçada, no município de Macalyba.

Caçada—V. *Serra Caçada*.

Caiana—Lagôa, no município de Touros. Sécca nos rigorosos verões.

Caicára—Povoação, na costa do norte, proxima a uma cascada, na vizinhança do pharol de Santo Alberto e da povoação de S. Bento do Norte, município de Baixa Verde. O ancoradouro que ali se offerece, a pequenas embarecações, é bastante alargado, por ficar á sombra das cordões das Lavadeiras. (Vital de Oliveira, *Receita da Costa do Brasil*). *Caipira*, vocabulo indigena, significa *pau queimado*.

Caicára—Riacho, no município de Sant'Anna do Mattos. Passa ao N da cidade, na distancia de 15 kilometros.

Caicára—Riacho. É affluente, pela margem esquerda, do rio Apody e tem 20 kilometros de curso, todo no município de Portalegre.

CAI

Calçara do Rio do Vento—Povoado, no município de Lages. Tem escola primária, subvencionada pela Municipalidade.

Calçarinha—Serra, no município de Assú.

Calçarinha do Carneiro—Sítio, 13 kilometros a SE da cidade de Santa Cruz, onde se encontram jazidas de crystal de rocha.

Caicó—Município do Estado, na zona do Seridó. A sua fundação data dos meados do século XVIII, sabendo-se que a freguezia foi creada a 15 de Abril de 1748, por desmembramento da de N. S. do Bom Sucesso, de Pombal. Em 1802 contava, apenas, 2.317 almas. O município de Caicó limita-se: ao N, com os de Flores, Sant'Anna do Mattos, Augusto Serêto e Assú; ao S, com os de Jardim do Seridó, Santa Luzia do Sabugo (este da Parahyba) e parte do de Serra Negra; a L, com o de Jardim do Seridó; e, a O, com os de Brejo do Cruz (Parahyba) e Serra Negra. Em 1920, a sua população era de.... 25.366 habitantes, numero hoje elevado, aproximadamente, a 28.000. O eleitorado, em Agosto de 1929, compunha-se de 1.030 votantes. O aspecto physico de Caicó é o mesmo da zona em que está localizado: terreno pedregoso, muito accidentado e cortado por alguns rios, riachos e correços. Erguem-se aqui diversas serras e serrotes, quasi todas ramificações da cordilheira Borborema. O clima é temperado e sadio, tornando-se um pouco cálido durante a estação do estio. A flora é escassa; só nas serras se encontram algumas madeiras de construção e mercenaria: páu d'arco, arceira, angico, cumurú, baráuna e louro. De minérios, existem pequenas jazidas de ouro, prata, ferro, chumbo e estanho, até hoje não exploradas. A criação e a agricultura são as maiores fontes de riqueza do município, que conta centenas de fazendas de criar e vastos campos de plantação, sendo principal cultura a do algodão, o melhor que se conhece, de fama mundial, pela extensão, resistencia e brilho de sua fibra. O commercio do município é de consideravel movimento, em razão da grande saída d'esse e de outros productos, como da venda de gados para os municípios e Estados vizinhos. Funciona na séde do município um Banco Agricola, fundado a 1.º de Maio de 1929 e instalado a 1.º de Janeiro de 1930. A industria é representada por engenhos, que fabricam rapaduras e distillam aguardente; por diversas machinas para beneficiamento do algodão; havendo tambem, nas fazendas, a fabricação de queijos—os famosos queijos do Seridó. A receita do Município, que, em 1890, era orçada em 1:290\$710, foi se elevando con-

CAI

tinuamente, de sorte que em 1910 subia a 10:800\$000 e em 1927 a 82:000\$000. O orçamento para 1930 calculou a receita em..... 103:300\$000 e fixou a despesa do mesmo exercicio em 102:995\$000. A Municipalidade subvenciona escolas, mantém fiscaes em Palina e Sant'Anna e paga a locação das casas de quartel em S. Fernando, Jardim do Piranhas e S. Miguel do Jucurutú. A instrução primaria é ministrada no Grupo Escolar Senador Guerra, no Collegio Santa Theresinha do Menino Jesus (na séde do município), em escolas rudimentares, mantidas pelo Estado, em escolas subvencionadas pelo município e em escolas particulares na cidade e nas povoações. O territorio do município de Caicó constitue um só districto judiciario, séde da comarca do mesmo nome, creada por lei Provincial no 365, de 19 de Julho de 1858, e comprehendendo, actualmente, além da séde, o districto judiciario de Serra Negra. E' dividido em duas parochias: a de Caicó, creada, como já vimos, em 1748, tendo por padroeira Sant'Anna; e a de S. Miguel do Jucurutú, creada em 1874 (lei Provincial no 707, de 1.º de Setembro) e tendo por orago o martyr S. Sebastião. A 6.ª de Julho de 1748, segundo a informação local, foi lavrado termo da escolha do ponto para construção da igreja matriz do Seridó (hoje Caicó), sendo o terreno doado pelo tenente José Gomes Pereira e sua mulher. A criação da Villa (Município), com o nome de *Príncipe*, data de 31 de Julho de 1788. Só em 1868, por lei Provincial no 611, de 26 de Março, adquiriu, com a mesma denominação, os fôros de cidade. O decr. no 12, de 1.º de Fevereiro de 1890 (governo provisório), mudou o nome de cidade do Príncipe para *cidade de Seridó*; e o decr. no 33, de 7 de Julho do mesmo anno, mandou que a cidade de Seridó passasse a denominar-se *cidade de Caicó* (P. Soares, *Repertorio das Leis*). Filhos illustres do município, entre outros: Dr. Amaro Cavalcanti, ministro do Supremo Tribunal e financista notavel, fallecido em 1922; dr. Manoel Dantas, advogado, jornalista e geographo, fallecido em 1924; padres João Maria Cavalcanti de Brito, inextinguivel vigário de Natal, Manoel José Fernandes, José Modesto, Francisco Justino de Brito Guerra e Francisco Raphael Fernandes, fundador da povoação de S. Fernando, fallecidos; professor Joaquim Apolinari Pereira de Brito, um dos grandes educadores da mocidade no século passado; coronéis Manoel Baptista Pereira, José Baptista dos Santos, Salviano Baptista de Araújo e Ezequiel de Araújo Fernandes, chefes políticos; drs. Manoel José Fernandes, magistrado, Antonio Aladim de Araújo, Januário da Nobrega, Filho e Diogenes Celso da Nobrega, advoga-

CAI

dos, todos também fallecidos: senador José Augusto Bezerra de Medeiros, desembargadores Silvino Bezerra Neto e José Bernardo de Medeiros Filho, drs. Vicente de Lemos Filho e Januncio Gorgonio da Nobrega, juizes de direito; monsenhor Francisco Severiano de Figueirêdo, latinista e historiographo, residente em Parahyba; dr. Renato Dantas, advogado; e dr. Abner de Brito, poeta e chronista. O professor Manoel Fernandes de Araújo Nobrega, em correspondência de 30 de Novembro de 1905, nos affirmou que "perto da povoação de S. Miguel do Jucurutu (hoje villa), do municipio de Caicó, ha uma familia, chamada *dos Athanasios*, que sabe-se pertencer á linhagem de d. Felippe Camarão, o que, cada vez mais, vem provar—acrescenta o informante—ser riograndense do norte a real naturalidade do bravo conquistador do dominio hollandez, e não de Pernambuco ou Parahyba, como por ahí pretendem. O chefe da familia chama-se Joaquim Athanasio e tem o typo de verdadeiro caboclo". *Caicó* é vocabulo indigena. Affirmam alguns autores—e é a tradição—que vem de *caí-yó*: macaco estolado; outros opinam que deriva de *caí-yó*: monte escalvado. Pelo informe que obteve monsenhor F. Severiano (*A Diocese da Parahyba*, 1906, nota á pag. 102), vemos que a origem não differe, entendida de uma ou de outra maneira, porque os indios teriam chamado á localidade de *Jacaco estolado*, "em vista de vários serrotes nus (*montes escalvados*, portanto) de que a mesma se acha cercada".

Caicó—Cidade, séde do municipio do mesmo nome, situada á margem esquerda do rio Seridó, 270 kilometros á SO da capital do Estado. Povoação desde 1748, adquiriu em 1788 a categoria de villa e em 1868 a de cidade (Ver parte historica referente ao Municipio). Caicó é uma das cidades mais importantes do Estado e a maior da zona do Seridó; tem boa edificação, animado commercio e é illuminada a luz electrica. Em 1906 a cidade contava cerca de 400 prédios, numero já hoje elevado a quasi o duplo, com a construcção de muitos outros, entre os quaes alguns de estylo moderno. Destacam-se dos edificios publicos, o da séde da Intendencia, o do Mercado Publico, o da Cadeia (*systema antigo*), o do Grupo Escolar Senador Guerra e o do Hospital do Seridó (construcção moderna). A construcção do hospital, de iniciativa particular orientada pelo dr. Adherbal de Figueirêdo, foi custeada por subscrição popular e auxilio do governo do Estado. A igreja matriz de Caicó é uma das maiores da Diocese e está provida do necessario ao culto divino. Ha, tambem, na cidade uma capella, dedicada a Nossa Senhora do Rosario e que

CAJ

outrora serviu de matriz. Funcionam na parochia diversas associações religiosas, inclusive trez de mais de século de existencia. Além do Grupo Escolar Senador Guerra, mantido pelo Estado, funciona na cidade, subvencionado por lei, o Collegio Santa Theresinha do Menino Jesus, dirigido por irmãs religiosas Filhas do Amor Divino. O serviço postal e o telegraphico estão a cargo de uma agencia do Correio (em 1928 rendeu 4.689\$40) e uma estação telegraphica do Nacional, ambas convenientemente installadas no centro da cidade. Ha, ainda, u'a mesa de rendas Estaduais (em 1928 arrecadou a quantia de..... 262.057\$685) e uma collectoria de rendas Federaes. Caicó é ponto terminal da grande estrada de automoveis que liga o Seridó á capital do Estado. Por meio de estradas carroçaveis, a cidade communica-se, ainda, com as villas de Flôres, Serra Negra e S. Miguel do Jucurutu e com as povoações de S. Fernando, Jardim do Piranhas e S. João do Sabugg. A 2 kilometros da cidade foi construido, em 1928, um campo de aviação, inaugurado a 15 de Agosto do mesmo anno, por uma viagem do avião Breguet 306, da "Compagnie Générale Aéropostale", pilotado pelo aviador Depecker, levando como passageiros o dr. Juvenal Lamartine, presidente do Estado, e o sr. George Piron, chefe da aeroplace de Natal, os quaes haviam inaugurado no mesmo dia o campo de Acary. Em 30 minutos foi feito esse primeiro vôo de Acary a Caicó, cobrindo um percurso de 60 kilometros.

Caieira—Monte, onde se encontra muita pedra de cal, no municipio de Patú.

Caieira—Pequeno riacho, affluente do rio Cipó, no municipio de Carraes Novos.

Caieira—Riacho. Nasce na serra S. Miguel, banha a povoação de Almino Afonso, no municipio de Patú, e vaee desguar no rio Umary.

Caieira—V. *Almino Afonso*, povoação.

Calmbra—Serrote, no municipio de Serra Negra, 3 kilometros a L da villa.

Calteú—Riacho, no municipio de Luiz Gomes. *Calteú* é corruptella de *caj-tetú*; dente pontagudo.

Calxa d'Agua—Parala na R. F. Central do Rio Grande do Norte. Faz-se ali o supprimento d'agua ás locomotivas em trafego.

Calxa de Guerra—Serrote, no municipio de Assú. Pela sua posição, é títlo como excellente base de apoio para uma futura ponte sobre o rio Assú.

Cajarana—Serra, no municipio de Sant'

CAM

Anna do Mattos, distante 2 kilometros da cidade. *Cafarana*, vocabulo indigena, é uma corruptella de *ayayirana*: cajazeira falsa, tirando a cajá (Theodoro Sampaio).

Cajarana—Sítio, na costa S do Estado, um dos pontos de limite entre os municípios de Arêz e Papary. Chamam-n'o tambem *Ponta da Cajarana*.

Cajazeira—Serra, no município de Flores. Tem, approximadamente, 6 kilometros de extensão e 150 metros de altura, no seu ponto mais elevado.

Cajazelas—Lagôa, no município de Canguaretama.

Cajueiro—Povoação, de 559 habitantes (em 1920), situada á beira-mar, na costa N do Estado. É proxima ao pharol de Olhos d'Água e pertence ao município de Touros.

Cajueiro—Serra, no município de Patú.

Cajupiranga—Povoado, á margem da *Great Western* (kilometro 24), no limite do município de Natal com o de S. José de Mipibú. Ha n'esse local bons sítios de fructeiras, installações para moagem de canna e outras para fabricação de farinha. A *Great Western* mantém ahí uma parada, obrigatoria para os trens ordinarios. *Cajupiranga* é palavra indigena; de *ca-yú*, cajú, e *piranga*, vermelho: cajú vermelho.

Cajupiranga—Rio, nos limites do município de Natal com os de S. José de Mipibú e Papary. O Cajupiranga entra na lagôa Giqny e, d'ahí sahindo com o nome de Giqny, recebe pela margem direita o seu afluente Pium e vae desembocar no oceano, entre as povoações de Pirangy de Baixo e Pirangy de Cima. Nas proximidades de sua foz, chamam-n'o tambem *Pirangy*.

Calabouço—Rio, na extrema do município de Nova Cruz com o de Araruna (este da Parahyba). O Calabouço é afluente do rio Curimatatú e chamou-se, outr'ora, *Curimatatú-mirim*. V. *Bujury*.

Calazans Pinheiro—V. *José de Calazans Pinheiro*.

Caldeirão—Riacho, no município de Curraes Novas. É afluente do rio Potengy.

Caldeirões—Lagôa, situada 18 kilometros a O da cidade de Carahubas. É piscosa nos annos de inverno.

Calistrato Carrilho—V. *José Calistrato Carrilho de Vasconcellos*.

Calva—Serrote, no município de Assú.

Camapaná—Povoado, proximo á povoação de Alagamar, no município de Maciú.

CAM

Camará—V. *São Miguel, serra*.

Camara Cascudo—V. *Luiz da Camara Cascudo*.

Camaragipo—Riacho. Nasce na serra da Formiga, município de S. Thomé, entra no município de S. Gonçalo e, após um curso de 50 kilometros, vae desaguar no rio Potengy, perto da povoação de Igreja Nova. *Camaragipe* é vocabulo indigena—*Camará-cy-pe*: no rio dos camarás. (*Camará* é uma planta muito conhecida, da familia das verbenaceas). Alterando a origem, chamam-n'o tambem *Camaragibe*. Os holandezes, como se vê da Segunda Jornada de Pieter Persijn em busca das minas de Itabaiana (Rev. do Inst., vol. V, n. I, pag. 169), acreditavam que nas immediações do Camaragipe existiam minérios exploraveis.

Camarão—V. *Antonio Felipe Camarão*.

Cambitos—Lagôa, no município de Cearámirim.

Cambôa do Arronbado—V. *Arronbado do Pantil*.

Cambôa dos Barcos—Cambôa, communicação do rio Amargoso com o alagado conhecido pelo nome de Barra da Ilha, no município de Maciú. (Vital de Oliveira, *Roteiro da Costa do Brazil*).

Camêlo—Riacho, no município de Assú. É tributario do rio Assú.

Camêlo—Serra, no município de Luiz Gomes.

Campestre—Povoação, muito florecente, no município de Nova Cruz. Tem feira semanal, bastante concorrida, e é servida por uma agencia postal de 4.ª classe. A capella da povoação é dedicada a São José. Em vista do augmento da população, está sendo construída uma outra capella, de maiores dimensões. Campestre tem escola rudimentar, do Estado, e uma escola primaria, subvencionada pela Municipalidade.

Campestre—Riacho, no município de Taipá. É tributario do riacho Sêcco, indo com este desembocar no rio Maxaranguape, no lugar denominado «Bocca do Riacho».

Campsla—Lagôa, no bairro da Ribeira, em Natal, aterrada em 1907, para ser construído no lugar o jardim publico da praça Augusto Severo, inaugurado a 25 de Março do anno seguinte. Em 1603 (anno 7º da conquista) existia nas proximidades da lagôa uma pequena olaria, pertencente ao oleiro Jorge de Araújo, o qual adquirira por data cincoenta braças em quadro, para exploração de sua industria.

CAN

Campo Comprido—Riacho, afluente do rio Cipó, no município de Curraes Novos.

Campo de Sant'Anna—Povoação, 20 kilometros ao S da villa de Papary, a cujo territorio pertence. Tem uma população de cerca de 700 habitantes e é também conhecida pela antiga denominação de *Curruí*. Subdelegacia de Policia, creada em 1893. A capella de Campo de Sant'Anna é dedicada a S. Sebastião.

Campo do São João—Povoado, no município de Nova Cruz, á margem do rio Curimatahú, em terras da grande propriedade «Lapa» e na distancia de 10 kilometros da sede municipal. Tem capella consagrada a S. João Baptista, padroeiro da localidade, e uma escola primaria, subvencionada pela Intendencia do Município. Extraordinaria cheia no rio Curimatahú, em 1924, agraçou a maior parte das casas do povoado, hoje quasi extincto.

Campo Grande—V. *Augusto Severo*, município.

Campo Malor—Lagôa, no município de Mossoró. Sécca durante o verão.

Campo Redondo—Povoação, á margem do rio Trahiry, no município de Santa Cruz. Tem escola rudimentar e uma concorrida feira semanal.

Campos—Serra, ligada á de Portalegre, no município d'este nome. E' cultivada, produzindo algodão, cereaes e fumo.

Camurupim—Povoação, no município de Papary. E' também conhecida por *Birra do Camurupim*. *Camurupim* é palavra indígena, de *camuripi*, nome de um peixe conhecido, também chamado *camboro*.

Camurupim—Rio, desemboca no oceano, junto á povoação do mesmo nome, no município de Papary.

Camurupim—Rio, no município de Macaú. Desagua no oceano, entre as povoações Aguararé e Gallinhos.

Camurupim—Sitio, nas proximidades da barra do rio do mesmo nome, município de Papary. E' notavel pela grande quantidade, que ali se encontra, de pedras para soleiras.

Canal Bandeira—Abertura, no valle Cearámirim, para escoamento das aguas trazidas nas grandes enchentes do rio, ficou com este nome por ter sido a sua construcção ordenada pelo dr. Bandeira de Mello, presidente da Provincia, em 1875. Dirigiu o trabalho o engenheiro Feliciano Martins. Com o mesmo objectivo fóra construido em 1866 um princi-

CAN

ro canal, ainda hoje em funcção, com 4.668 metros de comprimento sobre 5 de largura e 1 de profundidade, chamado *Canal Dodi* por ter sido sido construido pelo engenheiro allemão Gustavo Luiz Guilherme Dodi. Ha, ainda, o *Canal Delphino*, que conduz para o Canal Dodi as aguas do riacho Delphino.

Canatupumirim—Rio, que se encontra mencionado em algumas das antigas datas de terra. Chamavam-n'o em outros desses documentos *Unatupumirim*. O desembargador Luiz Fernandes opina que este nome está hoje transformado no de *Portumirim*, e explica-se do seguinte modo: «Como consta d'aquellas (as datas) que era beira-mar e diz um d'estes (os documentos) que fica ao norte de Praty, distante uns seis kilometros da praia, podemos concluir que, perdendo o seu nome a primeira parte de que se compunha, passou elle com o tempo a chamar-se *Putu-mirim*, *Potu-mirim* e, afinal, *Portu-mirim*, conhecida praia do município de Cearámirim, exactamente ao norte de Praty e onde ha uma pequena lagôa que despeja no mar por tenue regato, a que chamam hoje *Mucos*. Esta opinão é tanto mais acceptavel quanto é sabido que a praia de Portumirim, rasa e desabrigada, nunca teve um porto, que podesse justificar o seu nome». (*Rev. do Inst.*, vol. VII).

Cândido Duarte—(*Cândido Gomes Duarte*)—Bacharel em direito e merito educador da mocidade. Natural do Rio Grande do Norte, reside ha muitos annos na cidade do Recife, onde fundou o «Instituto Pernambucano», um dos mais conceituados collegios da cidade. O dr. Cândido Duarte é bacharel da turma de 1900 (Faculdade do Recife). Publicou, em 1906, *Monographia do Instituto Pernambucano*, em folheto.

Canellas—Lagôa, no município de Apody.

Cangahyra—Riacho, no município de Carubhas. Tem sua nasceuça na serra do Patú.

Cangalha—Lagôa, no município de Areia Branca. Sangra para um correjo, no povoado Areias Alvas.

Canguaretnama—Município, sito na extrema SE do Estado. Creado em 1762, quando já extincta a aldeia de Gramació, teve a esse tempo sua sede em Villa Flor, localidade que recebeu este nome em homenagem a d. Antonio de Menezes, conde de Villa Flor e ex-governador da Capitania de Pernambuco. O acto da installação da Villa (Município) foi presidido pelo dr. Miguel Carlos Caldeira de Pina Castello Branco, juiz de fora de Olinda e S. Antonio do Recife. Em 1858, a Re-

CAN

solução Provincial n. 367, de 19 de Julho, elevou á categoria de villa a povoação de Urud (15 kilometros a O de Villa Flor), com a denominação de *Villa de Canguaretama*, e mandou fosse para ella transferida, desde logo, a sede do municipio de Villa Flor. Posteriormente, por lei Provincial n. 955, de 16 de Abril de 1885, Canguaretama adquiriu os lóros de cidade. (P. Soares, *Reportorio das Leis*, volumes XXIII—XXIV da *Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte*). O municipio limita-se: ao N, com o de Goyaninha; ao S, com o de Mamanguape (Parahyba); a L, com o oceano Atlantico; e, a O, com os municipios de Pedro Velho e Nova Cruz. Pelo recenseamento de 1920 a sua população era de 11.491 habitantes; hoje, terá cerca de 13.000. Eleitorado (em Agosto de 1929), 462 votantes. O clima é frio e humido na estação invernosá e muito variável na estação do estio. Não é dos mais salubres, uóormente na sede do municipio, rodeada de pantanos, e na região dos valles, onde as febres palustres são endemia. A agricultura e a industria, em Canguaretama, consistem, principalmente, no plantio da canna de assucar, feito nos terrenos alagadiços, e no fabrico do assucar e da aguardente, de que se occupam os diversos engenhos installados no municipio. Cultiva-se tambem algodão, legumes e cereaes, embora em menor escala, e fabrica-se sal em pequenas salinas. A extracção de madeiras, do importante sitio «Estrela» e dos mangues de Cunhahú, é, ainda, rendosa industria no municipio. A capacidade agricola de Canguaretama é muito superior á sua producção actual, attribuindo-se o estacionamento, entre outras causas, á grande falta de capitães. Canguaretama poderia ser, em verdade, um dos celeiros do Rio Grande do Norte; entretanto, importa vários generos que as suas terras produziram abundantemente. O commercio é pouco desenvolvido, sendo insignificante o numero de estabelecimentos de maior capital. O transporte das mercadorias faz-se pelo pequeno porto de Barra do Cunhahú e pelos trens da *Great Western*, com estação no povoado de Penha, 2 kilometros a O da cidade de Canguaretama. Na sede do municipio funciona uma Caixa Rural, fundada a 3 de Maio de 1928. Em 1890 (primeiro orçamento na Republica) a receita annual do Municipio era de 4.457\$920; em 1910 essa receita subia a 10.000\$000; e em 1927 attingia a 33.240\$000. O orçamento para 1930 calculou a receita em 45.200\$000 e fixou a despesa do anno em 43.390\$000. A Municipalidade de Canguaretama subvenciona escolas, e mantém um zelador no povoado de Serãozinho. Todo o territorio do municipio constitue um só districto judicial, sede da comarca de Cangua-

CAN

retama, creada por lei Provincial n. 641, de 14 de Dezembro de 1871, e comprehendendo, actualmente, além do districto sede, os de Goyaninha e Pedro Velho. Constitue, igualmente, uma só freguezia ecclesiastica, creada em meados do seculo XVIII, consoante o seguinte relato de monsenhor F. Severiano (*da Diocese da Parahyba*, 1900, pags. 125 e 126): «No anno de 1743, um dos illustres sacerdotes da Companhia de Jesus, o rev. padre André do Sacramento, em catechese aos indios Payaguás, que habitavam nas margens dos rios Gramacó e Curimatahú, fundou na margem esquerda d'este ultimo uma *missão* dedicada a Nossa Senhora do Desterro. Segundo alguns, já em 1661 havia visitado esta aldeia um missionario capuchinho, deixando plantadas a luz do santo Evangelho e as sementes da civilização. A igreja que mais tarde veio a servir-lhe de matriz foi começada em 1742 e concluida em 1745, sob a direcção do mencionado jesuita, que encontrou franca cooperação da parte dos indios, cuja sympathia e amizade tinha sabido conquistar. Com reconhecimento zelo e grande vantagem, proseguia o respeitavel sacerdote na obra da catechese e civilização d'esses selvagens, quando teve logar a execução da *orden régia* de 3 de Setembro de de 1759 expulsando de Portugal e de seus dominios os distinctos padres da Companhia de Jesus, e para o novo regimen dos aldeamentos foram convertidas em freguezias todas as missões fundadas no Rio Grande do Norte, ficando assim elevada á categoria de parochia, sob a invocação de Nossa Senhora do Desterro, a missão de Villa Flor, que havia estabelecido o padre André do Sacramento». Por lei Provincial, n. 408, de 27 de Março de 1860, a freguezia de Canguaretama passou a chamar-se freguezia da Penha, nome que ainda hoje conserva, tendo por padroeira Nossa Senhora da Conceição. Canguaretama é a terra natal do grande patriota André de Albuquerque, martyr da revolução republicana de 1817, nascido no engenho Cunhahú, famosa propriedade dos tempos do Rio Grande do Norte colonial. A palavra *Canguaretama* é de origem indigena, corruptella de *cat-guar-retama*: «a região das mattas», nome que bem se ajusta ao municipio, exportador de madeiras.

Canguaretama—Cidade, sede do municipio do mesmo nome, á margem do rio Pi-tuaçuá, 82 kilometros ao S da capital do Estado. Povoação de Urud até 1858, foi n'esse anno elevada a villa, com o nome de Canguaretama, adquirindo em 1885 os lóros de cidade, por lei Provincial n. 955, de 16 de Abril (P. Soares, *Reportorio das Leis*). Localizada em terreno baixo e pantanoso, a cidade tem,

CAN

todavim, agradável aspecto, regular edificação (na maior parte em estilo antigo) e é iluminada a luz electrica. Destacam-se, dos edificios mais importantes, o da igreja matriz, o da Intendencia Municipal, o da Mesa de Rendas Estaduaes, o do Grupo Escolar Pedro Velho, o da capella de S. José e alguns sobrados de propriedade particular. A instrução primaria e complementar é ministrada no Grupo Escolar Pedro Velho, creado por decreto Estadual nº 286, de 10 de Julho de 1913, mantido pelo Estado, e em escolas de direcção particular. Funcionam, na cidade, uma collectoria de rendas Felleres, mesa de rendas Estaduaes, que em 1928, arrecadou..... 184:754\$846, agencia do Correo (esta em 1923 rendeu 2:932\$020) e estação do Telegrapho Nacional. Na parochia funcionam algumas associações religiosas. Canguaretama communica-se por estrada de ferro (*Great Western of Brasil Railway Company*) com a capital do Estado, com Parahyba. Recife e localidades intermediarias, havendo tambem communicações maritimas pelo porto de Barra do Cunhaú, só accessivel a hyates e outras pequenas embarcações, que navegam, de ordinario, até Recife e para as praias do Norte.

Canindé—Tribu de indios, das que habitavam os sertões do nordeste brasileiro, inclusive do Rio Grande do Norte. Era tambem o nome de um dos chefes desses indigenas, preso por Affonso de Albuquerque, em fins do século XVII, e entregue ao capitão-mór governador do Rio Grande do Norte. O chefe Canindé, intitulado *Rei* entre os seus, foi reduzido a paz e baptizado com o nome de *João Fernandes Vieira*. A elle foram doadas as terras sitas na ribeira dos Jundiaperoba, em Goyaninha, tapera de Lucas Gonçalves. *Canindé* é uma corruptella de *canindi*: anegrado, retinto, escuro.

Caniveto—Rio, no municipio de Angicos.

Cannabrava—Povoado, do municipio de Macahyba. Pelo centro d'esse povoado passava, até bem pouco, a linha divisoria entre os municipios de Macahyba e Natal.

Cannabrava—Povoado, do municipio de Canguaretama. Para evitar confusão entre este e o precedente, bem poderia um dos dois chamar-se *Cannarana*, "palavra hybrida, usada no Amazonas para exprimir a canna falsa ou *canna brava*".

Cannabrava—Riacho, no municipio de Luiz Gomes.

Cannabrava—Riacho. Tem um curso de 8 kilometros e desagua na lagôa Boqueirão, municipio de Touros.

CAN

Cannabrava do Norte—Povoação, no municipio de Touros. Em 1920 (ultimo recenseamento) a sua população era de 943 habitantes.

Cannafistula—Lagôa, no municipio de Apody.

Cannafistula—Lagôa, no municipio de Canguaretama.

Canda—Riacho, no municipio de Curraes Novos. E' affluente, pela margem direita, do rio Areia.

Candás—Serra, no municipio de Acary.

Canto—Riacho, no municipio de Assú. Desagua na lagôa Piadô.

Canto Comprido—Riacho, no municipio de Assú.

Canto da Ilha de Cima—V. *Canto de Cima*.

Canto da Jurema—Lagôa, no municipio de Assú.

Canto da Oityclea—Riacho, affluente do rio Parahú, no municipio de Assú.

Canto das Moças—Povoação, no municipio de S. Gonçalo. E' situada em terreno elevado, 20 kilometros a O da séde municipal. Tem capella, dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

Canto de Baixo—Povoado, no municipio de Baixa Verde.

Canto de Cima—Povoado, na extrema N do municipio de Touros. Fica entre a povoação de Reducto e o marco colonial. Conhecem-na tambem por *Ilha de Cima* e *Canto da Ilha de Cima*.

Canto do Agreste—Povoado, do municipio de Carahubas. Tem escola, subvencionada pela Municipalidade.

Canto do Bernardo—Riacho. Nasce no municipio de Assú e ahi desagua na lagôa Piadô.

Canto do Carralinho—Povoado, no municipio de Macaú.

Canto do Junco—Riacho, no municipio de Mossoró. Nasce a L da serra Mossoró, banha em sua passagem o sitio de seu nome, distante 15 kilometros da cidade, e vae desagua á margem esquerda do rio Apody, 3 kilometros ao N da cidade de Mossoró. O seu curso é, approximadamente, de 20 kilometros.

Canto do Maciel—Riacho, no municipio de Assú.

CAR

Canto do Major—Povoação, proximo á povoação de Alagamar, no municipio de Macáu.

Canto do Major—Riacho, no municipio de Macáu.

Canto do Mangue—Povoação, muito florescente, no municipio de Assú. Tem escola rudimentar, manúda pelo Estado, uma capella, sob a invocação de Nossa Senhora Auxiliadora, e um posto fiscal de rendas Estadaes.

Canto do Sacco—Riacho, no municipio de Macáu. Passa a 45 kilometros da séde municipal.

Canto do Siao—Denominação dada a uma das pontas da lagôa Estremoza, nas proximidades da estrada publica. Relativa á origem da denominação, conta-se uma interessante lenda, resumida do seguinte modo: Um pobre carreiro conduzia em seu carro um sino, adquirido para a capella de nascente povoação. Em meio a estrada, sentindo-se fadgado, deixou que o boi continuasse a marchar, e adormeceu tranquillamente sobre a mesa do carro. Ao approximar-se do canto da lagôa, logar escarpado e profundo, o boi encaminhou-se para a ribanceira, procurando inatar a séde que o torturava. Allí, falseando o terreno, o animal precipitou-se no abysmo, arrastando na queda o carro, o carreiro e o sino. A lenda accrescenta que, alto luar, quem por allí transite ouvirá, no silencio da noite, repetidos dobres do sino e profundos gemidos do infortunado carreiro.

Canto dos Porcos—Lagôa, no municipio de Areia Branca.

Cantofa e Jandy—Appellidos de duas indias, avó e neta, que a lenda diz terem ficado, occultas, nas abas da serra Portalegre, ao tempo em que os seus parentes fugiam para os Cariry, perseguidos pelos colonizadores portuguezes. Cantofa (Luiza Cantofa), que fôra, anteriormente, convertida por um missionario, conservava no seu esconderijo um pequeno oratorio, deante do qual rezava diariamente o Offício de Nossa Senhora. Jandy encarregava-se da colheita de mel e de fructos sylvestres, para alimentação de ambas. Um grupo dos invasores teria, certa vez, avistado Jandy, acompanhando-a, sem ser por ella sentido, até o logar onde vivia com a sua avó. Esta, que era tida por feiticeira e por instigadora dos indios *rebellados*, foi, então, morta a golpes de punhal, no momento em que recitava a columna «Deus vos salve», da piedosa oração mariana. Jandy, de braços sobre o cadaver da avó, foi deixada ao abandono, em plena matta escura. No dia seguinte, voltaram os assassinos ao local, acompanhados de ou-

CAN

tras pessoas, e allí mesmo deram sepultura ao cadaver de Cantofa. Jandy desaparecera; e, apesar das buscas dadas em um raio de muitas leguas, não foi possível conseguir ao menos noticias de sua passagem. «Contavam os antigos que, durante muitos annos, aquelle logar era mal-assombrado. Os transeuntes que d'allí se approximavam ouviam rezar o Offício de Nossa Senhora». (V. Nonato Motta, chronica, na «Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte», vols. XVIII-XIX, pags. 84 e 85).

Canto Grande—Povoação, muito florescente, do municipio de Angicos. Tem escola rudimentar, manúda pelo Estado, e uma outra subvencionada pela Municipalidade.

Canados—Lagôa, no municipio de Apody.

Capa—Serrote, 15 kilometros a L da cidade de Páu dos Ferros.

Capella—Povoação, outra muito florescente, no municipio de Cearámirim.

Capellão—Lagôa, no municipio de Apody.

Capellas—V. *Jandohys*.

Capim—Lagôa, ao S da cidade de Areia Branca e proxima á Lagôa de Dentro. *Cipim* é palavra indigena, de *capip*: matto fino.

Capim-Assú—Lagôa, na parte NO do municipio de Nova Cruz.

Caplô—Valle, extenso e ubertoso, no baixo Traliry. Começa acima da cidade de S. José de Mipibú e vae até a lagôa Papary, com uma extensão de mais de 10 kilometros e 4 a 6 de largura. É muito apropriado á cultura da canna de assucar e n'elle se acham situados diversos engenhos, entre os quaes «Caplô», «Belém», «S. Luiz» e Pavillão. O valle Caplô pôde produzir 40.000 saccos de assucar bruto, em annos de regular inverno.

Capitão-mór Galvão—V. *Cypriano Lopes Galvão* (2).

Capivara—Riacho, affluente do rio Areia, pela margem direita d'este, no municipio de Carraes Novos.

Capoeira—Serra, no municipio de Patú. *Capoeira*, voc. indigena, é corrupeilla de *cui-poera*: matta extincta.

Capoeiras—V. *Panellas*.

Caracará—Tribu de indios, das que habitaram os sertões do Rio Grande do Norte. *Caracará*, palavra indigena, é uma corrupeilla de *cunde-cará-re*: o arranha-arranha, o arranhador.

CAR

Carneará—Lagôa, no centro de extenso taboleiro, 10 kilometros a NE da villa de Papary. P' pouco piscosissima, em uma sêcca pelo verão.

Carcará—Muito pedregoso, 3 kilometros ao N da povoação de S. João do Sabugy, município de Serra Negra.

Carcará—Nome de um dos picos que ladeiam o pico culminante do Cobugy, município de Angicos.

Carneará—Setrote, no município de Calad.

Caralú—Rio, tributário, pela margem direita, do rio Assú. Nasce na serra Sant'Anna e corre em direcção NO até a confluencia com o Assú, recebendo em seu curso alguns rios. Desagua cerca de 12 kilometros abaixo da povoação de S. Raphael, município de Sant'Anna do Mattos. *Caralú* é vocabulo indígena, composto de *caro*—alimento caro (peixe).

Carabá—Lagôa, no município de Camareanna.

Caralubas—Município do Estado, na região sertaneja e com sede na cidade do mesmo nome. Criado pela lei Provincial n. 601, de 5 de Março de 1868. Era districto de paz desde 1852 (lei Provincial n. 250, de 23 de Maio) e paróquia desde 1858 (lei Provincial n. 403, de 14 de Setembro). Limita-se: ao N, com o município de Maysoró; ao S, com os de Martins e Patá; a E, com o de Augusto Severo; e, a O, com o de Apody. População (em 1920) 11.451 habitantes. Eleitores alistados (em Agosto de 1929) 443. O sólo do município de Caralubas é, em geral, muito acidentado, composto de taboleiros arenosos, cantingas, serrotes e cursos d'agua de pequeno volume. Possui alguns minérios a saber: ferro (em terras de Benedicto Simões), mica, crystal de rocha, amianto e granito, além de enorme quantidade de pedras para o fabrico de cal. A O do município, na distancia de 5 kilometros, ha uma importante fonte de aguas thermais (*N. O. da Agua da Arbo*). O clima de Caralubas é câlido a sabido, tornando-se fresco durante as noites, por motivo das brisas que á tarde sopram de nordeste. O município é muito criador de que agricola; todavia, produz consideravel quantidade de algodão, legumes e cereas. A industria consiste no fabrico de queijos, rapaduras e alguns artefactos de couro. Ha machinismos para o beneficiamento do algodão. O commercio local não é de grande movimento, melhorando, entretanto, durante o periodo das safras. Funciona na sede do município uma Caixa Rural, fundada a 10 de Agosto de 1928. Em 1897 a receita annual do município era

CAR

de 1:644\$000; em 1910 subia a 2:000\$000; em 1927 attingiu a 6:000\$000. Para 1930 a receita foi orçada em 23:000\$000 e a despesa em 22:500\$000. A Municipalidade subvenciona a escola «Coronel Reynaldo», no povoado Augua de Vaca, e a escola «Capitão Leandro», no povoado Canto do Agreste. O territorio do município de Caralubas constitúe um só districto judicial e pertence, como tal, á comarca de Apody. Constitúe, igualmente, uma só freguezia ecclesiastica, creada, como dissemos, em 1858, tendo por padroeiro São Sebastião. Entre os filhos illustres do município, figuram o desembargador Luiz Fernandes, magistrado e historiographo, residente em Natal; dr. João Gurgel de Oliveira, magistrado, em disponibilidade; dr. João Epitacio Fernandes, juiz districtal; major Luiz Antonio Pimenta (*Dirio Paraiso*), chronicista de assumptos sertanejos; coronel Reynaldo Pimenta, chefe politico local; coronel Luiz Manoel Fernandes, chefe politico, fallecido; coronel Francisco Gurgel, chefe politico e deputado federal, e dr. Manoel Antonio de Oliveira, magistrado (fallecido, ambos fallecidos); dr. Joaquim Hippolito Fernandes Pimenta, clinico em Poços de Caldas, Minas Geraes; e Benvenuto de Oliveira, bellicista e alto funcionario da Fazenda Nacional, tambem fallecidos. O dr. Manoel Dantas, em sua conferencia sobre *Denominação dos Municípios*, realizada, em 1922, no palacio do governo, disse o seguinte, em relação ao nome de *Caralubas*: «A margem de um dos afluentes do rio Mossoró eram tantas as caralubas que davam sombra e ostentavam um cerne gigantesco que os viandantes, nas suas jornadas, marcavam sempre um ponto de descaço na Varzea das Caralubas, nome que passou ao município e á cidade que hoje se ergue, com o seu casario regular e bem tratado, no meio de extensas taboleiras». De facto, *Caralubas*, vocabulo indigena—de *caralú-má*: fructo de casca negra—é nome de uma arvore. A tradição informa que a denominação da localidade proveio da existencia ahí, antigamente, de muitos exemplares d'essa arvore.

Caralubas—Cidade, sede do município do mesmo nome, á margem direita do rio Caralubas, 309 kilometros a O da capital do Estado. Chumada, outrora, *Varzea das Caralubas*, era povoação em 1852, quando foi ahí creado um juizado de paz (lei Provincial n. 250, de 23 de Março). Em 1868, com a creação do Município, passou á categoria de villa (lei Provincial n. 601, de 5 de Março), e em 1914 (lei Estadual n. 372, de 30 de Novembro), adquiriu os fôros de cidade. É de agradável aspecto, possuindo alguma prédios de moderna construcção. Em 1929 existiam,

CAR

no perimetro da cidade, 264 casas. Na praça principal (ala de oeste) está erguida a igreja matriz, bello templo, sagrado a 20 de Janeiro de 1871, ornado de valiosas esculpturas e provido de todos os paramentos necessarios ao culto divino. Destacam-se, ainda, como edificios mais importantes, o da Intendencia Municipal, o do Grupo Escolar Antonio Carlos, o do antigo Theatro S. Sebastião e o do Mercado Publico. O cemiterio é um dos melhores do Estado, sagrado a 20 de Janeiro de 1869, mantido com asseio e ostentando alguns tumulos artisticos. Na cidade funcionam, além, do grupo escolar, duas escolas particulares. Na parochia funcionam escolas de catecismo, a cargo de catechistas Carmelitas, Apostolado da Oração, Irmandade do SS. Sacramento, um Conselho Particular e duas Conferencias da Sociedade de S. Vicente de Paulo. Caralubas tem estação telegraphica e uma agencia do Correio (esta rendeu em 1928 a importancia de \$603440). Ao S da cidade, na distancia de 13 kilometros, está situado o açude «Santo Antonio», o segundo, em capacidade, dos açudes publicos do Estado, construido em 1915 pela Inspectoria de Obras Contra as Seccas e represando um volume d'agua de 11.000.000 de metros cubicos. Caralubas é ligada, por estradas carroçaveis, com a cidade do Apody, villas do Patú e Augusto Severo e povoações de Divinopolis e S. Sebastião do Mossoró.

Caralubas—Lagôa, situada 17 kilometros no N da villa de Portalegre. É piscosa nos annos de inverno.

Caralubas—Lagôa, no municipio de Cearimirim. Secca nos grandes verões.

Caralubas—Lagôa, no municipio de Apody.

Caralubas—Riacho, no municipio do mesmo nome. Nace na fazenda «Soubras Grandes» e, após um curso de 15 kilometros, faz barra no riacho Conceição. A sua margem direita está situada a cidade de Caralubar.

Caralubas—Riacho, no municipio de Curraes Novos. É affluente, pela margem esquerda, do rio Mulungil.

Caralubas—Riacho, no municipio de Pedro Velho. É um dos affluentes do rio Pequery.

Caralubas—V. *Cerro-Cora*.

Caralubas da Praia—Povoação, á beira-mar, no municipio de Touros. Situada 45 kilometros ao S da sede municipal, contava, em 1920, uma população de 489 habitantes. Caralubas da Praia tem porto, bastante abri-

CAR

gado, e a população local vive da industria da pesca, que é ahí muito abundante. Ha escola primaria, com subvenção da Municipalidade, uma capella, consagrada a Nossa Senhora da Guia, e um cemiterio, tratado com zelo.

Carahybeira—Lagôa, de pequena extensão, 23 kilometros a L da villa de Serra Negra.

Carahybeira—Riacho, no municipio de Curraes Novos.

Carahybeira—Serrote, 3 kilometros ao S da povoação de S. João do Sabagy, no municipio de Serra Negra.

Carapêbas—Povoação, no municipio de Angicos. Capella de Nossa Senhora da Conceição. A povoação está localizada 20 kilometros para o N da sede municipal, é servida por agencia postal (em 1928 rendeu..... \$835070), posto telephonico, escola rudimentar, do Estado, e uma outra subvencionada pela Municipalidade. *Carapêbas*, vocabulo indigena, é corruptella de *acarâ-pêba*: acarâ miúdo. (Acará é peixe escamoso, d'agua doce, e mais conhecido pelo nome de *carri*.)

Cararúbas—V. *Caralubas*.

Cardoso—Antiga parada da E. F. Central do Rio Grande do Norte, inaugurada a 4 de Setembro de 1911. Foi substituida, posteriormente, pela estação de *Jardim* (kilometro 103), inaugurada a 14 de Novembro de 1913.

Cardoso—Povoado, no municipio de Lages.

Cardoso—Lagôa, situada 18 kilometros a SO da villa de Luiz Gomes. Não é piscosa e secca pelo verão.

Cardoso—Serrote, no municipio de Lages.

Careca—V. *Olho d'Agua do Carica*.

Cardade—Serra, cultivavel, no municipio de Caicó.

Caritrys—Appellido do povo selvagem que outrora occupou grande extensão do Brazil, da Bahia para o norte, e mais tarde concentrou-se nos sertões de Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará. *Caritry* é corruptella do indigena *kiribi*: taciturno, silencioso, calado (Theodoro Sampaio, *O tupy na geographia nacional*).

Carlos Vital Borromen—Agricultor e criador. Nascido em Portugal, veio para o Brazil em meados do século XVIII, situando-se, com o seu irmão, sargento-mór Clemente Gomes de Amorim, em uma data de

CAR

terra que obtiveram (1749), na ribeira do Apody, e compreendendo parte da serra que hoje tem o nome de Portalegre. A sua mulher, d. Margarida de Freitas, fez construir ali uma capella, dedicada a Sant'Anna. Foram estes, segundo a tradição, os principaes fundadores do municipio de Portalegre.

Carmo—V. *Chapada do Livramento*.

Carmo—V. *Upamea*, rio.

Carnahuba—Povoação, no municipio de Pedro Velho. Tem escola rudimentar, do Estado, e capella, dedicada a Nossa Senhora da Guia. Em Carnahuba está situada a pittoresca lagôa da Saudade. *Carnahuba* é vocabulo indigena, corruptella de *caranhyba*: a planta escamosa (*copernicia cerifera*). Esta palmeira é conhecida em Matto Grosso pelo nome de *carandá*.

Carnahuba—Lagôa, no municipio de Papary, localizada 7 kilometros ao N da sede municipal. Enche nos annos de bom inverno e não é piscosa.

Carnahuba—Lagôa, no municipio de Serra Negra, situada 20 kilometros ao N da villa.

Carnahuba—Riocho, affluente do rio Acanã. Chamam-n'o, tambem, *rio Carnahuba*.

Carnahuba—Serra, no municipio de Caicó.

Carnahuba do Acary—Povoação, no municipio de Acary. Tem feira semanal, muito concorrida, e um regular movimento commercial, accrescido na epocha das safiras. A capella local é consagrada a S. José, e ali funcionam diversas associações religiosas e uma conferencia vicentina. Tem escola rudimentar e agencia postal.

Carnahubal—Lagôa, no municipio de Portalegre.

Carnahubas—Riocho. Nasce da serra do Mendes e do serrote Carnahubas, no municipio de Serra Negra, e faz barra no riacho Engetado, 15 kilometros ao N da villa, sede municipal.

Carnahubas—Serrote, situado 15 kilometros a O da Villa de Serra Negra.

Carnahubinha—Porto fluvial, no municipio de S. Gonçalo, formado pelo rio Jundiary e na distancia de 6 kilometros da sede municipal. Ha em Carnahubinha uma fabrica de oleos vegetaes.

Carnahubinha—Riocho, no municipio de Mossoró. Nasce nas quebradas da serra do Livramento e, depois de um curso de 20 kilometros, desagua á margem direita do rio

CAS

Apody, 3 kilometros acima da povoação de S. Sebastião do Mossoró.

Carnahubinha—Riocho. Tem sua nascente na serra Mulungu, passa 6 kilometros a NE da povoação de S. João do Sabugy, no municipio de Serra Negra, e desemboca no rio Cipó.

Carnahubinha—V. *Cachoeira e Conceição* riachos.

Carnaíba—Serra, nos limites do Rio Grande do Norte com a Paralyba, na zona do Seridó.

Carollina Naninger—V. *Maria Carollina Naninger*.

Carollina Wanderley—V. *Maria Carollina Wanderley*.

Carpiateiro—Lagôa, situada no municipio de Apody.

Carrapatelra—Riocho, no municipio de Luiz Gomes.

Carrapatelra—Serra, 500 metros a NÓ da cidade de Sant'Anna do Mattos.

Carrapato—Riocho, tributario do rio Cotú, no municipio de Canguaretama.

Carrapato—Riocho, no municipio de Taipú. É affluente do rio Cearánirim, entrando n'este no logar denominado "Duas Passagens".

Carrapicho—Riocho, no municipio de Assú. Desagua na lagôa Redonda.

Carrilho—Lagôa, no municipio de Apody.

Carvalho—Riocho, affluente do rio Curimatahú, no municipio de Canguaretama.

Carvalho Chaves—V. *Antonio Augusto de Carvalho Chaves*.

Carvoeiros—Serrote, no municipio de Apody.

Casaca—Riocho, tributario do rio Curimatahú, no municipio de Canguaretama.

Casa Forte—Povoado, no litoral do municipio de Baixa Verde.

Cascavel—Monte, situado 15 kilometros ao N da cidade de Curraes Novos.

Cascavel—Riocho. É affluente, pela margem esquerda, do rio Curraes Novos.

Casemiro José de Moraes Sarmiento—Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, de 28 de Abril de 1845 a 9 de Outubro de 1847. Na Academia de Olinda recebeu, em 1830, o grau de bacharel em sciencias ju-

CAT

rúlicas e sociais e, em 1840, o gráu de doutor em direito. Foi lente da Escola Militar e de applicação do Rio de Janeiro, com as honras de major, e possuía o titulo de official da Ordem da Rosa. Nomeado presidente da Provincia do Rio Grande do Norte por Carta Imperial de 4 de Abril de 1845, governou até 1847, empenhando-se pela execução de medidas de interesse geral, notadamente as referentes á instrucção publica. Sob sua administração foi contruido, para escola publica, o prédio onde actualmente se achá installado o *Atlet-Club*, á rua Coronel Pedro Soares. Afim de crear "meios especiaes de construir certas obras publicas, para que não tinha elementos na receita ordinaria, tentou a execução de uma lei que havia concedido uma loteria, cujos beneficios deviam ser applicados a taes obras. Logo, porém, se reconheceu a impraticabilidade do expediente: não havia muita gente que quizesse jogar". D'aquí, foi o dr. Casemiro Sarmiento transferido para a Provincia do Ceará, de cuja administração se empossou a 14 de Outubro de 1847. De 1848 a 1852, representou o Rio Grande do Norte na Camara dos Deputados do Imperio, eleito pela Provincia, onde deixára radicadas sympathias. O dr. Casemiro Sarmiento publicou as seguintes obras, enumeradas no *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, do dr. Sacramento Blake: *Elementos de Direito Politico*, de M. A. Macarel, 1842 (tradução); *Da solidão, das consas que a fazem amar, das vantagens e desvantagens, e de sua influencia sobre a imaginação, sobre o espirito e sobre o coração*, por George Zimmermann, 1842 (tradução); *Compendio de Historia Sagrada, por perguntas e respostas, segundo de um resumo da vida de Jesus Christo*, traduzido em vulgar da 3ª edição franceza, 1817; além de dois discursos abrinho as duas sessões da legislatura da Assembléa Provincial do Rio Grande do Norte. Consta ao mesmo bibliographo que o dr. Casemiro Sarmiento traduzira, ainda, uma obra sobre physiologia das paixões. O dr. Sarmiento era natural do Piauy, onde nasceu a 13 de Agosto de 1813. Em 1859, sentindo-se doente, embarcou para a Europa, fallecendo, em Paris, a 10 de Fevereiro de 1860.

Cassange--Serra, no municipio de S. Antonio, 35 kilometros a O da villa. E' de pequena altura.

Castro e Silva--V. *Manoel do Nascimento Castro e Silva*, 10.

Catinga do Porco--Serra, situada 20 kilometros a O da villa de Serra Negra. E' cultivada, produzindo algodão e cereaes

Catigueira--Riacho, Passa a O da cidade do Caicó.

CAV

Catolê--Lagôa, no municipio de Touros. E' piscosa e tem resistido, com agua, ás mais rigorosas sêccas, inclusive as de 1877-79. As suas margens são muito férteis.

Catolê--Riacho, no municipio de Luiz Gomes.

Catolê--Riacho, no municipio de Macahyba. E' affluente do rio Jundiaby.

Catú--Rio. Nasce no logar "Totainhas", do municipio de Canguaretama, e, depois de um curso de 20 kilometros, desagua no oceano, no logar "Sibahuma". *Catú* é vocabulo indigena e significa *bom, boa, bonita, bonita, conveniente*... Aqui é, porém, uma corruptella de *icatú*; a agua boa.

Catunda--Riacho, affluente do rio Curraes Novos.

Catunda--Serra, no municipio de Curraes Novos.

Catunho--Riacho, tributario do rio Catú, no municipio de Canguaretama.

Canassá--Povoação, no municipio de Lages, situada a NE da séde municipal. Tem cerca de 500 habitantes e uma pequena capella. *Canassá*, vocabulo indigena, é uma corruptella de *caí-assú*: o matto grande. *Assú* altera-se, por vezes, para *ussú, ossú, gussú*.

Canassá--Riacho. Nasce nas quebradas da serra de Sant'Anna, passa no municipio de Flóres, 15 kilometros a L da villa, e vae desembocar no riacho Quimporé, em territorio do municipio de Acary.

Canassá--Riacho, affluente do rio Cearámirim, no municipio de Lages.

Cavalcanti--Riacho. Passa a O da cidade do Caicó.

Cavalcanti--Serra, no municipio de Caicó. Consta existirem n'essa serra jazidas mineiras.

Cavallos--Lagôa, no municipio de Pary. Não é piscosa e sêcca pelo verão.

Cavallos--Lagôa, situada 9 kilometros a SO da villa de Serra Negra.

Cavallos--Riacho, ao S da cidade do Caicó.

Cavallos--Rio. E', antes, um dos braços do rio Assú, aberto nas proximidades da embocadura d'este, no municipio de Maciú, V. *Assú* rio.

Caras--Lagôa, no municipio de Luiz Gomes.

Cazumbá--Riacho, no municipio de Apody.

CEA

Cearámirim—Município, na zona agreste do Estado. É o antigo município de Villa Nova de Estremoz do Norte, creado em virtude do Alvará de 3 de Setembro de 1759 e instalado a 3 de Maio de 1760. A sua sede a esse tempo, e até 1855, era na villa de Estremoz, antiga aldeia de Guajirí. Nesse ultimo anno, a lei Provincial n. 821, de 18 de Agosto, transferiu a sede para a povoação de Bócca da Matta, com o nome de *Villa do Cearámirim*. No anno seguinte (1856), a lei n. 345, de 4 de Setembro, suspendeu a execução daquelle, até que na referida povoação, elevada á categoria de villa, se tivesse edificado a casa da Camara e cadeia. Em 1853 (lei Provincial n. 370, de 30 de Julho) foi essa segunda resolução tornada sem effeito, passando a nova villa, hoje cidade, a ser, em definitivo, sede do antigo município (Ver P. Soares, *Reperthorio das Leis*, na «Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte», vol. XIV, pag. 137). Documento de 1757 (cit. «Revista», vol. V, n. 1, pag. 50) fala da existencia de um povoado com a denominação de *Cearámirim*, ao N da freguezia de Natal. É, certamente, uma referencia á *ribeira do Cearámirim*, porque, então, com este nome só eram conhecidos o rio e a sua ribeira. O barão de Studart (*Datas e Factos*) fala, por sua vez, de um sitio *Ceará*, a duas leguas de Estremoz e onde nasceu o indio Poty, mais tarde conhecido na historia por d. Antonio Felippe Camarão. O município de Cearámirim limita-se ao N, com o de Touros; ao S, com o de S. Gonçalo; a L, com o oceano Atlantico; e, a O, com o de Taipú. Depois do da capital, Cearámirim é o município de maior população: em 1920 contava 26,319 habitantes; hoje, este algarismo estará elevado a cerca de..... 30.000. O corpo eleitoral, em Agosto de 1929, compunha-se de 560 votantes. O aspecto phisico do município reunê a variedade de tres regiões representadas em seu territorio: a do agreste, a dos vales e a do litoral, cada uma d'ellas com a sua feição peculiar. O clima de Cearámirim é temperado e saudavel. A montante da cidade e estendendo-se em direcção á povoação de Estivas, com um comprimento de 25 kilometros, está o ubertoso valle de Cearámirim, só em parte cultivado e que constitue, ainda assim, a riqueza principal do município e uma das maiores do Estado. A cultura da canna de assucar occupa uma quarta parte do valle, dividido por cerca de 60 engenbos, que fabricam o assucar e a aguardente. A parte baixa do valle, obstruida nas proximidades da foz do rio pelas areias travadas na correnteza, conserva-se submersa, formando uma laguna, de extensão approximada de 13 kilometros. Algumas tentativas têm sido feitas no sentido de uma drenagem perma-

CEA

nente do alto e do baixo valle por meio da abertura de fossos ou canaes (V. *Canal Bandeira e Cearámirim*, valle) sem que, até hoje, tenham ellas produzido resultado satisfactorio. Pertence tambem ao territorio do município a margem direita do valle Maranguape, igualmente cultivado, mas de menor capacidade productiva. A industria pastoril no município de Cearámirim não é de grande importancia; o município é principalmente agricola, produzindo, além da canna de assucar, algodão, legumes e cereaes. Nas praias (Muribú, Jacuman, Guipabú) é explorada a industria da pesca. O commercio de Cearámirim é bastante animado, maxime na sede municipal, onde existem alguns importantes estabelecimentos commerciaes. O serviço de transportes faz-se pela E. F. Central do Rio Grande do Norte, com estações na cidade, em Estremoz e em Itassaroca; por automoveis e caminhões; e pelo pequeno porto de Muribú. A receita municipalidade era, em 1894, de 10:694\$085; em 1910, de 14:522\$410; em em 1929, de 60.000\$000. Para o anno de 1930, o orçamento manteve na mesma quantia..... (60.000\$000) o calculo da receita municipal. O territorio do município de Cearámirim constitue um só districto judiciario, sede da comarca do mesmo nome, creada por lei Provincial n. 733, de 12 de Agosto de 1875, e comprehendendo, actualmente, além da sede, os districtos de Baixa Verde, Taipú e Touros. Constitue, igualmente, uma só freguezia ecclesiastica, que era a antiga parochia de S. Miguel de Estremoz, e tem por padroeira N. S. da Conceição. Em 1896, por portaria diocesana de 16 de Julho, foi transferida para a villa de Taipú a sede da freguezia de Cearámirim; mas, por provisão de 19 de Agosto do anno seguinte, o governo da Diocese ordenou que voltasse a Cearámirim a sede parochial (J. Severiano, *Anuario Ecclesiastico da Paroquia do Norte*, vol. I, pag. 112 e 157). Estabelecimentos de instrucção, existem no município o Grupo Escolar Felippe Camarão, creado por decreto Estadual n. 266, de 23 de Março de 1912, escolas rudimentares e escolas particulares nas povoações e povoados. Figuram entre os fillos mais illustres do município: Coronel Manoel Varella do Nascimento, barão de Cearámirim, agricultor e industrial; drs. Herclano Bandeira de Mello e José Lucas da Camara, mellicos; drs. Heclodoro Fernandes Barros, Virgilio Bandeira de Mello e Brêas Carrillo de Vasconcellos, magistrados; dr. Manoel de Gouveia Varella, advogado, deputado Estadual e presidente da Intendencia do Município (fallido); desembargador Elviro Carrillo da Fonseca e Silva, membro da Corte de Appellação do Districto Federal; dr. Augusto Leopoldo Raposo da

CEA

Camara, advogado, jornalista, ex-deputado federal e ex-vice-governador do Estado; dr. José Augusto Meira Dantas, advogado, professor de direito e deputado Estadual no Pará; general honorario João da Fonseca Varella, veterano da guerra do Paraguay; dr. Honorio Carrilho da Fonseca e Silva, jornalista e poeta; dr. José Calistrato Carrilho de Vasconcellos, medico, ex-deputado Estadual e ex-director de Hygiene Publica; dr. Ezequiel Antunes de Oliveira, major do corpo de saúde do Exercito e homem de letras; dr. José Pacheco Dantas, jornalista, director da *Gazeta do Norte*, do Rio de Janeiro; dr. Francisco Pereira Sobral, advogado e poeta; dr. Juvenal Antunes de Oliveira, poeta, promotor de justiça no Territorio do Acre; dr. Manoel Varella Santiago Sobrinho, medico, director de Hygiene, fundador, em Natal, do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia e do Hospital S. Francisco de Assis (leproario); dr. Octavio de Gouveia Varella, medico do Orphanato João Maria; dra. Virgílio Octavio Pacheco Dantas e Fabio Maximo Pacheco Dantas, magistrados; dr. Heraclio Villar Ribeiro Dantas, advogado em Natal, e dr. Miguel Augusto Meira Dantas, advogado em S. Paulo; Adelle de Oliveira, Etelevina Antunes de Lemos e Dolores Cavalcanti, poetisas; Magdalena Pereira e Isaura Carrilho, *contistas*; Targino Jorge, José Alcino e Antonio Glycerio, poetas. *Cearámirim* é vocabulo indigena, composto de *ceará-mirim*; canta ou fala o papagaio pequeno. Foi o nome dado ao rio a que os indios chamavam *Baquipe* e serviu, depois, para substituir tambem o da povoação de Bócca da Matta, quando elevada á categoria de villa. O significado do vocabulo *Ceará*, de real importancia na historia cearense, não tem, segundo crenças, a mesma expressáo historica em relação ao antigo rio Baquipe. Pensamos que o qualificativo *mirim* (pequeno), que se pospóz a *Ceará* na designação do rio e sua ribeira, serviu apenas para evitar confusão com as denominações geographicas, preexistentes, de *Ceará* e *Ceará Grande*.

Cearámirim—Cidade, séde do municipio do mesmo nome, 34 kilometros a NO da capital. Está localizada sobre uma collina, á margem direita do grande valle formado pelos rios Cearámirim e Agua Azul. A principio povoação de Bócca da Matta, pertencente ao municipio de Estremoz, foi elevada a villa em 1855 (lei Provincial n. 521, de 18 de Agosto), sendo para ali transferida a séde do municipio. Por lei n. 837, de 9 de Junho de 1882, passou á categoria de cidade. Cearámirim é uma das maiores cidades do Estado e divide-se em dois bairros, comprehendendo trez pra-

CEA

ças e cêrca de vinte ruas e travessas. Tem bóa edificação, salientando-se de entre os meliores edificios o do Grupo Escolar Felipe Camarão, a casa da Intendencia Municipal, o Mercado Publico (inaugurado a 27 de Dezembro de 1881), a Cadeia, a Fonte Publica e alguns sobrados de propriedade particular. A igreja matriz, elegante e sóbida, é o maior dos templos da Diocese, com elevadas torres, de onde se descortina um lindo panorama sobre o valle e regiões vizinhas. A primeira pedra d'esse templo foi lançada a 12 de Fevereiro de 1858, por frei Serafim. A cidade é illuminada a luz electrica, tem regular serviço de Correio (a agencia rendeu em 1928 4:697\$000), estações de telegrapho (do Nacional e da estrada de ferro), collectora de rendas Federaes e mesa de rendas Estaduaes (esta ultima, em 1928, arrecadou 225:357\$014). A instrucção publica é ministrada no Grupo Escolar Felipe Camarão e em escolas particulares. Na parochia funcionam aulas de catecismo, algumas associações religiosas e uma conferencia vicentina. Ha estradas carroçaveis ligando a cidade ás villas de Taipú e S. Gonçalo e ás povoações de Muribú e Itapassaroa.

Cearámirim—Rio. Os indios chamavam-n'o *Baquipe* e os colonizadores, a principio, *Rio Pequeno*. Nasce nos massapés do «Traipú», (ou de «Santa Rosa», segundo outros), 25 kilometros a SO da cidade de Lagea, e corre na direcção L, indo lancar-se no oceano Atlantico, após um curso de 137 kilometros. Banha todo o municipio de Lages, inclusive a villa de Jardim de Angicos, atravessa o de Taipú e entra no de Cearámirim, onde banha uma grande parte do valle, sahindo depois, em direcção ao mar. V. *Cearámirim*, valle.

Cearámirim—Valle, extenso e fertilissimo, banhado pelos rios Cearámirim e Agua Azul, nas proximidades da embocadura d'esses e em territorio do municipio de Cearámirim. Produz em abundancia a canna de assucar, que, utilizada pelos engenhos (o valle tem cerca de 60 engenhos) é transformada em assucar ou em aguardente. O valle Cearámirim é, de longa data, o grande emporio assucareiro do Rio Grande do Norte. O engenheiro Julio de Mello Rezende, do Instituto Historico e Geographico, publicou na *Revista* do mesmo Instituto (vols. XXIII-XXIV, pag. 241-256) importante estudo sobre *O Problema do Cearámirim*, do qual extrahimos as seguintes notas: «A região do valle, conhecida por sua fertilidade, começa a mouante da cidade do Cearámirim e vae até a Ponte, proxima de Estivas, numa extensão de 25 kilometros, com uma superficie de 5.000 hectares, em condições excepcionalmente vantajo-

CEL

sas para a agricultura, posto que a área cultivada não chegue a 1.250, o que corresponde a 25 por cento da superfície cultivável. Assim, sómente uma parte muito limitada é aproveitada nas diversas culturas, por estarem as trez restantes convertidas em paúes, por falta de esgoto. Da *fauce* ao mar (secção mais estreita do valle, até onde chega a acção da agua salgada, nas marés ordinárias), através do bosque e dos mangues, corre um sinuoso "canal", cujas varzenas lateraes têm os característicos das terras estéreis. A primeira inundação, saturada do limo recolhido pelas enxurradas, pelo effeito da colmatagem, deve o famoso valle a proverbial uberdade de suas terras. As cheias do Cearámirim começam, em geral, no mez de Janeiro; porém, quando o inverno é rigoroso, apparecem em Dezembro. As aguas baixam em Abril, indo, em tempo anormal, até Agosto. A perspectiva da região é multiforme, segundo a época do anno em que o turista a visitar. No inverno, as enchentes causam inundações que transformam o baixo valle em immensa lagôa-planície, coberta de fluctuante vegetação florida, onde prepondera a *barrocaia*, mimosa flor dos pantanos. As suas raizes, queijos dão a impressão de bastas cabelleiras negras, n'um emaranhado custoso, difficultam o escoamento das aguas. Na estiagem, o valle muda de feição, apresentando um bello aspecto, *sui generis*, porventura devido á combinação das cores vivas das gramineas em flor com a alvura immaculada dos engenhos escalonados pelas encostas. O fumo negro, em contraste com as chamins brancas, mostra que o homem intelligente está lutando pela vida". O valle Cearámirim tem safrejado, em tempos normaes, 300.000 pães de assucar. V. *Cardalirio*, município.

Cedro—Grutta, na encosta da cordilheira do Apody, na parte pertencente ao município de Mossoró.

Cedro—Lagôa, no município de Apody.

Celestino Wanderley—(*Celestino Carlos Wanderley*)—Juiz e belletrista. Nasceu, na cidade do Natal, a 7 de Novembro de 1862, sendo seus paes o dr. Luiz Carlos Lins Wanderley e d. Francisca Carolina Wanderley, ambos fallecidos. Desde os tempos de estudante cultivou a poesia, produzindo apreciados versos, alguns dos quaes foram enfiçados em livro, sob o titulo *Aurora*, e editados na typographia do antigo *Correio do Natal*, em 1889. Tendo feito o curso preparatório, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, onde, a 19 de Novembro de 1887, obteve o grau de bacharel em sciencias jurídicas e sociaes. A 14 de Janeiro seguinte, alli consorciou-se

CEL

com d. Anna dos Guimarães Wanderley, natural do Amazonas. Vindo para a sua terra natal, o dr. Celestino Wanderley tem aqui exercido os cargos de promotor publico, de procurador fiscal do Thesouro e de procurador da Republica. Em 1902 foi nomeado juiz substituto federal na secção do Rio Grande do Norte, cargo em que tem sido ininterruptamente reconduzido e no exercicio do qual ainda hoje se acha. O dr. Celestino Wanderley é irmão do saudoso poeta Segundo Wanderley e pae da poetisa Palmyra Wanderley.

Celso Dantas Salles—Magistrado. Nasceu em S. José de Mipibú, a 4 de Julho de 1884, sendo filho legitimo do dr. Horacio Candido de Salles e Silva (fallecido) e d. Joaquina Dantas Salles. A 10 de Dezembro de 1904 recebeu, na Faculdade de Direito do Recife, o grau de bacharel em sciencias jurídicas e sociaes, logo regressando ao seu Estado natal para aceitar o cargo de promotor publico da comarca de Acary, nomeado por acto de 30 de Janeiro de 1905. Em fins de 1909, seguiu para o Estado do Amazonas, onde obteve nomeação, por portaria de 10 de Janeiro de 1910, para o cargo de juiz municipal do termo de Lábrea, senão, depois, removido, successivamente, para os termos de Benjamin Constant, S. Paulo de Olivença e Barcellos. Em 1914 voltou ao Rio Grande do Norte, sendo nomeado, a 16 de Maio, para o cargo de juiz de direito da comarca de Acary, passando a servir, mais tarde, nas comarcas de Nova Cruz e S. José de Mipibú. Por decreto de 30 de Novembro de 1926 foi nomeado desembargador, membro do Superior Tribunal de Justiça do Estado, onde tem assento. Exerceu o cargo de delegado escolar no município de Acary e foi membro do Conselho Escolar n'este e no município de S. José de Mipibú. Nomeado para fazer correição nos cartorios da comarca de Canguaretama, recebeu ologios do governo do Estado, em officio de 20 de Outubro de 1922. Quando no Amazonas, foi commissionado para examinar a escripturação e serviços da Intendencia Municipal de Lábrea e organizou o Tiro Brazileiro "Osorio de Paiva". Foi, tambem, o fundador do Tiro Mipibutense e da Caixa Rural de S. José de Mipibú. Reorganizou os cartorios de S. José de Mipibú, Papary, Arêz, Goyanhaha e Canguaretama, bem como os archivos municipais de S. José de Mipibú, Papary e Arêz. O desembargador Celso Salles é casado com d. Josephina de Araújo Salles. Além de jurista, é um estudioso dos assumptos de historia, tendo publicado, ainda ha pouco, na "Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte" (vols. XXIII e XXIV, pags. 125 e seguintes).

CHR

uma excelente memoria sobre o municipio de S. José de Mipibú. É socio effectivo do mesmo Instituto.

Celso Filho—V. *João Celso Filho*.

Cerobabé—V. *Sorobabé*.

Cerro-Corá—Povoação, no municipio de Curraes Novos, Até poucos annos atraz, chamava-se *Carahubas*. É edificada 30 kilometros a NE da cidade, á margem direita do rio Potengy, em terreno acidentado e rochoso. Possui capella, sob a invocação de S. João Baptista (construida em 1904), uma escola rudimentar e uma outra subvencionada pela Intendencia. Cerro-Corá é povoação florescente, muito agricola e de animado movimento commercial. Tem agencia postal, inaugurada a 9 de Agosto de 1929.

Ceulen—Nome que os holandezes deram ao forte dos Santos Reis Magos, no dia 20 de Dezembro de 1633, oito dias após a occupação do mesmo e em homenagem a Mathias van Ceulen, delegado da Companhia das Indias Orientaes, incorporado á expedição que invadiu a Capitania do Rio Grande.

Chapada do Apody—V. *Apody*, serra.

Chapada do Livramento—Serra, da cordilheira do Apody. Tem o seu começo 20 kilometros ao N da cidade de Carahubas e abrange cerca de 45 kilometros de O a L d'este municipio. Corre de S a N parallela á do Apody, inlo, como esta, terminar na costa do oceano. N'esse longo percurso a chapada não apresenta o menor accidente ou solução de continuidade, existindo sobre ella uma excellente estrada de rodagem entre Mossoró e Patú, passando pelo municipio de Carahubas. Chamam-n'a tambem serra do Carnio.

Chapéu—V. *Maxinari*.

Chapéu de Sol—Serrote, 42 kilometros a NO da villa de Baixa Verde.

Chato—Serrote, no municipio de Apody.

Chique-Chique—Lagôa, 20 kilometros a O da cidade de Carahubas. É piscosa, quando, pelo inverno, crescem as suas aguas.

Chique-Chique—Riachol. Nasee no municipio de Assú e é tributario da lagôa Piató.

Chiquelro das Cabras—V. *Upaneminha*.

Choró—Nome com que em alguns antigos documentos está designado o rio Mossoró (Apody). *Choró*, vocabulo indigena, significa *impetuoso, corretozo*.

Christovam Dantas—(*Christovam Bezerra Dantas*)—Engenheiro agronomo. Filho legitimo do dr. Manoel Dantas (fallecido) e d.

CIC

Francisca Bezerra Dantas, nasceu na capital do Estado, a 19 de Abril de 1900. Estudou na Escola Agricola de Lavras, do Estado de Minas Geraes, onde recebeu diploma a 19 de Novembro de 1919. De volta á terra natal, foi nomeado professor do Atheneu Norte Rio-grandense e da Escola Normal, entrando, depois, para o Serviço Federal do Algodão, no qual exerceu os logares de inspector, de auxiliar tecnico de 1ª classe e de director da Estação Experimental de Piracicaba. Occupou, ainda, o logar de tecnico da Bolsa de Mercadorias de S. Paulo. O dr. Christovam Dantas obteve do governo Federal duas commissões technicas, que lhe proporcionaram um maior cabedal de conhecimentos na sua profissão: a de especialização de estudos profissionais na America do Norte e a de estágio nos estabelecimentos technicos do Ministerio da Agricultura e da Sociedade Real de Agricultura, no Egypto. Em 1927, convidado pelo dr. Juvenal Lamartine, presidente eleito do Rio Grande do Norte, accitou o cargo de secretario geral do Estado, de que tomou posse a 1º de Janeiro de 1928, occupando tambem, a partir de 1º de Abril, o logar de director da Imprensa Official do Estado, creada por decreto no 379, de 28 de Janeiro. Empossado n'esse logar, o dr. Christovam empreehendeu e levou a effecto uma reforma do jornal *A Republica*, organ dos poderes do Estado, ampliando as suas diversas secções e augmentando o seu corpo de collaboradores. Em 1929, serviu interinamente, o logar de director geral nos Departamentos da Fazenda e de Educação. Estudioso e de constante operosidade, o joven patriota tem escripto, alem de artigos de imprensa, alguns trabalhos de sua especialidade, entre os quaes: *A lavoura sícea no Rio Grande do Norte*, publicado em 1920; *Fertilidade*, these apresentada á directoria da Escola Agricola de Lavras, por occasião de sua formatura, em 1919; *Os algodões brasileiros e a sua deterioração*, 1926; *O trabalho da Sociedade Real de Agricultura no Egypto*, 1926. Ao Ministerio da Agricultura apresentou diversos relatorios sobre trabalhos technicos na America do Norte, Egypto e Sudão.

Cicero Aranha—Bacharel em direito e alto funcionario da Fazenda Estadual. Nasceu a 29 de Outubro de 1892, na cidade do Natal, é filho legitimo de Fortunato Rufino Aranha, antigo e estimado livreiro, e d. Bernardina Aranha, fallecida em 1925. Iniciou a sua vida publica exercendo o logar de official de diligencias da Capitania dos Portos do Rio Grande do Norte e, mais tarde, entrou para o quadro dos funcionarios da Fazenda Estadual, com a nomeação de 4º escripturario do Thesouro. Dedicado á sua profissão,

CID

organizou e deu á publicidade, em 1928, um trabalho sobre *Estapas Financ.*, destinado a facilitar e uniformizar o serviço nas estações arrecadadoras das rendas publicas do Estado. Exerceu, ainda, os logares de secretario da extinta Escola de Pharmacia, de administrador da mesa de rendas Estaduaes de Cangaretama, de contador e, depois, de superintendente da Repartição de Serviços Urbanos de Natal, de director da Fazenda Municipal, de director-presidente do Banco do Natal (hoje, Banco do Rio Grande do Norte) e de prefeito do municipio de Macahyba. Em 1923, tendo concluido no Atheneu Norte Riograndense o curso de humanidades, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, que, em 1927, lhe conferiu o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. Especializando os seus estudos juridicos nas cadeiras de direito commercial, escreveu uma obra sobre *Falencia*, editada no Rio de Janeiro em 1927. O dr. Cicero Aranha possui, igualmente, o diploma de contabilista, expedido pelo Conselho Superior de Contabilistas Brasileiros. Actualmente, é chefe da Contabilidade Geral do Estado e exerce, em commissão, desde 1.º de Janeiro de 1928, o cargo de director geral do Departamento da Fazenda e do Theouro.

Cicero Moura—(*Cicero Virgilio Teixeira da Moura*)—Poeta. Nasceu no engenho "Arvoredo", do municipio de Macahyba, a 27 de Agosto de 1892, sendo filho legitimo do capitão José Getulio Teixeira de Moura, fallecido, e d. Joaquina Angelica Teixeira de Moura. Funcionario do Theouro do Estado, Cicero Moura serviu como auxillar nas mesas de rendas de Parelhas e Arca Branca. Em 1904 casou-se, em Natal, com d. Austriclinia Bezerra Cavalcanti, filha do fallecido capitão do Exercito Felipe Bezerra Cavalcanti, *Atravada*, o seu livro de versos, foi editado pelo *Atelier Escotin*, de Mossoró, em 1905. Cicero Moura falleceu na povoação de Montanhas, municipio de Pedro Velho, a 1.º de Setembro de 1906, sendo sepultado, no mesmo dia, no cemiterio publico do Alecrim, em Natal.

Cidade Alta—Bairro da capital, o mais antigo dos quatro em que está dividida a cidade. Em 1929 contava 1.559 prédios (segundo o recenseamento feito n'esse anno pelo Departamento da Saúde Publica), muitos de construcção moderna, notando-se entre os edificios mais importantes o palacio do Governo, os palacetes da Intendencia Municipal, Assembléa Legislativa, Superior Tribunal de Justiça, Departamento da Saúde Publica, Escola de Aprendizés Artífices, Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, Collegio da Immaculada Conceição, Delegacia Fiscal, Collegio Ma-

CID

rista "Santo Antonio" e Liga Artístico-Operaria; os prédios do Atheneu Norte Riograndense, Instituto Historico e Geographico, Hospital das Crianças, Departamento da Segurança Publica, Capitania dos Portos, Commissão de Prophylaxia Rural, Mercado Publico, Centro Operario Natalense, Escola de Commercio (antigo Theatro Santa Cruz, particular), Loja maçonica 21 de Março, Natal-Club e os dos quartéis do 29 batalhão de Caçadores e da Polícia Militar do Estado. Ha uma agencia do Correio, que, em 1928, rendeu 15:359\$400, e uma succursal da repartição dos Telegraphos. Neste bairro estão localizadas a igreja cathedral da Diocese (antiga matriz, reconstruida no anno de 1694), as igrejas de S. Antonio dos Militares e de N. S. do Rosario, a capella de N. S. da Conceição (do Collegio da Immaculada Conceição), dois templos protestantes e tres lojas maçonicas. Em frente á igreja de S. Antonio dos Militares, na rua Coronel Bonifacio, está o prédio da Residencia Episcopal, em estylo antigo. A edificação do bairro, iniciada no periodo colonial, partiu da actual praça André de Albuquerque, antiga *rua Grande*, estendendo-se em direcção á rua Coronel Bonifacio (áquelle tempo *rua do Senhor Santo Antonio*). Foi o começo da cidade do Natal. A cadeia publica (edificio primitivo, demolido em 1911) occupava o local onde está situado o prédio no 604 da alludida praça e de propriedade do bacharelado Barcencio Guerra. Em frente erguia-se o pelourinho, conservado no museu do Instituto Historico e Geographico, onde se encontra tambem uma çapa de ferro, com a coroa imperial, desmontada do frontão da cadeia, quando se iniciava o serviço da demolição V. *Natal*, cidade.

Cidade Nova—Bairro da cidade do Natal, creado a 30 de Dezembro de 1901, em virtude de Resolução Municipal, no 55, d'essa data. E' o mais elegante dos quatro, pelo excellent traçado e alinhamento das avenidas, ruas e praças, constituídas, em grande parte, por prédios de moderna architectura. Na extrema nordéste do bairro estende-se o monte Petropolis (antigo Belmonte), no cimo do qual estão encravados o Hospital Juvinio Barreto, o Orphanato João Maria, a Casa de Detenção e o Laboratorio de Analyses. D'ahi se observam vistas lindissimas, quer para o mar e praias mais proximas, quer para o centro e extremas da cidade. Ao longo do planalto, na direcção N-S e com ampla vista para o mar, corre a avenida Atlantica, empedrada, com passeios mosaicanos, alguns prédios de residencia particular e uma extensa balaustrada de cimento armado, provida de postes encimados por fôcos de luz electrica, offere-

CLA

cendo, quando olhada das praias adjacentes, ou mesmo quando vista do mar, um lindo aspecto. As obras de embelezamento da avenida Atlântica, que custaram à Municipalidade 91:053\$000, foram executadas na administração do engenheiro Omar O'Grady, prefeito do município, que organizou o projecto e dirigiu a construção. No bairro Cidade Nova estão, ainda, localizados: em prédio da Associação de Professores, o Grupo Escolar Antonio de Souza; em próprios do patrimonio do Estado, o Esquadrão de Cavallaria e o Polygono de Tiro "Deodoro da Fousêca"; e, em predios particulares, a Inspectoria Agricola, a agencia do Correio e a Enfermaria Militar. Na avenida Rodrigues Alves, está sendo concluida a edificação de vistoso templo catholico, consagrado a N. S. das Graças e com oratorio de Santa Theresinha do Menino Jesus. Em terreno onde já haviam sido lançados os alicerces de uma futura matriz de Natal, a praça Pio X, vaz ser construida a nova cathedral da Diocese. V. *Natal*, cidade.

Cipilhada—V. *João do Valle*, serra.

Cipó—Riacho. Nasce no lugar "Extrema", em taboleiros do Maxinaré, município de Curruas Novas, e, depois de um curso de 15 kilometros, desagua no rio Curruas Novas. 3 kilometros acima da cidade d'este nome. *Cipó* é vocabulo indigena, corruptella de *ipa-pó*: fibra que se agarra, galho que se prende (Theodoro Sampaio).

Cipó—Riacho. Nasce na serra dos Patos, município de Santa Luzia do Sabugy (do visinho Estado da Parahyba), passa a L da povoação riograndense de S. João do Sabugy, município de Serra Negra, e vai fazer barra no rio Sabugy.

Clara Camarão—Índia celebre, da tribu dos potyguaras, uma das mulheres do chefe Poty (o Camarão) e por este escolhida para esposa, quando convertidos ao christianismo. Catechizada, como o seu companheiro, pelos padres jesuitas, foram ambos baptizados, na aldeia de Igapó, a 4 de Março de 1912, realizando-se no dia seguinte a cerimonia do casamento, no meio de pomposas festas. Clara Camarão, mulher forte e estemida, tendo acompanhado o seu marido para Pernambuco, ahí tomou parte, com este, na guerra contra os hollandezes, combatendo e exhortando os soldados ao cumprimento do dever. "Na guerra da restauração de Pernambuco—diz d. Domingos do Loreto—ostentou d. Clara, mulher do governador dos indios, d. Antonio Philippe Camarão, o seu insigne valor com os mais illustres reaes: porque, armada de espada e broquel e montada em um cavallo, foi vista nos conflictos mais arriscados ao lado de seu

CLE

marido, com admiração do hollandez e applauso dos nossos, obrar gentilezas que deixaram escurecida a memoria de Zenobia, rainha dos Palmarinos, de Camilla, rainha dos Volceos, e de Semiramis, rainha de Babilonia. Sua memoria será eterna no templo da Fama, para que em todo tempo seja celebrado seu nome com os elogios que soube merecer seu varonil esforço". O desembargador Luiz Fernandes, na sua obra *Índios Celebres do Rio Grande do Norte*, disse o seguinte: "Ignora-se a que tribu de indios pertencia d. Clara Camarão, quaes foram seus paes, em que parte do Brazil viu pela primeira vez a luz do dia e até mesmo qual o seu nome primitivo. E' de crêr, contudo, que fosse ainda muito joven quando se casou e que, filha de algum chefe da valente nação dos Potyguaras (*Potyguaras*, corruptella de *Potyguaras*, pensamos nós), como o Camarão, tivesse o seu herço no Rio Grande do Norte". Ignora-se, tambem, o logar e data do fallecimento de Clara Camarão.

Clara de Castro—(*Clara Joaquina de Almeida Castro*)—Heroina riograndense. Filha legitima do capitão Manoel Pinto de Castro, portuguez, e d. Francisca Antonia Teixeira, natalense, Clara de Castro nasceu na cidade do Natal, na segunda metade do século XVIII, e era irmã do grande patriota Frei Miguelinho. Morando, em 1817, na cidade de Olinda, com o seu irmão, de quem era companheira fiel e devotada, "foi suspeitada de complicitade nos acontecimentos revolucionarios e por esse motivo encarcerada, de ordem de Luiz do Rêgo, saindo sómente da prisão depois que o governo do Rio de Janeiro mandou peremptoriamente que se dêsse por finda a terrivel devassa. Clara de Castro era dotada de animo varonil e forte. Sofreu com inabalavel constancia a prisão affrontosa e os castigos que lhe foram infligidos". A suspeita era, aliás, fundada, porque Clara de Castro, descobertos os planos da revolução, auxiliara o seu irmão, durante toda uma noite, a destruir os documentos que comprometiam os demais companheiros do mallogrado movimento libertador e que, por esse acto de abnegação da heroina riograndense, escaparam á perseguição das autoridades legalistas. Clara de Castro casou-se com o seu sobrinho tenente-coronel Ignacio Pinto de Almeida Castro. Ignora-se a data do seu fallecimento, que se presume ter occorrido no Ceará.

Clemente Gones de Azevedo—Sargento-mór da ribeira do Apody, nomeado por patente do capitão-mór Miranidia Henriques, datada de 24 de Setembro de 1731. A patente, registrada á fls. 109 do *Registro de Certas e Provisões do Senado da Câmara de Natal*, de

CLE

1738 a 1743, diz que Gomes de Amorim servira bem ao Rei, de soldado, a capitão, "sempre com louvavel procedimento dando exemplo aos mais, por ser pessoa de reconhecida nobreza, obedecendo em tudo que lhe foi encarregado pelos seus officiaes maiores". O sargento-mór Gomes de Amorim e o seu irmão Carlos Vital Borromeu, ambos portugueses, foram, ao que se sabe, os principaes fundadores do actual municipio de Portalegre, como concessionarios, em 1749, da data "Dormentes", ribeira do Apody, onde se situaram. A mulher de Carlos Vital, d. Margarida de Freitas, fundou ali a primitiva capella, dedicada a Sant'Anna.

Clementino Camara (*Clementino Hermogenes da Silva Camara*)—Professor de humanidades. Nasceu em Goyaninha, a 17 de Janeiro de 1888, sendo seus paes Francisco Hermogenes da Silva Camara, agricultor, e d. Maria Joaquina da Camara. Orphão de pae aos 2 annos e de mãe aos 9, aprendeu o officio de mechanico, que depois abandonou para estudar preparatorios no "Externato Natalense", fundado por Jeronymo Guérios, e no Atheneu Norte Riograndense. Desde 1904 exerce o magisterio privado, tendo fundado os seguintes estabelecimentos de ensino: "Collegio 7 de Setembro" (1915-1920) "Collegio 6 de Março" (1920), em Palmareis, Pernambuco, "Externato José Augusto" (1923-1924); em Cearámirim e "Collegio Rio Branco (1925, 1927), em Natal. O professor Clementino Camara trabalhou tambem na imprensa, tendo sido reporter do *Journal do Commercio*, de Manaus (1909), redactor do *Diario do Natal* (1913) e fundador da *Gazeta da Tarde*, folha politica (Natal, 1913), *Sete de Setembro* (1914) e *A Nota* (1917), periodicos litterarios—aquella e estes de vida ephemera. Exerceu os logares de secretario da Superintendencia Municipal de Benjamin Constant, no Amazonas (1910), escripturario da E. F. Central do Rio Grande do Norte (1914-1916), escripturario da Conservação da *Great Western*, em Recife (1921) e professor de gymnastica do Atheneu Norte Riograndense (de Junho de 1925 a Março de 1926). A 13 de Abril de 1926 foi nomeado lente de arithmetica do mesmo estabelecimento. Em 1922, publicou (editada em Natal) *Emanicipação do Brazil*, conferencia realizada no "Collegio Pedro II", de Cearámirim, para comemorar o centenário da Independencia do Brazil. Dedicado, em particular, ao estudo das linguas portugueza e ingleza, nas quaes é bastante versado, o professor Clementino Camara publicou, em 1925, um *Novo Compendio de Analyse Portugueza*, editado em S. Paulo, onde, está sendo impressa uma outra obra de sua autoria, intitulada *Lições Theorico-Práticas da Lingua In-*

COM

gleza. Em preparo, tem um *Tratado de Verbos Inglezes*.

Clementino Tavares—Lagôa, no municipio de Apody.

Cloris Andrade—Poeta contemporaneo. Nasceu na cidade de Macahyba, a 17 de Julho de 1900, sendo filho legitimo de Dario Jordão de Andrade, fallecido, e d. Sophia de Andrade. Estudou preparatorios no Atheneu Norte Riograndense e exerceu, depois, as funcções de professor primario na villa de S. Antonio. Tem occupado outros logares no functionalismo publico Federal e Estadual. Na imprensa de Natal e na do Rio de Janeiro, onde actualmente reside, tem publicado apreciados versos. Está em preparo o seu primeiro livro, a que deu o titulo de *Rythmas*.

Cobé—Povoado, no municipio de S. José de Mipibú. *Cobé*, vocabulo indigena, significa, segundo Theodoro Sampaio, *a extincção, a vida*. Coriolano de Medeiros opina que é um derivado de *co-pé*: eis aqui o plano, a planície.

Cobra—Rio, affluente do Seridó, pela margem direita d'este, no municipio de Jardim do Seridó.

Coelho—Riacho, no municipio de Caicó.

Coelho—Serra, no municipio de Caicó.

Coité—Riacho, no municipio de Taipú. *Coité* é palavra indigena, corruptella de *ciú-cit*: vaso real, verdadeiro. V. *Cuité*.

Coité—V. *Macahyba*.

Colto—V. *Aroeira*, riacho.

Colonia—Serra, agricola, de cerca de 12 kilometros de extensão, no municipio de Augusto Severo. É separada da João do Valle por um grande boqueirão.

Comboiteiro—Povoado, no municipio de Assú. Localizado 20 kilometros ao N da cidade. Tem escola rudimentar, mantida pelo Estado.

Comprida—Lagôa, no municipio de Macahyba.

Comprida—Lagôa, situada 25 kilometros a O da villa de Portalegre.

Comprida—Lagôa, no municipio de Cearámirim. Nunca seccou, tendo mesmo se conservado com agua durante as rigorosas sêccas de 1877-79.

Comprida—Lagôa, 10 kilometros a L da cidade de Páu dos Ferros.

Comprido—Serrote, no municipio de S. Antonio.

COR

Comprido—Serrote, no município de Serra Negra.

Conceição—Povoado, ao N da povoação de Jacaré, na costa do município de Baixa Verde.

Conceição—Riacho, no município de Carahubas. Nasce na fazenda "Bolívia" e, depois de um curso de 20 kilometros, vai desaguar na lagôa Apanha-peixe. Corre de N a S do município e é conhecido tambem pelos nomes de *Atoleiro*, *Sabe-muito*, *Carnahubinha* e *Logradouro Velho*.

Conceição—V. *Encanto*, riacho.

Conceição do Azerêdo—V. *Jardim do Seridô*.

Conceição do Jardim—V. *Jardim do Seridô*.

Conceição dos Guarapes—V. *Guarapes*.

Conceição do Upanema—Povoação, no município de Augusto Severo. Tem capella, dedicada a N. S. da Conceição, posto telephónico e agencia do Correio. A lei Estadual nº 672, de 31 de Outubro de 1927, creou ahí um tabellionato de notas. A povoação foi outra conhecida pelos nomes de *Curral da Varzea* e *Rua da Palha*. Hoje, chamam-n'a tambem *Upanema* e *Panema*. Mosenhor F. Severiano, em sua obra *A Diocese da Parahyba* (1906), pag. 117, diz que a povoação teve principio em 1867, por iniciativa do padre Francisco Adelino de Brito Dantas, riograndense do norte, ordenado presbytero a 23 de Maio de 1851 e fallecido em 1893.

Conchas—Rio. Consideram-no, geralmente, um rio; mas o Conchas, o Amargoso e o Cavallos são os tres braços principaes em que se divide o rio Assú, no territorio do município de Macaú. V. *Assú*, rio.

Conselho—Riacho, no município de Portalegre. Passa a 20 kilometros da villa e é affluente, pela margem esquerda, do rio Apody.

Constancio da Costa—V. *Francisco Constancio da Costa*.

Contador—Povoação, no município de Taipú. Tem cerca de 200 habitantes e dista 18 kilometros para O da sede municipal.

Coquelos—Povoação, no município de Cearámirim. Tem escola rudimentar, do Estado.

Coquinho—Riacho, no município de Assú. Desagua na lagôa Fiatô.

Corcunda—Serra, no município de Lagea.

COS

Cordeiro—Rio, nos limites do município de Caicó, com os de Serra Negra. Nasce na serra Yayú, município de S. Luzia do Sabugy (Parahyba), tendo allí a denominação de *S. Domingos*, e, antes de penetrar no territorio riograndense, chamam-n'o tambem *Riacho das Varzeas*. O rio Cordeiro, que faz barra no Sabugy, serve de divisa entre os municípios de Caicó e Serra Negra.

Cordeiro—V. *João Barbosa Cordeiro*.

Corôa—Estação, á margem esquerda do rio Potengy, onde outr'ora faziam pouxada, aguardando transporte, as pessoas que necessitavam atravessar o rio, viajando entre a capital e o interior. A Corôa, que possui um grande galpão e armazem, serviu mais tarde para estação inicial da E. F. Central do Rio Grande do Norte. Construida a ponte sobre o rio Potengy, a Corôa ficou em abandono, prestando-se algumas vezes para deposito de materias inflammaveis.

Coromatahú—V. *Curimatahú*.

Coronel Fernandes—V. *Antonio Fernandes de Oliveira*.

Coronel Mariz—V. *Antonio Alvares Mariz*.

Corredor—Açude publico, na parte setentaiza do município de Marins, 14 kilometros ao S da cidade. A sua construção foi iniciada pelo governo do Estado e concluida, em 1913, pelo governo da União, que com ella despendeu a quantia de 130:863\$359. O Corredor, que é formado por barragem do riacho Picos, tem capacidade para 4.092.000 metros cubicos d'agua.

Corrego—Povoação, no município de Areia Branca.

Corrego das Missões—Riacho, no município de Apody.

Corrego do Sacco—Açude publico, construido em 1889, 3 kilometros ao S da cidade de Mossoró. Devido á falta de conservação, acha-se em estado de ruina.

Correia Telles—V. *José Correia Telles*.

Cortavento—Serrote, no município de Nova Cruz. Fica a O da sede municipal.

Cortume—Lagôa, na foz do riacho Picos, 20 kilometros ao S da cidade de Carahubas.

Corumatahú—V. *Curimatahú*.

Cosinha—Serra, situada 18 kilometros ao S da povoação de S. João do Sabugy, no município de Serra Negra. Serve de limite entre este e o município de S. Luzia do Sabu-

CRA

gy, do Estado da Parahyba. E' cultivada, produzindo algodão, milho, feijão e mandioca.

Cosme Leite da Silva—Padre. Natural do Rio Grande do Norte e ordenado presbytero a 17 de Dezembro de 1846, exerceu, por muitos annos, o parochiato em S. Miguel, chefiando tambem a politica do municipio. Falleceu a 11 de Dezembro de 1909. Em homenagem á sua memoria, o grupo escolar de S. Miguel recebeu (decr. Estadual n° 35, de 4 de Dezembro de 1918) a denominação de "Padre Cosme".

Cosmes—V. *Laranjeiras dos Cosmes*.

Costa Pereira—V. *José da Costa Pereira*.

Cotia—Povoado, no municipio de Baixa Verde. *Cotia* é palavra indigena, corruptela de *aguty*, animal roedor.

Cotia—Lagôa, no municipio de Baixa Verde.

Cotia—Lagôa, no municipio de Ceará-mirim.

Cotorello—Povoação, no municipio de Santa Cruz.

Cotorello—Monte, no municipio de Patú.

Cova do Trapilá—Cavidade, muito curiosa, aberta em uma extensa pedra, 4 leguas abaixo da cidade do Apody e 3 leguas acima da povoação de S. Sebastião do Moscoré. A cavidade é tallada na rocha, formando uma especie de valle, de mais de 200 passos de circumferencia e uma profundidade de 80 palmos. O fundo d'essé valle é constituído de uma arcia coberta de extranha substancia que petrifica tudo o que cahe na parte interior, como madeiras, ossos, etc. Ao penetrar-se na cavidade, por uma abertura tallada, tem-se a impressão de uma enorme gruta, e ahi se encontram assentos de pedra, listados de branco e preto, e piso formado de pedrinhas, de variadas cores. Pensam alguns moradores da região que alli ficaram encerrados grandes thesouros, da epocha da invasão hollandeza; outros acreditam, que o curioso valle *subterraneo* guarda os restos mortaes do povo que primitivamente habitou as varzeas do Apody.

Craibeira—V. *Carahybeira*.

Craсте—Riacho. E' tributario, pela margem esquerda, do rio Curruas Novos.

Cravo—Lagôa, no municipio de Baixa Verde, situada 15 kilometros a L da villa. Chamam-n'a tambem *Lagôa do Thomas*.

Cravo—Riacho, no municipio de Baixa Verde. Passa 15 kilometros a L da villa.

CUM

Crêca—V. *Carêca*, ou, antes, *Olho d'Agua do Carêca*.

Crumatahú—V. *Curimatahú*.

Cruz—Lagôa, no municipio de Apody.

Cruz—Serra, no municipio de Taipú.

Cruz de Almas—Povoado, no municipio de Martins. E' situado sobre a serra, poucos kilometros a NO da cidade do Martins.

Cruz do Espirito Santo—V. *Espirito Santo*.

Cruzeiro—Povoado, no municipio de Canguaretama.

Cruzêta—Povoação, muito florescente, do municipio de Acary. Localizada a O da cidade, na distancia de 20 kilometros, tem capella, dedicada a Nossa Senhora dos Remedios, agencia do Correio, uma escola rudimentar e um posto fiscal do Estado.

Cruzêta—Açude publico, no municipio de Acary. E' o maior dos até hoje construidos, no Estado, pela Inspectoria de Obras Contra as Sêccas. O comprimento da barragem é de 810 metros, com a altura maxima de 14,600 e largura maxima de 64,950 tendo a bacia hydraulica a capacidade de... 30.000.000 de metros cubicos. A construcção foi iniciada em 1920, pelo engenheiro Paulo Mendes da Rocha, e concluída, sob a direcção do engenheiro João L. Magalhães Drummond, em fins de 1928. O "Cruzêta" está situado proximo á povoação do mesmo nome, 20 kilometros a O da cidade do Acary.

Cubidade—Riacho, no municipio de Jardim do Seridó.

Culté—Riacho, affluente do rio Curimatahú. V. *Collé*.

Cuitexelras—Povoação, do municipio de Pedro Velho. Foi villa, séde do municipio de Cuitexelras, creado por decreto Estadual de 10 de Maio de 1890. Aconteceu, porém, que uma grande cheia no rio Curimatahú (a 12 de Maio de 1901) destruiu a maior parte das habitações da villa, forçando os seus moradores a se transferirem para um terreno mais elevado, onde foi construída, então, a *Villa Nova*, actualmente villa Pedro Velho. Cuitexelras é hoje povoação muito decadente e subordinada á jurisdicção do municipio de Pedro Velho. Tem capella, sob a invocação de Santa Rita.

Cumarim—Lagôa, no municipio de Canguaretama.

Cumarú—Monte, no municipio de Patú.

Cumbo—Riacho, no municipio de Ca-

CUN

rahubas. Nasce no serrote do mesmo nome e, passando 15 kilometros a O da cidade, vae desaguar na lagôa Apanha-peixe.

Cumbé—Serrote, situado 15 kilometros a SE da cidade de Carahubas. E' todo de argilla, mede 4 kilometros de circumferencia e 90 metros de altura. Do pico d'este serrote descortinam-se bellos panoramas; avista-se a cidade de Carahubas, a villa de Augusto Sévero e a cidade do Apody, além de muitas fazendas, açudes, lagôas, etc.

Cumbé—Serrote, no municipio de Martins.

Cunhabá—Lagôa, no municipio de Pedro Velho. *Cunhabá* é vocabulo indígena, corruptella de *cunhãtã*; a negra, a mulher pruta; *cunhãty*: aguada das mulheres. (Theodor Sampaio, *O tupy na geographia nacional*).

Cunhabá—Nome que toma o rio Curimatabú quando atravessa o municipio de Canguaretama e até sua embocadura no oceano.

Cunhabá—Nome de um dos dois mais antigos engenhos fundados no Rio Grande do Norte. Era situado em territorio do actual municipio de Canguaretama e pertencia á familia de que descendeu André de Albuquerque. Em 1645, Cunhabá foi theatro de um cruel morticínio, cuja narraçáo, feita por frei Raphael de Jesus, em sua obra *Curiatã Lusitano*, se resume do seguinte modo: Ha annos residia entre os indios um judeu, flamengo, de nome Jacob Rabbi, muito da confiança dos holandezes, apesar de israelita. Num sabbado, á tarde (15 de Julho de 1645, segundo Rochô Pombo), Jacob chegou á povoação de Cunhabá, seguido de muitos indios e em cumprimento de instrucções que recebera de Recife. Entrou na povoação o inimigo com simulada paz; mandou deitar bando, e fixar nas portas da igreja um edital assignado pelos do Conselho Supremo, e jurado pelo dito Jacob, ordenando aos risinhos do logar que debaixo de seguro se achassem na igreja ao outro dia, que era domingo, para que depois da missa conferissem certo negocio que os Senhores Estados lhes mandavam communicar, desenganando de que a pessoa alguma se faria o menor aggravado. Obedeceram os moradores, chamados a um mesmo tempo do preccito da igreja e do bando do herege, ou porque não fluviliaram do seguro, ou porque não temeram o perigo. A maior parte entrou para a igreja; outra, menos confiada, se deixou ficar nas casas do engenho. Os que entraram no templo encostaram ás paredes do portico os bordões que levavam. No momento da elevação da Hostia, os indios, a um signal de Jacob, cercaram o engenho

CUR

e a igreja, cujas portas foram fechadas. Os sitiados, comprehendendo a sorte que os aguardava, pediram a Deus perdão dos seus peccados. Os indios, invadindo a igreja, passaram todos os homens a fio de espada, ou a páu os mataram. O mesmo aconteceu aos que ficaram nas casas do engenho. Escaparam apenas trez pessoas, que conseguiram fugir pelos telhados. Cerca de setenta foram as victimas, inclusive o celebrante, padre André de Soveral, venerando nonagenario, morto no altar. Maximiano Machado diz que este facto occorreu no dia 29 de Junho de 1645. (V. A. Tavares de Lyra, *História do Rio Grande do Norte*, pags. 165 a 168, e Rocha Pombo, *História do Estado do Rio Grande do Norte*, pag. 126 a 127).

Cunhabá—V. Barra do Cunhabá.

Curó—Serra, no municipio de Assú. "A serra do Curó, junto á cidade do Assú, isolada na extensa planicie de alluvião, apparece como restos da colossal barragem que, em remotas epochas do periodo geologico, reteve, talvez, n'aquelle ponto, as aguas do grande rio que desciam torrencialmente do planalto da Borborema". (Manoel Dantas, *Ensaio Chorographico*, pagina 120). Ahí perto, existiu, out'ora, uma casa forte, para defeza contra os ataques do indios.

Curimatabú—Rio. Nasce nos Carrys, do Estado da Parahyba, e entra no do Rio Grande do Norte, banhando os municipios de Nova Cruz, Pedro Velho e Canguaretama. Tem um curso de 140 kilometros. O rio Curimatabú—diz o dr. Manoel Dantas, em seu *Ensaio Chorographico*—"corre em valle estreito, bordado de collinas até o municipio de Pedro Velho, onde começa o valle chamado do Cunhabá, que fórma uma extensa planicie, coberta, em parte, de matias virgens, onde se localizaram os primeiros nucleos ruraes nos tempos colonias. O valle do Cunhá é regado, de um e outro lado, por varios correntes ou ribeiros, dos quaes o mais importante é o Pequiry". Ao penetrar no municipio de Canguaretama o rio recebe o nome de *Cunhabá*, que conserva até a sua embocadura no oceano, proxima á povoação de Balia Formosa. O Curimatabú, nome que, segundo a tradiçáo, foi dado pelos indios, é mencionado em antigos documentos com differentes graphias: *Curimatabú*, *Curimatabú*, *Curimatabú*, *Curimatabú* e *Curimatabú*. *Curimatabú* é vocabulo indígena, corruptella de *curimatabú*: rio das curimatas. *Curimatabú* origina-se, por sua vez, de *quirimatabú*, que significa *peixe torra*.

Curimatabuárim—Antiga denominação do rio Calabouço, na extrema SIE do Estado. V. Calabouço.

CUR

CUR

Curraes—Povoação, no município de Papary e á distancia de 3 kilometros da villa. Tem capella, dedicada a S. Sebastião, e cerca de 500 habitantes.

Curraes—Açude publico, no município de Apody e formado pela Barragem do riacho Gifirana. Tem uma capacidade de 4.000.000 de metros cubicos. Fica na vizinhança da povoação de Itahú, 30 kilometros ao S da cidade do Apody.

Curraes Novos—Município, com séde na cidade do mesmo nome, situado na zona do Seridó. Criado por decreto nº 59, de 15 de Outubro de 1890 (governo provisório), limita-se do seguinte modo: ao N, com os municípios de Angicos e Sant'Anna do Mattos; ao S, com os de Acary, deste Estado, e Picuhy, do Estado da Parahyba; a L, com os de Santa Cruz e S. Thomé; e, a O, com o de Flôres. Em 1920 a sua população era de 11.998 habitantes. Em 1866, simples districto, contava 3.301. Eleitorado (em Agosto de 1929) 321 votantes. O territorio do município é, em geral, accidentado e pedregoso, excepto na chá da serra Sant'Anna, que é uma vasta planície, de 12 a 18 kilometros na sua maior extensão. O clima de Curraes Novos é quente e saudavel, tornando-se meoas cálido na estação do inverno. No sóio é subsólo do município encontram-se minas de enxofre, salitre, pedra hume, e outros minérios, principalmente na serra Vermelha e nos sítios "Trangola" e "Alagôa Nova". Em "Trangola" existe, tambem, uma fonte de aguas thermaes sulphureas, a qual foi deixada em abandono. A flora fornece excellentes madeiras de construcção e marcenaria, como sejam: pau d'arco, umburana, jurema branca, jacarandá, cumarú, angico, baraúna. O município de Curraes Novos é agricola e criador: produz em abundancia o famoso algodão do Seridó, borraça de manicoba, cereaes e legumes, contando, no seu territorio, (em 1920) 194 estabelecimentos ruraes. Não ha industrias além do fabrico de queijos e de artefactos de couro, independentemente de machinas apropriadas. Os machinismos existentes no município destinam-se ao beneficiamento do algodão. É animado o commercio de Curraes Novos, notadamente durante as safras, pelas grandes sahidas do algodão e de outros productos agricolas do município. Fundada a 31 de Março de 1929, funciona, na séde do município, uma Caixa Rural (sociedade cooperativa de responsabilidade illimitada). Em 1893 a Municipalidade orçava a sua receita annua na quantia de 3.000\$000; em 1910 esse orçamento desceu a 2.065\$000; em 1927 elevou-se a..... 45.000\$000. A receita orçada para o anno de 1930 é de 50.000\$000. O município de Curraes

Novos constitue um só districto judiciario e é séde da comarca do mesmo nome, creada por lei Estadual nº 453, de 27 de Novembro de 1919, e comprehendendo, actualmente, o districto judiciario de Flôres. O seu territorio constitue, igualmente, uma só freguezia ecclesiastica, creada por lei Provincial nº 893, de 20 de Fevereiro de 1884, e tem por padroeira Sant'Anna. Ulysses Telemaco, de suadosa memoria, nos forneceu a seguinte nota resumindo a historia da fundação de Curraes Novos, em harmonia com as noticias que temos encontrado: "O seu primeiro povoador foi o coronel Cypriano Lopes Galvão, natural de Iguarassú (Pernambuco), o qual aqui cheyrou, com sua familia, em meados do século XVIII, adquirindo por compra a data "Tutoró", onde fixou residencia até a morte, occorrida no anno de 1764. Passou, então, "Tutoró" a ser propriedade de seu filho, Cypriano, depois capitão-mór Cypriano Lopes Galvão, tambem nascido em Iguarassú (em 1750), e que aqui já possuia outras datas de terra, inclusive a denominada "Curraes Novos", onde situara uma fazenda de gados. Dedicando um verdadeiro amor á terra para onde viera aos 5 annos de idade, o capitão-mór Galvão emprehendeu, em 1808, a construcção de uma capella na fazenda "Curraes Novos", consagrada a Sant'Anna, offerecendo para patrimonio da mesma uma legua quadrada de terras, na serra Catunda, compromettendo-se, ademais, a custear as despesas da construcção. Para isso, requereu licença ao bispo de Olin-da, d. José Maria de Araújo, que a concedeu por despacho de 24 de Fevereiro do mesmo anno, commettendo ao vigário do Seridó a incumbencia de benzer e lançar a primeira pedra do futuro templo. A capella foi concluida em 1813, quando n'ella se celebrou a primeira missa. N'esse mesmo anno, a 13 de Dezembro, falleceu o capitão-mór Galvão, cujos restos mortaes jazem na capella-mór da igreja, que é a actual matriz da freguezia de Curraes Novos. Elevada a villa e município em 1890, teve logar a cerimonia da installação a 6 de Fevereiro seguinte, com a posse de sua primeira Intendencia, composta do coronel Laurentino Bezerra de Medeiros Galvão, presidente; Juvenino da Silveira Borges, vice-presidente; Servulo Pires de Albuquerque Galvão Filho, Francisco Bezerra de Medeiros e Moysés de Oliveira Galvão, intendentes". Entre os filhos mais illustres de Curraes Novos figuram: Padres Antonio Thomaz Teixeira, Joaquim Galvão de Medeiros e Christiano Ferreira Lima; capitães João e Joaquim Bezerra Galvão, chefes de tropa contra o caudilho Pinto Madeira; coronel Laurentino Bezerra de Medeiros Galvão, ex-deputado Provincial e primeiro presidente da Intendenc

CUR

cia de Curraes Novos; capitão Luiz de Medeiros Galvão, chefe político liberal; Ulysses Telemaco de Araújo Galvão, jornalista, notário publico e cronista de assumptos locais, todos fallecidos.

Curraes Novos—Cidade, séde do município do mesmo nome, 190 kilometros a SO da capital do Estado. Povoação e districto de paz até 1890, passou n'esse anno á categoria de villa, com a criação do Município (decreto nº 59, de 15 de Outubro). Por lei Estadual nº 486, de 29 de Novembro de 1920 adquiriu os fôros de cidade. Curraes Novos tem regular edificação, embora na sua maior parte em estylo antigo. O edificio mais importante é o da igreja matriz, concluído em 1813 e melhorado em datas posteriores; seguem-se o do Grupo Escolar Capitão-mór Galvão, o da Intendencia Municipal, o do Mercado Publico e o do Quartel do Destacamento. O cemiterio local é tambem de boa construção e conservado em asseio. Funcionam na cidade o Grupo Escolar Capitão-mór Galvão, creado por decreto Estadual nº 256, de 25 de Novembro de 1911, escolas particulares e aula parochial e catecismo. Curraes Novos é séde de uma delegacia de Policia, tem serviço de iluminação publica, agencia de Correio (em 1928 rendeu 2.572\$800), estação do Telegrapho Nacional e estações arrecadoras de rendas Federaes e Estaduaes. Passa pelo districto da cidade a grande estrada de automoveis de Natal ao Seridó, havendo, ainda, boas estradas ligando a cidade á povoação de Cerro-Corá e á villa de Flôres, com escala pela povoação de S. Vicente.

Curraes Novos—Rio, outr'ora conhecido pelo nome de *Maxinaré*. Nasce na serra do Doutor (da cordilheira Borborema) e, após um curso de 45 kilometros, atravessa a cidade de Curraes Novos e entra no município de Acary, onde toma o nome de *Acauá*. São seus tributarios, além de muitos riachos, os rios Totoró e Arcia. O dr. Manoel Dantas, no seu *Essaio Chorographico*, não fez menção do rio *Curraes Novos*, nem mesmo quando se occupou do *Acauá*, nome que aquelle recebe ao penetrar no município de Acary. Trata-se, no caso, de um mesmo rio, que varia de denominação, do seu curso superior para o seu curso inferior, como acontece com outros. O dr. Dantas opina, aliás, que o curso superior do *Acauá* é formado pelo *Picuby* e não pelo *Curraes Novos*, ao qual, como disse-nos, não fez a menor referencia. Entretanto, a denominação de *Curraes Novos*, dada ao trecho superior do rio, desde a sua nasçença na serra do Doutor até á entrada no município de Acary, é muito usada, como o foi outr'ora

CYP

a de *Maxinaré*. A informaçao local diz que o *Picuby* é um affluente do *Acauá*. V. *Acauá*, rio.

Curral—Lagôa, 3 kilometros a NO da cidade de Nova Cruz.

Curral da Varzea—V. *Conceição do Upa-nena*.

Curralinho—Povoação, no município de Canguaretama.

Curral Novo—Povoação, no município de Sant'Anna do Mattos. Tem escola rudimentar, do Estado.

Curral Novo—Riacho. Desagua, pela margem direita, no rio Assú.

Curral Velho—Riacho. Passa ao N da cidade do Caicó.

Curruatuhú—V. *Curimatuhú*.

Cururú—Rio. Banha a povoação de Campo de Sant'Anna, no município de Papyrú. E' elle que fórma a grande varzea denominada *Pirixy*. *Cururú* é vocabulo indigena e significa o *roncador*, o que *ronca*, o *sapo grande*.

Cururú—V. *Campo de Sant'Anna*.

Cypriano—Lagôa, no município de Portalegre, 25 kilometros ao N da villa.

Cypriano—Serra, no município de Acary.

Cypriano Barata—(*Cypriano José Barata de Almeida*).—Medico. Propagandista da Independencia e da Republica. Nasceu na Bahia, a 26 de Setembro de 1762. Formou-se em medicina na Universidade de Coimbra. Muito antes da revolução de 1817, o dr. Barata batia-se pela liberdade da Patria, ouvindo ameaças e soffrendo o rigor das prisões. Conta-se que, levado á presença do conde dos Arcos, este lhe dissera: "Sei de toda a sua vida em Abrantes e na cidade; por todos os logares o tenho vigiado; mude de vida, não mandarei cortar-lhe a cabeça". Essa ameaça não intimidou o patriota, que proseguiu na sua propaganda, apenas com um pouco de cautella, para não comprometter os amigos, alguns dos quaes foram enforcados. Eleito deputado ás Côrtes Constituintes de Lisboa, diz que lá se apresentou com vestimenta e ornatos exclusivamente feitos no Brazil; mostrou prodigiosa coragem e inextinguível patriotismo, declarando com rude franqueza que os brazileiros jámais seriam escravos dos portuguezes, e ameaçando o Congresso com a independencia do Brazil, caso lhe fosse negada a menor vantagem constitucional. Quando as Côrtes annullaram os actos do Príncipe Regente do Brazil, o dr. Barata, com Antonio

CYP

Carlos e Luiz Coutinho, fugiu para Londres, de onde enviou energico protesto. D. Pedro I, apenas subiu ao throno, lhe concebeu a Dignataria do Cruzeiro, cujo titulo nunca tirou, porque—dizia—“quero ser virtuoso”. Durante sete annos—continua os seus biographos—o dr. Barata esteve preso na fortaleza da Lage, n'aquelle tempo: a mais horrenda do Rio de Janeiro, e nunca reclamou contra os máos tratos soffridos. D'alli mesmo, por intermedio de um amigo, publicava um periodico, *A Sentinella da Liberdade*, pregando guerra ao absolutismo que se queria implantar na Patria, ao tempo de José Clemente Pereira. Pela intervenção de amigos submettido a julgamento, absolvido e solto, voltou á Bahia, onde foi envolvido na revolução que pretendia incendiar o Centro do Commercio, violencia que elle, só, conseguiu obstar. Processado, foi remettido para o Rio, ao tempo da Abdicação. Novamente solto, veio para Pernambuco, e d'alli para Natal, onde viveu alguns annos como professor de francez, medico e cirurgião, residindo na rua que hoje tem o seu nome, no bairro da Ribeira, e antes chamada “Visconde do Uruguay” e “Correia Telles”. Foi lente do Atheneu Norte Rio-grandense. Contemporaneo do celebre presidente Lisboa—o *Parrido*—o dr. Barata, segundo a tradição, aconselhou-o a retroceder do arbitrio e dos actos licenciosos que praticava. Com a idade de 76 annos, o dr. Barata falleceu, em Natal, a 1º de Junho de 1838, dizendo-se que as suas ultimas palavras foram ainda um “viva a Patria”.

Cypriano Lopes Galvão—Coronel de milicias na ribeira do Seridó. Nasceu em fins do século XVII, ou começo do século XVIII, no districto de Iguarassú, da Capitania de Pernambuco. Em meados d'esse ultimo (parece que em 1753) veio para os sertões do Rio Grande do Norte, adquirindo por compra a data de terra “Totoró”, onde fixou residencia, com sua familia, composta de sua mulher, d. Adriana de Hollanda e Vasconcellos, e um filho menor. Foi o primeiro povoador do actual municipio de Curraes Novos e occupou o posto de coronel de milicias na ribeira do Seridó. A patente está registrada ás fs. 104 e 105 do *Registro de Cartas e Provisões*, livro nº 10, archivado em o nosso Instituto Historico. O coronel Cypriano falleceu em 1764, e os seus restos mortaes jazem na igreja matriz da cidade do Caicó.

Cypriano Lopes Galvão—(2º)—Capitão-mór da ribeira do Seridó. Filho do coronel Cypriano Lopes Galvão e d. Adriana de Hollanda e Vasconcellos, nasceu em 1750, no districto de Iguarassú, da Capitania de Pernam-

CYP

buco. Aos cinco annos de idade, veio em companhia de seus paes residir no Rio Grande do Norte, installando-se a familia no sitio “Totoró”, da freguezia do Seridó. Por morte de seu pae, em 1764, passou a ser o proprietario do sitio, já então possuindo outras datas de terra, inclusive a denominada “Curraes Novos”, onde fundara uma fazenda de gallos. Em 1808, resolveu erigir n'essa fazenda uma capella, sob a invocação de Sant'Anna, obtendo para isso a licença do bispo de Olinda, d. José Maria de Araújo. A capella, de boa construcção, foi ultimada em 1813 e logo inaugurada com a celebração da primeira missa. A esse tempo já Cypriano Galvão occupava, por nomeação do governo, o posto de capitão-mór da ribeira do Seridó, empenhando-se nobremente pelo desenvolvimento da terra que adoptara por sua. O seu pae foi o primeiro povoador da terra curraleense, como occupante de “Totoró”; enquanto que a elle, filho, compete o titulo de fundador do actual municipio, como fundador, que foi, da povoação, hoje cidade de Curraes Novos. O capitão-mór Galvão falleceu a 13 de Dezembro de 1813, estando os seus restos mortaes sepultados na capella-mór da Igreja matriz de Curraes Novos, encimados por modesta lapide. *V. Curraes Novos*, municipio, parte historica.

Cypriano Porto Carreiro—Capitão-mór governador da Capitania do Rio Grande do Norte, nomeado por Patente Real de 22 de Julho de 1627. Ignora-se a data de sua posse, mas sabe-se que não governou além de 1631. Este capitão-mór, segundo a “Descripção do Rio Grande”, de *Domingo da Beiga*, a que alludimos em nota anterior (*V. Ambrosio Machado*), teria o nome de *Fabião Pitta Porto Carreiro*, e não Cypriano Porto Carreiro. Tratando-se, como então dissemos, de documento isolado, suspeito de grave omissão e divulgado através de repetidas copias, não nos parece sufficiente para corrigir a affirmação do Visconde de Porto Seguro, historiador dos mais notaveis. Ao tempo em que governava este capitão-mór (Cypriano Porto Carreiro)—diz-nos o desembargador Vicente de Lemos—na fortaleza dos Santos Reis Magos era considerada a melhor do Brazil, armada com 11 canhões de bronze, muitas colubrinas e mais 12 ou 13 canhões de ferro, estes imprestaveis, sendo o forte guarnecido por 50 a 60 praças pagas. “Havia na Capitania cinco a seis aldeias, que, reunidas, podiam contar 700 a 750 indios flecheiros, e a principal d'ellas era chamada Mopobú, situada sete millas ao sul de Natal. A cidade contava de 35 a 40 casars de palha e barro. Os habitantes mais abastados viviam habitualmente na suas fazendas e vinham apenas nos domingos e dias santificados a ou-

vir missa. N'esse raio de seis a nove milhas não residiam mais de 120 a 130 campones, na sua maioria rudes". (*Capitães-móres e governadores do Rio Grande do Norte*, vol. I, pags. 14 e 15). Acrescenta a informação que existiam na Capitania dois unicos engenhos: *Ferreiro Torto*, de fogo morto, pela ruindade das ter-

ras, e *Cunhahi*, os quaes safrejavam de seis a sete mil arrobas de assucar, annualmente. Os moradores d'essa zona eram 60 a 70 colonos com suas familias, criando-se bastante gado e exportando-se para Pernambuco assucar, farinha e milho. A receita total da Capitania, em 1630, era de 3:518\$551.

D

Damasceno Bezerra—V. *Antonio Damasceno Bezerra*.

Daniel Pedro Ferro Cardoso—Engenheiro civil. Nascen na cidade do Natal, em meados do século passado. Architecto notavel, projectou e construiu importantes obras no Rio de Janeiro, sendo seu o plano da cupola da igreja da Candelaria, para a concepção do qual (é elle mesmo quem o diz) teve de resolver problemas de transcendente importancia scientifica, em virtude da pouca resistencia que apresentavam as bases sobre as quaes se tinha de edificar. Foi, igualmente, de sua autoria o plano de melhoramentos que transformou, em grande parte, a cidade de Louvain, na Belgica. Republicano desde 1870, fez-se um dos grandes apóstolos d'esse regimen politico, ao lado de Lopes Trovão, Vicente de Souza e outros, organizando, no Rio, ligas operarias e promovendo comicios populares, para pregação das idéas democraticas. "Em 1873 foi comissionado pelo Club Federal e pela imprensa republicana do Rio de Janeiro para saudar, em Madrid, a Emilio Castellar, que o cumulou de homenagens e distincções quando se desempenhou d'essa commissão". Residiu por muito tempo em Paris, onde se tornou propagandista do café brasileiro e de outras riquezas do nosso paiz. "Na Exposição Universal de 1889, em Paris, expoz uma machina privilegiada, de sua invenção, para torrar café, cacau, chicoria, etc., por meio de vapor, obtendo, como recompensa, um dos maiores premios conferidos aos expositores e honrosissima menção". Em Abril de 1889, informado da fundação do partido republicano no Rio Grande do Norte, o dr. Ferro Cardoso enviou da Europa um pequeno prelo destinado á impressão do jornal organ do mesmo partido, fazendo acompanhar a offerta uma patriótica saudação á sua

terra natal, que desejava "constituísse, em breve, uma das mais brilhantes estrellas da pleiade brasileira, como Estado livre da Confederação". Proclamada a Republica, Ferro Cardoso pleiteou, como candidato opposicionista á situação dominante no Estado, uma cadeira de deputado ao Congresso Constituinte e, não conseguindo ser eleito, afastou-se da politica. Falleceu, no Rio de Janeiro, a 5 de Abril de 1899.

Danças—Serrote, no municipio de Flôres.

Dantas—Lagôa, 15 kilometros a SO da villa de S. Antonio, na divisa d'esse municipio com o de Nova Cruz. A lagôa Dantas é piscosa, mas secca pelo verão.

Dantas—V. *Antas*.

David Targini—(*David Leopoldo Targini*)—Patriota, da revolução de 1817, tendo papel saliente nos acontecimentos da villa de Portalegre. Diz-se que era natural da freguezia de Apody. Chegára a Portalegre como enviado de seus correligionarios de Parahyba e, conseguindo a adhesão do padre João Barbosa Cordeiro, vigário da parochia, publicou instrucções de que era portador, organizando-se então um governo provisório, composto do dito vigário Cordeiro, tenente-coronel Leandro Bessa, sargento-mór Vieira de Barros, capitão Manoel Joaquim Palacio e tenente Philippe Bandeira de Moura, os quatro ultimos da ordenança montada da villa. Esse governo, instalado a 10 de Maio, dissolveu-se nove dias depois com a prisão de alguns dos seus membros e a fuga do padre Cordeiro. David Targini, que tambem se escapára, foi preso, dias depois, na Capitania da Parahyba e remettilo para a fortaleza do Barbalho, na Bahia, em cujos carceres falleceu, no anno de 1820.

Décio Fonseca—Engenheiro civil. Fi-

lho do maestro Euclides de Aquino Fossêca (fallecido) e d. Maria Emilia de Salles Fossêca, nasceu na cidade do Recife, a 24 de Agosto de 1883, e diplomou-se em Março de 1908, pela Escola de Engenharia de Pernambuco. E' casado com d. Maria Isabel Monteiro Fossêca, de familia pernambucana. Ha annos dirigindo a Fiscalização do Porto de Natal, o dr. Décio Fossêca muito se tem esforçado pelo bom desempenho d'esta commissão, conseguindo, dentro de restrictas verbas orçamentarias, importantes melhoramentos no porto, como sejam o alargamento e maior profundidade do canal de accesso, fixação de dunas, construção de dois extensos guia-correntes, de um pharolete na Baixinha, erguido em torre de cimento armado, e uma ponte de atracação junto ás officinas da Commissão. Outras obras, já estudadas e projectadas, aguardam verbas para a execução. O dr. Décio Fossêca tem, ainda, estudos e orçamentos, feitos de ordem do governo, sobre os portos de Parahyba e Areia Branca. Serviu, como conductor tecnico de 1.ª classe, na Fiscalização do Porto de Recife e é, actualmente, engenheiro-chefe de 2.ª classe da Inspectoria de Portos, Rios e Canaes, commissariado na Fiscalização do Porto de Natal.

Delphino — Riacho, no municipio de Cearámirim. Nasce em terras do engenho "Torre", a 6 kilometros da cidade, e as suas aguas, encaminhadas pelo canal "Delphino", vão se precipitar no canal "Dodt", no sitio denominado "Timbó de Dentro". V. *Canal Bandeira*.

Delphino Cavalcanti — (*Delphino Augusto Cavalcanti de Albuquerque*) — Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, nomeado por Carta Imperial de 28 de Junho de 1871. Era natural de Pernambuco e bacharel em direito, formado no anno de 1844. Empossou-se na administração do Rio Grande do Norte a 18 de Agosto de 1871, governando até 11 de Junho do anno seguinte, quando se retirou da Provincia, exonerado, a pedido, conforme decreto de 31 de Maio de 1872. O curto periodico de sua administração não lhe permitiu o empreendimento de obras ou reformas dignas de nota. Antes de deixar o governo estivera em visita á cidade de Mossoró, interessando-se pelo maior desenvolvimento d'aquella praça commercial. A Carta Imperial que nomeou o dr. Delphino Cavalcanti está registrada á fls. 62 e v. do *Registro de Ordens Imperiaes*, archivado na Secretaria Geral do Estado. Quando falleceu, o dr. Delphino era desembargador aposentado da Relação de Pernambuco.

Deolindo Lima — (*Deolindo Ferrari Souza*

dos Santos Lima) — Poeta. Nasceu na cidade do Assú, a 9 de Março de 1885, sendo seus paes o coronel Galdino dos Santos Lima e d. Anna Souto dos Santos Lima, ambos fallecidos. Exerce, em Natal, a profissão de guarda-livros e é membro de destaque da Associação dos Empregados no Commercio. Consorciou-se, a 4 de Novembro de 1911, com d. Clélia Fernandes Barros dos Santos Lima, de familia natalense. Deolindo Lima, que é tambem apreciado amador dramatico, não tem livro publicado, mas os seus versos figuram nos jornaes e revistas da imprensa indigena e alguns foram postos em musica. (V. *Boletim do Rio Grande do Norte*, de Ezequiel Wanderley, pag. 184).

Diamarça — Serrote, na fazenda do mesmo nome, 2 kilometros ao N da villa de Serra Negra.

Dioclecio Duarte — (*Dioclecio Dantas Duarte*) — Jornalista e parlamentar. Nasceu na cidade do Natal, a 16 de Novembro de 1894, e é filho legitimo do dr. Dioclecio Duarte da Silva e d. Isabel Stella Dantas Duarte. Estudou preparatorios no Atheneu Norte Riograndense. Fez parte de diversas associações litterarias e escreveu para jornaes e revistas de Natal, revelando, ao mesmo tempo, apreciaveis dotes de oratoria. Matriculado na Faculdade de Direito do Recife, ahí recebeu, em 1917, após um curso brilhante, o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. Dirigiu a *Imprensa Official* de Pernambuco, indo, depois, para o Rio de Janeiro a empregar sua actividade na imprensa carioca. Nomeado pelo governo, accitou o logar deellido commercial junto ao consulado brasileiro de Bremen, na Alemanha. Mais tarde, obteve exoneração e voltou ao Brazil, sendo nomeado director da *A Republica*, organo official do Rio Grande do Norte. Em Março de 1926 consorciou-se, no Rio de Janeiro, com d. Laura Magalhães Machado Duarte. No anno seguinte (1927), foi eleito representante do Estado á Camara dos Deputados Federaes, achando-se ainda no desempenho do honroso mandato. Foi um dos representantes do Brazil á Conferencia Interparlamentar de Commercio, reunida em Berlim, perante a qual apresentou, como these, magnifico estudo sobre "A defesa do trabalhador agricola". Em Hamburgo, realizou importante conferencia sobre "A cooperação economica no equilibrio internacional" e uma outra sobre "A colonização no Brazil e a influencia do trabalho alienado". De regresso á Patria, proferiu na sessão nocturna de 5 de Novembro de 1929, da Camara dos Deputados, um longo e applaudido discurso relatando os trabalhos da

DOC

delegação brasileira á Conferencia Interparlamentar. O dr. Dioclecio Duarte publicou, entre outros, os seguintes trabalhos: em 1917, *Para os que ficam...* (edição do Centro Academico, de Recife); em 1918, *Uma pagina do Brasil*; e, em 1930, *Estudos de Economia Brasileira*.

Diogo Lopes—Povoação, na extrema N do municipio de Macaú.

Diogo Velho—(*Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque*)—Visconde de Cavalcanti, senador pelo Rio Grande do Norte á Camara Vitalicia do Imperio. Nasceu em Pilar (Parahyba), a 9 de Novembro de 1829, e era filho de Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque e d. Angela Sophia Cavalcanti Pessoa. Formou-se em direito, no anno de 1852, pela Academia de Oliada (a *lista geral* o menciona como natural de Pernambuco). Deputado Provincial e Geral pela sua terra, foi, tambem, presidente das Provincias de Piauhy, Ceará e Pernambuco. A 4 de Janeiro de 1867 foi escolhido senador pelo Rio Grande do Norte, e ainda fazia parte do Senado do Imperio quando se deu a proclamação da Republica. Por tres vezes ministro de Estado, tinha o titulo do conselho de S. M. o Imperador, a comenda da Ordem de Christo, do Brazil, a grã-cruz da Ordem da Conceição de Villa Viçosa, de Portugal, e da Ordem da Corôa Real, da Prussia. O conselleiro Diogo Velho residiu por muitos annos em Paris e falleceu em Juiz de Fóra, Minas Geraes, a 14 de Junho de 1899.

Dionysio Filgueira—V. *João Dionysio Filgueira*.

Divinópolis—Povoação, do municipio de Martins. É muito florescente, mantendo animada feira semanal e regular commercio. Possue capella, erecta em 1903 por iniciativa do vigario Abdon Oullion Melibeu de Lima (benção a 30 de Abril do mesmo anno) e sob a invocação do Sagrado Coração de Jesus. Funcionam na povoação uma escola rudimentar, custeada pelo Estado, e uma estação telephonica, inaugurada a 10 de Março de 1928. Divinópolis teve, até poucos annos, o nome de *Gerião*.

Divisão—Riacho. Nasce na fazenda "Trincheiras", municipio de Patú, e, banhando parte d'este municipio e do de Caralubas, entra, depois, no de Augusto Severo.

Dóce—Lagôa, no municipio de Areia Branca.

Dóce—Lagôa, no municipio de Touro. Stéca nos rigores do estio.

DOM

Doldos—Lagôa, no municipio de S. Gonçalo.

Dolôres Cavalcanti—V. *Maria Dolôres Beserra Cavalcanti*.

Dominga—Açude, o maior dos de propriedade particular existentes no Estado. É formado pela barragem do riacho do mesmo nome, no municipio de Caicó. As despesas com a sua construcção pouco excederam de 40:000\$000.

Dominga—Riacho, no municipio de Caicó. Passa ao N da séde municipal e proximo á serra da Formiga.

Domingos Amado—Capitão-mór governador da Capitania do Rio Grande do Norte, nomeado por Patente Real de 12 de Março de 1715. Empossado a 20 de Junho do mesmo anno, governou até 3 de Julho de 1718. A patente de sua nomeação, registrada ás fls. 42 e 43 v. do *Registro de Cartas e Provisões do Senado da Camara de Natal, de 1713 a 1720*, archivado em o nosso Instituto Historico, menciona serviços por elle prestados na Provincia da Beira, em Portugal, por espaço de 18 annos, 10 mezes e 4 dias continuados (de 11 de Maio de 1695 a 5 de Maio de 1714), em praça de soldado, sargento supra e do numero, furriel-mór, alferes e capitão de infantaria em que estava servindo. Relata que Domingos Amado, no decurso do referido tempo, assistiu (1701) embarcado com a sua companhia de guarnição na fragata *S. Bioventura*, que, com as mais da Armada, estivera em defeza da barra de Lisboa; que, em 1704 e 1706, foi mandado á comarca de Vizeu reconduzir os soldados ausentes, em cuja diligencia gastou um mez e vinte cinco dias, e, passando ao Alentejo, se achou no choque de Broças, saqueada e queimada; no sitio e rendição da praça de Alcantara, em que foi o seu terço nomeado para formar os arques e hataria, havendo muita perda, de mortos e feridos, ficando toda a sua guarnição prisioneira; no sitio da praça de Moroleia (?), a qual se rendeu ás armas reaes, com toda a guarnição e munições. Referim-se, ainda, a muitas outras luctas em que este Domingos Amado, a patente diz que elle "mettia animo aos soldados e pelejava valorosamente". Em um dos combates luctou "até ficar em campo despejado, com sete feridas penetrantes, prisioneiro, levado a Bayona de França, onde esteve até Novembro de 1707".

Domingos Barros—Chimico-industrial, natural de Pernambuco. Residiu alguns annos no Rio Grande do Norte, aqui contrahindo casamento com d. Maria Leonor Maranhão, filha do coronel Fabricio Maranhão.

DOM

industrial no município de Canguaretama. Foi um dos príncipes auxiliares do governador Alberto Maranhão no estabelecimento do serviço de luz e bondes eléctricos na capital do Estado, compondo com o dr. Francisco Gomes Valle Miranda a firma Valle Miranda & Domingos Barros, primeira contractante d'esse serviço. Em 1908, Domingos Barros fôra nomeado commissario do Rio Grande do Norte na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, dando proveitoso desempenho a essa incumbência e realizando, a 9 de Dezembro, no Museu Commercial, do Rio, uma interessante conferencia, que, sob o título de *Aspectos Norte-Rio-Grandenses*, foi publicada em folheto e no volume IX da "Revista do Instituto Histórico e Geographico do Rio Grande do Norte". Domingos Barros reside actualmente no Rio de Janeiro e é socio correspondente do Instituto.

Domingos de Moraes Navarro--Capitão-mór governador da Capitania do Rio Grande do Norte, nomeado por Patente Real de 30 de Junho de 1727. Tomou posse a 15 de Janeiro de 1728 e governou até 19 de Março de 1731. Era filho do mestre de campo Manoel Alvares de Moraes Navarro, que se celebrizára nas luctas travadas com os indios no interior da Capitania, e neto de Manoel Alvares Murzello, Natural de S. Paulo. Domingos Navarro servira no Rio Grande do Norte, em o Terço dos Paulistas, desde 13 de Agosto de 1698 até 10 de Julho de 1723, quando teve licença do governador de Pernambuco para ir a Lisboa, "a tratar dos seus requerimentos". Nomeado governador da Capitania, foram esses serviços mencionados na patente da nomeação, da qual consta que elle os prestára, em todo o dito tempo, como soldado, alferes do mestre de campo e capitão de infantaria, achando-se nos grandes trabalhos, fomes e perigos que a gente do dito Terço experimentou na marcha que fez de S. Paulo até aqui, onde assentou o seu arrayal; na fortificação que se lhe fez, pegando pessoalmente nos paños, para dar exemplo aos seus soldados; veniu em chaminas um dos armazens de mantimentos, foi dos primeiros que accudiram a atallar o incendio; no contagio que sobreveio á nossa gente andando em campanha no anno de 1709, a fazer guerra ao gentio de corso da nação Jandohy, se houve piedosamente com os doentes, com grande trabalho nas marchas dos sertões, por serem inhabitáveis. Chegando a um rancho de tapuyos, fôl-os renderem-se ás nossas armas, e, como pedissem paz, se lhes concedeu, pelas conveniências que se seguiram ao serviço de Deus e do Rei, a qual foi confirmada pelo governador de Pernambuco. No anno de

DOM

1710, o mestre de campo nomeou-o para cabo de um troço formado da gente que o governador de Pernambuco mandara incorporar no dito Terço; e, sabindo com esse Terço a fazer guerra ao gentio de corso da nação Jandohy, avistou um rancho do inimigo, "chamado Pougy", deu-lhe batalha, destruindo-o, com a morte de muitos. Passados quinze dias, "repetiu no mesmo rancho segunda batalha", em que os acabou de extinguir de todo, fazendo prisioneiros duzentos e setenta, "em que entrou seu "maior" chamado Carenia (em outros documentos lê-se *Curenia*) e muitos capitães, sendo esta uma das mais felizes victórias que alcançaram as nossas armas n'aquellas campanhas, ficando com o bom-sucesso d'ella livres os moradores da Capitania do Rio Grande do insupportavel jugo que com o dito gentio padeciam, por ser o mais poderoso e o mais visinho, sem nunca poder ser castigado, intentando-se por várias vezes, o que tudo se deveu ao seu valor, boa disposição e intelligencia, como cabo do dito Terço". A patente registra outros feitos de Domingos Navarro, que, por interessarem á historia d'aquella epocha, continuamos a transcrever, conservando a propria redacção do documento: No mesmo anno, ir (elle, Domingos Navarro) presidir o Arrayal com algumas pessoas, pelo perigo que corria de ser invadido pelo inimigo mais visinho, por ser tempo de inverno, em que costumavam fazer muitos malefícios; e sem embargo de ser distancia de setenta leguas, partir logo voluntariamente e governar o dito Arrayal tres mezes, com toda satisfação e zê-lo, evitando com o seu bom modo que desertassem os soldados por não serem soccorridos havia tres annos; e no mesmo anno ir a conduzir a polvora, chumbo, armas e um ornamento que se acitava no Arrayal para a Capitania do Rio Grande, por estar o gentio todo conquistado, tomando (elle, Domingos) por sua conta a condução de escravos pertencentes aos quintos reaes, mandando-os para o Rio Grande (Natal), fazendo toda a despeza, assim do tempo em que estiveram detidos no Arrayal, como a jornada, por sua conta, tomando sobre si qualquer perigo que tivessem no caminho por causa do gentio; havendo-se com toda satisfação na mudança do Arrayal, que, por ordem do governador de Pernambuco, se fez para o sitio do "Ferreiro Torto", por ser de melhor commodo para se destruir os barbaes; e sendo necessario uma casa para se recolherem as munições, fez o supplicante (Domingos) parte á sua custa, com muita segurança; em 1712 ser nomeado pelo governador do Terço por cabo de uma bandeira, para ir fazer opposição ao gentio Jandohy, chamados os *capitães*, que acudindo-se allea-

DOM

dos na Capitania se rebellaram contra os brancos, indo se incorporar com outros rebeldes para que juntos podessem desbaratar os sertões, e pondo-se o supplicante em campanha dar com o dito inimigo arranchado, e sem embargo da prevenção com que se achava de sentinellas e sendo de noite, avançar a toda pressa, de sorte que ainda lhe matou alguns e fuzgndo os muis deixando algumas munições, muitas ferramentas e todo o seu despojo usual, e indo em seu alcance, por matos, ao amanhecer dar com elles em bandos e pelear seis horas a peito descoberto, e o genio occulto com as ramas por estarem verdes, e quando obrigados da grande opposição que o supplicante lhes fez se pizeram em fugida, sem mais perila da nossa parte que a de um tapuyo domestico que mataram, sem embargo dos muitos tiros com bala que o mesmo inimigo buvia feito e de que o supplicante se livrou milagrosamente, achando-se em logar do maior risco; e recolhendo-se (elle, Domingos) com grande trabalho dos caminhos, por ser inverno, fazendo jornada pelo rio Cearámirim acima achar muitas fazendas de gados e bestas, sem gente, com o temor do inimigo, e appellidar alguns moradores para que, de cavallo, se retirassem as taes fazendas, dando-lhes para isso escolta de gente e o adjutorio necessario, mandando queimar os curraes que na distancia de dezeseis leguas estavam de pé, para que o inimigo se não aproveitasse d'elles e acabasse os gados, evitando aos donos essa perda e á Fazenda Real a dos dizimos, havendo-se em tudo com grande acerto; no mesmo anno (1712), avançando pela meia noite todas as nações de barbaros inimigos contra o nosso arrayal, com muitas armas de fogo, e accommettendo o corpo da guarda com o intento de tirarem pólvora que se achava nos armazens das munições, acudir o supplicante, deixando a sua casa desamparada e com grande risco, ao estrondo dos tiros do inimigo, e vendo que era no corpo da guarda ser um dos primeiros que o foi soccorrer e n'elle assistir com grande valor, dando pólvora e bala aos soldados que a não tinham, até que o inimigo, desenganado da empreza, se retirou depois de uma hora de peleja, ficando de nossa parte um soldado morto e dois feridos; depois de retirado o dito inimigo, com o recio de poder inquietar os moradores do Rio Grande, sendo mandado um ajudante com alguma gente a soccorrel-os, succedendo ser morto e um sargento ferido, em um encontro que teve no caminho com o inimigo, ser o supplicante mandado a incorporar-se com a nossa gente o fez promptamente, logo buscar ao inimigo, fazendo despejar algumas casas do (palavra illegivel) que n'ellas havia e se-

DOM

guiado o dito inimigo até o sitio do Taipú, ultima povoação da Capitania, fazer retirar para os sertões, gastando n'essa diligencia seis dias continuos, sem ter levado sustento algum pela pressa com que foi mandado, por cuja causa padeceu muitas fomes, e intentando o inimigo barbaro com todo o seu poder avançar o arrayal do Rio Grande pelo não conseguir se retirar para a ribeira do Assú, matando innumeraveis pessoas e succerlotes, destruindo toda a campanha, e sendo o supplicante (Domingos Navarro) mandado por cabo de uma tropa ir buscar o inimigo a várias paragens, especial á ribeira do Potengy, aonde se achava um rancho inimigo; em Janeiro de 1713 saliu acompanhado de uma tropa de infantaria paga (duas palavras illegivels) em defeza dos moradores do sertão na ribeira do Assú, quando o inimigo barbaro da nação Caboré perseguia com damnosos insultos, tendo morto a um tenente-coronel e nove moradores, com o aperto e o temor desamparavam suas fazendas, e chegando o supplicante áquella ribeira ir em seguimento do inimigo, o qual, vendo o empenho com que era buscado, desapossou todos os seus domicilios e partes mais occultas onde costumava habitar, retirando-se para os sertões interiores da Capitania da Parahyba, ficando a ribeira do Assú livre do inimigo, obrando em tudo com honrado procellimento. Foi attendendo a esses serviços que o Rei nomeou Domingos de Moraes Navarro para exercer o cargo de capitão-mór governador da Capitania do Rio Grande do Norte. Dos actos do seu triennio governamental, vimos, registrada, a nomeação de Antonio Bezerra Monteiro para capitão de reformados da ribeira do Apoly, posto vago por estar fuido o tempo em que foi provido José Soares da Costa. Esta nomeação foi confirmada por Patente Real de 20 de Setembro de 1735. Em Fevereiro de 1739, sete annos após o termino do seu governo—Domingos de Moraes Navarro competiu com d. Francisco Ximenes de Aragão, João de Barros Braga e outros, na escolha para o cargo de capitão-mór do Ceará. A nomeação recahiu em d. Ximenes de Aragão.

Domingos Jorge Velho — Governador das armas paulistas em 1683, servindo em missão no norte do Brazil. No começo desse anno achava-se no Rio S. Francisco, quando recebeu ordem do governador geral do Brazil, Mathias da Cunha, para seguir com destino ao Rio Grande do Norte, a combater os indios que, rebellados, dominavam no sertão do Assú, já tendo morto perto de cem pessoas, escalando os moradores e destruindo os gados. Domingos Velho, bandeirante, conhecedor dos sertões até os confins do Maranhão,

ELI

pela campanha que fazia em bandeira contra os índios, partiu imediatamente do S. Francisco para o Rio Grande, marchando por terra, com trezentos homens, bem municiados, a juntar-se a forças mais numerosas, remetidas de Pernambuco e Paralyba. Pequena, porém, foi a sua demora, pela contra-ordem que recebeu do mesmo governador geral, em virtude do contracto que tñhã assignado com o governador de Pernambuco para bater o quilombo dos Palmares. O Senado da Câmara de Natal procurou obstar a volta do commandante Domingos Velho, que bons serviços ia prestando, mas não o conseguiu, ficando em seu lugar Mathias Cardoso de Alencar, outro chefe paulista, então recémchegado á Capitania. (V. Vicente de Lemos, op. cit., pags. 42 e 43).

Dona Hilaria—Lagôa no município de Canguaretama.

Dória—V. *Bernardo Machado da Costa Dória*.

Dormentes—Riacho, no município de Portalegre. Desagua no riacho Viçosa.

Dormentes—V. *Portalegre*, serra.

Dórna—Serra, situada nos limites de

ELI

Acarý, Flôres e Curraes Novos. Pertence á cordilheira Borborema. As suas terras são próprias para a criação.

Doutor—Serra, da cordilheira Borborema e situada na divisa entre os municípios de Curraes Novos e Santa Cruz. Passa sobre ella a estrada de automoveis de Natal ao Seridó.

Doze Annos—Bairro, na cidade de Mossoró. Funciona ahí uma escola rudimentar, creada e mantida pelo governo do Estado.

Duas Lagôas—Nome de duas lagôas situadas 1 kilometro a O da villa de Serra Negra. As duas lagôas são divididas por uma cadeia de serrotes.

Durral Torres—(*Durval Armando Torres*)—Poeta contemporaneo. Nasceu na povoação de Ponta Negra, município de Natal, a 30 de Setembro de 1892. Muito moço, seguiu para Belém do Pará, empregando-se como auxiliar da *Pharmacia Baptista Campos*. Regressando a Natal, serviu na *Pharmacia Torres*, indo depois collocar-se na capital da Parahyba, onde publicou *Horas Vagas* (1915) e *Clarões*, livros em que enfeixou muitos dos seus versos. Durval Torres reside, presentemente, no Rio de Janeiro.

E

Edgar Barbosa—(*Edgar Ferreira Barbosa*)—Jornalista e professor de humanidades. Filho de Vicente Justiniano da Costa Barbosa e d. Joanna Ferreira Barbosa, nasceu em Cearáúmirim, aos 15 de Fevereiro de 1909. Vindo residir em Natal, foi nomeado lente de portuguez do Atheneu Norte-Riograndense. F. redactor do *O Estado* e auxiliar de redacção da *A Republica*. Publicou *Sinthese Historica*, livro editado na Imprensa Official (1929) e tem em preparo *Verbo Ser e Verbo Amur*. Inteligente e estudioso, Edgar Barbosa cursa, com brilhantismo, a Faculdade de Direito do Recife.

Edinar Avelino—V. *José Edinar Avelino*.

Elias Souto—(*Elias Antonio Ferreira Souto*)—Jornalista. Coronel da antiga Guarda Nacional. Filho do coronel Luiz Antonio Ferreira Souto e d. Anna Jacynilla Ferreira Souto, nasceu na cidade do Assuá, a 25 de Janeiro

de 1848. No começo de sua vida publica dedicou-se, por alguns annos, ao magisterio primario, exercendo-o nas cidades de Assuá, Macaú e S. José de Mipibú e trabalhando, simultaneamente, no jornalismo, para que, desde os verdes annos, revelára decidido pendor. Fundou e religiu *O Seridó* (1873 a 1876); *Journal do Assuá* (1876-1885); *O Assuano* (1885); *O Macaúense* (1886-1889); e *O Norte* (S. José de Mipibú, 1892-1893), além de outros periodicos de pequeno formato, literarios ou criticos. Reorganizada a instrucção publica do Estado, Elias Souto foi removido para a então villa de Páu dos Ferros, remoção que não accitou, preferindo pender a cultura. De S. José de Mipibú mudou-se para a capital do Estado, onde continuou a publicar *O Norte*, fazendo opposição á politica situacionista, então chefiada por Pedro Velho. Em 1895, tendo adquirido por compra o material da Companhia Libro-Typographica Natalense, editora

do primeiro *Diário do Vidal*, filhas Souzo ang-montou o formato da sua folha e mudou-lhe o nome para *Diário do Vidal*, que nenhuma ligação tinha com o antigo. Jornal aqui publicado com este nome em 1893 e sabido das offiças daquella empresa. (Juiz fernandes, *A Imprensa Brasileira no Rio Grande do Norte*).

O novo diário manteve a mesma orientação de *O Vidal*, combatendo com independência e desassombro a politica seguida pelo partido dominante no Estado. E essa liberdade de jornal, observada ate a data da morte do velho jornalista (1906), proseguiu ainda depois, mediante arrolamento da typographia e sob a responsabilidade do dr. Augusto Leopoldo, membro destacado do partido opposicionista. No anno de 1913 o *Diário do Vidal* suspendeu definitivamente a sua publicação. Em Assis, Elias Souzo prestara relevantes serviços á causa da emancipação dos escravos, sendo sócio fundador da "Sociedade Libertadora Assisense". Cesou com o Thierza Rebouças Ferraria Souzo (fallecida em 1898), criou de seu consorcio os seis filhos: Elias Souzo Filho, escriptura da Fazenda Nacional; dr. Frasco Souzo, tambem escriptura da Fazenda Nacional, fallecido em 1917; 1.º tenente dr. Elias Souzo Lyra, casada com o dr. Mano Lyra; o filia Souzo Figueira, casada com o Desembargador João Dionysio Figueira; e o filia Souzo de Monte, casada com o coronel Miguel Faustino do Monte. Elias Souzo falleceu em Natal, a 17 de Maio de 1906.

Eloy de Souza—(*Eloy Cartilho de Souza*)—Jornalista e parlamentar. Filho do com-mendante Eloy Casaridoro de Souza e d. Her-firica Leopoldina de Souza (ambos fallecidos), nasceu em Pernambuco, a 4 de Março de 1823, vindo, ainda criança, para a cidade de Macaíba, onde se viu já em estabelecido. Ao Recife voltou, mais tarde, para estudar preparatórios no Instituto Académico, matriculando-se, depois, na Faculdade de Direito, onde recebeu, no anno de 1853, o grau de bacharel em sciencias sociais. No Rio Grande do Norte fez toda a sua vida publica, iniciando-o como delegado de Policia, no município de Macaíba. Ainda em 1853, foi eleito deputado ao Congresso Legislativo do Estado e em 1857, deputado Federal, na vaga do dr. Amaro Carvalho, que accedera a postula de ministro da Justiça e Negocios Internos. Desde então, o dr. Eloy de Souza foi successivamente reelecto deputado Federal, até 1911, quando se passou para o Senado da Republica, em substituição ao desembargador Ferreira Chaves, eleito governador do Estado. Em 1922, voltou á Camera dos Deputados, onde continha em desatto e prefallie a com-

missão de Polheos. No desempenho desses mandatos o dr. Eloy de Souza revelou-se pessoa um habili e esofegico defensor das interesses do Rio Grande do Norte, maxime nos assumptos ligados ao problema das secças. Estudioso em questões economicas, empreendeu e realizou uma grande viagem á Europa e norte da Africa, examinando e colhendo notas sobre os processos da irrigação e agricultura adoptadas no Egipto. De regresso, apresentou á Camera, justificando em substancioso discurso (lesado de 30 de Agosto de 1911), um projecto de lei sobre o qual disse Rodric Carnhill: "Si for approvado como está, ou antes com pequenas modificações, permanecerá um monumento ao estadista que o concebem e ao Congresso que for bastante sachtavel para votá-lo". Na imprensa, o dr. Eloy de Souza é tambem figura de destaque, mantendo a pena com reconhecida mesura, no artigo politico, na discussão do assumpto economico ou na simples chronica de actualidades. Por muitos annos, foi redactor e director da *A Republica*, jornal em que trabalhava no lado do Pedro Vello, o organizador do Rio Grande do Norte republicano. O dr. Eloy de Souza, tirado da saudosa poezia Anna de Souza e do poeta Henrique Casaridoro, é sócio fundador do Instituto Histórico e Geographico do Rio Grande do Norte.

Elviro Cartilho da Fonseca e Silva—Magistrado, Desembargador da Corte de Appelляция do Distrito Federal. Nasceu no município de Caruarim, a 10 de Setembro de 1868, sendo seus paes o coronel João da Fonseca e Silva, ambos já fallecidos. Curso na Faculdade de Direito do Recife, onde, a 19 de Novembro de 1890, recebeu o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociais. A 9 de Janeiro seguinte, foi nomeado secretario da Superintendencia da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. Em 1892 (31 de Dezembro) foi nomeado juiz de direito da comarca da Santa Victoria do Palmar, no Rio Grande do Sul, accedendo mais tarde (1895) o lugar de delegado de Policia na Capital Federal. A 10 de Maio de 1897 obteve a nomeação de juiz da 10.ª Precaria, subindo, em 1907, a juiz de direito da 2.ª vara criminal. Em 1907 foi transferido para a 2.ª vara commercial e, no anno seguinte, para a 2.ª vara de orphãos e ausentes. Por decreto de 5 de Junho de 1914 o governo nomeou-o desembargador da Corte de Appelляция do Distrito Federal, onde exerce, desde Janeiro de 1924, o cargo de presidente da Camera de Appelção. O Desembargador Elviro Cartilho desempenha, quando juiz de primeira instancia, as comissões de presidente da Commissão de Alfandamento e de

ELY

ENE

toral e vice-presidente do Conselho Administrativo dos Patrimônios a cargo do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, passando, em 1919, a presidente do mesmo Conselho. Nessa qualidade, creou, entre outras obras de real utilidade, um posto de prophylaxia da lepra e doenças venericas, installado no Instituto dos Surdos Mudos, firma das Laranjeiras, 223, e destinado a servir a população pobre dos bairros de Laranjeiras, Glória, Rotafogo, etc. A esse posto, o governo deu a denominação de «Dispensário Elviro Carrilho». Jurista illustre, o desembargador Elviro Carrilho ahrilhanta com a sua collaboração as paginas do *O Direito*, *Revista de Jurisprudência*, *Arquivo Judiciário*, *Revista de Critica Judicial* e outras publicações. Foi casado, em segundas nupcias, com a. Déa Dantas Carrilho. O desembargador Elviro Carrilho é membro da «Sociedade Amante da Instrução», da «Assistencia Judiciaria Militar do Brazil» e presidente da «Liga Brasileira de Hygiene Mental».

Elyseu de Souza Martins—Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, nomeado por Carta Imperial de 16 de Fevereiro de 1878. Natural do Mauby, era bacharel em sciencias juridicas e sociaes (1866) e doutor em direito (1873) pela Faculdade de Recife. Administrou o Rio Grande do Norte no curto periodo de 13 de Março a 5 de Outubro de 1878, retirando-se da Provincia por motivo de doença e sem deixar relatorio ao seu substituto. O dr. Elyseu Martins foi, depois, presidente da Provincia do Espirito Santo, nomeado por Carta Imperial de 25 de Janeiro de 1879 e governando de 7 de Março d'esse anno a o de Agosto de 1880. Proclamada a Republica, o dr. Elyseu Martins foi eleito senador federal pelo Mauby, fallecendo algum tempo depois.

Elysen Vianna—Magistrado, professor e belletrista. Nascou em Pipirutuba, Estado da Parahyba, a 19 de Abril de 1890, sendo filho de José Ferraz de Oliveira e da Rosalia Vianna de Oliveira, esta fallecida. Veio para o Rio Grande do Norte em 1908, matriculando-se na Escola Normal de Natal, onde conquistou o diploma de alumno-mestre, collando o grau de professor a 15 de Novembro de 1911. Por acto do Governo do Estado, de 18 de Dezembro do mesmo anno, foi nomeado professor do Grupo Escolar Thomaz de Araujo, na cidade de Acary, estabelecimento que dirigiu até 3 de Janeiro de 1914, quando foi removido para o Grupo Escolar 30 de Setembro, da cidade de Mossoró. Dedicoando ao estudo e possuidor de bella intelligencia, Elysen Vianna fez o curso de sciencias juridicas e sociaes na Faculdade Livre de Direito do Ceará, recebendo o grau de bacharel a 8 de Dezem-

bro de 1921. Foi o orador da solemnidade, por eleição dos seus collegas de turma, Nomeado professor interino da cadeira de portuguez da Escola Normal Primaria de Mossoró e commissario no cargo de director (acto de 1.º de Fevereiro de 1922), recebeu do governo o incumbencia de organizar e instalar a referida Escola. Em 20 de Dezembro de 1923 obteve nomeação efectiva para a cadeira de pedagogia e educação civica. Vagando a cadeira de pedagogia da Escola Normal de Natal, o dr. Elyseu Vianna foi para ella removido (25 de Junho de 1928), accitanilo depois (4 de Fevereiro de 1929) o lugar de capitão-auditor do Regimento Policial Militar do Estado. Da sua bagagem litteraria constam os seguintes trabalhos: *Mossoró por dentro*, peça theatral, publicada em 1916; *Entre sol e poeira*, opereta, 1919; *Elen*, plantasia lyrica, 1920; e *Escola em festa*, poesias escolares, edição da casa Monteiro Lobato, de S. Paulo. Este livro, aprovado pelo Departamento de Educação, teve o premio de publicação por conta dos cofres do Estado. A publicar, tem a opereta *Xaoma*, já representada.

Ema—Lagôa, no municipio de Arcaia Branca.

Ema—Lagôa, no municipio de Serra Negra. Está situada 13 kilometros a SE da povoação de S. João do Sabugy.

Ema—Serrote, no municipio de Flores.

Embraxas—V. *Umburanas*.

Encanto—Povoação do municipio de Páu dos Ferros, 15 kilometros a O da sede municipal. Tem capella, dedicada a S. Sebastião, e escola rudimentar, mantida pelo Estado.

Encanto—Riacho, affluente do rio Apody. Passa no N da cidade de Páu dos Ferros, na distancia de 5 kilometros. É tambem conhecido pelo nome de *Cocoyê*.

Encanto—Serrote, situado a 20 kilometros da cidade de Páu dos Ferros.

Encanto—Serrote, no limite do municipio de Patú com o de Caralilhas. É formado de pedra e argilla, tem perto de 2 kilometros de extenção e uma altura, presumivel, de 400 metros.

Encapinhado—Serrote, no municipio de Jardim de S. Pedro. É situado ao N da sede municipal.

Enfas Carrilho de Vasconcellos—Magistrado. Nascou no engenho Boca, municipio de Carimirim, a 7 de Setembro de 1886, sendo seus paes o coronel Francisco Carrilho do Rego Barros e a. Rita Joaquina de Vas-

ENG

concellos Rêgo Barros. Em 1888, recebeu, na Faculdade de Direito do Recife, o grãu de bacharel em sciencias juridicas e sociais. Foi promotor publico no Maranhão e juiz municipal nos Estados de Minas Geraes e Rio de Janeiro. Casou-se com o. Guiomar Kibeiro Carrilho de Vasconcellos. Deixando a magistratura Estadual, passou a servir o logar de pretor no Distrito Federal. No governo do presidente Rodrigues Alves foi distinguido com a nomeação de juiz de direito, cargo em que, annos depois, obteve aposentadoria. O dr. Enéas Carrilho honrou a magistratura do Distrito Federal, gosando de elevado conceito, como juiz criterioso e íntegro. Falleceu, no Rio, a 11 de Novembro de 1927.

Euás de Araújo Torreão—Desembargador, Natural do Rio Grande do Norte, tendo nascido, ao que consta, no município de Coxanilha. Serviu na magistratura do Império e foi membro do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro. Não conseguimos outras notas biographicas sobre o illustre conterraneo, ha annos fallecido.

Enéas Leocrácio de Moura Soares—Funcionario da Fazenda, na antiga Provincia. Iniciou a vida publica exercendo o modesto logar de porteiro da Thesouraria Provincial. Intelligente, honesto e zeloso, foi galgando postos, á custa do seu proprio esforço. Em 1867 já occupava o logar de chefe da 2ª secção, sendo nomeado, a 25 de Janeiro de 1868, para o cargo de inspector, ascendendo, assim, deante o mais modesto ao mais elevado cargo de sua repartição. No anno seguinte, obteve aposentadoria. A 13 de Março de 1878, voltou á actividade, aposentando-se novamente a 23 de Setembro de 1885. Em 1889 (21 de Junho), accellou novo convite para dirigir a Thesouraria, prestando serviços até 14 de Abril de 1891, quando, na organização republicana, foi definitivamente aposentado. As *Filas e Relatorios* dos presidentes que o tiveram como auxiliar na administração da Provincia contém honrosas referencias á sua lealdade, honra e competencia como dedicado colaborador do governo na gerencia dos negocios da Fazenda. Enéas Leocrácio, que era tambem capitão da antiga Guardia Nacional, falleceu em Recife, onde fôra tratar da saude, no dia 3 de Abril de 1910.

Enforcado—Lagôa, no bairro do Alecrim, município da capital.

Euzelido—Rincão, de cerca de 15 kilometros de curso. Tem sua nasçença no serrote Porteiros, município de Serra Negra, e faz barra no rio Espilularas, 12 kilometros ao S da sede municipal.

ERI

Engenheiro Valle—V. *Ernesto Augusto Amorim do Valle*.

Epaninoudas Jacome—*(Epaninoudas Tito Jacome)*—Medico, governador do Territorio da Acre, de 1920 a 1922. Nasceu, no município de Augusto Severo, a 20 de Abril de 1867, sendo filho do coronel Luiz Florencio Jacome, fazendeiro e politico local, ha annos fallecido. Ainda academico de medicina, Epaninoudas Jacome foi eleito deputado ao Congresso Legislativo do Estado (1893). Formado, especializou-se na clinica opthalmologica, aperfeiçoando os seus estudos na França e na Alemanha, onde se demorou por algum tempo. De volta ao Brazil, o dr. Epaninoudas Jacome exerceu o logar de medico da Saúde do Porto de Pernambuco, entrando, depois, para o corpo docente da Escola de Engenharia do mesmo Estado. Deixou esse cargo para ir occupar o de sub-prefeito do Acre, na gestão do dr. Augusto Monteiro. Anos depois, o presidente Epitacio Pessoa, de quem era amigo particular, nomeou-o governador do Territorio do Acre, tendo o dr. Epaninoudas correspondido a essa prova de confiança, prestando relevantes serviços á causa publica na aquella longuqua região, que já conhecia de muitos annos antes, quando, ao lado de Placido de Castro, batalhara pela defesa de sua integridade e se esforçara pela conquista de sua autonomia. Ao deixar o governo do Acre, com o organismo combalido, o dr. Epaninoudas Jacome regressou á sua terra, vindo a fallecer, em Natal, no dia 29 de Março de 1928.

Epitacio Pessoa—Povoação, á margem da R. F. Central, no município de Angicos. Chamava-se *Gaspár Lopes*, nome do seu fundador. Ao tempo em que devia ser inaugurada a estação da estrada de ferro (1921), mudaram-lhe o nome para *Epitacio Pessoa*, em homenagem ao illustre brasileiro, então presidente da Republica. A povoação tem animada vida commercial, serviço de telegrapho (da R. F. Central), agencia do Correio, capella, consagrada a S. Pedro, e uma escola rudimentar, custeada pelos cofres do Estado.

Equador—Povoação, no município de Parfílias. Está assentada sobre um trecho da cordilheira Borborema, na fronteira S do Estado. Tem escola rudimentar e uma capella, dedicada a S. Sebastião. Anos passados, Equador tinha a denominação de *Periquito*.

Erleu Souto—Jornalista e poeta. Nasceu na cidade do Assu, a 5 de Agosto de 1880, sendo seus paes o coronel Elias Antonio Ferreira Souto e o. Theresa Rebouças Ferreira Souto, como elle, já fallecidos. Estudante de preparatórios, do Atheneu Norte-Riograndeu-

se, fez parte do Gremio Litterario «Le Monde Marche» e foi redactor do *Oasis*, seu organ na imprensa, ao mesmo tempo que trabalhava na redacção do *Diario do Natal*, jornal de propriedade e direcção de seu pae. Nomeado escripturario da Fazenda Nacional, cursou a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, onde recebeu o grau de bacharel a 31 de Dezembro de 1902. Contrahiu casamento, no Rio, em 1905. Cultor do verso, publicou alguns d'elles nos jornaes e revistas de Natal e do Rio, constando que deixou, inéditos, um livro de produções poeticas e um outro sobre materia fiscal. Erico Souto, que já attingira á graluação de 1.º escripturario do Thezouro Nacional, falleceu, no Rio de Janeiro, a 11 de Abril de 1917.

Ermo—Serra, na zona do Seridó.

Ernesto Augusto Amorim do Valle—Engenheiro civil, director das Obras Publicas na antiga Provincia. Serviu nas administrações dos presidentes Leão Veloso, Luiz Barbosa e Olyntho Meira, collaborando, com generoso esforço, para o progresso da terra riograndense. Foi o autor da planta para construção do actual palacio do Governo (aquelle tempo destinado á Assembléa Legislativa) e a respeito do qual dizia o presidente Barbosa: «Será este, incontestavelmente, o melhor edificio da Provincia; pôde ficar uma obra excellente para todos os tempos e logares». O engenheiro Feliciano Martins—um dos successores do engenheiro Valle—externou-se do seguinte modo: «E' este, incontestavelmente, o edificio mais bello d'esta capital, e si o seu aspecto tanto não sobresahé é devido á sua posição em uma rua de péquenas casas, cuja demolição e desapropriação dos seus terrenos se tornarão necessarias em um futuro mais ou menos proximo». O dr. Amorim do Valle em relatório ao presidente Olyntho Meira, informou que de Fevereiro de 1862 a Setembro de 1863 concluíram-se 15 obras, sendo 9 feitas por administração e 6 por empreitadas. «Muitas—acrescentou—são aquellas de que carece a Provincia e com especialidade a capital». O engenheiro Valle projectou e orçou, entre outras, mais as seguintes obras: o eás da praça da Alfandega, construído em 1863, por José Rodrigues Vianna e pelo preço de 2:790\$000; a ponte de Touros, concluída a 24 de Dezembro de 1862, com 103 palmos de comprimento sobre 15 de largura (madeira e alvenaria), na qual foi despendida a importância de 760\$520; a torre da igreja matriz (hoje cathedral), para assentamento do relógio publico e instalação do telegrapho optico; o Mercadão Publico de Natal, de que então foram construídos apenas os alicerces. Forneceu planta para o cemiterio de Caicó e pe-

quenos desenhos para as fachadas principaes dos de Touros e S. Gonçalo. Fez reparos, de ordem do governo, no calçamento da Ladeira e no aterro que ligava Ribeira á Chlade Alta; nos prédios do Hospital de Caridade, Quartel da Policia, Cadeia Publica, Thezouraria de Fazenda, Alfandega, Quartel Militar, Fortaleza dos Reis Magos e outros. O presidente Luiz Barbosa louvou, em relatório de 1866, «o zelo e incessante actividade do digno engenheiro director das Obras Publicas, dr. Ernesto Augusto Amorim do Valle, que reúne a essas qualidades as de um habil engenheiro e dedicado funcionario». O engenheiro Valle exerceu, tambem, o mandato do deputado Provincial no biennio de 1862-63 e foi, ainda, o representante do Rio Grande do Norte na Exposição Nacional de 1866.

Escadilha—Serra, pedregosa, no municipio de Baixa Verde.

Escondida—Lagôa, no municipio de Caicó.

Escondida—Lagôa, situada 20 kilometros ao N da villa de Portalegre.

Escura—Lagôa, no municipio de Canguaretama.

Escura—Lagôa, 10 kilometros a NE da villa de Papary. E' pouco piscosa, mas não sécca pelo verão. N'essa lagôa tem sua nascente o rio Bóacia.

Escuro—Serrote, localizado 15 kilometros ao N da villa de Serra Negra.

Espinharias—Rio. Nasce na serra do Teixeira (Parahyba) e «corrento n'um valle estreito, quasi sem affluentes», vae desaguar no Piranhas ou Assú, «pouco acima da povoação de Jardim do Piranhas, nos limites com a Parahyba, depois de banhar a cidade de Patos, na Parahyba, e a villa de Serra Negra, no Rio Grande do Norte». Algumas vezes, dão a este rio o nome de *Pinharias*, facil de confundir-se com o de *Piranhas*.

Espinho—Serrote, no municipio de Santa Cruz.

Espirito Santo—Povoação, no municipio de Goyaninha. Em tempos illos, era conhecida pelo nome de *Cruz do Espirito Santo*. E' districto policial, tem capella, dedicada a N. S. da Piedade, posto telephonico e duas escolas rudimentares, uma para cada sexo, mantidas pelo Estado.

Espirito Santo—Rio. Nasce no municipio de Santa Luzia do Sabagy, Estado da Parahyba, e entra em territorio riograndense no sitio «Isqueiro», municipio de Jardim do Seridó, tendo d'alli por diante um curso de

EST

5 kilometros. Passa ao S da cidade, em direcção á extrema com Calad.

Espirito Santo—V. *Onro Branco e Parahú.*

Estacada—Lagôa, 14 kilometros a SE da cidade de Carahúbas.

Estaquinha—Lagôa, no municipio de Papary.

Estephania Mangabeira—(*Estephania Mangabeira de Barros*)—Poetisa, filha de João Paulino de Azevêdo Mangabeira e de d. Maria Mangabeira, nasceu na cidade de Macalyba, a 24 de Janeiro de 1894. Publicou produções poeticas nos jornaes e revistas de Natal e, tem, a editar, dois livros de poesias—*Lyrios Roxos e Lutas Pallidas*. Estephania Mangabeira reside no municipio de Curraes Novos. (V. Ezequiel Wanderley, *Poetas do Rio Grande do Norte*, pag. 256).

Estevam José Barbosa da Moura—Político, na antiga Provincia, e abastado agricultor no municipio de S. Conçalo. De importante familia riograndense, com influencia n'uma grande zona eleitoral, o coronel Estevam foi deputado Provincial, nos biennios de 1840 a 1845, successivamente reeleito. Por Carta Imperial de 12 de Janeiro de 1842, foi nomeado 1º vice-presidente da Provincia, tendo exercido o governo, n'essa qualidade, de 15 de Novembro de 1842 a 7 de Julho de 1843.

Estevam José Dantas—Conego, doutor em philosophia e latinista profundo. Nasceu no municipio de S. José de Mipibú, a 13 de Agosto de 1860, sendo seus paes Miguel Antonio Ribeiro Dantas e d. Joanna Evangelista dos Prazeres Dantas. Estudou humanidades no Atheneu Norte-Riograndense e em collegios de Recife, seguindo depois para Roma, onde preparou-se até o penultimo anno do curso ecclesiastico, recebendo, na Universidade Gregoriana, os grãos de bacharel e licenciado em sciencias philosophicas. Regressando ao Brazil, completou o curso ecclesiastico no Seminario de Fortaleza, ordenando-se presbytero a 30 de Novembro de 1884. Nomeado, em 1885, coadjutor da parochia de Natal, foi, em seguida, vigário de Macau, obtendo, em 1886, a nomeação de vigário collado da freguezia de Assú. Creado o bispado da Paralyba, o padre Estevam Dantas foi convillado para secretario, sendo tambem nomeado conego da cathedra e lente de Theologia Moral, do Seminario. Em 1902, voltando ao Rio Grande do Norte, trouxe a incumbencia de fundar o «Collegio Santa Luzia», de Mossoró, cuja direcção exerceu por alguns annos. Foi, ainda, parochia nas freguezias de Natal e Macalyba e director do «Collegio Diocesano Santo Antonio», que conseguiu equiparar, em

EST

1912 ao «Collegio Pedro II», do Rio de Janeiro, Nomeado professor de italiano do Atheneu Norte-Riograndense, passou, em virtude da reforma Carlos Maximiliano, a leccionar na cadeira de latin, materia em que era profundamente versado. Escreveu e publicou diversas poesias n'essa lingua. Em 1915 exerceu o mandato de deputado Estadual. O Atheneu Norte-Riograndense esteve sob a sua direcção, no periodo de 1920 a 1924. No governo Diocesano dos bispos d. Antonio Cabral e d. José Pereira Alves, o conego Estevam serviu o logar de secretario do Bispado e, tambem, o de governador Diocesano. Sacerdote intelligente e culto, de coração bomoso, foi uma das figuras mais illustres do clero riograndense. Possuia a medallia honorifica *Pro Ecclesia et Pontifice*, era membro do Conselho Administrativo do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia e socio benemerito do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, occupando n'este ultimo o cargo de 1.º secretario. O conego Estevam Dantas falleceu, em Natal, a 29 de Julho de 1929.

Estevam Soares de Albergaria—Capitão-mór governador da Capitania do Rio Grande do Norte, nomeado, segundo Varnhagem, a 14 de Setembro de 1613. O dia de sua posse—escreveu o desembargador Vicente de Lemos, em *Capitães-nôres e governadores do Rio Grande do Norte*—não se pôde precisar, á carencia de documentos; mas governava desde Junho de 1615, pois a 1.º de Julho d'esse anno o seu antecessor chegava á Capitania do Maranhão, para onde seguira de ordem do governador geral. O Rio Grande do Norte tinha, a esse tempo, como renda unica a produção do engenho Cunhaú. A despeza da Fazenda Real orçava annualmente em 3:293:950, sendo: 3:183:950 com o pessoal de guerra e 110:000 com os outros funcionarios. E' provavel—acrescentou o desembargador Lemos—que só em 1615 terulhasse o governo de Estevam Soares.

Estivas—Povoação, no municipio de Arê e á margem da *Great Water*, que ali mançm uma parada. Em 1929, installou-se n'essa povoação uma usina de assucar, propriedade do major Leonidas de Paula. Estivas é illuminada a luz electrica e possui uma bonita capella. Abi funciona a escola rudimentar «Januario Barbosa», creada e mantida pelo Estado.

Estivas—Povoação, no municipio de Cearámirim, 20 kilometros a NE da sede municipal.

Estrelto—Povoado, nos limites do municipio de Assú com os de Cajó e Sant'Anna do Mattos. O seu nome origina-se do fa-

EST

cto de estar situado proximo ao ponto mais estreito do rio Assú, no lugar em que este, abrindo passagem para o seu curso, cortou uma parte da serra de Sant'Anna.

Estreito — Riacho, ao N da cidade de Caicó.

Estreito — Serrote, no município de Caicó.

Estrella — Sítio, de propriedade particular, com vastos campos para agricultura e criação, no município de Cangaretama. O sítio «Estrella» é principalmente notavel por possuir uma grande matta, riquíssima em madeiras de construção e marcenaria.

Estrella — Riacho, no município de Cangaretama. É tributario do rio Curimatahá.

Estremoz — Povoação, no município de Cearámirim, fundada no decorrer do século XVII, pelos padres jesuitas encarregados da catechese dos indios. A principio *Aldéia de Guajirú*, foi edificada á margem da lagôa *Guajirú*, depois tambem chamada *Estrenas*. Ahi foram construidos um hospício e uma igreja, sob a invocação de S. Miguel. Em 1760 (a 3 de Maio), a povoação foi erecta em Villa, com a denominação de «Villa Nova de Estremoz do Norte», pelo ouvidor Bernardo Coêlho da Gama e Casco, especialmente comissionado para erigir em villa todas as aldeias sob a direcção dos religiosos da Companhia de Jesus, então expulsos do Brazil por força do alvará de 3 de Setembro de 1759. Quando ahi esteve, em 1839, o bispo de Olanda, d. João da Purificação Marques Perdigão, «foi visitado por muitas pessoas, sendo a maior parte indios, habitantes dentro e fóra da villa». O illustre prelado appreciou e a maior docilidade nos povos» (*Itinerario das visitas feitas na sua Diocese, nos annos de 1833 a 1840*, publicado na «Revista Trimesal do Instituto Historico»). A esse tempo a parochia tinha por oragos N. S. dos Prazeres e S. Miguel. Estremoz conservou por muitos annos a categoria de villa, até que em 18 de Agosto de 1855 a lei Provincial n. 321 transferiu a sede municipal para a povoação de Bôcca da Matta, eletada a município com o nome de *Cearámirim*. Ainda hoje existem ruínas da antiga villa, que desceu á classe de simples povoação, muito embora a vontade popular mantenha o primitivo título de «villa», chamando a umas vezes *Villa de Estrenas*, outras vezes *Passagem da Villa e Povoação da Villa*. O nome de *Estremoz* (e não *Estremoz*) foi trazido, certamente, aos colonizadores, pela lembrança da velha cidade da mesma denominação, na Provincia de Alentejo, em Portugal.

ETE

Passa pela povoação de Estremoz a E. F. Central do Rio Grande do Norte, que ahi tem uma parada (kilometro 16). A capella local continúa sob a invocação de S. Miguel. O Estado custeia na povoação uma escola rudimentar. Estremoz (povoação e lagôa) tem sido, através de séculos, objecto de interessantes lendas, guardadas na tradição popular, entre ellas a do *Theouro do Subterraneo, A Serpente Adormecida, o Conto do Sivo*, algumas já hoje cantadas em verso. Em 1928, d. José Pereira Alves, bispo de Natal (actualmente de Niteroy) realizou, no theatro Carlos Gomes, uma bellissima conferencia, reavivando, com o fulgor da sua notavel eloquencia, as principaes lendas da historica e pittoresca região do Guajirú (*in «Revista do Instituto Historico e Geographico»*, vol. XXV-XXVI, pag. 229). V. *Cearámirim*, município, e *Estremoz*, lagôa.

Estremoz — Lagôa, proxima á povoação do mesmo nome, no município de Cearámirim. Teve, out'ora, o nome de *Guajirú* ou *Guagerú* e é uma das maiores lagôas do Estado, com cerca de 15 kilometros de extensão. É alimentada pelas aguas que promanam do taboleiro, e apresenta algumas particularidades dignas de nota, sobretudo na parte inferior, junto á villa de Estremoz, uma das mais antigas povoações do Rio Grande do Norte. Neste ponto, o lago fórma uma ilha, de uns trez kilometros de extensão, que os antigos colonizadores procuraram ligar á terra firme, do lado do povoado, por meio de um paredão de terra. O lago fórma diversas bacias, sendo a bacia inferior, d'onde nasce o rio Redinha, que lhe serve de desagudouro, bastante profunda». A lagôa é piscosa, produzindo excellentes carapêbas.

Estrondo — Mórro, de grande elevação e situado ao S da cidade do Natal. A tradição affirma que eram ouvidos, out'ora, das vizinhanças d'esse mórro, longos estrondos subterraneos.

Etelvina Antunes de Lemos — Poetisa. Nasceu no engenho «Outeiro», município de Cearámirim, a 17 de maio de 1885, sendo filha legitima do coronel José Antunes de Oliveira, fallecido, e d. Joanna Soares Antunes de Oliveira. Cursou, com distincção e durante cinco annos, o «Collegio S. José», dirigido por irmãs de Santa Dorothéa, na cidade do Recife. Em Cearámirim, collaborou, quasi sempre com o pseudonymo de *Hortencia Flores*, no *O Sinho* e na *A Esperança*, dois mimos periodicos que ahi circularam sob a direcção de Doldres Cavalcanti e Isaura Carrilho. A 15 de Agosto de 1909, Etelvina Antunes contrahiu casamento com o dr. Vicente de Lemos Filho, então promotor publico de

EZE

EZE

Cearámirim e hoje juiz de direito na comarca de Nova Cruz. Tem, inédito, um livro de inspirados versos, a que deu o título de *Vilas*.

Euclides Diocleciano de Albuquerque—Político, na antiga Província. Natural do Ceará, formou-se em direito, pela Faculdade do Recife, no anno de 1866. Vindo para o Rio Grande do Norte, onde tinha parentes e amigos, foi eleito deputado Provincial, para o biennio de 1868-1869 e para os de 1878 a 1883. O dr. Euclides Diocleciano, cidadão geralmente estimado, desfructava largo prestigio na capital e no interior, sendo um dos mais prestimosos auxiliares do dr. Amaro Bezerra, na direcção do partido liberal. Por Carta Imperial de 16 de Fevereiro de 1878, foi nomeado 2º vice-presidente da Província, tendo exercido o governo, n'essa qualidade, de 6 a 14 de Fevereiro de 1879. Falleceu em 1883.

Extremus—Riacho, no municipio de Portalegre. Passa a 24 kilometros da villa e é affluente, pela margem esquerda, do rio Apody.

Extremoz—V. *Estremoz*.

Exú—Lagõa, no municipio de Páu dos Ferros. *Exú*, vocabulo indigena, é corruptella de *cichú*, ou *cira-chú*, nome de uma abella negra, que faz ninho rugoso, aspero (Theodoro Saunpaio, op. citada).

Exú—Riacho, tributario do rio Apody, no municipio de Páu dos Ferros.

Exú—Serrote, no municipio de Portalegre.

Ezequiel Antunes de Oliveira—Medico, major do Corpo de Saúde do Exercito. Filho do coronel José Antunes de Oliveira, fallecido, e d. Joanna Soares Antunes de Oliveira, nasceu no engenho "Outeiro", municipio de Cearámirim, a 19 de Abril de 1881. No Atheneu Norte-Riograndense estudou preparatorios, matriculando-se depois na Faculdade de Medicina da Bahia, onde fez o curso de pharmacia, doutorando-se, mais tarde (1906), em medicina. Entrando, mediante approvaçao em concurso, para o Corpo de Saúde do Exercito, foi ganhando postos, até o de major, em que está. Serviu nas guarnições de Natal, Serra Madureira, Obidos, Victoria, Bahia, Rio, Corumbá e Paraná, tendo acompanhado as forças legaes que combateram no Contestado. Escreveu e publicou *O Contestado*, livro em

que externou as suas impressões sobre a ingrata campanha. No Rio de Janeiro, além das funções de medico da Fabrica de Cartuchos do Realengo, serviu no Deposito de Material do Serviço Sanitario e exerceu o logar de leute de hygiene na Escola de Aperfeiçoamento, escrevendo uma série de conferencias sobre a materia que leccionava. O dr. Ezequiel Antunes casou-se, primeira vez, com d. Felicina Aurea da Gama Antunes, pharmaceutica, de familia bahiana; e, segunda vez, (em 1920), com sua prima Alice Soares Antunes de Oliveira. É, actualmente, vice-director do Hospital Militar de S. Paulo.

Ezequiel Wanderley—(*Ezequiel Lins Wanderley*)—Poeta, chronista e autor theatral. Nasceu na cidade do Assú, a 27 de Outubro de 1872. Foram seus paes o dr. Luiz Carlos Lins Wanderley e d. Francisca Carolina Lins Wanderley, ambos fallecidos. Casou-se, em Natal, a 6 de Outubro de 1894, com d. Claudina Augusta Wanderley, sua prima. Ezequiel Wanderley dedicou-se, quando preparatorio, ao jornalismo de feição puramente litteraria, tendo fundado, em Natal, com outros companheiros, *O Tentamen*, *A Evolução* e *O Porvir*. Anos depois, vieram *O Fanteche* e *A Tribuna*, este ultimo do "Congresso Litterario". Resignou mais tarde—já então escriptorio da Fazenda Estadual—*A Patria* e a *Falha Nôra*, periodicos publicados na cidade de Macaú. Foi, tambem, um dos redactores do *Diario de Noticias*, organo de propaganda politica, e collaborador do *Jornal da Manhã* e da *A Republica*. Em 1903 entrou para o quadro da Fazenda Estadual, tendo antes exercido os logares de membro da Commissão de Estatistica e amanuense da Junta Commercial. Em commissão, occupou os cargos de administrador da Mesa de Rendas de Macaú e director-secretario do Banco do Natal. Publicou: *Bulões de Ensaio*, artigos e chronicas; *Os capis do papaie*, dialogo infantil (em versos); *A tia Quitéria*, comedia, em versos; *A mortalha de rosas*, episodio dramatico, peças encenadas com successo. Entre os trabalhos inéditos estão os seus livros *Rimario*, de poesias, e *Bira do Serio*, de versos humoristicos. Ezequiel Wanderley é membro de associações litterarias, dramaticas e recreativas, pertencendo tambem ao quadro de socios effectivos da Associação Brasileira de Imprensa, do Rio de Janeiro. Actualmente, exerce o cargo de 1º escriptorio do Departamento da Fazenda e do Thesouro, servindo na secção do Expediente.



ERRATA

Alguns erros typographicos encontrados n'este volume, consistindo, principalmente, em simples troca de letra ou de pontuação, dispensariam, sem grande prejuizo, o adittamento de uma *Errata*. Verificadinos, porém, já no final da impressão, que a copia em dactylographia não ficára, infelizmente, expurgada de todas as suas falhas, deixando escapar algumas, que foram aqui reproduzidas e reclamam expressa correigenda.

Pedimos, pois, ao leitor, se digne annotar, por mais importantes, as emendas seguintes:

Página	Columna	Linha	Erro	Emenda
4	2	42---43	<i>A Diocese da Parahyba</i>	<i>Anuario Eccl. da Parahyba do Norte</i>
12	2	53	1881	1880
20	1	5-6	<i>rua Rio Grande do Norte</i>	travessa Natal
28	2	52	<i>entendeu-se</i>	estendeu-se
42	2	17	<i>nomeou</i>	n'esse tempo, foram nomeados
51	1	40	<i>typy</i>	tupy
"	1	44	<i>formula</i>	fórma
61	2	41	<i>porouçã</i>	villa
75	2	24-25	<i>reconhecimento</i>	reconhecido
77	1	{ no alto }	<i>CAR</i>	CAN
"	2	{ " " }	<i>CALV</i>	CAR
81	2	{ " " }	<i>CALV</i>	CAZ
85	1	23	<i>Orientaes</i>	Occidentaes
97	1	22	1807	1877

